
3 1761 07548720 7








LIVRARIA
FERIN,
L.DA
LISBOA

Bibliotheca de Classicos Portuguezes
Director Litterario—Conselheiro *Luciano Cordeiro*
Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

ARTE DA CAÇA
DE
ALTANERIA

POR

Diogo Fernandes Ferreira

VOLUME I

ESCRIPTORIO
147=Rua dos Retrozeiros=147
LISBOA
1899


LIBRARY
SEP 16 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

A

SUA MAGESTADE

O

REI DE PORTUGAL

SENHOR D. CARLOS I

Com a devida venia consagram esta edição

O director e o proprietario

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
DIRECTOR LITTERARIO—CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

ARTE DA CAÇA DE *ALTANERIA*

POR

Diogo Fernandes Ferreira

VOLUME I

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA
1899

A LIBERAL, *officina typographica.* — R. de S. Paulo, 219.

Nota Preambular

O frontespicio da edição de 1616, — a unica, — da obra de Diogo Ferreira, diz assim:

Arte
da caça de
altaneria
composta por Diogo
Fernandes Ferreira
moço da camara del
Rey, &
do seu serviço.
Dirigida a Dom Francisco
de Mello, Marquez de Ferreyra, Conde
de Tentugal etc.
Repartida em seis partes.
Na primeira trata da criação dos Gaviães & sua caça.
Na segunda dos Assores & sua caça.
Na terceira dos Falcões & sua caça.
Na quarta de suas doenças & mezinhas.
Na quinta das armadilhas.
Na sexta da passagem & peregrinação das aves.
Com liçença da S. Inquisição, Ordinario & Paço
Em Lisboa.
Na officina de Jorge Rodriguez.
Anno de
M.DCXVI.
Com privilegio Real por dez annos.

Por que sahe em breve diversão do campo heroico da Chronica, não deserta, a nossa Bibliotheca, do compromisso e do culto que a fundou e rege.

Não tem senso critico, — estou em dizer até que não tem senso commum, — a mal humorada extranheza de Rivara de que a obra de Diogo Fernandes ande averbada ao indice dos Classicos quando lhe parece suspeita em pontos de linguagem e não póde negar-se que muito desleixadamente vestida pela impressão se apresenta na olympica assembléa.

Alem de que é claro que não vale por authorisado arresto a suspeita delle, se os pecadilhos e lapsos de regencia grammatical fossem embargo rasoavel á valorisação historica e philologica de um monumento litterario, quantos, — e dos melhores, e dos consagrados, — teriamos de arredar e excluir á voz tyrannica do pseudo purismo dos grammaticos que á força de querer regulamentar e mechanisar a linguagem só pode e consegue esvasiar-lhe a exponteineidade e a vida?

Certo é que entre nós passa ainda, não raro, por licção e modello de classica litteratura, a logomachia artificiosa e procurada, — de muitos requintes regrados e postiços, — muito puchada á fieira de uma prosodia casquilha, — em summa: o peralvilhismo *precioso* da convenção academica em que a idea, a naturesa, a vida; a impressão immediata, o sentir ingenuo, a noção e a relação directa, a expressão expontanea e simples são trauteadas e atazanadas cruamente pela preoccupação absorvente da fórma alindada, purista, embora morta, sediça, incommunicativa.

Mas é de vêr e saber que não ha-de ser esse ridiculo e retardatario preconceito que nos ha-de dar a bitola para a escolha das nossas reproducções, que se tal fosse nem teriamos acabado agora de reproduzir Fernão Lo-

pes, — por não citar outros, — cujas sem-ceremonias grammaticaes e puristas bem mais nos terão agradecido os leitores do que se lhes offerecêramos as filagranas e primores de muita fancaria academica.

Quanto aos desleixos e incorrecções da impressão chega a parecer pueril impertinencia que se faça da vulgarissima pecha, obice apresentavel ao conceito e estima critica da obra de Diogo Ferreira.

Longamente esquecido, — quasi inteiramente esquecido hoje, — o trabalho do «moço da Camara delRei» é, sob todos os aspectos incluindo mesmo o da lingua e o da lexicographia nacional um precioso repositorio, uma utilissima e copiosa memoria, um monumento litterario, — unico no seu genero entre nós, que saibamos.

L. C.

Licenças

Não tem cousa por a qual se não possa imprimír.

Fr. Manuel Coelho.

Vista a informação pode-se imprimir este livro intitulado da *Caça das Aves d'Altaneria*, e depois de impresso torne a este Conselho para se conferir e dar licença para correr, e sem ella não correrá.

Em Lisboa, o primeiro de Julho de 614.

O Bispo de Nicomedia. Bartholomeu da Fonseca.

Antonio Dias Cardoso.

Pode-se imprimir este livro.
Aos 27 de Janeiro de 615.

Damião Viegas.

Dão licença para se imprimir este livro da *Arte da Caça*.

visto a licença que tem do Santo Officio e do Ordinario, e depois d'impresso tornará para se taxar, e sem isso não correrá.
Em Lisboa, a 12 de Março de 615.

Almeida. Machado.

Taxam este livro em um tostão em papel.
Em Lisboa, a 5 de Maio de 1616.

Francisco Vaz Pinto. Luiz Machado.

Traslado do Privilegio

Eu El-Rei faço saber aos que este alvarà virem, que Diogo Fernandes Ferreira, meu moço da camara, me enviou a dizer por sua petição que elle imprimira um livro intitulado da *Arte da Caça d'Altaneria*, e porque tivera n'elle muito trabalho, e lhe custara muito a impressão, me pedia lhe fizesse mercê de lhe conceder privilegio na forma costumada, para que nenhuma pessoa o podesse imprimir nem vender sem licença sua, e visto seu requerimento e por lhe fazer mercê, hei por bem e me praz que por tempo de dez annos, impressor, livreiro, nem outra alguma pessoa de qualquer qualidade que seja, possa imprimir nem vender em todos estes reinos e senhorios de Portugal o dito livro, nem trazel-o de fora d'elle, senão os impressores, livreiros ou pessoas que para isso tiverem licença do dito Diogo Fernandes Ferreira, e qualquer impressor, livreiro ou pessoa que durando o dito tempo de dez annos imprimir ou vender o dito livro nos meus reinos e senhorios, ou trouxer de fora d'elles sem a dita licença, perderá para o dito Diogo Fernandes Ferreira todos os volumes que assim imprimir, vender, ou trouxer de fóra, e além d'isso incorrerá em pena de cem cruzados, metade para o dito Diogo Fernandes Ferreira, e a outra metade para quem o accuzar.
Pelo que mando ás justiças, officiaes e pessoas a que o conhecimento d'isto pertencer, cumpram e guardem este alvará como n'elle se contem, o qual será impresso e encadernado no principio de cada volume do dito livro, e quero que valha, tenha força e vigor, posto que o effeito d'elle haja de durar mais d'um anno sem embargo da ordenação em contrario.
Pedralves d'Almeida o fez, em Lisboa, a 26 de Maio de 1616. Manuel Fagundes o fez escrever.

Rei.

In laudem autoris

Scire si nisi rapientis ungues
Quriæs, hunc lector bone curre librum
Ales aterris super alta surgit
Nubila pennis.

Concinit normas, quibus in volucres
Itur, insignes meditatur artes
Et dolos toto struit in vagantes
Æthere turmas.

Nulla per celsos avis hæret ulmos
Quæ levi tantum subeat volatu
Ut sibi technas bene fabricatas
Fallere possit.

Ergo sit felix liber, et patrono
Tutus, augustas eat Orbis arces,
Ut sibilinos, Pylios quod gratus
Vivat in annos.

Icari Ponto maduere pennæ,
Quas prius Titan radiis cremavit
Scripta Jacobi feret in remotos
Gloria fines.

In laudem autoris

Doctoris Sebastiani Alfari.

Carmen

Quem juvat aucupii, varias cognoscere formas
hæc legat: exiguus magna libellus habet,
Quod nisi subtili scruptari lumine posset,
Subtili potuit Didacus ingenio.
Naturas volucrum exponit, fremitusque ferarum
Comprimit, illaqueat retibus, arte dogmat:
Non Aquila hunc fallet, quanvis petat ardua cœli
nec quanquam latitent sub cava lustra feræ.
Ergo huc Heroes, quibus est captare volutas,
penigeras gentes, quadrupedumque genus.

Ejusdem autoris

Parve (nec invisus) vastum liber ibis in orbem,
nec poteris domino non decus esse tuo
Vade nec incultus, qualem decet aucupis esse
Qui volucrum docta detigit arte modos
Inequod te pudeat Critico si forte legendus
Nil, quod te quisquam carpere posset habet.
Rarus es aucupiis, dominus rarissimus auceps
Miteris et raris non nisi Principibus
Cur ergo in lucem intrepidus prodire recusas
Quando sub tanto tegmini tutus abis?
Et si populo quisquam te emendet: Apellis
Scomate dic, Sutor, quid tibi trans crepidam?

Francisco Feio de Macedo, secretario do marquez, ao author

ODE

Tomou por alta empreza
O Romano imperio
Dominando do mundo a Monarchia
Das aves a Princeza,
A que com vituperio
Os filhos prova ao sol quando os cria:
No vó d'altaneria
(Ferreira peritissimo)
Com armas e signal
D'outra Aguia Real
Sobis nas azas da fama ao Altissimo
Dos ares mais subtis,
Com vossos Gerifaltes e Nibris.

D'uma ave pequenina
Contam os naturaes
Que debaixo das azas d'Aguia voa,
E quando mais se impina
Nos giros seus caudaes
Sae, e voando sobre ella se corôa:
Roubar persume a loa
Na levantada ponta,

Tal vós grão caçador
Debaixo do favor
D'esta Aguia que nos Ceus mais se remonta,
Invejastes a fama
Que o mór caçador ao marquez chama.

Soneto ao auctor, de D. Affonso Fernandes de Angulo

Tu bien cortada pluma e summo buelo
A las aves del ayre y de rapina,
Con tal arte las caça, y tal dotrina
Qne doma a los Alcones con señuelo
Qual la prima dize, qual elle truçuelo
Qual ave nobre sea peregrina,
Qual a la patria dexa, y se inclina
Ir bolando buscar ageno suelo.
A ty Diego doto naturaleza
De angelicas alas y bolaste
Con las aves del ayre y su pureza
Y d'ellas los secretos nos mostraste
Con ingenio, con arte e sutileza,
La caça doctamente enseñaste.

Soneto do author

Busca o caçador lá no abscondido,
O Cervo fugaz: e pela espeçura,
O bravo Javali, o qual procura
Nunca ser do sabujo conhecido.
Depois do navegante ser partido
Do porto com a náo busca altura
Attento navegando só procura
Não ser das bravas ondas consumido.

Eu saio á luz de novo mas armado
Com armas como vedes sem receio,
De ser dos moles peito murmurado,
Que tenho aos Reis do mundo por esteio
E principes de sangue assignalado
Me armam me estimam e tem no seio.

A D. Francisco de Mello, marquez de Ferreira, conde de Tentugal, etc.

COSTUMAM os escriptores, tendo suas obras escriptas, offerecel-as a pessoas de authoridade, para que amparadas com ella sejam dos leitores mais estimadas e melhor recebidas.

Esta sciencia e arte de caça das aves d'altaneria é propria de reis e principes e dos descendentes das reaes casas. E por V. S. ser liado em consanguinidade com os reis d'este reino e com todos os grandes de Hespanha, e amicissimo d'esta sciencia e arte da caça (na qual me criei de menino, com as mercês do sr. D. Francisco de Mello, marquez de Ferreira, de quem V. S. é dignissimo neto) me pareceu seria notado de culpa, se para ella buscasse outro amparo, senão o de V. S. a quem offereço as primicias da minha mocidade, agora por mim reduzidas em arte sendo de edade madura, o que fiz levado mais do desejo de desenterrar esta sciencia da sepultura do esquecimento (em que hoje n'este reino estava) que cubiçoso do interesse nem vangloria de ser o primeiro que puzesse esta pratica da caça das aves em feição (que me não custou pouco, mas como minha tenção foi fazer a V. S. este serviço, me ficou sendo o trabalho leve).

V. S. o receba de mim com a benignidade que costuma, e acceite a vontade grande com que a V. S. o offereço: a quem Nosso Senhor, etc.

Diogo Fernandes Ferreira

Prologo ao leitor

Quando me dispuz a escrever esta sciencia da caça d'altaneria, meu principal intento foi mostrar aos meus naturaes uma arte com a qual fugissem á ociosidade, e os principes e senhores tivessem homens scientes e praticos que os soubessem n'ella servir com satisfação e agradar com experiencia.

Esta arte se divide como as mais em pratica e theorica: a theorica podem saber reis e principes e senhores, e todos o genero de pessoas, lendo esta ainda que a não exercitem, que tem regras e perceitos que ensinam a caçar.

A pratica anda no uzo, sabe-se pelo costume (o qual entre nós está sepultado). Pelo que não perdoei ao trabalho, sendo de setenta annos, de tirar a luz esta sciencia, por me criar n'ella desde minha meninice, caçando com Açores, Falcões, Gaviões e Esmerilhões; a qual ensina como os homens hão-de criar estes em pequenos, soltos no ar, e depois de criados, a caçar, e como podem vir do mar em fora bem tratados.

Nomeia todas as sortes d'aves de rapina e quaes sejam as reaes, e quantos generos ha de Falcões, e como pelas plumagens, talhes e feições se conhecem os melhores.

Mostra quaes sejam suas doenças e os remedios para cada uma d'ellas.

Declara a causa porque das aves de rapina são maiores as femeas que os machos, e melhores caçadoras, e como a natureza tambem criou aves de ra-

pina nocturnas, e como com o bufo se tomam Falcões, Gaviões e Açores, e todo o genero d'aves que de rapina se sustentam, com armadilhas que ensina.

Dá preceitos aos curiosos para saberem governar todo o genero de aves de caça, e como se procederá com os Açores vindos de Noruega, no ensino de sua caça, que é o contrario dos de Hespanha.

Trata da passagem e peregrinação das aves do Norte e dos ultimos montes da India, a invernar a nossa Hespanha, em cuja companhia passam os Falcões, Nebris e Bafuris, peregrinando por toda a Europa.

De algumas aves de notavel grandeza faz capitulos separados.

Diz como tornadas estas a criar os filhos veem outras a estes reinos fazer seus ninhos, e como se recolhem passado o verão a invernar ás partes d'Africa d'onde vieram.

Mostra a differença que ha das aves silvestres ás agrestes, e como a Natureza ensinou cada um d'estes generos a conservar a sua especie, e até ás felosinhas tendo seu filhos criados deu modo para se passarem em Africa.

E se no escrever passei os limites da caça, não foi inadvertencia, porque a licção vária deleita, e as cousas da Natureza não enfastiam, e se o estylo meu não fôr tal como convem á altaneria peço ao leitor amigo perdoe a falta da minha eloquencia, que o que convem á arte direi como Guido de Cauliaco no capitulo geral da sua cirurgia — *Sufficit facere quod ars procipit.* Vale.

Advertencia dos vocabulos d'esta arte e da significação d'elles

Na pratica d'esta arte da caça como em todas as mais andam introduzidos alguns verbos e nomes, os quaes sómente n'ella se uzam, e das pessoas que não tiverem muita noticia da caça serão extranhados; pelo que me pareceu cousa decente declarar alguns verbos dos que n'esta arte uzo, por não mudar estylo, fugindo rodeio de palavra, sem os quaes se não podia declarar a propriedade da cousa.

Os verbos pertencem á arte, e muitos dos nomes ás proprias aves de rapina.

Dizemos Falcão prima, Açor prima, Gavião prima, Esmerilhão prima, e da mesma maneira dizemos Falcão, Açor, Gavião e Esmerilhão treçó.

As femeas d'estas aves são as primas e os treçós os machos.

Não acho d'onde nascesse esta mudança de nomes, mais que estas aves serem nobres e esta pratica de caça d'altaneria para reis e nobres do mundo inventada, e por não nomearem Falcão femea e Falcão macho, por policia se mudou em prima e treçó, não como alguns cuidam que o prima seja aquella que nasceu primeiro no ninho, e por esta causa se nomeia assim.

As femeas, que são os primas nas aves de rapina, todas são maiores de corpo que os machos; a causa porque o sejam, e melhores na caça que os treçós, se verá no capitulo da Aguia, com muita satisfação.

Os nomes adjuntos a estas aves são plumagens, as

quaes significam propriamente as pintas das pennas com as quaes estão vestidos os peitos d'estas, porque umas d'ellas são pintadas em os peitos de branco e preto, outras de pennas ruivas, e as pintas da mesma côr com algumas differenças, outras variam como se verá no capitulo de cada sorte de Falcões, pelas quaes o caçador conhece o Açor e Falcão e o mais para que possam prestar cada um, que a Natureza não se descuidou mostrando nas aves o que nos homens não escondeu, porque a uns fez colericos e a outros fleugmaticos, a outros melancolicos, a outros sanguineos, e conforme á predominação dos humores assim lhes dotou a côr dos cabellos e vultos; aos colericos fez ruivos, aos fleugmaticos brancos, aos melancolicos morenos, aos sanguineos roxos, e conforme ás côres e myxtão dos humores se julgam as inclinações dos homens.

Assim nas aves, nas côres das pennas, e pintas das que nos peitos tem, (as quaes chamamos plumagens), as escolhemos.

Tem mais nas azas pennas de differentes nomes, e ellas differentes entre si. A umas chamam fuzis, que são as que estão nos cotos das azas, a outras cutellos porque tem feição de cutellos, e nascem das pontas das azas. A outras chamam thesouras, que são as primeiras que se veem nas pontas das azas, e são a modo de thesouras, e menores que as reaes.

As pennas reaes são as mais compridas de todas, e estão junto das thesouras até á volta da aza. Partidouras são aquellas que nascem nas juntas das azas da banda de dentro. As aguadeiras se chamam todas aquellas que acompanham as azas até o cabo. As cuberteiras ou cunhas, são aquellas que cobrem as pennas reaes e amparam o nascimento d'ellas e servem como de fortificação para assim as fazer formosas e

fortes e mais voadoras, que as creou a natureza para estas aves nobres terem tudo perfeito e acabado.

Canellas das pernas que em nós tem este nome, nas aves se chamam sancos, e os pés mãos, e os dedos do meio chamâmos cingideiras, e os dedos que são sós por si, alcanços.

As correias que trazem postas nos sancos chamam piós, e as em que tem os cascaveis, malhos. As com que atam o Falcão na vara chamam avessadas. A correia que vae do tornel ás lagrimas ou contas se diz salto ou cós.

Ao pau em que costumam pôr e atar o Falcão alcandora.

O que traz na cabeça, caparão, o qual se lhe põe para estar quieto no logar onde o caçador o pozer.

Guarnecer chamam os caçadores quando tem as suas aves de todas estas cousas compridamente concertadas.

Plumada é um vultosinho feito de pennas do tamanho da cabeça d'um dedo pollegar (se de Falcão fôr) que os Falcões, Gaviões e Açores lançam pela bocca cada dia pela manhã, o qual vulto é conforme ao corpo da ave, e se ajunta no bucho, das pennas e ossoszinhos que estas aves comem misturadas com a carne d'aquellas aves de que se cevam.

A carne como branda se coze no bucho, e a Natureza encaminha aquellas fezes ao lugar que para isso está deputado d'ella, ao qual chamam oveiro por honestidade; á immundicia se chama tolhedura.

Dormida é a arvore a qual o Falcão e cada uma das aves tem certa para repouzar, e a ella vão dormir todas as noites como a casa sua.

Querença é aquella parte ou lugar d'onde estas aves de verão custumam crear seus filhos, sejam bosques d'arvoredos ou rochas d'altissimas pedras.

Deceinar é o verbo que significa propriamente trazer as aves na mão, de noite. Estas depois de tiradas da muda (ás quaes para bem mudarem as pennas velhas e criarem outras de novo bem fornidas lhes dão a comer boas viandas), ellas bem curadas e quietas na casa da muda, tomam muita carne e criam banhas a que chamam enxulha, e ao sahir da muda vem asperas, por mansas que entrem n'ella. Como n'aquelle tempo se não trazem na mão se fazem esquivas e tomam orgulho, e para as tornarem a abrandar e pôr nas carnes que convem para caçar, trabalham com ellas de noite. A este trabalho chamam deceinar.

Matinar é verbo da caça que significa levantar-se o caçador de madrugada com a sua ave para assim a ter apparelhada e com fome para ir caçar, porque se lhe dão pouco de comer enfraquece, e convem haja prudencia, que as madrugadas amançam e fazem fome.

Treinar significa ensinar as aves que apeguem n'aquellas ralés, nas quaes os Falcões nem Açores não haviam de apegar nunca senão por industria do homem.

Quero que o meu Falcão mate as garças ou patas bravas, dou-lhe de comer sobre a garça ou pata mansa, e faço que apegue n'ella, e por isso lhe dou a comer gallinha em cima da pata, e o mesmo faço na garça e no milhano para que o Falcão ou Açor assim costumado a comer sobre estas aves, tendo perdido o medo d'ellas, lançando-o á brava pelo ar afferre n'ella e a embarace até ser soccorrido, e d'este modo se treina cada ave em sua ralé; o Gavião no francelho e pega.

A este ensino e acção chamam treinar, e ao que lhe lançam chamam treina, d'onde dizem os caçadores: já treinei o meu Falcão em tal ralé.

Cevar é o verbo que significa dar de comer ao Fal-

cão ou a qualquer ave: assim como o meu Falcão matou a garça, e o Açor a perdiz, dei-lhe comer, e ainda que o caçador lh'o não desse elle come a ave que matou, tambem guarda o mesmo nome.

A perdiz em que o Açor se cevou, se fica alguma cousa d'ella, chamam cevadura.

Sopezar é verbo que significa, tendo os Gaviões ou Esmerilhões tomados os passarinhos, fugirem com elles nas mãos aos caçadores, o que tambem fazem algumas vezes os Açores com as perdizes na caça.

Ralé é aquella ave ou passaro ao qual é mais inclinado o Falcão, Gavião ou Açor. O Falcão ás pombas, o Açor á perdiz, o Gavião aos passaros pequenos, e a industria do homem os faz passar ávante.

Prizão é aquella ave que prende o Falcão, ou Assor ou Gavião, seja grande ou pequena.

Picadas são aquellas que dão os caçadores, da carne, á sua ave para lhe fazerem gazalhado e mostrarem que lhe são amigos, e quando lhe querem dar plumadadas, para que engulam os fios, lhe misturam umas migalhas de carne; tambem as embrulham com pennas meudas para fazerem plumada.

Pollo é o Falcão, ou Açor ou Gavião nascido n'aquelle anno.

Orgulho é soberba da ave, o qual toma se a não trazem na mão, e lhe dão de comer demasiado, e de aves agrestes: tibio, covarde, ardido, colerico.

Muda, a casa em que se põem o Falcão, Gavião ou Açor para mudar as pennas.

Ferida se chama o lugar ao qual se acolhe a perdiz por medo do Açor, ou sejam rochas, covas ou barrancos, silvas ou arvores.

Rol é aquella insignia feita de couro na qual se atam azas de aves e corpanços de gallinhas, com os quaes chamam os caçadores aos Falcões andando á

volta no ar, rodeando com aquelle rol, tendo-o atado com uma correia, e o largam ao Falcão costumado a pegar d'elle. Os castelhanos lhe chamam *ceñuelo*

Os escudetes ou conchas são aquellas asperezas que os Falcões e Açores e as mais aves de rapina tem nos sancos, feitos á similhança de escamas de peixe.

Falcão garceiro é o que mata garças, guerreiro o que afferra nos grous, altaneiro o que caça toda a voaria. Ninhego o criado pelos homens; çafaro, falcão bravo criado pelos paes.

Cetraria é nome d'esta arte de caça mui antigo; significa geralmente sciencia de caçar com aves de rapina, e sabel-as curar, perservando-as a que não adoeçam, e doentes saber-lhe applicar os remedios, assim aos males de fóra como ás enfermidades interiores.

Citreiro é o caçador sabio, tanto como medico ou cirurgião.



CAPITULO I

Que diz que cousa seja caça e quem foram os primeiros inventores d'ella

GUILHELMO Benedicto in verbo *Venatione*, diz: — «E' tão propria a caça dos reis e monarchas do mundo como fazenda sua, e como tal a sustentam por razão d'estado, e para governo d'ella tem seus caçadores móres, pessoas illustrissimas, e homens praticos n'esta sciencia, por caçadores das aves, e a exercitam por passatempo justo e saudavel, indicio certo da milicia»

Polião Hebreu na vida de Moysés assim o affirma, e Tulio no segundo da natureza dos Deuses.

Faz a caça os homens ageis, fortes e robustos, despresadores de delicias.

Cicero nas suas tuscullanas, fallando d'ella diz: — «Os lacedemonios com trabalho na caça, correndo e suando, com fome e sede, adubavam os seus manjares».

E' conservadora da castidade. Muitos authores escrevem que Dianna por guardar sua pureza e casti-

dade fugio á conversação dos homens e se fez caçadora, pela qual razão as gentilidades a tiveram por Deusa da caça.

E' allivio de cuidados pesados, mãe de altos pensamentos, é finalmente um toque no qual se conhece o para quanto cada pessoa seja.

Esta se reparte em duas caças bem differentes, uma das feras escondidas nos bosques, outra das aves celestes de rapina. Das feras usaram os primeiros homens do mundo, como nos dá testemunho a Escriptura Sagrada; foram caçadores d'ellas Caim, Lamech, Munroth, Esau e Ismael. Os phrigios, persas e lacedemonios foram mui grandes caçadores d'esta caça.

Da das aves de que é o nosso tratado, foi inventor aquelle grande principe Ulyses Grego, fundador da cidade de Lisboa. Assim o refere Mathias Banha, na sua *Praça Universal*, a folhas 517.

Estas duas caças são differentes no modo de caçar. As feras se caçam e perseguem com cães, e se matam a ferro e a fogo, incitando a fereza e crueldade. A nossa das aves é de principes, e se faz muito pelo contrario, com amor, com engenho, prudencia e soffrimento.

Com engenho tomando os Falcões, Açores, Gaviões e Esmerilhões bravos, e fazel-os com amor e prudencia mansos e amigos, que elles postos em sua liberdade desçam das nuvens aos acenos dos senhores, com mostras de amizade, significando que tem saudade de seus mimos e affagos.

Com industria ensinando-os a que cacem não sómente aquellas aves que elles antes por sua natureza caçavam para se cevarem, mas outras muito differentes na grandeza, como são as garças, mettidas nas nuvens, quasi perdidas de vista, e os grous n'esse ar,

aves tão grandes como um homem, trazel-as á terra um tagarote, ave bem pequena, e tel-o até ser soccorrido; e os cysnes, patas bravas e abetardas, rompendo com seu vôo a densidão das nuvens; e os Falcões e Açores, de lá do alto trazendo as prezas, e tel-as agarradas até as entregarem aos senhores, o que fazem por industria do caçador, com invenção e arte.

D'esta caça foram mui amigos todos os reis de Hespanha. D'el-rei D. Fernando se lê ter trezentos Falcões, cento que caçavam grous e cento que eram garceiros, e outro cento altaneiros, que é toda a voaria.

Os nossos reis e principes foram mui grandes caçadores, e sempre se uzou geralmente pelos nobres d'este reino, e tanto que até os religiosos, conegos, tinham Açores, e a gente vulgar Gaviões, dos quaes entravam cada anno n'este reino mais de trezentos, e não faltava a quem os vendia compradores, nem aos senhores homens espertos que os soubessem bem servir.

Durou este passatempo tão justo até o tempo d'el-rei D. Sebastião, no qual acabaram todos os senhores a esta caça affeiçoados, e os homens praticos n'ella, e a altaneria juntamente com elles; e por não faltarem hoje senhores desejosos de renovarem a caça, e carecerem de homens que n'ella os soubessem servir, me pareceu ter obrigação, assim á arte como á nobreza d'este reino, fazer este tratado, por ser exercicio sem peccado e passatempo de principes, utilissimo á saude do corpo e alma, contrario da ociosidade, mãe de delicias, fonte de vicios, principio de todos os males e peccados; por cuja cauza os reis e monarchas do mundo, christãos, barbaros e gentios, tem caça e a sustentam por razão de estado, com grande aparato e despeza, ainda que caçadores não sejam, por ser arte necessaria nas republicas, tanto como as armas e hu-

manas letras, e a dão a cargo a caçadores móres, pessoas illustrissimas em geração e sangue, e assignalados em todo o genero de virtude.

Destros na arte de fazer mal a cavallo, animosos, liberaes e prudentes, agudos de engenho, soffredores das injurias do tempo, e na pratica da caça experimentados e incansaveis no exercicio d'ella, para que os principes seus filhos e os grandes de suas côrtes os imitem, fazendo-se com este varonil passatempo duros, e os nobres seus vasallos e moradores em seus reinos os sigam fazendo o mesmo, e saibam servir a seus reis nas occasiões da guerra, porque a caça é demonstração verdadeira da milicia, d'onde vem que sendo os homens caçadores de qualquer genero de caça que seja, são cavalleiros animosos e duros, desprezam os afeminados e moles e deliciosos, e outras cousas que não são d'esta arte, as quaes deixo. Lembrando porém que o infante D. Duarte, filho do catholico rei D. Manuel, além de ser amicissimo das letras e inclinado á musica, foi mui grande caçador das aves e das feras, que muitas vezes por matar um cervo ou veado lhe aconteceu andar sem comer o dia todo, e muitas noites dormir vestido por razão da caça, e sendo reprehendido por um seu familiar, respondeu que os homens não podiam bem exercitar a guerra se se não acostumassem ao trabalho da caça.

Quem quizer vêr a vida d'este principe leia a *Chronica d'El-Rei D. Manuel*, de gloriosa memoria na sua vida.

CAPITULO II

Das aves de rapina em geral

Aves de rapina são aquellas que se mantem de aves vivas que ellas voando caçam para sua comida. D'estas ha varios generos e differentes sortes de piumagens.

As estimadas dos grandes senhores são Falcões e Açores, Gaviões e Esmerilhões e Ogeas. Estas são as mais limpas e nobres, e d'ellas uzam os principes em sua caça, as quaes se avantajam a todas as aves do ceu na ligeireza do voar, no atrevimento do animo e na força que tem na preza das mãos, nas quaes tem tanta que apertando muitas vezes o Açor com suas mãos a do caçador por cima da luva, o constrange a lhe doer o braço sem poder menear os dedos.

A Natureza que nada fez sem causa, criou estas para passatempo dos principes, pelo que as dotou e fez differentes de todas as mais aves; com os dedos das mãos da banda de baixo lhes criou uns nós nervosos como verrugas, da côr dos mesmos dedos, e a cada um d'elles os deu conforme o seu tamanho, o que fez para que assim tivessem força para sustentarem aquellas prisões de que afferrassem e se lhe não fossem. Estas de tal maneira tem afferradas as ralés que tomam, que é necessario engenho e muita força para lhes tirar a preza.

Estes nós que digo só os Falcões, Açores e Esmerilhões, ogeas e as aguias tem, as quaes se mantem de aves que ellas por sua ponta da aza voando no ar alcançam e prendem, e todas as mais aves carecem

d'elles. Pelo que advirto ao caçador que fôr buscar Açores a terras extranhas se lembre do que a Natureza se não esqueceu, porque já aconteceu algumas vezes trazerem a vender em lugar de Açores tartaranhas e bilhafres, que em pequenos são bem similhantes no rosto e plumagem e mais feições aos Açores, e só nas mãos differem que carecem dos nós que digo, e aconteceu haver engano.

As aves que acima digo nobres, se cevam duas vezes no dia, e sempre buscam aves de novo de que comam, e se alguma cousa lhes sobeja pela manhã, não curam de tornar a ella á tarde; só os Gaviões algumas vezes o fazem, que como são aves pequenas e lhes acontece caçarem perdizes e pombas, e lhe sobeja muita comida, por não tornarem a trabalhar de novo buscando aves de que se cevem, tornam a comer o sobejo.

As aguias, a quem todas as aves temem, tambem caçam aves vivas, e como são aves grandes e pezadas o seu modo de caçar é differente, porque estas voando á tira não poderão alcançar ave alguma, e para o poderem fazer se levantam ás voltas, pondo-se nas nuvens; de lá descem ás aves que por baixo passam com as azas fechadas, rompendo com o pezo da sua grandeza a densidão do ar mais depressa que todas as aves, e assim fazem sua preza no que hão-de comer.

Muitas vezes erram o lanço, furtando-lhe a prizão o corpo, e assim frustrada, constrangida da fome, descem a tomar a lebre e o coelho, e ás vezes o cordeiro novo; muitas vezes a acharão comendo em cão morto.

Outras aves ha de rapina, como bilhafres, altaformas, cabisalvas e assorenhas, as quaes tomam algumas vezes aves vivas que comem, mas ordinariamente se mantem de bichos da terra.

Os corvos e milhanos e brita ossos e abutres tambem comem aves e são contadas com as de rapina, mas seu proprio mantimento são carniças. A estas deixo tornando á nossa caça, começando pelos Gaviões, indo de menor a maior.

CAPITULO III

Dos Gaviões

Os Gaviões são das mais pequenas aves de corpo de todas as de rapina; na lindesa d'elle excedem a todas as mais que de rapina se nomeiam. Tem as mãos compridas e delgadas e os dedos da mesma feição. São lindissimos, e nas mãos dos homens parecem excellentemente, e logo dão indicio a Natureza os criar para principes emquanto moços se exercitarem na caça, porque elles de verão matam os perdigões, cordonizes e todo o genero de passarinhos, e de inverno prisões e ralés que dão muito prazer a seus senhores. São muito animosos; muitas vezes andando á caça de passarinhos, se se levanta a lebre afferram d'ella.

A meu avô, andando á caça a pé aos passarinhos, aconteceu dar com os pés em uma lebre, e o Gavião sahir e afferrar com ella, a qual em vez de saltar adiante, deu o salto atraz e o caçador a levou pelas pernas. D. João Luiz, andando á caça com o Gavião, com elle tomou um coelho.

Estes se chamam em latim Nisos, que quer dizer exforçados; são priviligiados que não pagam direitos, nem as aves que com elles vem. Assim o diz Pero Lopes no seu tratado dos Falcões.

As plumagens d'estes em geral são duas, ruivas e brancas. Os ruivos d'elles o são muito, outros que o

não são tanto. Tem pintas variadas pelos peitos, muitas a feição de riscas atravessadas, e são da côr das que tem pelos peitos, d'ellas grossas, outras meudas, e em muitas d'ellas uns como corações dependurados, que lhes dão muita graça.

Outros Gaviões ha alvos e outros menos brancos, todos com pintas pardas atravessadas pelos peitos, d'ellas delgadas e outras maiores, com umas nodoas feitas a maneira de corações, que são graciosas á vista. Alguns d'elles tem as pennas do oveiro brancas, outros as tem com pintas atravessadas n'elles. Estes se tem por mal acondicionados, mas havendo caçador, não ha n'elles condição, que são aves nobres; queremse com mimo, como se dirá em seu logar.

Achando o caçador que possa escolher de qualquer plumagem, tomara eu o maior do corpo, e muita carne, pouca penna, mãos compridas e enxutas, o sanco curto e grosso, o rosto comprido, cabeça pequena, ventas bem abertas, sobre bico grosso, descarregado das costas, as azas compridas e bem tiradas, o cabo vultoso. Das plumagens tomara o branco, que fui mui affeiçoado a elle.

CAPITULO IV

Onde se acham os Gaviões, e como se criam pelos homens no ar

Os Gaviões são vistos em muitas partes do universo. N'este reino se acham no Gerez e na serra da Estrella e na de Louzã e em Santo Aleixo.

Em Castella em muitas partes se acham na serra Morena, em Arronche e junto de Guadalupe.

Tambem em toda a serra de Ronda ha grande numero d'elles; só da villa d'Ubrique, que é na mesma serra, vi eu em um anno onze portuguezes, cada um com mais de vinte primas.

Muitas vezes os trazem tão pequenos a vender que escassamente os conhecem os caçadores quaes sejam primas ou treçós; conhecer-se-hão por pequenos que sejam, que logo tem as cabeças maiores e os sancos e as mãos e os dedos mais grossos e compridos, e muitos vem tão pequenos que não podem levantar a cabeça.

A estes se dará de comer com um pausinho delgado na ponta, pondo-lhe n'ella a carne picada e limpa dos ossinhos, a qual se lhe metterá na bocca, que elles logo abrem em lhe tocando no bico; o bocado seja que o possa elle engulir. Trabalhe quanto fôr possivel porque os não tomem na mão, mudando-lhes a cama a meudo, e estejam sempre limpos. Emquanto muito pequenos se lhes dê comer a meudo, quatro e cinco vezes ao dia, em sahindo o sol se ponham a elle, e aquecendo o dia á sombra, que elles logo mostram se tem frio pipitando, e se tem muito sol abrindo as boquinhas.

Outros vem já bonitos, que lhes apontam os canhões; tambem se lhes dê de comer com o páu duas vezes ao dia. Outros trazem que lhe apontam as pennas; estes estranham o homem, porque tem conhecimento dos paes. Tambem se lhes dará de comer com o páu, e estes são os louvados, que vem criados dos paes. Como lhes apontarem as pennas se lhes dará de comer duas vezes ao dia quanto elles quizerem.

Alguns trazem já grandes, tomados fóra do ninho, a que chamam Rameiros; estes atitam e fogem do homem, e muitas vezes acontece estarem um dia inteiro sem comer, de bravos. Com estes se haverá

dando-lhes de comer com o mesmo páu, mas mais comprido, chegando-lhe o comer ao bico, e como engulir o primeiro bocado, logo aguardará pelo segundo. Estes taes Gaviões nunca são grandes de corpo.

As carnes com que se houverem de criar os Gaviões em pequenos, sejam passarinhos miudos, rôlas, frangãos e frangas; guardar de gallinhas velhas que são duras de gastar; os pombinhos grandes são bons, todas as aves do campo são louvadas depennadas e limpas, e tirados os ossos das azas e das pernas e bico fóra. Hão-de ser picadas com cutello agudo em taboa limpa, fugir de cousa que toque a sal, que é o seu rosalgar.

As carnes a melhor é a do coelho, logo a de bode; o coração de vacca não é máu, e da sua carne da vinça e dentre pá; hão-de ser as carnes frescas, que tendo qualquer cheiro, bastará para se matarem os passarinhos, a qual detida no papo accrescenta mais o mau cheiro e enjôa os Gaviões, e adoecem sem remedio.

CAPITULO V

Da arte que se ha-de ter no fazer da gaiola para virem pelo caminho

A gaiola em que hão-de vir pelo caminho se fará de canas, será mais comprida que quadrada, a modo de meia folha de papel, seja ella do tamanho que parecer que baste para o numero dos Gaviões que se hão-de trazer n'ella.

O uzo ensinou um modo excellente que se fará como dos passarinhos, pondo-lhe nos cantos varas de

marmeleiro, e n'elles metidos uns canudos de cana, porque se não abaixa, e no fundo lhe porá as canas fendidas, que fiquem bem bastas; as pontas se arrematarão nas canas que estão postas a comprimento, que as fendidas hão-de ser atravessadas, e por cima d'ellas se porá um panno de côr cozido, e por cima ha-de ter a cama em que elles hão-de vir, e ha-de ser de palha de cevada, e pelas ilhargas toda a redor quanto diz a altura se cercará de rede feita de malhas meudas, e se atarão ás canas de baixo e ás de cima, ligando-a porque fique bem teza, e pela banda de cima se cozerá um panno de calhamaço, que cubra o vão de toda a gaiola e as ilhargas, o qual panno se cozerá nas canas de cima, e ficará estendido que cubra toda a gaiola pelas ilhargas, e não será cozido da parte de baixo, e basta a rede para ter os passarinhos que não saiam da gaiola.

Ficará porta em uma das ilhargas para que se possam tirar quando se lhes der de comer, e quanto fôr possivel se evitará tratarem-os com as mãos, que elles querem tres cousas: muita limpeza, pouco tratados com as mãos, e bem de comer de boas viandas. Pelo caminho se lhes mudará a cama cada vez que fôr necessario.

Alguns os trazem nas gaiolas assim como aqui os homens pedras em paviolas, e isto trazendo a gaiola dois homens, mas cada qual os costuma trazer ás suas costas, atando um pau no meio da gaiola pela parte de cima, e ainda que viesse a cavallo vinha com a carga ás costas, porque assim vem mais quietos que diante da cavalgadura; com o passo d'ella se embebedam e não comem e adoecem, e vindo por esta ordem chegarão a salvamento a casa, onde os porão em seu ninho.

Os logares mais acommodados para se criarem no

ar são quintas onde haja arvores e pouca gente, e junto d'alguma arvore se fará seu ninho, que será com uma cortiça ou tábua quadrada do comprimento d'uma vara de medir, e para melhor, conforme ao numero dos Gaviões que houver.

Esta porão alevantada da terra, que fique dando pelos peitos, posta de modo que em sahindo o sol lhe dê logo para que gozem os passarinhos d'elle, e depois como se fôr levantando lhes fique fazendo sombra, e se não se achar arvore a qual por si só possa fazer estas cousas, que lhe prive a quentura do sol, ajude-se com algum amparo, pondo-lhe um lençol com que se lhe faça sombra, que os trata muito mal a calma, que os mesmos paes lhe enramam o ninho, e havendo grande sol os amparam com as azas estendidas. Isto fazem emquanto pequenos.

A arvore junto á qual se hade fazer o ninho não seja romeira, que os passarinhos vendo a vermelhidão das romãs pequenas, as engolem cuidando que é carne, e morrem d'isso, de que eu sou boa testemunha, porque a mim me aconteceu.

Tambem se evitarão arvores de espinho, porque elles em começando a voar não são desenvoltos, e dão comsigo pelas arvores, e sendo de espinho, podem-se ferir.

N'esta cortiça lhe farão boa cama, e seja bem branda, de folhas de sovereira ou de era, porque a palha da cevada não é tão louvada que as tolheduras que fazem não se escondam nas palhas como nas folhas, e se sujam, e elles querem limpeza.

CAPITULO VI

Da arte que se hade ter em lhes dar de comer na criação

Quanto fôr possivel trabalhe o caçador por lhes dar de comer a todos em pouco espaço de tempo, porque se algum tardar em gastar seu papo, não cuidem que foi o derradeiro que comeu, que é perigo não lhe acudir logo; e se houver muitos Gaviões, tenha o caçador muitos que o ajudem; para cada um sua cortiça do tamanho de meia folha de papel, e áquelle que quizer dar de comer lhe porá a cortiça junto, mostrando-lhe a carne, e logo virá, e se apartará com elle em cima da cortiça d'onde os outros o não vejam comer, e como aquelle comer, podem tomar outro; e d'este modo havendo quem ajude se dá de comer em breve tempo. O comer de pela manhã será ás oito, e á tarde ás seis horas.

A quantidade da ração e papo basta que seja a cada um pardal e meio, e de um pombinho do pombal a quatro.

Depois de se lhe dar de comer, d'ahi a duas horas se vizitarão que acordem e metam o comer no buxo, que muitas vezes se descuidam com o somno, e acordando-os logo dão ao papo, e metem o comer onde digo. E á tarde antes de lhe darem de comer se vizitarão, e achando algum com papo se apartará dos outros, e se elle ás horas do comer tiver papo tão grande que o não possa gastar, lh'o deitarão fóra, e é cousa facil de fazer, o que se faz tomando a cabeça do passaro com a mão esquerda, abrindo-lhe com os dedos d'ella a bocca, e com a mão direita se lhe deitará o

papo fóra, trazendo-o debaixo para o bico (e isto se fará tendo-o outra pessoa derrubado) com arte e brevidade, quanto possivel fôr, e seja de modo que lhe não fique nada, e logo lhe darão um par de bocados d'agua, e d'ahi a uma hora se lhe dará d'um passarinho quente bem picado; costumava eu, a haverem, andorinhos novos, os quaes buscava emquanto elle estava com aquella agonia, ou pintasilgos, e da tutela de uma rôla ou frangão, e d'este modo se governará até estar fóra de perigo.

Vizitar-se-hão os passaros á noite a vêr se teem frio, que logo se deixa vêr em elles pepitarem, e se achegam uns a outros.

Póde-se-lhe pôr em cima algum cesto ou canastra, e cobril-os com um panno de modo que se não afoguem.

Em amanhecendo se verão se tem algum papo, e tendo-o o tirarão dentre os outros, porque regeitando não comam o arremeçado, e se não acabar de gostar lh'o deitarão fóra como digo, que é o melhor remedio de todos. E este cuidado se terá emquanto elles não voam, porque como voarem vão dormir fóra, e não tem o caçador este trabalho, e não ha n'elles tanto perigo.

Costumam, quando são já bonitos e voam irem dormir fóra d'onde se criam, e tornam em amanhecendo, e se deixam estar todo o dia. Convem ter junto do ninho dois alguidares d'agua limpa e doce, que ás vezes bebem d'ella e se banham, refrescando-a cada dia.

A uma hora depois do meio dia irá o caçador vizital-os com um pequeno pedaço de carne, tomando os que já estão empenados em uma cortiça pequena, e n'ella os meterão na agua, a qual lhe dará pelas coxas, e lhe darão com uma varinha na agua, a que lhe dê algumas gottas no corpo e no rosto, e elles logo com o

fresco se agazalham para a tomar, e se banham como patos, que é prazer vel-os, e correndo com esta ordem, virão a serem taes qual o caçador deseja.

Podem-se-lhe deitar passaros vivos sendo já grandes, e alguns pombinhos que vôem, porque assim acostumados ficam mais faceis de fazer.

Conhecerão os caçadores, que estão já encanados para prender se tiverem as penas do cabo enxutas do sangue; então os prenderão.

Quando são já mui grandes vão dormir fóra, ás vezes meia legoa, e muitas vezes se cevam, e tardam em tornar a casa; estes terá o caçador cuidado de os prender, porque é dinheiro.

Pero Lopes no capitulo em que trata dos Gaviões diz serem melhores os rameiros; entendeu d'elles os safaros, que n'aquelle tempo não se deviam crear Gaviões no ar, nem em casa, que estes pelos homens creados são mais domesticos e melhores.

CAPITULO VII

Dos Gaviões criados em casa, e a differença que ha d'elles aos criados no ar, e como se ensinam a caçar

Tambem se criam Gaviões em casa, porque alguns senhores pelos verem na criação o costumam fazer; os em casa criados morrem muitos d'elles, posto que pelo telhado e janellas nas casas onde se criam lhes dê o sol, e lhes não faltem boas viandas, e tenham alcandoras postas pelas quaes elles vôem; e a razão é, que como o ar que é natural seu lhes falta, e o não tenham perfeitamente em casa como no

campo, adoecem d'agua e não teem tão bôa penna, e são mais tibios, ainda que alguns caçadores houve de opinião serem elles de mais força, mas é tão pouca a que um Gavião pode ter avantajada a outro, que lh'a não sinto.

Os que se criam em casa tem mais achaques que os criados no campo, porque se um regeita, comem logo outros, pelo que ha mais perigo nos de casa, e morrem muitos, e se aleijam dando com as azas pelas janellas d'onde vêem claridade.

E posto que sejam tambem criados e curados, todavia sempre avantajam os do campo na fineza da penna e no alento.

No capitulo atraz mostrei o tempo em que se haviam de prender, os quaes posto que na criação sejam mui mansos, com a prisão se tornam outros do que antes eram, amostrando-se asperos e bravos, porque com o caparão que se lhe põe e pioz nas mãos, se mostram tão queixosos, que não querem comer nem estarem em pé; acontecendo isto se porão sobre um colchão, ou em parte que ainda que elles dêem voltas, e se estrebuxem não quebrem as pennas, que ás vezes tem tanta cólera que se os prendem depois de comer, regeitam o papo.

Isto não é geral, porque alguns comem logo e se quietam na mão, e na alcandora; e como são criados pelos homens com facilidade se entregam e amansam com os trazerem na mão de noite e ás madrugadas, e assim perdem a bravesa que com a prizão tomam.

Depois de comerem sem caparão se chamarão á mão com seu fiador, e vindo a ella sem receio d'onde quer que fôr chamado mostrando-lhe na luva a carne ou côto de gallinha, que sempre o caçador trará comsigo, ou cousa em que depene e se lhe dê em picadas, o não deixem da mão nunca, que não ha cousa que mais

amigo os faça, que trazidos sempre n'ella. Depois de mansos querendo-os cevar, lhe deitarão alguns passarinhos de mão, vivos.

Acontece serem muitos d'elles tão tibios, que julgarão d'elles não nascerem para apegar em cousa viva; mas dando-lhe fome, e esfolando a cabeça do passarinho a que elle veja sangue, pondo-o com elle no chão, e deixar-lhe tomar algumas picadas, assim engolosinado, lh'o tirarão da mão e logo lhe mostrarão outro atado com uma linha no pé; o Gavião vendo-o bolir com as azas e voar, facil lhe será apegar n'elle, e assim de pouco em pouco se irá cevando da folosa até o grou, como lá dizem.

Affonso Borges, criado d'el-rei, teve um Gavião que apegou em uma garça brava e a trouxe á terra, e andou ás voltas com ella á vista de muitas pessoas. Contando o caso a el-rei D. Sebastião, de quem o caçador era criado, o mandou vir diante de si, e lhe disse:

—Não me espanto eu, Affonso Borges, do Gavião apegar na garça, se não de vós que o largaste a ella.

Respondeu o caçador:

—V. A. deve de saber que o meu Gavião mata as aves reaes, e sahi de casa com tenção de matar com elle um lavanco, e não o podendo achar vi a garça, e conhecendo o animo do meu Gavião me atrevi ir a ella e largal-o; e se eu não fôra tão pezado e velho, que o soccorrera depressa, a houvera de trazer, porque o Gavião a deteve um bom espaço.

Querem-se os Gaviões trazidos na mão, fartos de sol e agua, e de inverno enxutos, e que estejam em casa quente, e na alcandora, debaixo das mãos, um panno de côr, e durmam sem caparão, e sempre quando lh'o pozerem lh'o alimpem por dentro.

CAPITULO VIII

De como se treina o Gavião para com elle se tomarem pegas e francelhos, e as mais ralés

Todos os caçadores do Gavião começam pelos passaros pequenos, como rouxinoes e folosas, e d'ahi aos picanços alvares e negraes e melroas, porque como elles são muito ardidos e animosos muitas vezes sem treinas vem apegar em tudo; mas nem todos o fazem, pelo que é necessario acudir ás treinas, começando pelos frangãos pequenos, mostrando-lh'os no campo de perto, indo de pouco a mais até que denodamente entrem n'ellas.

Cada vez que apegar lhe darão de comer, fazendo-lhe gazalhado e mimos, dando-lhe coração e leves e entretinhos, e a roerem cousa de que tomem gosto. A carne da muela é doce e n'isto conhecem elles que folga o dono com o que elle faz, e a meio comer se lhe meterá o caparão na cabeça e depois o satisfarão da mais comida necessaria, e no fim do comer lhe darão a depenar em os côtos das aves em que os treinaram; e pondo-lhe o caparão no meio do comer, o soffrem bem, porque sabem que com elle posto se lhe não acaba a comida, o que soffrerão mal se no fim do comer se lhe pozer e lhe não fizerem mais mimos, pela qual razão sempre se terá esta lembrança viva; e entrando já o Gavião no frangão e na pêga e na gaivota e em qualquer outra treina de longe, se póde ir buscar a ave brava assim como verdizello e as mais, com elle todavia picado da fome. E achando ralé a que se haja de lançar ha-se de trabalhar

por metter o caçador entre si e a ave alguma emposta de matas, ou pedras ou hervas; e como o Gavião na mão indo sem caparão, vendo a caça se mirrar ou encrespar e pozer o rosto na ralé, baixe o caçador a mão em que o Gavião vae, de longo da perna, o qual se coze com a terra e vae buscar aquelle amparo e emposta, e de sobresalto dá na ave e muitas vezes afferra d'ella antes que se levante, e quando ella o queira fazer achando-se o Gavião perto, facil lhe é alcançal-a e leval-a na mão, que áquelle primeiro estribão, comprimento de um tiro de pedra, é o Gavião mais ligeiro no vôo que todas as aves.

Alguns d'elles ha porfiados, que voando á tira trabalham por alcançar a ralé, e alguns na caça dos perdigões o fazem.

Depois dos Gaviões andarem cevadiços vão buscar as pêgas nos pincaros das arvores, e atravessadas pelo ar, e as trazem á terra até chegar o caçador, que é prazer vêl-os, porque a pêga é mais forçosa e se queixa e grita, e elle afferrado a tem até ser soccorrido.

CAPITULO IX

De como se ensina o Gavião a matar francelhos nas buracas

POR industria dos caçadores entram os Gaviões em as buracas dos francelhos e os trazem prezos á terra, e para fazerem isto se ensinam, o que se faz tomando um francelho dos lagarteiros· outros ha que chamam de rama, os quaes tambem os Gaviões matam depois que são costumados aos das buracas.

A este quebrarão o bico debaixo que não possa

morder o Gavião, e os dedos das mãos que chamam os caçadores alcanços, e se atarão aos sancos do francelho que não possa elle apertar as mãos; e feito isto trabalhe o caçador porque o Gavião entre n'elle, e se apegar dê-lhe de comer boa vianda por debaixo da aza do francelho, e depois de ser costumado a entrar n'elle e o conhecer bem, tomará o caçador um cordel comprido e n'elle atará o francelho com o bico quebrado, e as pernas por não arranhar o Gavião, e uma das pontas do cordel mandará metter pelo buraco d'uma parede que a fique atravessando, e o francelho atado e dependurado junto do buraco.

Feito isto se tirará o caparão ao Gavião já costumado a entrar no francelho no chão, e apegando no francelho mandará o caçador puchar pelo cordel da outra parte da parede, que entre o Gavião com o francelho na buraca, e assim afferrado o deixe estar por um pouco, e tirarão pelo cordel por aquella parte d'onde o francelho e Gavião estão, para que ambos venham juntos a terra, e esfolarão o peito ao francelho e n'elle darão de comer ao Gavião, dando-lhe suas canadas e coração, e cousas em que o Gavião tome prazer. Isto se fará as vezes que fôr necessario.

Pode o caçador com um francelho treinar o Gavião muitas vezes dando-lhe de comer e metendo-lh'o na boca, e assim se pode sustentar o tempo que quizerem; não se lhe quebrem as pernas, porque para isso se evitar avizei se atassem os alcanços nas pernas.

São os Gaviões mui ardidos, não duvidam apegar nos homens quando lhe não dão de comer, que pela comida fazem muitos atrevimentos fóra do que tem por natureza. Estes na defensa dos filhos, quando lh'os tiram do ninho, agarram dos homens, e estão tão afferrados que se deixam tomar d'elles, e desafferrados dos homens os tornam a commetter de novo.

Vicente Queimado, feitor d'el-rei D. João, no Algarve andando á caça dos passarinhos com o Gavião sem caparão, o qual se debateu duas vezes, a terceira o largou não sabendo o intento do seu Gavião, e logo se cozeu com a terra e foi onde um Falcão estava posto em uma arvoresinha baixa e sem rama, e o levou pela cabeça. Vendo-se o nobre Falcão assim afferrado do Gavião, apertou as mãos no pau em que estava posto, e de tal modo se apegou a elle e se embaraçaram ambos, que chegou Vicente Queimado e tomou o Falcão, o qual depois teve em seu poder e foi mui excellente altaneiro.

Ao conde de Tentugal, D. Francisco de Mello, vi um Esmerilhão que matava mui excellentemente as cotovias, o qual tambem tomou com outro Gavião que matava os francelhos.

Muitas cousas dizem dos Gaviões na caça que parecem fabulas, por serem mui pequenos.

CAPITULO X

Dos Gaviões safaros e em que differem dos ninhegos

Nenhuma differença vejo que haja entre os Gaviões safaros e ninhegos, mais que na creação, porque os ninhegos são filhos dos homens e criados por elles, e não conhecem outros paes, o que não tem os safaros, que são creados nos bosques e pelas mães, onde teem seus ninhos e querenças e n'ellas se deixam estar até fim de outubro, que já então não acham n'aquellas partes passaros de que se sustentem, porque os rouxinoes, rôlas e melroas e outros passaros de que elles antes se manti-

nham se passaram a Africa; então constrangidos da necessidade se sahem aos campos aos nossos pardaes e tordos e zorzaes, e verdezelos, e tarambolas, os quaes veem das partes do norte a invernar a nossa Hespanha, onde os tomamos com armadilhas, dos quaes adeante diremos.

Os ninhegos são mais tibios porque os homens que os criam não tratam mais que trazel-os vivos e bem empenados aos caçadores, que lh'os hão de comprar, pela qual razão são esquecidos. A estes fazem ós safaros vantagem em saberem caçar, e quanto tem de melhor fica sendo mais trabalhoso ao caçador em os fazer domesticos e amigos, porque o maior inimigo que as aves tem e que mais arreceiam é o homem e os olhos d'elle, do qual forçado ha-de ser amigo, o que se faz com amor, soffrimento, engenho e prudencia, trazendo-os na mão de continuo aos serões e madrugadas, de noite sem caparão, correndo-lhe a mão pela cabeça e com uma penna, de modo que se não escandalise, trazendo-lhe sempre na luva cousas em que tome algumas picadas, e roa e depene, e taes que tome elle gosto com ellas. E posto que diga isto muitas vezes é cousa necessaria aos caçadores tel-a sempre na memoria.

Tenha sempre de dia seu caparão na cabeça, porque ainda que na vara sem caparão se mostrem mansos, não no são todos, e ás vezes de quebrantados se mostram obedientes, os quaes tornando a tomar animo, sempre lhes fica aquelle resabio de natureza brava, pelo que convem tirar-lhe o somno e tornal-os outros do que dantes eram, que lhes pareça a elles que ha outro mundo, o que não farão tirando-lhes o comer, antes com mimos e gazalhado, trazendo-os na mão de continuo, chamando-os a ella de perto com boa vianda, e sendo mansos, treinal-os a meudo

em frangãos, e n'elles bem de comer, porque pela comida apegam até da garça.

O marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, grande caçador do Gavião, que sempre d'elles tinha muitos, assim ninhegos como safaros, os safaros mandava pôr em uma alcandora que na sala tinha, sem caparões na cabeça. Este senhor passeando com uma perna de gallinha na mão os convidava, e se algum dos safaros mostrava boa condição lhe dava de comer na alcandora em que estava, e assim algum bem acondicionado amansava, que os mui bravos acabavam todos.

E sendo eu moço lhe ouvi dizer algumas vezes: Ferreira, não se ha o homem de cançar muito com o que custa pouco; porque eu ás vezes lh'os levava, que os tomava com armadilhas, e os que lhe escapavam procedia com elles treinando-os a meudo, e costumava dizer que nenhuma cousa mais os amansava que treinal-os.

Cada um caçador tem sua opinião: nos Gaviões pode-se soffrer este modo, que custam pouco, mas nos Açores estrangeiros não, que custam muito e morrem depressa, sendo assim tratados.

CAPITULO XI

Quaes sejam melhores dos Gaviões de nossa Hespanha

De todos os Gaviões hespanhoes se tem por melhores e mais ardidos os da serra Morena, tomados na villa d'Arronche, e por aquella comarca até Facanias, por duas razões, a uma por mais temporãos, que os do Gerez e Serra da Estrella são tardios.

A causa é ser terra mais fria, e como os homens que os criam para vender buscam sempre os mais temporãos, não fazem caso dos mais, e além d'esta se tem os de Arronche por melhores de prizões grandes de inverno, do que temos experiencia, a causa por a Serra Morena ser acompanhada de muitos matos e os passaros pequenos tem em que se escondam, a que os Gaviões os não tomem, pela qual razão se determinam com as pombas, rôlas e perdizes, porque como estes sejam passaros grandes se lhes não escondem onde elles os não afferrem com as mãos.

Logo se estimam por bons os de Ronda, por serem excellentes de verão para passarinhos. A razão é que da Serra de Ronda são os altos de rochas e penedias desamparadas de matas, e nos baixos e valles d'ella grandes arvoredos, limpos por baixo de moutas, nos quaes criam muitos generos de passaros meudos, e n'elles se cevam os Gaviões, e por a terra ser muito larga se criam grande numero de Gaviões e d'alli sahiam cada anno para este reino mais de trezentos primas.

Em casa de meu pae se criaram em um anno mais de cincoenta e cinco Gaviões e sete Açores; nem a estes faltaram compradores nem aos mais, e para todos havia homens que sabiam servir aos senhores n'esta caça de aves, as quaes deixo na serra de Arronche e sua comarca e em Ubrique, na serra de Ronda, em Ximena, Casares e Castilhar, onde os achará quem os quizer criar.

CAPITULO XII

Dos Esmerilhões e sua caça, da qual podem uzar as princezas em suas galerias

Os Esmerilhões são das aves de rapina as mais pequenas; no talho e feição mui similhantes aos Falcões, assim como os Gaviões aos Açores. D'elles ha girifaltes, nibris e bafaris e sacres. Estes criam na Noruega e Suecia e em todas aquellas partes onde criam os Falcões.

Passam de inverno a estas partes; são aves ligeirissimas no voar, todos matam muito bem as cotovias; ellas são a sua garça, as quaes nos campos se acham junto aos casaes; elles as perseguem de tal modo e as calhandras, que muitas vezes constrangem aos miseros passarinhos a se meterem pelas casas e nos poços, e já se viram meter com medo nos fornos ardendo.

São mui porfiados em proseguir. Os caçadores prudentes não largam estes senão ás cotovias, as quaes vendo-se perseguidas e que não podem escapar voando, se acolhem aos caçadores, por baixo dos pés dos cavallos, que as calhandras e lavercas são aves inimigas da gente, ou morrem voando, ou escapam fugindo e perdem-se com estas muito os Esmerilhões, e não é conselho voal-os. Além das cotovias matam os perdigões e perdizes de inverno.

D. João Mascarenhas teve um Esmerilhão que se tomou no mar, em uma nau da armada de D. João Fajardo, no anno de seiscentos e doze, o qual matou em um inverno mais de duzentas perdizes.

Pero Lopes d'Ayala diz que D. Filippe, filho d'el-rei de França, teve um que lhe mandou a duqueza de Bramante, que em um inverno matou grande numero de perdizes.

Eu tive um do senhor D. Antonio, prior do Crato, que matava os verdizellos, o qual eu tomei com o bufo, e largando-o em companhia d'outro o filhava muitas vezes e o levava nas mãos sem ter tento na cotovia, pelo que determinei matar com elle os francelhos.

Tive primeiro um verdizello que tirei vivo a um Gavião, e lhe cozi os olhos a meia vista e assim o larguei ao meu Esmerilhão; elle o levou nas mãos como se fôra uma cotovia; sem mais tentar outra coisa lh'os mostrei bravos e os matou com muita admiração dos caçadores.

O senhor D. Antonio o estimava em muito preço, e como elles são boliçosos, se me perdeu, e era sacre de nação.

N'esta cidade tive muita amizade com o doutor Vilhafanha, o qual el-rei D. Filipe deixou n'ella logo quando entrou a tomar posse d'este reino, em confiança de sua fazenda e do mesmo reino; o doutor enfadado de se vêr fóra da vista de seu rei, buscando algum passatempo honesto para se alliviar da saudade da côrte e amigos, o fiz caçador d'aves, mostrando-lh'a pelos Esmerilhões deitando-lhe passaros soltos pelas casas, em que elle vivia, que eram as que chamam da penada, a Santa Catharina, e com as janelas com suas vidraças, ficando as casas claras de maneira que se não podiam sahir por ellas os passaros, os soltavamos e os Esmerilhões os perseguiam de tal modo que lhes era necessario meterem-se por debaixo dos pés da gente.

Tanto se levou d'este passatempo que por vezes

me deu os agradecimentos, dizendo que não vira nunca nem ouvira dizer haver entretenimento para os grandes, tão longe de peccado como era aquelle, e tanto se deixou levar da caça que mandou vir d'Allemanha Açores e Falcões.

D'esta caça podem uzar princezas nas suas galerias com os Esmerilhões, que são aprazíveis e não tem unhas que possa fazer damno nas mãos. Querem-se trazidos na mão de noite para amançar e as madrugadas, e sendo manços, chamando-os á mão e ao rol.

CAPITULO XIII

De como se amansam os Esmerilhões pelos portuguezes d'hoje.

Os caçadores que hojé ha, por pouparem o trabalho de os trazerem de noite na mão para assim os amançarem, põem um pau que atam como arredouça, a modo dos em que se embalouçam os meninos, e os põem na camara onde dormem, tendo uma corda atada no mesmo pau, para que em acordando puchem por elle, e os passaros n'elle postos não durmam, e assim perdido o somno facilmente se entreguem e amancem; põem tres e quatro juntos no pau.

Soffro este modo nos Esmerilhões, por serem de pouca valia, o que eu não soffrerei em nenhuma das outras aves, como fica dito.

Querem-se cevados em frescos, que são muito esquecidiços, e sendo caso que algumas vezes se esqueçam, como se não nascessem para tomar coisa viva, como já me aconteceu, com elles se haverá o caçador

mostrando-lhe passarinhos vivos, que com elles logo se espertam.

As piós que se lhe porão tenham as pontas atadas, metidas em uma conta, porque assim se ha de largar, e como são aves safaras sopezam e fogem com o passaro que tomam, e para se valer o caçador d'isto, terá uma cana de comprimento de duas varas na mão, a qual tendo elle o passaro tomado se porá em cima, ou se lhe meterá por entre as mãos, porque querendo elle levantar-se e fugir não possa.

Costumam os caçadores de Esmerilhãos trazer sempre passarinhos vivos, porque muitas vezes encaram elles o passaro, ficando no ar sem fazerem preza, se lhe deite atado pelos pés com uma pedrinha: e assim se cobra com facilidade.

Para os caçadores trazerem os passaros vivos fazem um taleigo de calhamaço encerado; em uma das bocas se põe uma rodellinha de pau pouco maior que a palma da mão, e no vão d'elle andam bem os passarinhos sem se afogarem, e na outra boca seu cordel em que ande dependurado no arção da sella.

Querem-se os Esmerilhões trazidos na mão, de continuo governados com boas viandas, fartos d'agua e sol. São naturalmente bons caparueiros: é raça aprazivel.

CAPITULO XIV

Das ogeas

As ogeas são aves de rapina, no voar velocissimas. Sua caça é todo genero de passarinhos; são do tamanho de francelhos, no talho similhante aos Falcões.

A caça d'estas aves uzam os caçadores não nas alar-

gando, trazendo-as na mão esquerda, e na direita uma cana bem comprida e delgada na ponta, com um laço de sedas n'ella, e pela sesta e grande calma vão os caçadores onde haja calhandras, lavercas e cotovias. E vendo o caçador qualquer d'estes passarinhos levante a mão em que vae a ogea e faça de modo como que quer voar, rodeando a mão que abra a ogea as azas.

A calhandra e mais passaros, posto que nunca fossem perseguidos da ogea, a temem, tanto que em a vendo se escondem e cozem com a terra; postos os olhos na ogea, estão tão quedas, que consentem lhe deitem o laço no pescoço, e tendo o caçador o laço no pescoço do passarinho, o bole com a cana a que se levante, e assim fica enforcado o passarinho no laço.

E' caça de pouca sciencia e aprazivel. Estas ogeas criam n'este reino. Não vi pessoa que com ellas caçasse, se não Affonso Borges, creado d'el-rei D. Sebastião.

Toma-se com o bufo que cae a ella denodadamente. A mim me contaram que estas aves em companhia dos Falcões aletos matavam as perdizes.

Amançam-se como os Esmerilhões, com que se elles bem parecem no voar.



PARTE SEGUNDA

DOS AÇORES

Na qual se mostram as terras de Hespanha onde se tomam nos ninhos para os criarem em pequenos, e como se criam e ensinam a caçar pelos homens, assim os de Hespanha como os estrangeiros. Tem dezeseis capitulos e uma regra geral de muitas notações e preceitos necessarios ao caçador novo, e ainda ao que cuida que sabe.

CAPITULO I

Dos Açores em geral

Antepuz os Gaviões aos Açores, e tratei primeiro d'elles, porque os mais dos caçadores portuguezes que até agora houve, começaram uzar esta caça das aves por elles, e se passaram aos Açores, de que é este capitulo.

São os Açores no talho e feição mui similhantes aos Gaviões, ainda que maoires de corpo, em cuja grandeza excedem a todas aquellas aves que de rapina se sustentam (deixando áparte a aguia) que esta a todas se avantaja na grandeza.

De suas propriedades tratarei adiante.

Criam os Açores seus filhos em muitas partes do universo, em serras e logares montosos, cheios de grandes bosques e arvoredos. N'estes fazem seus ninhos; criam uma vez no anno. Em maio começam a fabricar seu ninho; põem de tres até cinco ovos, os primas estão sempre sobre elles, os treçós em todo o tempo que a femea está chocando lhe trazem de comer perdizes, pombas, e ás vezes laparos e rôlas.

Quando lhes trazem a caça que tomam, pousam em certa arvore, que para isso tem perto, e chama a prima com piados, a qual se levanta e vem voando; em chegando perto larga o tréço o que lhe traz para comer; ella antes que chegue a terra o toma.

O treçó em largando a caça se vae voando tão apressadamente que parece temer a prima, a qual, em comendo, se torna aos ovos, e n'elles está mais tempo em tirar os filhos que as gallinhas.

Tirados se deixa estar alguns dias até elles estarem enxutos da humidade do ovo e cobertos de penugem.

Se a mãe sente que a quentura do sol enfada aos filhos, enrama o ninho e os ampara com as azas estendidas.

Tem cuidado de lhes dar de comer a miudo.

N'este nosso tempo vieram acabar os Açores n'estas partes, que chegou a ser tão excessivo o preço que por cada um em pequeno se dava, que os homens cubiçosos que os tomavam, em achando o ninho o guardavam, a que outros lh'o não furtassem. Vez aconteceu que uns escondidos esperavam que aquelles que

os guardavam fossem buscar de comer e emtanto lh'o furtavam. E vieram a tomar aos pobres passaros os ovos em os pondo, e os deitavam a outras aves. A mim me contou um d'estes, que m'os costumava vender, que subindo a uma arvore a tomar os ovos d'um Açor, o prima e treçó se levantaram de rodeo e se metteram mui alto no céo, e julgou que d'aquella vez passavam em Africa, e nunca mais criaram n'aquella serra vermelha, onde isto aconteceu. Pode muito bem ser.

CAPITULO II

Das partes em que se acham em Hespanha Açores e como se criam no ar

Em muitas partes de Hespanha se tomam Açores em pequenos, como em Navarra, e na terra dos Gélves, nas Asturias, e em Galliza, e de quaesquer partes que a mão vierem Açores em pequenos, os criarão como fica dito no capitulo que trata da criação dos Gaviões, e os cure com a mesma arte, notando que, sendo os Açores já de quatro betas lhe deitarão rôlas e pombinhos de mão, a cada Açor conforme a edade que tiver e se desenvolver voando, porque costumando a lançar-lh'os algumas vezes, se inclinam depressa ao que tem de natureza, e assim como entrarem nas treinas lh'as deitarão que mais vôem, os quaes com este exercicio se espertam e se cevam nas perdizes com muita facilidade e menos trabalho do caçador.

Posto que na criação dos Gaviões digo como se criam em casa, não aconselho a quem os criar, os crie n'ella, por evitar perigos, enfermidades e aleijões,

que acontece aos criados em casa e ainda morte certa, o que não tem os que se criam no ar, e além d'isso tem mais alento e desenvoltura, e são tão bons como os da Irlanda, o que não tem aquelles que se criam em casa.

Sendo já escanados, que se conhece, como fica dito no tratado dos Gaviões, tendo as penas do cabo enxutas do sangue, os prenderão, porque se os prendem em verdes e estando em sangue, não ficam as pennas d'aquelle comprimento que andando no ar voando ficam; porque n'aquelle estado em que os prendem sem mais crescerem se enxugam, e esquanam, o que sei ensinado da experiencia, por prender alguns Gaviões em sangue, e logo em poucos dias esquanavam e ficavam curtos do cabo e azas.

Contando eu isto a alguns caçadores me affirmaram acontecer-lhes o mesmo com os Açores que tiravam da muda com algumas penas em sangue, e me rogaram pozesse isto por avízo.

CAPITULO III

De como se amansa o Açor depois de preso, e ceva

No capitulo precedente tratei de como se criam e em que tempo se prendem os Açores, os quaes vendo-se presos se mostram queixosos, como já disse dos Gaviões, e por evitar repetir muitas vezes uma cousa, recorram alli; lembrando que as pioz que se pozerem aos Açores sejam de bom couro de cão ou de veado, bem concertado, e nas pontas suas contas de marfim ou lagrimas de Moysés, e boas avessadas com seu tornel, e logo em o prendendo,

que será á tarde, a noite seguinte e todas as mais o trarão na mão sem caparão. As primeiras fugindo a conversação da gente por evitar debatiduras, depois com elle na mão, converse com todos, para se assim affeiçoarem a virem a ser domesticos; e andará tantas noites até que elle se entregue ao somno, que se conhece quando mete a cabeça de traz das costas, e tirando-lh'a d'aquelle logar, onde a tem metida, a torna logo a pôr.

Bastam poucas noites, que como são creados pelos homens, entregam-se com mais facilidade que os bravos.

Tendo-os posto n'este estado os chamarão á mão no campo, atando seu fiador nas avessadas; e entrando na mão sem receio, tendo prezente cavallo e podengos, os quaes serão bem amigos do Açor, dando-lhe de comer, sendo elles presentes, e sendo o Açor manso e amigo (que se conhecerá indo o caçador fugindo e elle voando atraz elle) como costumava fazer na criação; então está seguro para o treinar, o que se fará em campo limpo de mattos, barrancos e cardos; e se possivel fôr seja como a palma da mão, levando perdiz viva, com todas as penas, e o Açor picado com vontade de comer, a qual faz ás aves a madrugada.

A' perdiz em que se ha-de treinar porão os peitos e ambos os pés d'ella juntos na palma da mão direita, e a esquerda pelas costas; e no campo que digo limpo deitarão a perdiz para o ar, com força a que tome seu vôo, tendo o Açor prestes e perto, que se elle na criação costumava a entrar denodadamente nos pombos e rôlas, o fará na perdiz, á qual tirarão de cada aza duas pennas, parecendo assim ao caçador. E assim procederão indo buscar a brava, lembrando que deixem estar o Açor com a perdiz no chão, e

n'ella o ceve o caçador nos peitos dando-lhe de comer com limpeza, fazendo-lhe muita festa.

A mim me aconteceu, só com uma treina, cevar o meu Açor na perdiz de pasto, e foi que indo eu com meu pae e irmão com cada seu Açor, enfadados de não poder achar perdizes por levarmos poucos podengos, para assim se fazer melhor lanço, mettemos os pés em uma banda de perdizes; eu que levava prestes larguei o Açor no meio d'ellas, e apertou tão bravamente com as passaras, que rendeu duas em umas balsas muito perto d'onde se levantaram, e n'aquella banda cevamos todos os tres Açores sem serem treinados cada um mais que uma só vez.

Costumavamos levar sempre ave viva, para que se o Açor fizesse seu dever, indo com a perdiz a ferida, se acaso se não achasse, dar-mos-lhe de comer, fingindo ser a que voou.

CAPITULO IV

Que tal ha-de ser a terra em que se hão-de cevar os Açores novos

Necessario é ter o caçador lembrança que de uma maneira se ha-de haver com os Açores novos, de outra com aquelles que forem já mestres. Para os novos d'aquelle anno convém que seja a terra limpa de arvores, sem haver n'ella cabeços nem trespostas, e tenham feridas perto; porque se a terra não fôr descoberta de arvores, indo o Açor traz sua perdiz mettendo-se no meio de algumas arvores, perdendo o Açor de vista a passara apoz que vae, não sabendo descobrir, embaraçado, ou se deixa

ficar, ou torna para traz a seu amo, o que não faria se fôra mestre.

O mesmo fará sendo terra de cabeços e trespostas. Pelo que n'este primeiro anno se deve buscar terra chã e campo raso, que ainda que tenha algnmas silvas, ou mattas, ou barrancos, que são os lugares onde costumam as perdizes acolher-se, não é inconveniente, antes se ha-de buscar tal que as tenha.

Emquanto os Açores são novos usarão de poucos podengos, e saibam d'elles qual é certo no pasto, qual bom de ferida; e conhecendo o podengo que dá no rasto certo, se chegará o caçador a elle com Açor prestes, e em se levantando a perdiz, largue-o, sacudindo o Açor da mão, não de batidiço, nem dependurado que vá o Açor quebrado de seu vôo e impeto, e fica desgostoso e não faz o que fizera se o largara ajudando-o. Chegando o Açor a ferida, se fôr novo, o tomem na mão para que d'ella se largue a passara, e se o tiver na mão o deixarão estar dandolhe de comer no peito, e depois de estar quasi satisfeito o levantem, fazendo-lhe mimos, dando-lhe o entretinho e a roer na moella que é carne doce, e um pé da perdiz machucado com uma pedra ou com os dentes, que é cousa com que elles folgam; e elles conhecem que o dono folgou com o que elle fez.

E d'esta arte se haverão cevando por seis ou sete dias, e d'ahi em diante podem matar perdizes para a cevadeira, porque no principio está o acertar.

E note que toda a vez que o Açor estiver em logar baixo se ha-de levantar na mão e assim ir atraz os podengos, fallando-lhe e sahindo a perdiz se largue, e tomada pelo Açor se levante na mão, e se agazalhará amimando-o; que se o levantarem e lhe tirarem a perdiz sem lhe dar picadas, se annojará.

Trabalhem pelo fazerem muito recolhido, que al-

guns d'elles o são tão mal, que se pôem em alguma arvore, enfadam primeiro que venham á mão. E se da arvore á mão descer, o farão com elle como se matasse a perdiz, e assim se verá o caçador livre do enfadamento de ser mal recolhido.

E por que se não póde dizer tudo por escriptura, se haverá o caçador com prudencia e soffrimento.

CAPITULO V

Do Açor errado e sua emenda

A muitos pode acontecer o mesmo que me aconteceu a mim, com D. Pedro da Silva, tio do conde Almirante.

Comprando-me um Açor dos de Galliza, excellente perdigueiro e bem acostumado, e tal que teve elle satisfação, assim do Açor, como de suas manhas, e como bom m'o pagou muito bem.

Levado o entregou a um indio seu, chamado Borneo, que elle tinha por grande caçador.

O pobre indio parecendo-lhe que todo o matto era oregãos, sem eleição da terra, nem eleger lanço, largando a torto e a direito, ora em terra cega, ora em lanços largos, ora debatendo-se o Açor, deu com o bom passaro á costa. Se o largava em terras de arvores, tanto que o Açor deixava de vêr a perdiz (como é costume d'elles) se pousava ou na terra, ou em cima do que achava mais acomodado; como a perdiz varava, nem os cães a podiam achar, pois a não havia, nem o Açor fazia a obrigação que tinha.

O Borneo parecendo-lhe que de farto o Açor não seguia a perdiz, temperava-o de morte.

De tal modo se houve o pobre indio com o misero Açor, que foi forçado ao senhor tornar o Açor a quem lh'o vendeu, e me deu o mesmo Açor e dez mil réis mais por outro que a elle lhe não pareceu tal como o que tornou.

N'este errado nos houvemos d'esta arte. Dando-lhe boas viandas, pombos e gallinhas, sem bolir com elle, mais que deixal-o estar na vara farto de comida e sol e agua; como esteve em boa carne, bem picado da fome, e com boa madrugada, que esta lhe faz muita vontade de comer, lhe mostramos a perdiz em boa terra, que elle voou estremadamente fazendo-lhe bom lanço.

N'este primeiro anno sempre se deve buscar o melhor, e assim nos houvemos, que em poucos dias foi o que d'antes era, e por evitar este damno deve o caçador buscar terra limpa quanto possivel fôr. E sendo de ladeiras e picada, sempre convem andar no alto d'ellas, e não largar no fundo do valle, e aguardar a vêr entrar, e vôem a que estiver mais acomodada para voar dependurada; e assim se haverá como digo, n'este primeiro anno de pol-o: que depois de o Açor ser mestre e sabe que a perdiz lhe ha-de cahir, faz suas alcarradas para descobrir que as perdizes transpondo o cabeço se o Açor vem largo d'ellas se deixam chupar e não bolem os pés d'onde se pôem, e assim o Açor como o caçador se enganam passando adiante, e ficam os caçadores e Açor desgostosos perdendo a perdiz que lhe ficou chupada, o que acontece muitas vezes, e se o Açor é leve e a viu, elle a terá na mão, e se é pezado e vae largo, como digo, não pode saber a trêta e arte que a perdiz uzou para salvar a vida; que as aves, por instincto natural, tambem teem seus avizos para escapar a seus inimigos.

Pela qual razão quanto possivel fôr se escuse largar

o Açor em terra picada e suja, salvo se fizerem como os que guerreiam no mar, que sempre trabalham por tomar o barlavento.

E lembro que sempre se deve largar em terra de cabeços, de modo que vá a perdiz costa abaixo, salvo se o Açor é tal, que fará mais do que deve, que muitos são tão excellentes que se assignalam mais que que outros.

E para que o Açor ande gostoso, convem que da parte do caçador haja engenho e industria, que esta favorece muito as aves na caça; e não a tendo, acontecerá ao caçador o que aconteceu ao pobre indio Borneo.

CAPITULO VI

Dos Açores de Irlanda, de Galliza e Navarra

Por serem mui similhantes estes Açores, ainda que nascidos em differentes partes, por evitar prolixidade, os puz juntos n'este capitulo; que elles na grandeza do corpo e talhe, como nas plumagens, são muito similhantes; e ainda na bondade, posto que os de Irlanda são tidos por melhores perdigueiros.

A causa por que o sejam, quanto a mim, é por serem sáfaros, que estes de qualquer parte que sejam, sempre se avantajam aos ninhegos; mas depois que eu criei Açores no ar, nenhuma vantagem lhe fizeram os de Irlanda. Arguir-me-ha o caçador que os Açores de Allemanha, Noruega e Suecia tambem são safaras, e não taes como os de Irlanda, ao que respondo que os Açores allemães são maiores de corpo e pela grandeza são mais pezados e não tem tanta ligeiresa

nem levidão como os de Irlanda que são Açores de meã proporção.

Eu tive um Açor de Noruega extremado perdigueiro, mas muito grande de corpo, o qual em terra chã voava dando com as azas pela terra; mas tão cansadamente o fazia, o pobre passaro, que estendia o pescoço mais que o cabo, bracejando quanto lhe era possivel. Com elle matava muitas perdizes, mas não com aquella galhardia com que muitos o fazem, mostrando ás vezes as barrigas, afuzilando ao descobrir de algum cabeço.

Este de Allemanha se se lhe offerecia a perdiz subir alguma costa, se levantava direito ao céo como um foguete e do alto se deixava ir com os olhos na perdiz, ou a tinha na mão ou bem assentada na ferida. As que na mão tinha, diziamos nós, que de elle vir largo não entrava na ferida e elle cahindo do alto as tinha na mão. E esta razão acho que me favorece; e além d'isso, no capitulo dos Açores estrangeiros, que vae adiante, se faz mais caso dos treçós allemães que dos primas para a caça das perdizes, por serem meãos entre os primas allemães e os nossos hespanhoes.

E quanto a fazer tanto caso dos Açores gallegos e Navarros como os famosos de Irlanda, affirmo que os criados soltos no ar, como fica dito, se egualam a todos os bons que pode haver no mundo; porque as mais das perdizes levavam nas mãos.

Para esta cidade vendi um treçó a João Lopes Perestrello, o qual matava sua meia duzia de perdizes, no termo de Lisboa, melhor que nenhum de Irlanda que em seu tempo houvesse; e todos os mais que para outras partes foram sahiram excellentes, pelo que os posso comparar, sem vergonha, com os Açores de Irlanda.

O treçó do Perestrello viveu vinte annos, sempre em poder de quem o comprou, tido em grande preço.

O dono do Açor vivia em Torres, em uma quinta sua; os criados e servos, que sempre trabalham por imitar os senhores, criaram um corvo carniceiro, ao qual davam os sobejos do Açor, quando o Açor comia; o côrvo, por aquella boa obra que lhe faziam, amava a seu amigo, o Açor. Em vendo que o tomavam na mão para ir á caça, logo se aviava e acompanhava o caçador, voando a pousos.

Em o Açor indo atraz da perdiz, o corvo o seguia, acompanhando-o até a ferida, e se punha em sua companhia crocitando em vozes altas para que o caçador o ouvisse, o qual em cobrando a perdiz lhe dava alguma cousa das tripas, e de tal arte se haviam os dois companheiros, que o caçador não tinha olho no Açor que havia largado, senão no corvo que voava mais alto; porque o Açor sempre ia varrendo as palhas da terra, e ao passar de algum outeiro mostrava a barriga, que parecia fazel-o com galhardia.

Se o caçador não atinava com a ferida tão depressa, vendo o corvo que elle tardava, se levantava de rodeo para que o caçador o visse e atinasse onde o Açor estava.

CAPITULO VII

Do Açor tibio e duro de fazer, e sua emenda

Os Açores criados no campo, como já disse, se ensinam a caçar com pouco trabalho; póde o caçador topar com Açor tão tibio que não queira pegar em coisa que viva seja; o que acontece por ser criado em casa, sem nunca lhe mostrarem

mais que a carne que comia, e assim fica olhando sempre ás mãos do homem.

Aves ha covardes de sua natureza.

Eu tive um sacre tão tibio que ao principio receiava de pegar um frangão vivo, e para apegar n'elle lhe esfolava as costas e comesse algumas picadas, e para se treinar cobriamos as costas do milhano com carne. D'este modo se atrevia, porque, se sem carne lh'o mostravam, o não olhava.

Tanto me enfadou o mau modo do Falcão e sua covardia que o metti em uma casa destelhada atado a uma estaca e um milhano junto a elle. Ao milhano davam de comer, mettendo-lhe a carne pela boca, porque tinha o bico debaixo quebrado e os alcanços atados aos sancos, por não arranhar o Falcão nem o morder, se acaso envestisse com elle.

Ao mau Falcão nenhuma cousa lhe davam; e esteve quatro dias sem apegar no milhano; ao quinto achámos o milhano comido. D'este modo lhe pozeram tres mais, aos quaes elle fez o mesmo; d'ali por deante começou a pegar nos milhanos sem carne, deitando-lhes, voando com os olhos cozidos, depois a meia vista, até irem espertos.

Este foi mui excellente milhaneiro. Se á mão vier tal Açor, não se trate com esta rigoridade, que são aves delicadas e não soffrem tanto trabalho; e se fiz esta lembrança foi para exemplo.

Com o Açor tibio se haverá d'esta maneira, trazendo-o na mão aos serões e madrugadas, dando-lhe sempre a roer em cousa de que elle tome gosto, esfregando-lhe as mãos com cotos de gallinha, com que elle tome cocegas, e ir amanhecer no campo com elle, levando alguma coisa viva, trabalhando que entre n'ella, e apegando de qualquer coisa que seja lhe farão gazalhado, deixando-o comer no chão, sempre bo-

lindo, ou com a rôla ou com a pomba que tiver na mão, para que perca o medo, e assim como elle fôr, irá o caçador procedendo, deitando-lhe o pombo de pouco a mais, até que tome a rôla com duas pennas menos de cada aza, e assim entremetendo alguns dias, e o dia antes que haja de ir ao campo boa fome, e se fará em deante o que fica dito atraz no capitulo terceiro, e sendo caso que tal Açor haja, que depois de saber matar deixe as perdizes, se haverá como ensina o capitulo que falla do Açor errado.

CAPITULO VIII

Da alcandora

Para o Açor se fará a alcandora de bom pau lizo e direito; de inverno seja de sovereiro coberto com sua cortiça, de modo que fique liza, sem asperezas; de verão seja de qualquer pau redondo e limpo, sem fendas, e tendo-as se taparão com um betume que se faz com cera e pós de serraduras de pau, e d'este betume se taparão.

O pau não seja onde haja gallinhas, por amor do piolho.

O comprimento da alcandora se fará conforme as aves que tiverem, e sendo para um Açor bastam duas varas de comprido, posta no canto da casa, com boas escapolas.

Assim se deve assegurar para um dia só, como para muitos annos, por não acontecer cahir com o Açor. A casa seja livre de gente e onde não entrem gallinhas nem outras aves. Por baixo lhe porão um panno de linho de largura de uma vara ou mais,

atado ao comprimento da alcandora, por uma das ourelas, e de uma atadura a outra, haja pouco mais de um palmo, porque se o Açor se debater, querendo tornar a alcandora, senão meta por algum dos buracos, e o panno fique bem estendido ao longo da vara, e nas pontas debaixo do panno lhe atarão cordeis e n'elles pedras dependuradas, ou estacas, que o tenham bem estendido.

E porque acontece algumas vezes debatendo-se o Açor, não saber tornar a subir, e muitas vezes o fazem de mal acondicionados, e se deixam morrer enforcados pelas pernas, senão ha quem lhes acuda.

Para evitar este damno uzarão d'esta cautela: cozerão abaixo onde o panno faz o meio, um cordel do comprimento do mesmo panno, de modo que fique como um alforge, que se o Açor se debater possa o Açor descançar n'elle.

O de mais deixo á prudencia do caçador. Haverá tambem alcandora onde haja sol, em que se ponha, que todas as aves hão-de ser fartas de sol e agua, para fazerem o que devem.

CAPITULO IX

Dos caparões, e em que tempo se hão de pôr no Açor e nos Falcões sem cerradouros

TERÁ o caçador caparões para os Açores, quando forem fóra, os quaes serão bem abertos, e ainda que por elles vejam alguma cousa, não faz ao caso, porque lh'os não põem por mais que para as sahidas dos lugares e a entrada d'elles, e para irem quietos pelos caminhos, que só para estas ocasiões se

hão de ter, por evitar debaterem-se e queixarem-se de algumas cousas desacostumadas.

Eu vi um Açor que em vendo um frade, se queixava tanto que se debatia e atitava, e é de notar que não vi nenhum anojadiço que não fosse excellente perdigueiro; tambem terão caparões para os aletos, posto que os portuguezes d'hoje os não costumam, e deve de ser porque os aletos vem de Indias sem elles, e assim os tem e levam á caça com as cabeças descobertas, o que é bem contra a arte, porque se ha-de poupar a qualquer ave uma debatidura como as meninas dos olhos.

Terá o Principe caparões sem cerradouros para pôr nos Falcões, com os quaes ha-de fazer voaria o dia que fôr á caça, que póde acontecer perder-se a ocasião de bom lanço, emquanto o caçador abaixa o rosto para abrir os cerradouros do caparão, e tambem o Falcão costumado a lh'o tirarem quando lhe dão de comer vir com o rosto á luva, e ande sem cerradouros, descobrindo-lhe a cabeça de repente, corre com a vista o ar e campo e vê depressa a ave a que se ha-de largar; e muito melhor se o caçador levanta a mão, em que elle está, e é boa pratica principalmente no passo das aves.

Em Almeirim tambem podem, não havendo caparões sem cerradouros, levar o caparão aberto, que fará o mesmo effeito.

Convem que o caçador tenha sua luva; a de Gavião basta seja de carneiro; para Açor e Falcão, de vaca ou viado, de couro bem adubado e grosso, por a não passarem com as unhas, na qual andará a mão esquerda metida, e para que saiba o caçador novo trazer com arte as aves n'ellas, fará d'este modo: tendo a luva calçada, estenderá o braço, estando estendido fechará a mão com a luva, ajuntando as pon-

tas do dedo polegar ao mostrador, e os tres fechará com a palma da mão, ficando os dois, polegar e mostrador, estendidos d'arte que possa estar no vão de ambos um copo cheio d'agua sem se derramar gota d'ella, porque assim convem que se tragam direitas as aves na mão da luva, que a poucas pessoas vi que trouxessem as aves na mão.

Estas advertencias fiz para aquelles que carecem da noticia d'esta sciencia, que os praticos não tem necessidade d'ella.

CAPITULO X

Dos Açores estrangeiros

Os Açores criam em muitas partes do universo. Aquelles que a este reino trazem de mar em fóra, são de Noruega e de Suecia e de Irlanda, como fica dito com os nossos de Hespanha.

Dos de Noruega e de Suecia tratarei, os quaes trazem mercadores em naus d'Allemanha a este porto de Lisboa. São Açores que fazem vantagem na grandeza de corpo aos de nossa Hespanha e tem a plumagem mais grossa; uns e outros são excellentes.

Havendo de escolher tomem os de muita carne no peito, bem posto na alcandora, direito, descarregado das costas, as azas compridas, os cotos d'ellas altos e delgados, o pescoço longo, a cabeça pequena, o rosto formoso e comprido, ventas bem abertas, bom sobrebico, boas coxas e sancos, mãos enxutas, os dedos d'ellas grossos; os treçós d'estes são bonissimos perdigueiros, mas convem haja caçador soffrido e que saiba que são queixosos e menencorios.

Com os primas caçam os italianos garças, grous e cisnes, e patas bravas e todas as ralés, e as lebres, e trazem galgos de socorro, e não caçam com elles perdizes.

Muitos senhores os tem sómente para effeito de com elles tomarem treinas para os Falcões. Note-se que se tal Açor houver, se não largue á garça, estando posta em terra, que o matára com o bico.

Outros Açores criam em Grecia, na Esclavonia; a estes chamam escravos e são bons Açores; outros criam em Sardenha e os chamam sardos; são pescoçudos e de grandes cabeças e tomam bem os adens e corvos, mas por tempo se fazem ronceiros.

Outros criam em o ducado de Borgonha, são pequenos, mas bons Açores. Outros tomam bravos em Santa Cruz de Campação, com o passo das pombas trocazes, e são mui excellentes, similhantes aos da Noruega na grandeza, tem a plumagem grossa entre branca e amarella: são estremados Açores.

Os tomados de uma muda, são mui estimados dos principes, porque caçam todas as aves com muita galhardia, são muito formosos e tidos em grande preço, e como são tomados bravos convem que haja caçador sabio que os faça com arte e vá com elles muito attento como já fica dito, e se dirá no capitulo seguinte.

CAPITULO XI

Que diz a causa porque os Açores de Noruega morrem muito antes de cevados, e depois duram pouco, e o remedio que haverá n'isso

ESTÁ tão introduzido o abuzo e errada pratica que dos bisonhos caçadores se tem hoje no amansar dos Gaviões e Açores safaros, que por um só que façam manso e domestico dão a morte a muitos Açores de muito preço sem saberem a causa.

Este anno de seiscentos e treze, vi de dez ou quinze Açores que de Allemanha vieram acabarem todos os mais antes de domesticos e mansos, como convinha.

Alguns chegaram a ser cevados; duraram pouco tempo vivos. Constrangido eu de vêr mal tão certo, fiz esta lembrança ao novo caçador e ainda ao que cuida que sabe.

Os Açores que vem a esta cidade, de ultramar, são safaros os mais d'elles, e conhecidos, porque não piam como os ninhegos fazem, e são tomados bravos, rameiros ou com armadilhas; assim safaros os trazem com caparões na cabeça, que logo em os tomando lhes põem que nada vejam por elles, por virem quietos, e assim os vendem aos caçadores, os quaes os atam na alcandora, postos n'ella sem caparão.

Fundam-se os mal praticos, em ver os nossos Açores na alcandora sem caparões, ignorando os nossos ninhegos serem já cevados e mansos e criados pelos homens, o que estes de ultramar não são, os quaes vendo as cousas que elles d'antes não costumavam, se espantam, debatendo-se, dando de uma a mil de-

batiduras, quebrando as pennas dos peitos e bofes e figados; o caçador mal sabio, acode a isto com lhe dar pouco de comer, e ás vezes coração lavado, para que assim com fome constrangido amanse o misero passaro, e quebrantado de cançado, se mostra amigo, ficando das pancadas e mal trato enfermo, criando apostemas nas entranhas e bofes, e assim acabam todos por falta de caçador. E esta é a causa total da morte dos estrangeiros Açores.

Acode-se a este erro com o que digo no capitulo terceiro da criação dos Açores ninhegos, e verá que ainda os Açores criados pelos homens, quando se veem prezos se embravecem e para tornarem a ser amigos dos paes que os criaram, que são os homens, é necessario trabalharem com elles, trazendo-os na mão muitas noites.

Seja agora por avizo ao amigo caçador e aos senhores que comprarem Açores estrangeiros, que lhes não tirem os caparões de dia, e os tragam com elles muitos dias continuos, e de noite com as cabeças descobertas, dando-lhes com uma pena pelo rosto mansamente, e procedam assim até se elles entregarem ao somno e comerem sem receio, como se diz no capitulo quarto, dos Gaviões safaros, e no nono do livro terceiro, no capitulo que ensina a cozer os olhos, e na regra de como se amansam os Falcões, e na que falla no Falcão nebri, e por toda esta arte se verá como as aves se tornam mansas e amigas dos homens, o que se faz com amor e prudencia e soffrimento; com amor, dando-lhe de comer coisas de que tomem gosto; com prudencia considerando o tempo e a necessidade da ave, que umas são differentes na condição das outras; com o soffrimento para que o tenha o caçador para com as aves menencorias e mal acondicionadas, porque umas se mostrarão amigas a pou-

cos lanços, e outras primeiro que o sejam enfadam o caçador.

E posto que diga muitas vezes n'este particular, uma cousa, convem que assim seja, pois vae a vida do Açor e preço d'elle, e o gosto do senhor cujo é. E para satisfação dos que tiverem a contraria opinião darei este exemplo.

Os Açores decotados que se compram e não trabalham com elles aquelle anno, e os tem metidos em casa, dando-lhes de comer sómente sem os vêr ninguem, vivem e mudam, e começando de trabalhar com elles pelo seu modo errado, acabam todos as vidas como os demais.

CAPITULO XII

Dos Açores do Brazil

O anno de seiscentos e oito, mandaram do Brazil ao marquez de Castello Rodrigo dois passaros notaveis; um d'elles mandou a el-rei D. Filippe terceiro, do outro deu cuidado a um caçador, em cuja casa o viram desprezado, que me corri, pela qual razão o vi mais depressa do que agora o contemplo, que quero escrever d'elle.

Na alcandora em que estava posto, notei que tinha boa postura; na grandeza do corpo fazia vantagem aos Açores da nossa Europa, ainda que pouca; tinha o rosto comprido, a cabeça para o corpo antes pequena que grande.

No alto d'ella em direito dos olhos, tinha umas pennas mais compridas que outras, postas como as dos nossos bufos, a modo de cornos, as quaes abaixava ás

vezes; não eram mui compridos, o pescoço bem tirado, as pennas de que tinha o peito coberto eram brancas, sem n'ellas haver pinta alguma; era mais pernalto alguma coisa que os nossos Açores; tinha as mãos mais pequenas, o cabo mais curto. Não fizeram nada com elle, por falta de caçador.

Deve d'haver n'aquellas partes do Brazil aves notaveis para caça, e por falta de quem as conheça, senão sabe d'ellas.

Ao infante D. Luiz, duque de Beja, filho d'el-rei D. Manuel, trouxeram d'aquellas partes do Brazil um girifalto branco, e tão alvo como uma pomba. O principe o teve sem fazer nada com elle, por estado; querendo mandar lá caçadores, por a viagem não ser então tão tratavel como hoje, o dissimulou.

Nas ilhas de Cabo Verde criam Falcões tagarotes, que são mui excellentes perdigueiros.

Não duvido que ainda haja cubiçosos que tornem a renovar esta caça, que ainda vivem as reaes casas do duque de Bragança e de Aveiro, e tres marquezes e vinte e cinco condes, e muitos senhores illustres, muito mais ricos do que nunca foram seus antepassados, pelas muitas mercês que el-rei D. Filippe nosso senhor, lhes tem feito, e havendo homens expertos e praticos n'esta arte, não duvido tornem a este jogo e o levantem do esquecimento em que está posto.

CAPITULO XIII

Como se podem trazer Açores de mar em fora sem perigo

Muitas vezes vem a esta cidade, de fora, Açores tão mal tratados, por serem trazidos por pessoas que os não sabem governar, que é desgosto vêr os miseros Açores com as pennas das azas e do cabo quebradas; e elles todos enlodados com as tolheduras, por virem mettidos em capoeiras cobertas de calhamaço, e dentro lhes deitam o que comem; e posto que a viagem seja breve, poucos dias tratados d'este modo bastam para virem taes. Outros os trazem melhorados como fazenda, mas não como podiam vir sendo trazidos por pessoas que o soubessem, e por evitar não sómente o máo trato das aves, mas ainda a perda de interesse, que não será pequeno áquelles que os souberem trazer e curar; porque n'aquellas partes custam muito pouco dinheiro, e n'estas estão hoje estimados em muito preço, e não duvido que se houvesse quem soubesse tratar as aves, e as trouxesse por mercadoria, interessasse muito e ganhasse de comer.

O melhor modo com que podem vir, é com seus caparões na cabeça, postos elles em suas alcandoras, as quaes sejam a modo d'um catre da India, liados com cordeis, postos a modo de rêde, como os catres de marinheiro, porque venham todos os rostos uns para os outros e os cabos para a banda de fora, o que é facil. Porque tocando elles na rede com os cabos, se viram para fóra e ficam assim com os rostos virados, como digo, e debatendo-se não se enforcam.

Hão-de ser as alcandoras um covado levantadas da terra para que venham limpos, e cobertas de calhamaço em que elles ponham as mãos; o comer quando vierem por mar seja limpo de ossos e nervos; porque não aconselho que se tirem os caparões, sendo a jornada breve, e sendo comprida sim, dando-lhes suas plumadas algumas vezes, ainda que fique sendo trabalho ao caçador tirar-lhe os caparões á noite, e ante-manhã tornar-lh'os a pôr em aquelles que não tiver dado plumadas, que tendo-as aguarde a que as faça.

CAPITULO XIV

Da causa porque os treçós da Allemanha são melhores para as perdizes que os primas

No capitulo dos Açores estrangeiros fica dito serem os treçós melhores perdigueiros que os primas da Noruega, e não diz a causa. Pareciame que devia dar satisfação ao caçador sabio com alguma similhança.

As aguias são aves de rapina e se mantêm de caça que tomam, e são tão animosas que todas as aves as temem, e os Açores em as vendo se acovardam tanto, que na mão do caçador se não tem por seguros e se encolhem, como que se escondem, porque ellas muitas vezes os matam.

Estas, sendo taes, não caçamos com ellas, nem ouvi dizer houvesse nação que com ellas exercitasse a caça; porque são muito grandes e pezadas, e sahindo da mão do caçador não voaria, que mais não corre um cavallo, se de braço tornado e de longe da terra fizessem com ella lanço, isto por sua grandesa e peso.

Da mesma maneira os Açores primas da Noruega e Suecia, e d'algumas partes do norte, por serem muito grandes, não são tão desenvoltos, nem se podem levar voando com aquella levidão e ligeiresa necessaria que convém ao impeto do vôo das nossas perdizes, não por culpa dos Açores, senão da naturesa.

E é tão conforme á razão que para as aguias caçarem e tomarem aquellas aves, de que se hão-de cevar, se levantam de rodéo em muita altura, e quanto mais altas se põem, mais seguro tem seu lanço; porque como ellas são maiores que todas as mais aves de rapina, e mais pezadas, com o pezo rompem mais depressa a densidão do ar, e alcançam, descendo de cima, com muita facilidade, a todas as aves, e lhe não podem fugir, o que não fariam se do longo da terra voaram, como nós voamos com os nossos Açores.

Os aletos pela levidão e ligeireza que tem, por serem pequenos, são hoje muito estimados na caça das perdizes.

Por esta razão os treçós d'aquellas partes são melhores que os primas, por não serem tão grandes, e pouco menores que os primas de Hespanha.

E assim fica satisfeito o caçador amigo, sabendo a causa porque se logo não disse, que algumas vezes dorme o sabio.

CAPITULO XV

De como se treina o Açor para caçar abetardas e garças

Já fica dito que os Açores da Allemanha são sáfaros, e, como taes, costumam-se a cevar de quaesquer aves que lhes offerecem, e assim fica facil ao caçador fazel-o matar as garças e abetardas.

Os nossos hespanhoes tem mais necessidade de algumas treinas, e uns e outros bom é espertal-os.

Querendo o caçador que o seu Açor mate a abetarda, o treinará em os patos mansos, fazendo-os apegar n'elles e dando-lhe de comer em cima, trabalhando que o pato se queixe e levante suas vozes e adeje; e juntamente convem que se ensine o galgo e morda no pato e o mate, e lhe façam pegar na cabeça e lh'a dêem a comer, arrancando-lh'a, que saiba o galgo que tambem ha-de comer do seu trabalho. E isto estando o Açor ou Falcão afferrado no pato, e que veja o Açor o galgo e o galgo o Açor, e se o cão se quizer desmandar o reprehendam.

De tal arte se ha-de haver o caçador que o galgo entenda que não ha-de enojar o Açor ou Falcão, e que ha-de matar o pato, o que elles fazem em muito poucos lanços, e como o Açor entrar nos patos, de quam longe os vir e o galgo souber soccorrer, vá buscar a abetarda, que o mesmo fará que no pato fazia, nas garças e patas bravas; porque os Açores são aves de força e apegadores, e pouco soccorro lhes basta, o que não teem os Falcões que são pequenos e não podem

mais que embaraçar, e tem necessidade de muita diligencia e grande soccorro, e o mesmo que se faça ao Açor não é erro.

Eu vi um Açor nosso afferrado em uma abetarda, ella voar com elle como se não levara nada; o Açor afferrado dependurar-se á terra e ciar as azas para a fazer vir ao chão. E tanto fez que a trouxe abaixo bem longe de nós, que estavamos a pé; mas levavamos um galgo mestiço de soccorro que ajudou bem seu companheiro, e quando chegámos ao nosso Açor elle tinha uma mão apegada no focinho do galgo e a outra na ave.

O galgo estava quedo, soffrendo ter o focinho atravessado das unhas do Açor, sem ganir nem se bolir.

Este Açor e galgo vendeu meu pae ao marquez de Barcarrota por muito dinheiro, e tendo dado sua palavra da venda se entristeceu tanto, que minha mãe lh'o conheceu no rosto dizendo-lhe:

— Senhor, dizei-me a causa da vossa tristeza, que é tanta que se deixa vêr?

Respondeu o bom velho:

— Fez-me a fortuna tão pobre que vendo o meu gosto por dinheiro.

Ella que o amava, lhe disse:

— Não vendaes vosso gosto, que ainda nossos filhos teem pão que comam.

Deu em resposta:

— Quem tem filhos e não é muito rico, não ha-de ter gosto que custe tanto!

Tinha elle esta arte de caça como por officio, e dizia que duas cousas haviam de ter os homens, além de serem verdadeiros: serem caçadores e amigos de cavallos.

A ultima ave de caça que teve o infante D. Luiz, foi um Açor nosso que matava os corvos e as gar-

ças; era de Noruega. Este de sua natureza era inclinado ás ralés, e em vendo o casal se ia para elle a matar as gallinhas, pela qual rasão o treinam os em os corvos, e os matava estranhamente, e as garças tambem, como um Falcão sacre.

Este Açor já depois do infante ter deixado a caça, e meu pae aposentado, o mandou chamar e trouxe o Açor, com que elle folgou em extremo por lhe vêr matar os corvos, que lhe aconteceu vêr fazerem tanta poeira, andando ás voltas, como dois justadores a cavallo.

O Principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião, folgava com Açor em extremo, e com quem o tinha, que n'aquelle tempo se mantinham os homens mais dos favores dos principes que do dinheiro que lhes então podiam dar, porque eram pobres.

Estando o infante nos paços d'Almeirim a uma janella, vendo uma garça que se poz á sua vista, mandou que viesse o Açor.

Vindo meu pae, entrou onde o Principe estava, o qual lhe deitou o braço pelo pescoço e o levou á janella, e lhe mostrou o lugar onde a garça estava posta, e que se não havia de tirar d'ali até lhe não vêr matar a garça. Foi tão venturoso que a matou, fazendo o Açor no ar tornos como se fôra um Falcão.

O infante festejou muito a vista, e disse publicamente, que muitos o ouviram:

— Homens me servem a mim na caça, que fazem muita vantagem aos que tenho no serviço de minha casa.

CAPITULO XVI

Como se fará a muda ao Açor, e como se ha-de governar

A casa onde houver de estar o Açor para mudar, seja antes grande que pequena, tenha janellas, pelas quaes lhe entre o sol e vento, e seja, se possivel fôr, norte, que é mais saudavel.

Nas janellas se porão vergas de pau, que por ellas entra o sol e o Açor se não possa esçoar fóra. E se parecer bem, se pode pôr uma rède do tamanho da janella, antes das vergas ou reixas, por que as aves encerradas desejam sahir ao campo, e podem commetter a sahida, e anteposta a rêde priva que nem elle commettendo possa sahir sem metter a cabeça por entre as vergas e se afogar, como já aconteceu.

Na casa se porão alguns feixes pequenos de carqueija ou vides, onde o sol mais assistir, porque os Açores se hão-de vir deitar n'elles algumas vezes, que na criação assim o fazem.

Pôr-se-ha seu alguidar com agua limpa, para o Açor a tomar se quizer.

Tambem se lhe põe areia espalhada: ainda que eu nunca vi Açor nem Gavião que se espojasse n'ella, mas pode muito o costume.

Pode-se tambem ter um alguidar com algumas hervas, assim como salsa e hortelã, que não duvido que folgue o Açor com aquella verdura.

Para o Açor bastam duas alcandoras e o banco em que se houver de atar a carne que houver de comer, a qual se atará com uma corrèa, porque a corda roerá elle e a engulirá.

O comer sejam rôlas bem cevadas, pombinhos dos grandes e estes bem depennados, e as tripas fóra, e os ossos das azas e pernas, e os pés e o pescoço machucado, e os nós de todas as juntas, que se os comer os faça em plumadas.

Muitas vezes é bom mudar-lhes os comeres, dando-lhes coração de carneiro e de vacca, pardaes e trigueirões. São bons todos os passaros que se mantêem de sementes, os pequenos mal depennados e tripas fóra, os côtos das azas e dos pés e pernas machucados, que elles os farão em plumadas.

Os pombos e rôlas e outras aves grandes que se lhes porão, se limparão com um panno por não levarem piolho, e sendo a casa grande entre o caçador n'ella mansamente e deixe-se estar quieto vendo o que o Açor faz.

Se não muda como deve e que come mal, e se tiver semblante triste, differente do que costuma, o tomará á noite na mão, e estando baixo de carnes cure d'elle com boas viandas, e se lhe póde dar alguns papos de toucinho fresco, limpo das feveras de carne, que os Açores o comem com muito gosto e engordam, e guarecido se torne á muda, e estando enfermo e não andando, se fará o que ensina o capitulo que vae adiante no tratado dos Falcões.

CAPITULO XVII

Da purga para os Açores

As cousas ordenadas conforme a rasão não podem ter mau successo. Os medicos primeiro que purguem os enfermos preparam os humores e os põem em caminho para com facilidade os evacuarem, e lançarem fóra do corpo doente.

A mesma ordem é bem se tenha com as aves que tiverem necessidade de serem purgadas. Sendo verão, querendo metter o Açor ou Falcão na muda, aconselham todos que se purgue primeiro.

Preparar-se-ha xarope de cozimento de malvas, como em quartilho e meio, um molho pequeno, ferva, que fique em um quartilho; n'este cozimento se deita um pequeno de assucar e se torne ao fogo, que faça uma fervura.

Em este xarope desfarão um coração de carneiro, em pequenos, limpo dos nervos e gordura; e o darão a comer ao Açor estando morno o xarope.

Ha-de ser a terça parte do xarope sómente, porque sendo a carne molhada em toda a quantia se damnará a que restar.

E assim se faz segundo e terceiro dia, e á noite de um frangão ou do mesmo coração de carneiro.

Tambem podem fazer o mesmo cozimento de borragens, que ambas tem virtude de abrandar e mollificar.

A purga se fará de mechoação que se vende nas boticas, o qual farão em pó, e delle tomarão tanta quantidade d'estes pós como meio tostão cagulado d'elles,

e formará d'estes pós uma pilola, os quaes juntará com o dedo molhado em mel, e fará a pilola do comprimento d'um pinhão.

Esta dará ao Açor ao terceiro dia depois do xarope, e da mesma maneira se póde fazer de Azibar, e a embrulhará em uma pelle de frangão, dando-lhe de comer sua tutella de frangão, e ao outro dia lhe provarão a agua com seu membro de gallinha.

Esta purga basta para os Açores.

Podem-se dar os pós envoltos na carne, que são faceis de tomar. E sendo caso que de mar em fóra venham Açores ou Falcões, sendo de verão se haverão com os mesmos xaropes, e de inverno se farão de raizes de lyrio, que aquelle cozimento tem virtude de mollificar, e é temperado.

Primeiro que se purgue a ave se deve considerar a disposição e como está de carnes; se estiver falto d'ellas vá a tento, dando-lhe de comer até que as tome, e então a purgue, como fica dito.

Os xaropes se farão tomando uma onça e meia de raizes de lyrio, mondando-lhe a casquinha de cima, da terra, e a cortarão em pequenos delgados e a deitarão a cozer na quantidade d'agua que acima digo, e tiradas as raizes depois de cozidas, lhe deitarão seu assucar, e n'este xarope se fará o mesmo que digo com o coração de carneiro.

Regra ao caçador novo

Para o caçador são necessarios podengos, os quaes tenham amizade e conhecimento com o Açor, o qual comendo na mão sem receio, indo mostrando amizade lhe darão de comer sendo presentes os podengos que houverem de caçar com o Açor.

Basta ao principio serem quatro, sendo estremados;

depois de o Açor estar perfeitamente cevado se usará d'aquelles de que o caçador levar gosto; e quando derem de comer ao Açor os convidarão com alguma cousa, chamando cada um por seu nome, o qual será de poucas sillabas, assim como: Turco, Tejo, Limão, Roza, Silva, Bruca e outros por que elles ficam entendendo melhor o caçador, e custa-lhe menos a pronunciação pela brevidade do nome.

Aos cães se dará de comer na casa onde o Açor estiver, fazendo-os conhecidos do Açor, e se algum na ferida costumar a comer as perdizes se castigará pondo-se-lhe uma perdiz em terra, e sobre ella boas pancadas.

Eu tive um podengo excellente de feridas de balsas, e n'ellas me engolia as perdizes, o que conheci por lhe vêr pennas na bocca, onde as perdizes me faltavam; elle se emendou com o castigo.

Trabalhe porque não venha o Açor em conhecimento das perdizes de mão, nem das revoadas, que costumando-o a isso mais do necessario se faz preguiçoso, e entrando elle bem na revoada se busque a dever entrar depressa, que não esteja ella descançada fazendo bom lanço, que o Açor fará seu dever, e sendo as perdizes novas melhor.

De inverno convem se tenha industria, buscando perdizes que não sejam apuradas, tendo lembrança que se deixe o Açor com uma perdiz em terra, quatro ou cinco vezes, e a que elle melhor voar se deixará estar mais tempo, fazendo-lhe gazalhado, fallando-lhe, dando-lhe o coração e entertinho com alguma gordura, que entenda elle que folgava com o que fez. E se fôr a terra raza na qual as perdizes correm muito, e o Açor a tiver assentada, posto em terra se levantará na mão, porque não aconteça ao caçador o erro de Antonio Barroso, caçador do duque d'Aveiro,

o qual voando uma perdiz deante do duque e do senhor D. Antonio, filho do infante D. Luiz, o Açor rendeu a sua passara em uma charneca rasa. O Açor se poz em terra por não achar em que se melhorasse; o caçador mór do senhor D. Antonio foi de parecer que o Barroso levantasse o seu Açor na mão, o qual confiado na bondade do passaro o deixou estar.

A perdiz correu muito espaço e sahiu longe, d'onde o Açor estava posto, com os olhos na parte onde a perdiz se puzera, e por mais que o caçador gritou á perdiz levantada, o Açor embebido, parecendo-lhe que a tinha perto se deixou estar, e a perdiz escapou.

Foi festejado este erro, d'aquelles senhores, dando matraca ao Barroso, que se tinha por grande caçador, o que elle sentiu.

Costume é entre os caçadores de Andaluzia, levantarem os Açores na mão, estando na ferida, os quaes estão já tão costumados a isso, que em o caçador o levantando se põem n'ella, o que se uza n'aquella terra por ser chã e de palmares e muito raza, e os Açores não terem onde se melhorar· mas em parte que o Açor estiver na ferida, melhorado, se deixará estar, porque muitas vezes veem elles primeiro a perdiz que os podengos a levantem, e a caçam, e é bom deixal-os fazer a elles

Todas as vezes que possivel fôr, dando de comer ao Açor, em casa no campo, se chamará á mão, porque assim costumado fica bem recolhido, que é grande falta não o ser.

Nota que sendo dia de vento se deixe estar o Açor, ainda que temperado esteja para ir fóra, que os dias de vento são mui contrarios á caça das aves, só para a dos veados aproveita, e das aves só á dos girifaltes, que quer vento, d'onde nasceu aquelle adagio: — o sa-

cre com chuva, o girifalte com vento, nibri com bom tempo.

E se se achar no campo e o vento se levantar, o bom é cevar e vir, e tornar a casa.

E se o desejo de comer perdizes e confiado na bondade do Açor, em tal dia se caçar, que ás vezes a cubiça rompe o saco, desse pouco de comer ao Açor, quando se cevar, que o trabalho de voar em tal dia quebranta, e ainda mais se fôr o dia frio; pelo que se dará pouco de comer ao cevar, depois alguns dias de folga que descance d'aquelle trabalho, e boas viandas.

Nota que tirando o Açor da muda, que será á noite, aquella e quatro mais se trará na mão até á madrugada, que se tornará a meter na muda como d'antes andava solto, e ao quinto dia que já então deve estar quebrantado algum tanto com o somno, se entrará com elle na casa com resguardo, e ainda que se mova de uma alcandora para outra, não importa, que com aquella mudança e voar se lhe desfará a enxulha.

E vendo o caçador que elle está já brando, com elle na mão sahirá de noite a algum rio que tenha agua em que se possa pôr; e n'ella mansamente o deixará estar com os pés mettidos n'agua, e com uma varazinha lhe deite algumas gôtas no corpo e rosto que sinta aquella frescura, e se fizer mostra de a querer provar, com a varinha o vão entrando n'agua, que póde ser que a tome, e será bom assim para se deceinar, como para se tirar d'aquelle orgulho com que sahiu da muda; e se digo seja feita esta obra de noite, é porque se não escandalize o Açor e tome medo á agua e não queira depois entrar n'ella, que se a ave não fôr farta do sol e agua não pode fazer cousa que boa seja.

Alguns caçadores pela razão de mais depressa se

desfazer a enxulha lhe tiram o comer, de modo que quando o querem cevar, está tão baixo de carne que não póde fazer o que deve, e é erro notavel, porque de uma maneira se ha-de haver o caçador com o Açor bravo, d'outra com o bem acondicionado.

Porque pode haver passaro, o qual antes de deceinado de todo se pode cevar, que voando, melhor se deceina e mais depressa se desfaz a enxulha. Digo que estando o Açor manso que se atreva a largar-se solto mostrando vontade de comer, dando-lhe d'um coração de carneiro lavado, um dia antes; amanhecendo no campo entre as perdizes, se pode largar com bom lanço pegado, antes que o sol aqueça, e n'ella se dê de comer ao Açor as pernas sómente; e assim procedendo com resguardo se deceinará com facilidade e menos trabalho pondo-o n'agua e é boa pratica.

E sendo os Açores bravos e mal acondicionados se haverão pelo contrario, trazendo-os muitas noites na mão, amanhecendo com elles no campo, e os chamarão a ella tendo presentes os podengos.

Conhecer-se-ha o Açor estar deceinado na fome que mostrar e na levidão com que voar. E se perdeu a fome por razão da enxulha quebrada, se uzará como ensina o capitulo que d'isto trata, que vae adiante.

E sendo caso que o Açor seja muito cubiçoso das perdizes e no campo debatidiço, que não é mais n'elle, convem que haja soffrimento e prudencia acudindo-lhe com lhe dar algumas picadas de carne com que o entretenham, que pode ser que o desejo de voar o faz debater a meudo; que eu vi caçadores tão mal soffridos que se agastavam com os Açores, sacudindo com a mão, e os pobres passaros dando com os peitos na luva.

E se não ha prudencia são de pouca dura, e por

boas azas que tenham, quando vêem ao cabo da ferida não podem ir tão frescos como os Açores quietos.

Com estes se haverá o caçador dando-lhe a carne molhada em arzolla e sua agua, e alguns dias alguns papos com alquitira, tomando um coração de carneiro limpo de pelle e nervos, desfeito em alquitira, com arte, que vá cada bocado da carne envolto n'ella, e se o Açor a não quizer comer e fôr de pouca fome, lhe darão os pós passados por peneira em bocadinhos, de modo que os não sinta, e isto se fará em dias de sol, e aos debatidiços, que lhes refresca o figado e esfria o sangue, e o mesmo faz a zaragatoa e a resina das amexieiras.

Nota que em dias de grande sol andando no campo com um Açor se achegue a algum rio ou ribeiro d'agua para que os podengos bebam, os quaes de sua natureza são quentissimos, e com a sede e calma se encheriam de sarna, e podem raivar; pela qual razão vindo da caça dos perdigões no verão, lhes mandarão deitar agua fresca em um alguidar grande e o pão molhado n'ella; e querendo o caçador que os seus podengos se melhorem no cheiro, para rastejarem melhor, lhe darão o pão molhado na agua com pós de enxofre, assim aos podengos, como a sobujos.

Os podengos filhos de cães de coelhos são excellentes perdigueiros e muito duros.

Primeiro que se meta o Açor na muda, veja o caçador se tem piolhos, e tendo-os, lh'os tire, e se fará o que diz o capitulo que d'isso falla, que vae adiante.

Em dezembro, janeiro e fevereiro, que são os mezes mais frios, se dará a carne sempre quente, passada por agua cosida com salsa ou canella, porque muitas vezes, com as noites grandes, se resfria o buxo, e alguns caçadores lhe dão na plumada um dente de

alho, porque o frio é inimigo de todas as cousas sentivas, até dos ossos e tutanos.

E é tão conforme á razão, que as mesmas aves se sahem da Allemanha e se veem a estas nossas partes por conservação da vida; e convem para a conservação de nossos lindisssimos Gaviões termos conta n'este tempo mais com elles, que outro nenhum, dando-lhes passaros vivos, os côtos das azas, e algumas pennas miudas em plumadas, e não os tendo a carne seja quente, passada por agua morna, cozida com espique, canella ou salsa; e sua plumada d'algodão. Podem-lhe dar na plumada estes mezes até todo fevereiro, misturada com os fios, um pequeno de folha de massa que vem da India, pós de cravo, de herva doce, e para que lhe não falte nunca alguma cousa quente lhe podem dar, á conta d'isto, pimentos dos que deitam os castelhanos por adubos nas panellas, que são quentissimos.

Ao Gavião se dê tanto d'aquella casquinha dos pimentos que seja quantidade da unha do dedo meminho, e ao Açor e Falcão duas partes mais.

Estando no Crato n'estes mezes, morreram dois Açores a Simão Mascarenhas, Deão d'Evora, e outro Açor meu, todos tres gordos, sem mostras de enfermidade alguma.

Feita anatomia n'elles, não se lhes achou cousa que notar se podesse, mais que terem os buxos franzidos, e assentaram os caçadores ser de frio, porque ainda que nunca lhe faltaram suas plumadas, depois de as elles fazerem, ficando o buxo esfriado e sem nada, se franzio, e vieram os Açores a não poderem ter nada nelle e regeitarem até o sangue de pombinhos que lhes davam, que bem se suspeitou o que podia ser, por ser anno frio.

E para remedio de mal tão certo, pois vemos que

não escapa Gavião com vida a estes mezes, posto que custem pouco dinheiro, póde haver alguns de estima, que tenham seus donos pena e desgosto vendo que lhe morrem, pelo que me pareceu convinha n'estes mezes dar aos Gaviões algumas cousas das que acima digo.

E sendo caso que os Gaviões mostrem signal d'alguma agua, ou outra qualquer ave, lhes chuparão as ventas, que com isto se descarrega a cabeça da ave, e não haja o caçador asco d'isso, que não tem mais que algum salgado.

Nota que a tolhedura que fizer o Açor ou qualquer outra ave de caça sendo grossa e alva, e o preto d'ella grosso, é bom signal; e a que fôr delgada e o preto d'ella o mesmo e sahir misturada com algum máo cheiro, lhe acudam com boas viandas, das quaes já fallei na criação do Gavião.

E sendo a tolhedura verde ou com mostras d'isso, declara indicio de quebrantamento de corpo; o remedio é: boas viandas, pouco e a meudo.

Notando estou que o meu caçador me pergunte como temperará o seu Açor o dia antes de ir á caça para que o leve bem apontado.

Tres cousas convem se considerem: A primeira se está farto de sol e agua; a segunda se é o Açor bem acondicionado, e de fome ou aspero e sem ella; a terceira se tem carnes.

Se fôr bem acondicionado e andar cevadiço pouco basta dar-lhe pela manhã uma perna de gallinha, e á noite uma coxa toda com sua plumada, e não dando gallinha, que aconselho se dê, que assim o sentirão no voar, se dará a terça parte menos pela manhã e á tarde ametade menos do que lhe dava d'antes, e a sua plumada, e sendo aspero, *mucha pluma y poca carne*, *que havemos de bolar mañana*, como fazem os cas-

telhanos, lembrando que as aves ensinam como se hão-de haver os caçadores com ellas.

E sendo caso que se dê pouco de comer o dia d'antes, amanheça o caçador entre as perdizes e logo na primeira contente o seu Açor com lhe dar de uma perna de perdiz e a roer no toutiço, e o coração e a carne da muela, cousa que sinta elle que comeu; e assim se procederá como elle fizer, que n'isto de temperar não ha regra certa.

Eu tive um vó de milhano de tres sacres; ao principio os temperava todos por uma via. Entre estes havia um grande de corpo, o qual ensinei para me ficar com a presa. Costumava dar a todos coração lavado em agua morna, e que elles dentro na porcellana tirassem a carne que haviam de comer de dentro d'agua em que estava desfeita; ao grande deixava comer como grande, e ao pequeno menos.

Veio o meu sacre grande, pelo temperar muito, a enfranquecer, que se deixou vêr conhecidamente. Fomos temperando menos, e de tal modo, que sem tempera viemos a voar com elle, e nem por isso deixava de se abraçar com o milhano e afferral-o, de modo que em setenta e tantos que em um anno matámos, não tinha menos preso cada um que pela cabeça com uma mão, por o não morder, e com a outra, ou uma das mãos do milhano, ou ambas; o que fazia não por a tempera, que já então lhe não dava, e ás vezes a muita tempera destempera. O Açor ha-de ir caçando e comendo.

O cevar costumam os que caçam com aves alheias, por lhes ficarem os peitos das perdizes inteiros, darem as pernas, pescoço, e coração, cabeça e olhos e a carne da muela, e alguma cousa do figado, e o pé da perdiz mastigado bastante cevadura fica sendo; mas o meu amigo dê os peitos ao seu Açor, e assim o terá elle para sua caça.

Alguns caçadores mais amigos de se pouparem que de fazerem bem o officio, não guardam bem os preceitos da arte da caça, querendo amansar as aves safaras, Gaviões, Esmerilhões e ainda Falcões e Açores.

Para os matinar fazem uma alcandora como redouça em que se abalançam os meninos, atada em cordas e dependuradas n'ellas põem o pau d'alcandora e n'elle atam as suas aves, para emquanto bolir, ellas nãc durmam; o qual põem em casa e onde elles tem a sua cama, com candêa, para que as aves vendo-a, pelo descostume não durmam; e de quando em quando com uma corda que tem atada na mesma alcandora os embalançam, e d'este modo tirando-lhes o somno os fazem pasmar: parecendo-lhes a elles que os tem mansos, os quaes tornando em si, ficam o que d'antes eram e nunca são bem amigos.

Nos Gaviões e Esmerilhões se pode soffrer este modo, mas nos Falcões e Açores, que são aves de estima, são dinos de reprehensão, porque nunca farão cousa boa.

Notem tambem outro mal peior, que é morte total dos Açores estrangeiros, como fica dito no capitulo onze.

Costumam os mal praticos comprando os Açores aos allemães que a esta cidade trazem, sendo safaros, tirarem-lhes os caparões e pôrem-nos á vista de todos, sem mais os trazerem na mão de noite, nem curarem d'elles com arte; e a puras debatiduras se criam em suas entranhas apostêmas de que morrem.

Aqui acudirá o caçador amigo como ensina o capitulo onze. Lembrando que não ha arte alguma na qual não sirvam os erros que n'ella se fazem de doutrina para aquelles que depois a professam, pelo que acabarei esta segunda parte, advertindo ao meu novo caçador, o qne aconteceu este anno de 615 a dois se-

nhores, os quaes sahiram d'esta cidade com cada seu Açor á caça dos perdigões, e cada um foi por sua parte, com intento de fazer inveja ao que menos perdigões matasse.

D. Diniz de Faro, filho de D. Estevão de Faro, vedor da fazenda de Sua Magestade, o primeiro dia que largou o seu Açor lhe fugio, e se passaram quatro dias antes de o cobrarem. D. Pedro Castello Branco, que foi com outro Açor, o qual sem lhe fugir, o fez peior, debatando-se e não querendo andar na mão seguro, sem olhar a perdiz nem perdigão, e ainda que differentes no modo, o erro vem a ser todo um.

E não se hajam os caçadores sem culpa, porque o Açor que no campo se debatia, levando-o na mão, era pelo costume que tinha de lhe darem de comer em casa, e o tinham convertido em natureza. Porque os senhores que similhantes Açores têem guardados para os perdigões, não tendo caçadores praticos, não fazem mais que dar-lhe de comer e pol-os na alcandora; e outros pelos terem mimozos os largam soltos na casa, e sem mais condição nem arte os tiram d'ella, parecendo-lhe que sendo Açores e com lhe darem de comer dois dias d'um coração lavado, ficam com fome, levidão e doutrina bastante para em vendo as perdizes as levarem na mão, havendo de ser muito pelo contrario.

Pelo que advirto ao meu caçador novo, que antes de sahir á caça com Açores sobrepostos, costumados a estarem encerrados, dando-lhe de comer em casa se haja com arte, como já disse no ensino dos Açores novos, levantando-se de madrugada, levando o Açor na mão alguns dias a cavallo, com os podengos, e lhe dê de comer no campo chamando-o á mão, pondo-o n'agua, e tomada o deixe estar no campo sobre uma pedra, curando de si; dando-lhe primeiro

que na agua o ponha umas picadas de carne, tanto como uma noz pequena, e depois lhe dê a comer, chamando-o á mão, tendo deante os podengos com que ha-de caçar.

Isto fará o caçador de tres em tres dias, dando-lhe boas madrugadas, e não lhe tirando o comer; e alguma vez leve o caçador comsigo um pombo que bem vôe e o largue no ar voando, e n'elle lhe dê de comer; e com isto o irá espertando do descuido do tempo que está na casa sem vêr o campo, e se lhe fará fome verdadeira, por que ainda que elles a mostrem na casa, não fica sendo qual convem para a caça; pelo que muitas vezes encommendei madrugassem com as aves e as trouxessem na mão, porque sendo assim tratadas serão amigas do caçador, o qual procedendo com os Açores, como fica dito n'este tractado, não cahirá em similhantes erros.

Alguns caçadores parecendo-lhe que com matarem os mochos com os seus Açores, os tem com lembrança viva para se não esquecerem das perdizes, e com elles matam os mochos, n'elles os cevam fazendo-lhe festa como se fossem as perdizes, para que elles os tem guardados, não sendo conforme á arte da caça; porque costumados a comerem no que lhe custa pouco trabalho em matar, e voa pouco, desconfiam se topam com perdigão aspero e que lhe trinque, o deixam; e com isto deixo a caça do Açor e me passo a tratar das Aguias.

CAPITULO XVIII

Da aguia e a razão por que das aves de rapina são maiores as femeas que os machos, e melhores na caça

A aguia é contada entre as aves de rapina, a rainha de todas as aves, porque todas a temem, e em a vendo se acovardam, e não se chama rainha pela corôa que tem na cabeça, que muitos Falcões a têem, nem por ter os olhos fixos no sol, e em seus raios, sem os mover, que todas aves de rapina fazem o mesmo. E não cuidem os que não sabem que o caparão que se põe aos Falcões na cabeça que seja por elles não soffrerem os raios do sol, que se o trazem é por se não debaterem pela gallinha ou pomba, vendo-a, de que se elles se mantem e comem.

A aguia se chama a rainha por que caça differente das outras aves, porque os Açores, Gaviões e Falcões caçam differentemente, os quaes como sejam levissimos, de qualquer modo que se lhe offerece a ralé de que se querem cevar, a seguem e alcançam ; a aguia muito pelo contrario, porque para tomar a caça de que se ha-de cevar se levanta o mais alto que se pode, e com voltas que faz rodeando no ar para ir descobrindo assim as aves do céo, como as que estão postas na terra, e quanto mais alto se levanta, tanto mais descobre e vê a ave que atravessa o ar, a lebre, o coelho, ou perdiz andando buscando o comer pela terra, e ao que apetece se deixa cahir ; e como é ave muito grande e pesada desce mais depressa, rompendo com o peso a densidão dos ares que todas as

mais, e as alcança e prende, e lhe não escapam os que ficam debaixo d'ella.

E por ser o seu caçar differente e descer do alto, se pode ter por rainha, e por se acovardarem todas as aves diante d'ella; e tanto que os Açores, ainda que na mão do caçador vão, em a vendo, se encolhem e assobiam, dando signal ao caçador como elles a vêem, a que os não larguem.

E além de todas estas cousas, é das aves de rapina a maior; e faz muita vantagem a todas as aves que se mantem de caçar outras para sua comida.

E ó mesmo na força, que a tem tanta, que d'ella diz Frei João dos Santos, em o livro da historia da Ethiopia:

«Que vio uma aguia levar um bugio grande com um cêpo atado, voando pelo ar, como se não levasse nada».

O que nós sabemos que uma lebre leva, como se fosse um passaro, é um cordeiro pequeno.

Ellas matam os nossos Açores, e de uma vez que os levem nas mãos, logo os acabam e morrem de virem atravessados com as unhas.

A mim me aconteceu, sendo moço, andando á caça do Açor, largando-o a uma perdiz, cahir a elle uma aguia, a qual devia estar tão mettida no alto, que a não via o meu Açor, porque se a vira não voara atraz da sua perdiz, nem eu tão pouco a enxerguei.

E largando o Açor ouvi no ceu, por cima de mim, um ruido como de foguete, que me constrangeu levantar os olhos.

Vi um vulto a meio ar (não sabendo o que fosse) affirmo que tive pavor; mas logo conheci ser aguia que vinha cahindo ao meu passaro, o qual de medo deixou a perdiz e se metteu em uma arvore, sendo de mim com muita pressa soccorrido, correndo a ca-

vallo, gritando, levantando a voz, dando com o chapeu acenos. Muitas vezes acontece andarem ellas todo um dia á vista dos caçadores para cahirem ás aves que elles levantam, e d'este modo se cevam cahindo do alto.

Mas ás vezes acontece trocarem-se as sortes.

A uma aconteceu, andando á caça de coelho D. Luiz de Moura, e D. Rolim e outros companheiros em uma queimada em Ribatejo, dos forões que levavam se sahio fóra da barca um sem se sentir, e ficando longe dos amos pela terra e queimada foi visto d'uma aguia, a qual desceu a elle e o tomou com as mãos; e como as unhas e mãos das aguias sejam muito grandes e o bicho muito delgado, ficou na chave da mão livre das unhas agudas da aguia, a qual querendo-se cevar n'elle abaixando a cabeça o forão apegou com a bocca e dentes das guellas e garganta da ave e a matou á vista dos caçadores, que até então não tinham achado o forão menos, o qual levaram livre e a aguia morta. Tudo se póde cuidar d'este bicho pelo animo atrevido que tem, e boa sorte que este teve em caso tão arriscado.

Não se sabe que na nossa Europa houvesse pessoa que tivesse aguia de caça, porque é ave muito grande e não haverá braço que sustente o peso, e seria perigo ao que com ella tratasse de se aleijar, que lhe atravessaria com as unhas os braços, ferindo o caçador.

A aguia femea é maior que o macho, como o são todas as aves de rapina, Falcões, Açores, Gaviões e Esmerilhões, sendo pelo contrario das outras aves, que o não são. O nosso perú e gallos e perdigão são maiores os machos que as femeas; e assim o são todas as mais aves. Sómente as que se mantem de caçar outras aves, para n'ellas se cevarem, as femeas são maiores que os machos.

A razão é que a natureza não fez cousa imperfeita, porque as femeas dos animaes criam seus filhos com o leite de suas têtas; vêr a ovelha, que sómente se mantem d'hervas do campo, com o tenro cordeiro logo que nasce, coberto d'aquella pelle carnosa, a mãe com a bocca, que nunca outra cousa gostou se não hervasinha do campo, lamber e engulir aquella pelle carnosa cheia de sangue, a limpar, lambendo o filho, e com a bocca e focinho encaminhando onde acha as têtas cheias de leite. Os machos nada d'isso curam.

Assim proveu a natureza as aves de rapina, sabendo que as mães são as que mais amam os filhos, pelo que fez as femeas mais animosas e maiores de corpo, e mais voadoras e de maiores forças que os machos, para que com as azas alcançassem as outras aves e com as forças as derribassem, e com as unhas e garras e bico as poderem facilmente matar. E sendo as aves grandes tivessem forças para as poderem levar ao ninho d'onde estão os filhos que ha-de manter e e criar, pelo que os machos nas aves de rapina são mui pequenos e fracos, d'onde veiu aquelle adagio antigo dos caçadores:

«*Ave treçuela ni mata ni buela*»

Esta é a causa pela qual eu julgo das aves de rapina serem as femeas maiores e melhores, como são Falcões, Açores, Gaviões e Esmerilhões.

E tanta vantagem faz á aguia femea a aguia treçó, como o nosso perú macho á femea, e, tanta nos nossos Falcões e Açores, os primas aos treçós, quanto os nossos gallos ás gallinhas ou mais, e tanta os Gaviões e Esmerilhões primas aos treçós quanta os perdigões machos ás femeas.

Tinham as aves de rapina necessidade d'isto ser assim, porque os pobres passaros hão-de sustentar os filhos de comida até elles serem compridos e escana-

dos, e estarem tão enxutos do sangue nas pennas como os mesmos paes; porque ainda que cobertos de pennas sejam, não tem levidão para alcançar voando traz as outras aves desenvoltamente; pelo que os paes tem com elles mais trabalho que as outras aves, que até que são grandes os sustentam e mantem mettendo-lhe a caça nas mãos, e elles a depennam e comem, o que eu vi na villa de Ourique, serra de Ronda.

Criava uma muda de Falcões em uma rocha, onde não ousava ninguem subir, por ser de pedra talhada e altissima.

Ali, á vista de todos os da villa, vinham os paes, já depois d'elles andarem voando fóra do ninho, e lhe traziam o pombo trocaz, e rôla, e a perdiz, e o laparo, e lh'o largavam no ar, e elles o vinham tomar aos paes. E assim procedem sempre até os criarem de todo, muito differentemente de como se hão as mais aves; porque a perdiz e coderniz tanto que sahem os filhos da casca do ovo vão buscar seu mantimento, e o mesmo faz o perú e todas as aves que se mantem de sementes, que aquelles que se mantem de cibalho estão no ninho até grandes.

CAPITULO XIX

Como as aguias criam seus filhos

Os escriptores que fallam d'aquellas cousas das quaes não tem noticia certa, nem sciencia verdadeira, querendo por informações mal dadas affirmar opiniões sem fundamento, cahem muitas vezes em erros notaveis, querendo que as aguias deitem seus filhos dos ninhos em terra, por não terem

os olhos seguros no sol e seus raios, como se seus filhos não fossem.

Não vejo razão que satisfaça ao entendimento, a que se não possa cuidar o contrario.

Nasceu esta opinião d'algumas veses se acharem os filhos d'estas cahidos aos pés das arvores d'onde ellas tem os ninhos.

As Aguias e os Açores e Gaviões criam em arvores e fabricam seus ninhos com pausinhos liando uns com outros, e assim tecidos e liados sem outra cousa criam, e como são já grandesinhos, os filhos movem-se pelo ninho, e com o movimento aquelle liame se destece, e não está tão firme como os paes a principio o fizeram, e querendo elles fazer suas tolheduras se achegam ás bordas do ninho, e como está desliado cahem elles e alguns pausinhos do ninho em terra, como muitas vezes se viu nos Gaviões e Açores. D'aqui nasceu aos escriptores dizerem que as aguias lançavam os filhos do ninho abaixo por não terem os olhos seguros sem pestanejarem postos no sol.

Diga-me alguem como o sabe, ou quem o vio, que o que eu das aves sei amarem os filhos tanto em pequenos, que os serranos quando sobem a tirar dos ninhos os Gaviões e Açores novos, os paes afferram dos homens de tal modo que muitas vezes se deixam tomar dos homens que lhe levam os filhos.

A mim me contou um d'estes, que tirando os filhos a um Açor, por não se absentar e tornar a criar n'aquella querença, em logar dos filhos que lhe tirou poz dois corvos novos, e os Açores os criaram como filhos, e me affirmaram que se n'aquelle tempo lhe pozessem um sapo o criariam.

Tulio, nas *Familiares*, diz fallando das aves: *Ita suos pulos ad tempus amant, ut nihil suprapossit esse.*

De tal maneira, diz elle, amam as aves seus filhos sendo pequenos, que não póde mais ser.

Muitos exemplos podera trazer para verificação das aves amarem seus filhos n'aquelle tempo de pequenos em summo gráo de amor, o que se vê bem nas nossas gallinhas, as quaes criam como filhos as adens, as quaes não fazem caso d'ellas e se mettem nas aguas.

As gallinhas andam de longo d'ellas pela terra, os chamam, das quaes, como digo, elles fazem pouco caso, porque a natureza a cada ave deu sua voz, os pintainhos sahidos d'aquelle dia do ovo, se a mãe vê o melhano, e lhe dá aquellas vozes medrosas, elles se escondem; mas como ellas estejam sobre os ovos, d'estes os amam e tem por filhos, posto que á voz não accudam, e os agazalha sahidos da agua, como filhos naturaes, não no sendo.

O mesmo farão nas aguias, das quaes os escriptores dizem muitas grandezas.

Joannes Textor, em sua *Officina*, diz serem seis generos, e que algumas matam os cervos apegando-lhe nos cornos, dando com as azas em terra, levantando-se pó, e aquelle pó os cega, e elles cahidos os vencem e matam; e que brigam com os dragos.

Jorge Agricola, no livro onzeno de *Remetalica*, diz que ha duas castas de dragos, uns voadores, e que estes pelejam com as aguias, e tem azas como morcegos e tres ordens de dentes, e que são de seis pés de comprido; e diz mais, que de Libia, com uma grande tormenta de vento africano se vio um d'estes em Egypto.

Dos que habitam na terra escrevem muitos auctores serem de doze covados, pretos na côr, a barriga tirante a verde, tem cabellos nas sobrancelhas e barbas, e não são mordazes. Os antigos os punham em guarda de seus thesouros e oragos.

Estes em Africa e na India dizem d'elles que brigam com os elephantes.

Alguns referem que as aguias vivem cem annos e que renovam a edade subindo á região do fogo, e d'ella, do alto se deixam cahir ao mar, mergulhando n'elle, e que d'este modo renovam os annos.

O que eu sei renovarem ellas as pennas como todas as mais aves.

Muitas cousas dizem os escriptores que não satisfazem, e não me maravilho que não ha cousa mais longe das letras que as aves; por que os letrados, em moços, tem os olhos nas escolas e nos livros, e não podem alcançar a natureza de tanta variedade de aves.

Tornando as aguias d'onde criam de verão se deixam estar o inverno, pelo contrario dos Falcões que são vistos em todas as partes do mundo.

CAPITULO XX

Dos corvos aves de rapina; é digno de ser lido

De todas as aves que a natureza criou são estas as mais golosas e menos caridosas, e tanto, que vendo ellas alguma ovelha apartada do seu rebanho por doente, e que anda já desamparada do pastor, saltam n'ella e lhe querem tirar os olhos; e se ella se defende, apegam d'ella na lã, inclinando-se á terra, e dão com ella em algum rego ou barranco, e viva lhe tiram os olhos, e pelo sêsso as tripas, estando a misera dando de pés e de mãos (o que eu vi algumas vezes).

D'estas mal acondicionadas aves tomaram os romanos alguns agouros (que deixo para os que lhe fo-

rem affeiçoados) todavia direi aquella historia de Enéas Silvio, que foi Papa Pio segundo, o qual em o livro que fez da historia de Azia, diz: que em Agalia, Belgica, perto da cidade de Liége, tinha um Falcão seu ninho em uma rocha, e estando deitado sobre os ovos, veio ali grande multidão de corvos, e deram sobre o Falcão, e o deitaram fóra do ninho, e lhe comeram os ovos; alguns pastores que por ali estavam viram este successo, estiveram com advertencia a vêr em que parava aquillo; ao outro dia viram n'aquelle mesmo logar grandissimo numero de Falcões e de corvos em tanta quantidade, que parecia não haver em todo mundo tantos quantos ali se ajuntaram.

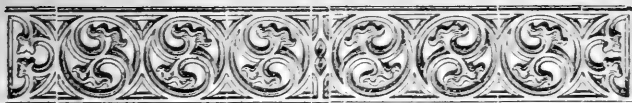
Ali á maneira de desafio, davam mostras uns a outros, os Falcões de quererem tomar satisfação da injuria que se lhe fizera.

Os corvos se puzeram da parte do norte, os Falcões da parte do sul, a modo de esquadrão formado, como se foram capazes de entendimento.

Começam sua batalha muito travada e furiosa, e tão cruel que punha espanto; algumas vezes pervaleciam os corvos, outras os Falcões; cahem a terra as pennas e sangue d'elles a modo de chuva, e de corpos mortos; finalmente os nossos Falcões pervaleceram e ficaram vencedores; e deram n'elles tal carga com as unhas e bicos, que poucos dos corvos escaparam vivos.

A causa d'estes perseguirem os Falcões e Açores, e todas as mais aves de caça levando piós, é por cuidarem que as piós são tripas, e por lh'as tomarem para si os seguem, o que não fazem aos bravos. D'elles dizem que vendo os filhos no ninho, brancos, os desamparam tanto tempo até serem pretos, a qual opinião tem muitos auctores na explicação d'aquellas palavras do Psalmo 146: *E pillis corvorum invocantibu seum.*

Tambem se pode dizer d'estas aves serem muito comedoras, e os filhos no ninho grasnarem e vozearem, o que fazem, porque como as aves tem seus filhos suados da humidade do ovo, e livres de lhe morrerem com o sol ou frio, lhe vão buscar de comer, e em chegando aos filhos lhe mettem o bocado na bocca, e logo com muito cuidado lhe vão buscar mais; e tanta mais pressa dão, quanta mais fome sentem que os filhos tem. Pelo que os paes, emquanto os filhos estão no ninho, são pouco vistos, e os filhos pela grasnada que fazem muito ouvidos.



PARTE TERCEIRA

Dos Falcões Nebris, dos Bafaris, Tagarotes, dos Gerifaltes e Sacres e Bornis, e de todos os mais em geral

CAPITULO I

Dos Falcões Nebris

Na primeira e segunda parte tratei da criação e caça dos Gaviões e Açores, n'esta se dirá da de Falcão, debaixo do qual nome se contem sete generos d'elles.

Nebris, outros Bafaris, Tagarotes, alguns Gerifaltes, outros Bornis e tambem Alfaneques; outros Sacres e Aletos; os quaes são tão differentes na grandesa, talhe e plumagem, como dissonantes nos nomes, e todos servem n'aquella real caça d'altaneria, que os reis e grandes do mundo tanto estimam; uns tomando as

garças mettidas nas nuvens, outros os grous, andando ás voltas com elles n'esse ar, d'elles afferrando os cisnes e cegonhas pretas, outros nas abetardas e patas bravas, e todos caçando conforme sua inclinação e industria do caçador, não escapando a ave do ceu que elles não prendam, e presas as tragam a terra, e as mettam debaixo dos cavallos dos caçadores. De cada especie direi em capitulo separado, começando pelos Nebris, por serem de todos os mais nobres, os quaes criam em Allemanha e no reino de Noruega e a Suecia; de lá os trazem os mercadores a Flandres e a Inglaterra, e a França, e os levam á Italia aos senhores que lh'os encommendam.

Alguns vem a este reino; d'elles são ninhegos, outros tomados perto d'onde nasceram, e são duros de fazer como fica dito dos Gaviões, fallando da differença que ha entre os sáfaros e ninhegos; tambem criam em o ducado da Bramante, e estado de Milão. Em Hespanha não sabemos parte onde os Nebris criem.

Outros nebris vem de Indias de Castella nas frotas que vem a Hespanha, e tem os mesmos talhes e plumagens dos de Noruega; com estes vindos de ultramar convem ao caçador prudente se haja com cautella, porque podem vir doentes por não serem tratados como se estiveram em terra, e se haverá como diremos adiante.

Outros Falcões nebris se tomam n'estas nossas comarcas sáfaros; estes tenho por excellentes Falcões, e são mais estimados por serem tomados longe d'onde nasceram, e se vem cevando nas aves que de Allemanha passam a invernar a estas partes, os quaes se espalham por muitos reinos. N'este são vistos no campo de Santarem e no de Mondego, e no campo d'Evora e Beja.

Em Castella, nas Rosianas de Sevilha e em terra de

Olmedo, e em todas aquellas partes se deixam invernar d'onde acham grandes campinas, e aves de que se possam cevar; porque como são velocissimas não se lhe podem esconder, nem escapar voando.

Tambem atravessam a França, pelo que os francezes lhe chamam peregrinos, e se tomam cá com armadilhas. Os caçadores o maior trabalho que tem com elles é fazel-os domesticos e roleiros e mansos, que o matar já elles o sabem.

De todos os que n'estas partes se tomam são mui estimados os do campo de Santarem e os de Mondego, e os de terra de Sevilha, e de todas aquellas partes d'onde ha grandes lagos e marinhas, nos quaes ha differentes aves, e se cevam em garçotas e meãs, sisões, zambralhos, e ganços reaes; e a differença das aves os faz mais faceis de fazer e caçar tudo, o que não tem os tomados pelo sertão dentro que se cevam de pombas e gangas, e poucas vezes em aves grandes, e algumas, constrangidos da fome, em zorzais; estes são mais trabalhosos de fazer por serem costumados a aves menores, e são buliçosos e algumas vezes deixam as ralés a que os lançam, e cevam a outras. Convem se carreguem de cascaveis ao principio até que soceguem, e os larguem em companhia de alguns bafaris que com elles se aquiétam, porque os bafaris não se desmandam indo a outras aves. Mas são os nebris tão nobres, que havendo caçador pratico tudo lhe fará fazer bem feito.

São os nebris treçós excellentes altaneiros e se põem mui alto, e o borni terçó lhe faz companhia, subindo com elle, e ambos aquietam; porque o borni não sabe ir á caça, e fazem mui formosa voaria.

Pero Lopes diz vio um terçó muito bom garceiro a Monsieur de Ribeira Targe, e era d'el-rei de França.

Havendo de escolher o caçador, ainda que poucas

vezes acontece haver tantos tomados pelos redeiros que se deixem uns por outros, convem saber a eleição dos melhores, e as plumagens, e feições e talhes de cada um.

Os Falcões nebris tem o branco muito alvo no peito e o demais preto; a estes chamam os francezes Falcões de damas, e são mui formosos e dôces de fazer, e de muito bom semblante, e tem a plumagem mais limpa que todos os mais, e os cabos um pouco mais compridos, e as côxas por dentro alvas; sahem excellentes garceiros; os caçadores castelhanos lhes chamam donzeis.

Outros tem a plumagem ruiva, e a pinta grossa, são de grandes corpos e bons garceiros.

Outros tem a plumagem parda e a cabeça pintada, e a pinta orlada de amarello; e não são grandes, mas de bom talhe e bem empennados.

A estes chamam os castelhanos, coroados.

E se tal o achar o caçador, trabalhe com elle, e não lhe pese do tempo que com elle gastar.

Outros ha que tem a plumagem miuda e delgada como amarella; estes chamam zorzaleiros, e pela maior parte são miudos e bòliçosos, e vão muito ás ralés e ás pombas; a estes carregal-os de cascaveis, como já disse, e trabalhe pelos não ennojar, que se escandalisam com pouco erro, e sahem bons Falcões; e affirmo que tal é este genero, que havendo caçador e sendo tomado em boa comarca, que d'elles não vi nenhum aborrecido.

Agora digamos suas feições e posturas: seja de bom corpo, bem feito, no peito muita carne, descarregado das costas, boas côxas, sanco grosso e curto, e as mãos grandes, os dedos compridos e delgados, e as ventas abertas, e que tenha algumas pennas por cima dos hombros de cada parte, que poucos Falcões as tem

que não sejam bem empennados; e o cabo de muita penna e vultoso, e a penna dura, e quanto mais bravo ao principio melhor será.

CAPITULO II

Do Falcão Bafari Tagarote

Os bafaris criam na ilha de Sardenha, d'onde tomaram o nome de sardos. Outros criam na Malhorca, outros em Roumania; estes da Roumania são granados Falcões e muito bons grueiros, e mui raivosos, de grande fome, e cainhos e apegadores.

Os Falcões tagarotes são contados e tidos por bafaris; criam na ilha de Cabo Verde, e em Africa; os caçadores os estimam por bafaris por serem todos de uma condição; poucos d'estes sào altaneiros, porque com a grande fome que mostram não se tem no alto, e em vendo as adens aguadas logo se pousam.

Toda a sua ligeireza é em baixo, ainda que alguns houve altaneiros,

Pero Lopes diz vêr um Falcão Malhorchim, a que chamavam donzella, excellente garceiro e bello altaneiro, melhor que quantos el-rei D. Fernando tinha, o qual n'aquelle tempo tinha trezentos Falcões, cem garceiros e cem grueiros, e os mais altaneiros; e entre estes havia um bafari que derribava o grou e a cegonha preta, e a pata brava e o cysne, e o tinha até que chegava o caçador.

Os tagarotes fazem o mesmo.

Pero Lopes diz d'um tagarote que chamavam bota fogo, tambem d'el-rei D. Fernando, e não mui grande,

e sem ajuda de outro matava o grou, e o tinha até ser soccorrido do caçador.

Estes bafaris são mui bons perdigueiros, porque sua ligeireza é em o baixo com o peito por terra. Fazem muito formosa voaria em companhia dos nebris, por que os aquietam que não vão ás ralés; as plumagens d'estes, assim dos sardos, como dos de Malhorca e da Roumania, quasi todos tem uma condição, os da Roumania, são raivosos e golosos, maiores, pelas costas, de todos e mais ardidos. Os tagarotes são na côr e talho similhantes aos bafaris, mas mais pequenos na plumagem, como amarellos; a estes todos chamam em França — Falcões gentis; — d'onde dizem gentil de Sardenha, gentil Falcão da Roumania, e gentil tagarote.

Em Aragão chamam a todos os bafaris monteiros.

Havendo de escolher seja descarregado das costas, grandes sancos, boas côxas, mãos compridas, e os dedos longos e delgados, muita carne no peito.

CAPITULO III

Dos Gerifaltes

Os gerifaltes criam em Noruega e Suecia, e n'aquellas partes onde dissémos criarem os nebris, d'onde os levam a todas as partes em companhia dos nebris.

São estes mui grandes, maiores que todos os mais; os que d'elles sahem bons são mui presados dos principes; mas tem muito podres, porque são mui duros de fazer e covardes, e pela maior parte curtos de vista e gotosos, e soffrem peior o caparão que todos os mais Falcões, principalmente os treçós; convem ao caça-

dor sabel-os levar a tento, que se queixam e recebem grande escandalo errando o modo, dando-lhe com o caparão no rosto, e se assombram; e como são Falcões grandes e pesados, e tem as mãos grossas e carnosas, adoecem de gota n'ellas, e de cravos; e querem-se trazidos na mão, e o caçador de bom tento. Os que d'elles são bons não lhe fazem nenhuns vantagem; matam as garças em o alto, e vão a ellas com menos torneos que os nebris; e são no ar bem graciosos, posto que ao sahir da mão se mostrem pezados por sua grandeza, mas depois de tomar no ar seu alento são levissimos.

Eu tive um maravilhoso garceiro e milhaneiro.

O Infante D. Luiz, filho d'El-Rei D. Manuel, teve um gerifalte tão alvo como uma pomba, e tendo-o por maravilha o não quiz aventurar á caça, o qual foi tomado em uma náu na altura do Brazil, atravessando o mar; d'onde o principe e outros caçadores imaginaram que n'aquellas partes devia haver similhantes Falcões.

As plumagens d'estes são o branco mui alvo, e o mais preto em pouca quantidade; estes são estremados, principalmente os de Noruega, por sua formosura parecem mui bem assim nas alcandoras, como nas mãos dos caçadores.

Ha gerifaltes a que chamam letrados, porque o branco tem mui alvo, e o preto miudo á maneira d'um livro escripto.

Outros ha a que chamam grizes, por ser o preto posto nas pennas brancas como grãos miudos, e são levissimos no voar, bellos em o parecer.

Outros ha a que chamam rocazes, por serem de plumagem negra; são animosos.

D'estes diz Pero Lopes que viu um a Monsieur de La Ribeira, camareiro d'El-Rei de França, que era

tão negro, que quasi se não devisava o branco, e na bondade o melhor do mundo.

Ao principio se deve começar com estes pelas lebres, porque perdem as cocegas das mãos, que elles de sua natureza são coceguentos, e voar com elles ás corujas, porque aprofiando com ellas tomam alento, e depois o treinem em a garça; e sendo já treinado n'ella algumas vezes lhe mostrarão a brava, largando-o em companhia d'algum mestre que pegue n'ella des que estiver rendida, e coma, ainda que alguns d'elles ha de tão bom esforço e animosos que matam a garça sem treina, por sua vontade.

Tem necessidade de andarem sempre na mão do caçador, porque são mui pesados, e debantendo-se na alcandora correm perigo, e querem-se affagados, e que os amimem quando lhe tirarem o caparão, dando-lhe a roer em alguma cousa que tomem gosto.

Querendo escolher, o primeiro que deve de fazer o caçador é vêr se tem cravos em as mãos, e se as tem inchadas, e se é curto de vista, o que fará mostrando-lhe o roedeiro, e se se inclina a elle, e o buscará pelas feições, que seja descarregado das costas, e que tenha bom rosto, e o sobre-bico grosso, e boas côxas, bons sancos, ventas bem abertas, boas mãos, os dedos curtos e grossos, ao contrario do nebri, e que não tenha grande cabeça.

Os treçós d'estes são belissimos garceiros, e mui leves; queixosos porém, e mui delicados; tem necessidade de caçador que saiba e soffrido.

CAPITULO IV

Do Falcão Sacre

Os sacres criam onde dissemos criarem os nebris e gerifaltes.

Os mercadores os trazem a estas partes como os demais.

Outros criam em Roumania, e são mui bons; os sacres tem outras plumagens differentes d'elles, são ruivos, outros tiram a brancos; e por mais mudas que tenham não mudam a côr das pennas como fazem outros Falcões, e em nenhuma cousa mostram serem mudados, mais que parecerem as pennas alguma cousa mais claras que d'antes eram; tem umas orladuras ao redor das pennas que quasi se não enxergam.

Tambem se tomam bravos; a estes chamam os caçadores — sáfaros — e são tidos em melhor conta, porque são mais doces de fazer, que os pôllos d'estes são esquecidiços e duros de fazer, e são bons garceiros, grueiros e milhaneiros; tambem matam as perdizes, as lebres e alcaravões, e vôam melhor com o vento e tem-se mais a elle que os outros Falcões. São estremados terçós de milhano; os treçós d'estes são excellentes.

Eu tive um sacre terçó do Prior do Crato, neto d'el-rei D. Manuel, que matava as garças, e muito bom milhaneiro; era muito pequeno do corpo, e por ser este lhe chamavam — bastardo; — era de plumagem quasi branco, no voar mui levissimo; nunca o vi cahir ao milhano, que furtando-lhe o corpo não tornasse a subir por cima d'elle mais de duas altas torres.

Vez aconteceu ficar elle só na briga, e trazel-o preso á terra, e estar o milhano afferrado d'elle, e elle queixando-se do mal que lhe fazia, e assim esteve até ser por mim soccorrido.

Querem os sacres que andem sempre cevados que depressa se reboram e esquecem, e são tão esquecidiços que se uma só noite ficam no campo, e ao outro dia os tope o senhor o não conhecem, nem o aguardam, por mais mimos que lhe façam.

Em Barmante voam com elles na ribeira; os melhores para isso são os treçós por serem mais leves; são Falcões mui grandes de corpo. Quando escolher, o caçador busque-lhe muita carne, tenha boas côxas, e bons sancos, as mãos pequenas, os dedos curtos e grossos, descarregados das costas, e o cabo mais curto que fôr possivel; as azas compridas, e as pontas direitas, ventas bem abertas; querem-se trazidos na mão, porque na vara embravecem, que são Falcões soberbos, e muito duros, e querem caçador de bom tento, que poucos caçadores vi que os bem entendessem, só Pedro de Vezilha, caçador do Infante D. Luiz, entre oitenta que tinha este senhor, se avantajava a todos n'este genero de Falcões, e caçava com elles, muito baixos de carnes, e trazia sempre n'algibeira seixinhos redondos, do tamanho de plumadas, que ás vezes lhes dava em logar d'ellas.

Costumava a dizer, «son vilhanos, no hacen cousa por vertud», mas com lhe darem lavado e sua plumada seca á noite, e matinados com boa madrugada, basta.

CAPITULO V

Do Falcão Borni

Os bornis criam em muitas partes em Allemanha, d'onde os mais, e no ducado de Saboia e no reino de Galliza, em Asturias de Santilhana.

Alguns são excellentes altaneiros, tambem matam as garças; os proençaes se tem por melhores; todos caçam as perdizes, e alcaravões e as garçotas; os treçós são mui presados em França pela companhia dos nebris, porque não seguem as ralés e assocegam as adens, e quando os caçadores põem o nebri na ribeira a acha limpa.

Estes ao principio são graves de fazer altaneiros porque se pousam em terra, porém com os nebris sobem.

Querem andar em boa carne; ao principio vôe com elles o caçador as pegas, porque assim acostumados tomam alento, e se fazem mestres, e depois o larguem em companhia do nebri na ribeira, e inda que se ponha em terra não se enoje o caçador; e não se enfade de o deitar em companhia dos nebris, que elle os seguirá e virá a ser altaneiro; convem dar-lhe sempre a roer na derradeira ave que matar, porque se fará querençoso da altaneria, que se quer governado differente do nebri, e não sabe remontar sem lhe darem a roer, e quando o caçador o pozer na ribeira levante-lhe a ralé estando perto, que não póde de longe alcançar tão depressa como o nebri, e dois fazem boa companhia.

Pero Lopes diz vêr dois treçós em França, por que davam cem francos d'ouro.

São mui apraziveis.

Eu tive um bellissimo perdigueiro, e matava com elle uma duzia de perdizes, e as pousava tão bem como um Açor.

Querem-se trazidos na mão.

Em suas feições buscal-os-ha o caçador descarregados das costas, largos de hombros, e tenha boa carne, bons sancos, boas côxas, mãos grandes, os dedos curtos e grossos, a cabeça chã, os olhos encovados, bom bico, o cabo vultoso e curto e boas ventas; e posto que digam que os bornis com qualquer vianda passam, se o caçador lh'a der boa o sentirá em o voar.

Os safáros valem mais que os ninhegos.

CAPITULO VI

Dos Alfaneques

Os alfaneques criam em Africa, no reino de Tremecem; tem as cabeças brancas, d'elles são ruivos, outros pretos na plumagem, e tem as côxas longas.

Ha tambem Falcões entre bornis e alfaneques, que são quasi do tamanho dos tagarotes; os mouros são grandes caçadores d'estes, principalmente os alarves, que se presam tanto d'isso, que na guerra trazem a lança na mão direita, e a adarga na esquerda, e o Falcão no hombro; e se presam d'isso ainda que andem sujos das suas tolheduras.

Os alfaneques são Falcões apraziveis; matam bem (e formoso) a lebre, principalmente quando são dois, porque não pegam d'ella; vôam bem ás perdizes, mas pouco as assentam.

Matam os doraes, as graçotas e corvos, e se os acostumam a altaneria fazem-no muito bem.

Querem-se delgados e bem roleiros, porque em lhe dando um pouco de sol se perdem, que são Falcões muito quentes; são melhores na terra fria que na quente; são sujeitos a cravos em as mãos.

Pelas feições se buscarão como os bornis.

CAPITULO VII

Dos Aletos

Os aletos criam em Indias de Castella e no Brazil, e vem nas frotas a Sevilha.

São pequenos na plumagem, differem de todos os demais.

Parte do peito, côxas e oveiro tem vestidos de pennas ruivas, e o papo sem nenhuma pinta; o ruivo tem côr de milhano, a cabeça cercada quasi toda d'uma lista de pennas da mesma côr, debaixo das azas, em alguma parte das titelas, tem pennas pardas com pintas atravessadas, como que imitam as dos outros Falcões; tem as azas compridas, o cabo para o corpo bem formado, e as mãos delgadas, os dedos compridos; é gracioso á vista; não os vi caçar, tem geito de grandissimos voadores e que matarão tudo.

Com elles caçam as perdizes, e são tão porfiados em as matar, que nas balças eutram com ellas.

O licenciado Filippe Butaca Henriques, natural da cidade de Evora, me affirmou que os vira no Porto do Calvo e Rio das Pedras, na capitania de Pernambuco, onde elle veio dar á costa com uma embarcação vindo de Angola o anno de 605.

Esteve ali trinta dias, e n'este tempo por toda aquella costa viu estes passaros, que eram maiores que Gaviões primas, e menores que Falcões; e notou d'elles serem grandissimos voadores, tanto que a vista os não podia alcançar para notar d'elles tudo: muitas vezes os viu tomar papagaios e outras aves, e no caçar serem mui porfiados, e perseguil-as mostrando muito animo, e se mettiam com os passaros por dentro das arvores, e não descançavam até os não levarem nas unhas; e que desejou de os trazer a este reino, por entender que os principes e senhores os teriam em estima. Quem os quizer trazer de lá pode-os criar em pequenos como os Gaviões, e pelo mar os tragam depois de criados como diz no capitulo que trata de poderem vir os Açores de Allemanha, porque quem os souber trazer interessará n'isso muito dinheiro.

Os aletos além de matarem perdizes, matam alcaravões, pegas, e são estimados de todos os caçadores geralmente.

Regra geral de advertencias e preceitos que mostram a caça do Falcão nebri, pelos quaes pode o caçador ensinar todos os mais generos de Falcões.

Por vezes se disse em como de Noruega vem Falcões e Açores, e de outras partes do mar em fóra, a nossa Hespanha, e como n'este reino se tomam nebris sáfaros, e fica dito de cada genero de Falcões em capitulos separados, para que o curioso soubesse bem a sorte de cada um d'elles.

Agora se mostrará como se amançam e ensinam a caçar.

E posto que não falle mais que do nebri, sendo sete os generos de Falcões.

E digo que por este sómente ficarão sabendo caçar com todos os mais; não duvidem.

Porque ainda que sejam differentes, nos generos e nas terras d'onde nascem seguem todos um modo de viver, os quaes buscam a comida de que se hão-de sustentar por um mesmo estylo, mantendo-se todos de aves vivas que caçam; o mesmo faremos nós fallando do nebri sómente, porque elle de todos é o melhor, e que no caçar aves differentes é mais atrevido.

Quando de ultramar vierem Falcões pode-se imaginar virem carregados de humores, e com receios de enfermidades futuras, por não serem curados como é necessario, faltando-lhe as bôas viandas e não lhe dando as plumadas a tempo, nem agua e sol, trazidos sem nunca lhetirarem os caparões, que em terra

os temos nós aonde lhe accudimos com muito cuidado, e os não podemos conservar nem vêr livres de enfermidades, pela qual razão se deve ter advertencia na eleição.

Primeiramente lhe contarão se tem todas as pennas das azas e cabo, porque podem ter algumas quebradas das reaes por dentro do cano, que na muda se não possa o Falcão valer do bico para as lançar fóra, por estarem quebradas por dentro da carne, ainda que acontece poucas vezes, que as quebradas podem-se enxerir, que melhor fôra serem sãs, e estas ficam sendo grande falta no Falcão; e lhe olharão a bocca se tem gosmas, e os olhos se tem névôa n'elles, e se tem as mãos inchadas com cravos ou principio d'elles, e se tem todas suas unhas, e se vem carregado d'agua.

Tendo notado as doenças se buscará pelas feições e plumagem, e se não achar tudo junto em um só, tome o melhor que é ser de bom corpo e plumagem, que o Falcão pequeno e de pouca carne não póde ser de proveito; posto que ao principio dê muitas mostras boas, é de pouca dura.

O dia em que o caçador comprar e tiver escolhido lhe dará seu banho, porque se depois de manso lh'o der, annojar-se-ha e ficará peior que d'antes, e por escusar este perigo se lhe fará logo, e depois se lhe porão piós de couro bem adubado e brando, e não sejam apertadas, e avessadas e cascaveis, as quaes sejam conforme ao corpo, e lhe porão caparão de bom couro delgado e tezo, e que o não deite fóra da cabeça, ainda que se sacuda ou coce, e que lhe não faça mal aos olhos, e quando lhe tirarem o com que vier seja de noite á candeia, e o mesmo se fará sendo aqui tomado, quando lhe descozerem os olhos para lhe porem outro com o qual ha de estar sempre.

Feito isto ande na mão de dia e de noite, e sejam

vinte dias, pelo menos, ainda que n'isto não ha regra certa, que a condição da ave mostra ao caçador o que deve fazer; e como estiver manso e comer sem receio e aguardar o caparão, e que lhe ponham a mão pela cabeça, isto sem lhe fazerem affagos, nem mimos, que para os amansarem não convem estes, se não depois que elles se entregam e mostram amigos; depois que fôr segurando trará seu roedeiro, no qual lhe darão algumas picadas, tirando-lhe o caparão, e lh'o tornarão a pôr mansamente com a mão muito leve, e não no tirem dando-lhe com elle no rosto, que se annojarão.

E se ao principio o sáfaro não quizer comer, não se cance o caçador por isso, porque o faz de bravo, e com a carne lhe esfreguem as mãos por cima, que elle de bravo accode a morder no que sente, e achando a carne apegue n'ella e coma; e assim se haverá como vir que convem.

Advertencia segunda de como se deve proceder com o Falcão até ser roleiro

Mostrando fome e que abre as azas, como guargantão, lhe darão d'um coração de vacca lavado, limpo de gordura e nervos, feito em pequenos, desfeito em agua mórna por alguns dias, e depois lhe darão de um frangão feito em pedaços, lavado em agua morna, e os ossos das juntas e côxas quebrados, com uma pouca de carne com elles para plumadas, e tenha o caçador cuidado vendo se a fez.

Vendo o Falcão logo quando lhe tiram o caparão que vae buscar a mão, se tem que comer trarão uma perna de gallinha envolta em um panno de linho limpo no seio e dê-lhe algumas picadas e a depennar, e estando no melhor sabor lhe porão o caparão docemente, e como tiver fome verdadeira aperte-se com elle e veja se quer saltar na mão, atando porém a avessada na luva, e se na mão saltar lhe dê de comer de boa vianda, fazendo-lhe todos os mimos possiveis, e como saltar na mão sem receio, e o fizer todas as vezes que lhe mostrarem o roedeiro, e não olhe a outra cousa senão ao que ha-de comer, então encarne o rol com dois corpanços de gallinha, de cada parte seu, suas cabeças, pescoço, e cabos, e azas, e com outras de outras aves, de sorte que fique o rol bem encarnado de ambas as partes.

Tome um cordel delgado, mas rijo, bem feito e

comprido, e o atarão nas avessadas do Falcão, e sahirão ao campo, limpo de cardos, matto e pedras, e ali darão de comer ao Falcão em cima do rol tantas vezes até que o conheça ; e o comer que então lhe derem, seja do melhor que houver e tiver, e lhe dará o coração da gallinha e seus doces, e uma perna; e emquando estiver comendo lhe darão vozes, cantando, dando com a luva em terra, porque vá perdendo o medo e saiba que a similhantes acenos e brados lhe hão-de dar de comer, e venha quando o chamarem; e tudo lhe farão com muito resguardo, que se não assombre; e á noite lhe darão um pouco de comer em agua morna, e suas plumadas.

Conhecendo o Falcão já bem o rol e o siga, e o não possam desapegar d'elle, façam-no vir voando a elle atado todavia com o cordel; e aquelle que o tiver na mão o tenha de arte que veja o Falcão bem o rol.

E o tenha peitavento e sol avesso, que se estiver os olhos no sol não poderá vêr as voltas que com o rol se dão quando o chamam, e se perderá largando-o sem o vêr; e aquelle que na mão o tiver não o arremesse, e aguarde que o Falcão por sua vontade saia.

E a pessoa que o chamar lance-lhe o rol á ilharga, e não de rosto, e em logar limpo para que o veja, e se pouse logo n'elle; e depois que o Falcão estiver no rol vá o caçador mansamente fallando-lhe, e ali lhe dê a melhor vianda que tiver, e des que comer levante-o com um roedoiro, e deixe-o alimpar o bico; e des que se sacudir lhe porão o caparão, e tral-o-hão quieto e socegado; e vindo já bem ao rol o chamarão á tira sem cordel, em parte d'onde não haja gente, e no rol lhe dêem algumas gallinhas a degolar, de modo que elle as não veja, metendo-as por debaixo do rol,

e beba do sangue d'ellas, que para amansar um nebri todo este resguardo e trabalho se ha-de ter por trinta dias; e depois vôe em a ribeira, ainda que tudo será conforme á condição do Falcão e industria do caçador, que eu vi meu pae em sete dias treinar um Falcão, pouco depois de ser tomado.

Advertencia terceira, do tempo que se ha-de pôr o Falcão n'agua, e da arte que se terá até de ser cevado na ribeira

Estando n'este estado, se fizer dia claro e de bom sol, provem-lhe a agua em logar apartado, em boa gamella limpa, ou alguidar em parte d'onde haja sol, e o caçador esteja sempre junto a elle tendo prestes o roedoiro, uma luva calçada na mão; não no constranja a que entre na agua contra sua vontade, e para que o faça lhe chegarão o roedoiro, e vêr se com apegar n'elle quer entrar; e lhe darão dos seus doces, que são os sainetes, que são os doces com que elles folgam muito.

E não querendo socegar o levantarão na mão, sem escandalo, que se o quizerem forçar a que prove a agua se annojará.

Quando o pozerem n'agua seja com ter comido meia perna de gallinha sómente, porque levando muito papo terá dois trabalhos, um em o gastar, outro em se enxugar; e sempre lhe costumem provar agua de tres em tres dias.

Depois que fôr banhado se porá um pouco á sombra, porque com o sol rijo torcem as pennas indo molhado, e depois de assim estar um pouco, o ponham ao sol, para que se enxugue, e assim procederão aos poucos.

E se fôr tarde, e não tiver logar de se enxugar, na

casa d'onde de noite se pozer lhe porão duas candêas accezas para que cure de si e saccuda; e pela manhã lhe darão um membro de gallinha, e sendo gerifalte ou tagarote lhe deem conforme a cada um, e suas plumadas d'algodão ou de fios; tambem se dão de estôpas com algumas picadas de carne com ellas, e guardem sempre não lhe dêem nervos que os não gastam bem, nem gordura, que os enfastia.

Os francezes e allemães tem este regimento: quando dão de comer ao Falcão, de ave viva, lhe passam o comer por agua fria, e sendo de ave ou carne fria, a passam por agua morna, e é proveito para ter o Falcão sem orgulho.

Isto principalmente fazem os caçadores de Bramante, que são grandes citreiros, e o tem por officio, e dizem que a vianda muito quente encende o Falcão, e a carne fria causa enfermidades.

Eu a tenho por boa praticá.

Sendo caso que o Falcão tenha pequenas ventas, que é n'elles falta principalmente no altaneiro, que tem necessidade de vir abaixo e tornar-se e levantar acima, convem tenha alento e resfolgo soito, lh'as abrirão com um canivete até que deite sangue, e em cima lhe porão algodão sómente, e sarará; e fiça o Falcão com boas ventas.

Guarde-se de o lavrarem com fogo, que perderá o bico, porque o fogo lavra por alguns dias.

A alcandora em que houver de estar seja grossa, e não porão o nebri junto ao sacre, nem borni, nem na alcandora d'onde elles estiverem, por razão do piolho de que elles são mui sujeitos, nem aonde hajam estado gallinhas, nem em casa d'onde haja fumo, nem pó de cal, que ambas estas cousas damnam a vista, e debaixo da vara estará sempre a terra varrida, para que se veja se fez a plumada; e não lhe dêem de co-

mer até que o Falcão a não faça, e se a não fizer, farão como diz adiante o capitulo que d'isso falla.

Debaixo das mãos do Falcão lhe porão sua luva branda, e de inverno um panno de côr, o que se faz para conservar a saude.

E sendo o Falcão bom altaneiro vôa as pegas em parte d'onde não haja arvores, que se desenvolve e se costuma a vir baixo e a levantar-se; e faz boa voaria, cria alento e guarda o mestre e cria ligeiresa, e tendo voado assim um pedaço lhe dêem rol e de comer, e des que voar as pegas algumas vezes busquem mestre para o deitarem com elle em companhia sobre a agua, e faça seus tornos e se irá com elle á ribeira.

Larguem primeiro o Falcão mestre que achegue ás adens; então largarão o novo e o deixem com o mestre.

E sendo as adens levantadas, e o Falcão seguiu o mestre, com a adem que cobrarem deem rol ao novo Falcão para que a conheça, e se lhe dê uma perna d'ella, e a lingua mastigada e o coração; e d'esta arte se governará até que conheça as adens muito bem por si só; e procederão alguns dias d'este modo com o Falcão em companhia do mestre, e querendo voar e houver adens sobre as quaes quizerem largar seja em logar limpo d'onde se possa soccorrer por terra enxuta fóra de atoleiros nem genedais, junqueiras ou arvores; nem balças, porque ao golpear o Falcão senão embarace e aleije, nem haja barrancos que impida ao caçador soccorrer-lhe.

Busque o caçador lagôas e ribeiras em terras limpas, e quando largar venha o caçador vento abaixo arredado da ribeira até que o Falcão tome sua altura, que se d'outro modo o fizer, e não tomar o vento ás adens, levantar-se-hão, e o Falcão tirará após ellas e

poderá perder-se; e fazendo como digo, o Falcão toma sua altura por cima das adens, as quaes se asseguram, e o Falcão toma vista d'ellas e conhece sob o que vôa, e então se levanta em maior altura.

Não seja o caçador cubiçoso de levantar as adens antes de o Falcão tomar a altura que convem, por que se costumará mal não se levantando no alto, e aguardará voando baixo que lh'as levantem; e a galhardia d'esta caça é levantar-se o Falcão bem alto, e levantando-lh'as andando baixo, não tem altura para alcançar e golpear, e voará pelo adem á tira, e é feio caçar e desgostoso, e pode acontecer perder-se o Falcão.

Levantará o caçador as adens peitavento, ou ao atravez, que se levantem ellas por secco estando o Falcão bem alto, porque então desce o Falcão melhor e ellas, entendendo que póde arrecadar, e se a adem se accolher a agua levante-a d'ella, deixando primeiro tomar ao Falcão sua altura, e se a levar nas mãos accuda-lhe logo tirando-lh'a mansamente, e cavalgue e corra outra vez a ribeira até que se levante o Falcão; e se outras adens ficarem e as quizer voar, faça como fez de primeiro, e não querendo voar mais dêem rol e de comer uma perna de galinha, e a lingua e coração da adem, e a guarde o caçador até que o Falcão se sacuda e alimpe o bico.

Advertencia quarta, da arte que se terá com o Falcão pôllo, e a causa porque convém que na caça da altaneria traga o caçador gallinha viva

Se o Falcão seguir alguma ralé e fôr pôllo, em principio esteja o caçador quedo e dê-lhe vozes e chame-o para que torne, e se aos brados não vier dê-lhe rol, e se acudir a elle dê de comer, que de agradecer é, pois que acudio; porém se o Falcão fôr já voante, e sabe o que ha-de fazer, e sae como dito é, e torna havendo adens, deixem-n'o andar, e levantar-lh'as-hão fazendo o caçador o que convem.

Advirtam que não façam andar o Falcão sobre adens meudas havendo pouca agua, porque quando o Falcão vem a golpear não ache corpo na ralé de que possa afferrar, e dá em terra, e pode-se aleijar; mas se a agua fôr muita e houver serzetas e trulhos, e outras aves pequenas, façam porque o Falcão as vôe: porque ellas tornam á agua, e os Falcões se aperfeiçôam muito emquanto são novos, que se costumam a levantar e cahir abaixo, e se affeiçoam e tomam querença.

Depois que haja um pouco voado, e acutilado com ellas, se dê rol perto d'agua, e de comer, ainda que não arrecade.

E se o caçador topar adens em secco não vôe até que ellas não entrem n'agua, porque alevantando-as voará o Falcão atraz d'ellas e se perderá o lanço; mas

estando ellas junto d'agua aguarde a que entre n'ella, e se não entrarem não larguem o nebri; mas tendo borni treçó altaneiro façam-n'o voar e pôr em altura, e ellas entrarão, e se se forem, o borni não n'as segue e não se aventura o nebri.

Isto fazem as adens commummente em tempo de grandes geadas, porque não podem romper as aguas com o caramello; tambem estão quasi em secco quando ha muitas aguas e as hervas cobertas d'ellas, e as adens tem sómente os pés mettidos n'agua e curam de si.

Guarde-se o caçador de as voar estando como digo.

Trabalhe o caçador e ponha toda a sua sciencia em fazer revoar o Falcão, e remonte que n'isto está o cabedal do nebri; e quer arrecade ou não, não dê rol ao Falcão senão voando algum pouco, porque quanto mais alto estiver dando-lh'o, tanto melhor, e estando pousado em terra ou em arvore, ou sobre alguma casa, aguarde que se levante, e cavalgue e vá pela ribeira dando-lhe vozes, e desde que se levantar, andando um pouco sobre a agua, e não houver aves que lhe levantem, então lhe darão rol e de comer.

Algumas vezes, se não querem levantar as adens que estão rendidas na agua pelo grande mêdo, e os Falcões raivosos se pousam em a ribeira perto d'ellas, outros vendo-as rendidas n'agua se lançam a ellas, parecendo-lhes que as pódem tomar.

Isto se escuse com o remedio que possivel fôr.

Cobre-se o Falcão o mais presto que poder, e ás varas e pancadas cobre a adem que está morta, e cavalgue e corra a ribeira para que o Falcão se alce, e estando alto lhe dê rol, e se o Falcão estiver tão molhado que se não levante, tomem-n'o na mão, e por espaço d'uma hora inteira não lhe dêem de comer.

E se o Falcão se costumar a fazer o mesmo, e o faz a meudo, antes soffram que se perca a adem, e lhe dêem o rol, porque não siga este costume, e é cousa que elles fazem muitas vezes com grande fome, e por andarem baixos ponham-nos em carne.

Trará o caçador comsigo sempre gallinha viva, porque se o Falcão matar as adens, ou outras quaesquer ralés, lhe não dê a comer d'ellas, se não cousa pouca, e o coração e a lingua, e o demais seja gallinha, a qual traz os Falcões temperados, que as carnes das aves montezinhas fazem os Falcões orgulhosos e engordam muito, e não accodem ao rol como devem.

A gallinha seja nova, sem gosma, nem doença alguma.

O dia que não voar o Falcão na ribeira, ou por outra prisão, lhe dêem rol, e guarde-se não haja névoa, nem chuva, nem muito vento; e se dê então rol junto do caçador, o que se faz porque saiba o Falcão que tanto lhe dão a comida por caçar como por vir ao rol, e tendo gallinha lhe dê encobertamente a beber o sangue, que é muito bom.

Perserva de lombrigas e filomeras, e toma o Falcão affeição ao rol; e sendo pôllo, antes de entrar em a muda no mez de maio vôe com elle os sizões, que se desenvolvem, pondo primeiro o Falcão que tome sua altura, e depois se levantarão os sizões, e arrecadando, lh'o tirarão da mão docemente, e se porá a cavallo e o tornará a fazer revoar.

E se quizer voar outros, havendo-os, se não dê rol; tambem é bom voar n'aquelle tempo os martinetes, que é tão boa voaria como de garça.

Muitas aves ha que se podem voar com o nebri, mas de nenhuma acho eu maior numero, que das adens, porque entre ellas ha muitas castas e fortes;

com todas façam voar o Falcão de uma maneira, largando-o primeiro que tome sua altura, como muitas vezes disse, e depois levantar as adens; mas a todas as mais prisões (salvo aos sizões) se largará o Falcão a braço tornado, assim as garças, como os grous, martinetes, corvos calvos e alcaravões.

Tambem é bom algumas vezes voar a perdiz, porque a perdiz faz voar o Falcão, redondo e alto, e mostra n'isso certa galhardia; e vôe como disse se hajam de voar os sizões; e se arrecadar não lhe dê de comer, e cavalgue e revôe; e desde que houver bem andado no ar, antes que se enfade se lhe dê rol e de comer; e quando voar perdiz não traga mais que um podengo ou dois bem acostumados, e quando voar não seja onde haja arvores, porque ao golpear não se aleije.

O dia que o Falcão voar se porá no campo atado em uma pedra com as avessadas, para que cure de si, e o logar onde se puzer seja cercado de parede em parte d'onde esteja quieto, e o caçador junto a elle, porque se se enfadar lhe accuda.

Esta pratica teem os Bramantins, e dizem que com isto tomam os Falcões prazer, e curam de si; nós não no uzamos.

Advertencia quinta, do modo e arte que se ha de ter com os Falcões tomados tarde

Muitas vezes se tomam tarde os nebris safaros, e não fica tempo para caçarem com elles por ser perto da muda, pelo que o caçador pelas manhãs frias de verão, e tardes, o fará voar os sizões e alcaravões, e adens; e assim vá com elle, ora caçando, ora dando-lhe rol.

Tambem vôe os martinetes, e des que o Falcão começa a mudar, e derriba muito das azas e cabo, traga-se na mão, e soffra-se quanto poder de o não pôr na muda; mas sendo as pennas em sangue então o metta n'ella, e esteja quieto até acabar de mudar.

O caparão, como já disse, seja que não faça mal aos olhos, que muitas vezes com se molhar se encolhe e dobra; e descuidando-se póde o Falcão padecer desgosto, e cria nevôa nos olhos.

A's vezes incham as mãos por serem as piós apertadas; cortem-lh'as e ponham outras, como já disse.

Estando tudo concertado tenha seus cascaveis com bom soido, que as adens com elles se aquietam em as aguas; e se o Falcão fôr buliçoso bom é carregal o d'elles de quatro até seis; e sejam de um tamanho, porque andando o Falcão perdido o ouçam os pastores do campo, e se ache depressa; o qual se buscará d'onde se perdeu rosto a vento; e trará sempre caparão de resguardo para se valer perdendo o

do Falcão, por não ir debatendo-se com a cabeça descoberta.

Não lhe esqueça gallinha viva, nem rol bem concertado, e perdendo-se com a ave, e achando-o com ella nas mãos a tirarão, que entenda que não estão contentes do que elle fez.

E alguns ha tão sagazes que sentindo gente se deitam sobre a prisão para que o não vejam; e se voando se acharem, e accudir ao rol, lhe darão sua gallinha a degolar n'elle.

Não tirarão os cascaveis ao buliçozo até não quietar, não deixarão crescer o bico tanto que não possa o Falcão comer, porque além de parecer mal, fende-se e come resfolegando, como que cança, e se carrega d'agua; e quando lh'o cortarem seja com bom tento, que não chegue ao vivo.

As unhas traga curtas, principalmente o altaneiro, e a todos os mais as não cortem.

Trabalhem que o Falcão vôe pela manhã cedo, que é bom costume, porque então as aves miudas não apparecem, nem as aguias; e tambem vôem á tarde, porque o nebri quer-se voado duas vezes.

Tendo nebri que se avantaje na altaneria, e ande bem alto e redondo em a ribeira, em a mesma caça se sustente sempre, porque ó dia que garceiro o fizerem se fará preguiçoso, e a belleza da caça de Falcão é ser bom altaneiro, que garceiros muitos Falcões o são, mui excellentes, e altaneiro famoso não se acha a meudo.

Durma o Falcão na camara do caçador, ou da pessoa que o tiver a cargo, porque soltando-se lhe accuda.

Alguns caçadores os tem soltos, outros nas alcandoras, conforme cada um ao que lhe parece.

Eu sempre o tive na alcandora atado com uma luva debaixo das mãos, ou panno de côr, sendo de inverno.

Quando o Falcão tomar alguma bôa ralé, como garça, não lhe dêem logo a comer n'ella, e depenne primeiro um pouco, e desgaste-se, que comendo com aquella colera se esquentará muito, e mais comendo de aves montezinhas, pelo que lhe darão de comer desde que se haja desenfadado depennando, e não lhe consintam que beba do sangue, que esquenta muito e faz o Falcão soberbo, que o nebri, de sua natureza é bem, por sua condicção nobre e exforço e ardideza, pelo que convem se governe temperadamente, e sendo caso que algumas vezes não desça com a furia que costumava, então lhe dêem a comer da adem que tomar em o peito d'ella, por tomar sabor, mas isto seja poucas vezes, salvo se o Falcão fôr tibio e duro de fazer.

Sendo caso que o Falcão tome tal ave, como gralha ou sisão, contra vontade do caçador, lh'a tirem das mãos, de modo que entenda elle que não fez bem, e lhe porão o caparão, e o deixem estar assim grande pedaço.

Algumas vezes lhe podem dar de comer de carne de lebre fresca, que é bôa de gastar, e alimpa o buxo, e seja isto uma vez no mez, e lhe não dêem o sangue d'ella porque desseca o Falcão, e lhe faz olfego, que é como em nós asma.

Advertencia sexta, que mostra a arte e preceito que se deve ter no cevar os nebris nas garças

Muitas vezes acontece matarem os Falcões as garças sem treina, como aconteceu ao Gavião de que fallei em sua caça, porque costumados a caçar aves meudas se passam a outras maiores com facilidade.

Se o Falcão olha a garça, e chega a ella e a não afferra, se abaixará da carne, e lhe darão fome, e se com isto não apegar d'ella busquem Falcão mestre que seja bom garceiro, e quando o Falcão fôr rendendo a garça tirem o caparão e larguem o Falcão, o qual se ajuntará logo com o mestre, e na garça lhe darão a depennar, e o deixem estar n'ella para que a conheça, e se lhe dê o coração e as canadas, e uma perna de gallinha, e quando estiver em cima da garça com aquella colera lhe deixem comer algumas picadas d'ella; isto de dar de comer na garça se não fará nunca senão n'esta occasião, porque é viçoza, e empacha muito, e tem um cheiro grande de carne monteza, e muitos Falcões a deixam por isso.

Depois que o Falcão tiver comido em cinco ou seis garças, matando-as já sem mestre denodadamente, mostrem-lhe a garça esquiva á qual deitem primeiro Falcão que a remonte, e sendo já em bôa altura o larguem, que não é bom costumal-o a que mate as garças no baixo. Quando o largarem seja peito a vento, ao contrario das adens, que as garças tomam vento

abaixo, e fica sendo melhor lanço encontrando-se, e tenha lembrança que não largue em rio grande d'onde não possa o Falcão ser soccorrido.

E o dia que o Falcão houver de voar garça, leve bôa fome, e vá descarregado com cascaveis leves, e não esteja ao sol; e se houver adens ou outras quaesquer ralés, faça de modo com que a garça fique e as adens remontem, porque largando o Falcão, estando todas juntas, largará elle a garça, e se irá ás adens, e perder-se-ha o vôo da garça.

E se as não viram antes de largar o Falcão, trabalhe quanto fôr possivel pelas não levantar, que já então não ha outro remedio.

Tendo já o Falcão a ponto para o treinar na garça, e carecendo d'ella, trabalhem por haver garça viva, e n'ella lhe dêem a degollar algumas gallinhas escondidamente por baixo das azas, e tendo já o Falcão conhecimento d'ella, larguem-lh'a, voando em pouca altura com os olhos cosidos, e um pequeno de cortiça mettida no bico, porque não fira o Falcão, e seu cordel delgado e rijo atado nos sancos, e em terra limpa porque elle se não embarace; e a segunda vez largarão a garça com meia vista, e a terceira esperta, conforme ao Falcão mostrar vontade.

E para a elle ter lhe farão bôa fome, como já muitas vezes disse; entrando n'ella com boas azas irá o caçador buscar a garça brava, e faça bom lanço, e vôe sobre tarde, e seja garça de morada, que são aquellas que sempre costumam uma ribeira ou lagôa, que o Falcão fará seu dever.

Convem que os caçadores tenham garças vivas para os ensinos dos Falcões, os quaes vivem muitos annos, mettendo-lhe o comer pela bocca, que será carne sem sal, e peixinhos do rio, e por que ellas teem o pescoço muito comprido ha-de ter cuidado o

que lhe der de comer, de com a mão lh'o levar á foz do papo.

As piós que lhe atarem sejam postas por cima dos joelhos, porque se pelos pés lh'as pozerem, debatendo-se, darão comsigo em terra, e acabarão a vida muito depressa.

Tenha seu caparão na cabeça bem aberto que veja por elle, que a continuação d'ellas verem quem lhes dá de comer, as faz amigas e domesticas.

Eu tive uma d'este modo e viveu muitos annos, e veio comer por si, e tomar da mão o que lhe davam.

O Marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, grande senhor n'estes reinos, tem muitas garças, martinetes, zambralhos, colhareiras meãs e garçotas, em uma torre que tem nas suas casas, na cidade d'Evora, e n'ella lhe manda pôr alguidares com carne feita em pequenos que possam ellas engulir.

Na sua villa d'Agua de Peixes tem as mesmas aves, e vivem assim curadas, que este senhor tem para lhe não faltarem treinas.

Advertencia setima, que mostra como se faz o vôo de Milhano com Gerifaltes e Sacres

Nos capitulos dos gerifaltes e sacres, disse brevemente de sua caça, mostrando mais seus talhes, plumagens e feições, que o ensino nem caçar d'elles, remettendo-os com todos os mais generos de Falcões á regra geral da caça dos nebris, por evitar prolixidade, e fugir a dizer as cousas muitas vezes; porque o caçador que bem reger e governar os nebris em tudo, com todos os mais se saberá entender, assim na caça, como no ensino d'elles; ainda que na caça dos milhanos como se faz com Falcões, em companhia de gerifaltes e sacres, me pareceu cousa conveniente mostrar como os praticos caçadores os fazem amigos e bons companheiros, para se ajudarem contra o vilão do milhano, o qual no voar tem agilidade e levidão, e no furtar o corpo aos golpes dos Falcões é manhoso e muito leve, tanto que muitas vezes baixa o Falcão cahindo a elle para o levar nas mãos, e o sagaz e levissimo milhano, furtando-lhe o corpo ficar o nobre Falcão em vão e frustrado, muito longe do que pretendia, e o milhano melhorado na altura, pelo que são necessarios dois Falcões companheiros, gerifaltes e sacres, e ás vezes tres sacres.

Esta voaria é mui excellente; podem voar tres Falcões sendo bellos companheiros, dois milhanos

cada dia, que são faceis de achar; os Falcões se fazem mestres n'esta voaria depois de rolleiros, dando-lhes de comer sobre os milhanos, e a degollar algumas gallinhas do modo que acima digo, escondidamente por baixo das azas.

E como tiverem conhecimento do milhano, lhe atarão sobre as costas d'elle um pedaço de carne com arte, que o veja bem o Falcão, e com ella largarão o milhano atado pelos sancos com um cordel delgado, rijo e comprido, e o bico debaixo quebrado, para que não escandalise o Falcão mordendo-o; e os alcanços tambem atados aos sancos, porque não fira o Falcão com as unhas, e assim o largarão com os olhos cosidos; indo voando no ar baixo, largarão o Falcão tirando-lhe o caparão, depois do milhano ir voando, porque como leva os olhos cosidos, vão voando a tento e são cubiçosos, e se o Falcão apegar d'elle lhe darão a comer de alguma ave viva de que elle tome gosto; e conforme apegar irão descozendo os olhos ao milhano até o largarem com a vista toda.

Notem que não ha-de treinar os Falcões tantas vezes no milhano, que venham em conhecimento das treinas, que será grande erro.

Eu vi um sacre pôllo, o qual conhecia tão bem o milhano que lhe deitavam de mão, que ainda que em muita altura fosse, e com toda a vista, o seguia só e em companhia até se abraçar com elle, e largando-o ao bravo, se deixava ficar. Enfadado d'elle o mandei atar a uma estaca sem caparão, e um milhano junto a elle com os alcanços atados aos pés, ao qual mandava dar de comer, e ao Falcão nada, tendo o milhano o bico debaixo quebrado, porque se acaso o Falcão se abraçasse com elle lhe não fizesse escandalo; esteve assim tres dias, ao quarto o matou e comeu constrangido da fome, que ella faz maravilhas, e d'este modo co-

meu tres. Então o mandei levantar e d'ali a tres dias o larguei em companhia dos mestres ao milhano bravo, e foi excellente terçó de milhano.

Este mesmo caso aconteceu a Braz d'Escovar, caçador do conde de Medelim, com outro sacre (a estes sendo pôllos, acontece mais esta ignorancia).

Tendo já os Falcões a ponto, entrando cada um no milhano em boa altura, largarão dois juntos a um só milhano, e cada um apertará as azas por afferrar primeiro d'elle, e se ambos vierem apegados no milhano, como cada um por si só d'antes fazia, se deixará o que ha-de ficar com o milhano afferrado n'elle, e do outro apegará o caçador pela cabeça com arte puxando para que largue as mãos d'onde as tem pegadas, e lhe deitarão uma gallinha atada pelos pés, da qual tirarão uma titéla envolta no seu sangue, e a darão a comer assim quente ao que está com a presa, ficando o outro na gallinha, da qual tirarão o coração e entretinho, e o darão ao que está com o milhano, e as canadas e o coração do mesmo milhano, e lhe farão todos os gazalhados possiveis; e assim procederão largando sempre o que ha-de ficar com o milhano, e os outros uma vez uns, e outros outra.

Aos Falcões que houverem de ficar de fóra cortará o caçador as unhas, e lh'as fará rombas por evitar os damnos que se podem seguir filhando se, porque assim se accode a dois males, que ainda que se filhem não se maltratam, nem se ferem, o que póde acontecer levando as unhas grandes e agudas.

O outro mal é, que sendo os Falcões de muita fome, tragões e cainhos, quando comem afferram da carne e luva do caçador, e querendo-os desafferrar de onde estão empolgados, tendo as unhas grandes e agudas, acontece arrancarem-se em todo ou em parte, e trazendo-as rombas se evitam desastres.

E' conselho do Marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, que na caça tem grande voto e é excellente caçador.

Estando já os Falcões amigos e companheiros, os quaes a poucos lanços sabem qual ha-de ficar com a prisão, qual aguardar pela gallinha, o da prisão se abraça com o milhano e afferra d'elle, e o tem estranhamente preso.

Eu tive um sacre mudado do ar, Falcão muito grande, e por tal o deixava sempre com o milhano; este todos que tinha agarrados os afferrava com uma das mãos pela cabeça, e com a outra, ou uma das mãos do milhano ou ambas, porque o não mordesse ou arranhasse; e posto que ao principio não estejam tão destros bastam que afferrem do milhano todos, e o tragam a terra, ainda que juntos venham, que a isso se acode com diligencia e gallinhas.

Eu tive um sacre, a que chamavam — lugo — prima mudado do ar, o qual prendia o milhano em boa altura e o trazia agarrado até o entregar áquelle que costumava ficar com a preza, e muitas vezes sem apegar do milhano vinha cahindo sobre elle, detendo-se até o submetter debaixo e a lanço d'aquelle que o havia de levar nas mãos.

Este ainda que afferrasse da prisão, sempre ficava a meio ar, detendo-se até o entregar ao amigo, e ficava aguardando pela gallinha.

Estando já os Falcões em ordem para os poderem cevar no milhano bravo, buscará o caçador para isso aquelle que vir mais mesquinho terçó e pôllo, e mal empennado; e n'estes o cevarão até quatro vezes sómente, que já então estão seguros, e podem voar o milhano velho, grande e ruivo, e rabiforcado, que estes estimam os senhores que os seus Falcões prendam e matem, e é vôo de muito passatempo, e avantaja-

do da garça, por a facilidade com que se acham; e havendo Falcões mestres podem voar cada dia dois com tres Falcões, como já disse e eu já fiz com tres sacres.

O dia antes que houverem de voar darão aos Falcões de um coração desfeito em agua morna, e á noite uma plumada de estopa sem mais cousa alguma, que os sacres são Falcões muito quentes e duros, e de qualquer cousa se sustentam, ainda que não ha regra sem excepção, que alguns ha donzeis e brandos, e bem acondicionados, e no engenho do caçador está a eleição do que se ha-de fazer a cada um; mas aos sacres convem se lhe dê sempre o dia antes de voarem seu lavado, e d'elle pouco, e muito desfeito em agua morna.

Pedro de Vesilha, caçador que foi do infante D. Luiz, filho d'El-Rei D. Manuel, e quando caçador de sacres, costumava sempre trazer na bolsa seixinhos redondos muito lizos, do tamanho das plumadas, que dava aos sacres em lugar d'ellas.

Nunca o costumei nem o vi fazer a meu pae, mais que dar seu lavado desfeito em agua morna, e a alguns Falcões fazia metter a cabeça até os olhos n'ella para tomarem a carne no fundo do vaso d'onde lh'a davam; e ás vezes pouco d'este lavado, e plumadas de estopas seccas.

Com outros se havia mais accommodadamente.

O Falcão que me costumava ficar com o milhano, a principio o temperava como os mais, e por elle ficar com o milhano apertava com elle; veio este a mostrar tanta nobreza de condição, que me atrevi a voar com elle em tempera, e então o fazia melhor, ainda que dois e tres milhanos voassem com elle cada dia; isto de temperar está na prudencia do caçador.

Podem com um só milhano treinar os Falcões mui-

tas vezes curando d'elle, mettendo-lhe a comida pela bocca, e por não morder a quem lhe der assim de comer lhe terão o bico debaixo quebrado, que ainda que aperte o dedo não magôa, nem por isso morre tendo cuidado d'elle; tenha as mãos livres para que possa estar em pé.

Para esta voaria tem o caçador necessidade de bufo manso que bem vôe ensinado ao pouso, o qual além de servir para tomar os milhanos para as treinas, e todas as mais aves de rapina com armadilhas, é mui necessario para baixar os milhanos, e se poderem largar os Falcões a elles com feição e lanço.

O bufo se largará no lugar mais baixo d'onde se achar o milhano, em valle, para que fiquem os caçadores que hão-de largar os Falcões melhorados, e se poder ser que vejam os caçadores as costas d'elle baixando ao bufo; é lanço seguro, o qual se uzará emquanto os Falcões não são mestres.

E porque o milhano não desce com tanta colera como as outras aves de rapina, e vem baixando ás voltas de vagar, então eleija o caçador o tempo de fazer seu lanço, largando os Falcões peito a vento; e sendo caso que o vento esteja com o sol não largarão, tendo os Falcões o rosto n'elle, porque com a claridade do sol se lhe embaraça a vista, e se enleiam que não sabem a que os largam, como eu já vi.

Advertencia oitava, que ensina os Falcões caçarem lebres

Todos os Falcões appetecem as lebres, as quaes têm um não sei quê, que até os gaviões as commettem, e todas as aves de rapina as cobiçam, e muitos Falcões sem treina as perseguem.

Alguns caçadores desejosos de tomarem prazer com este passatempo e voaria, ensinam seus Falcões a que as cacem, e os treinam em suas pelles cheias de alguma cousa, dando-lhe de comer a principio em cima da pelle assim cheia até que o Falcão a conheça deitando-a de mão, e o Falcão desça a ella de mão fingindo-a viva, e tendo elles já conhecimento lhe atem um cordel pelo pescoço, tirando pelo cordel fingindo-a viva, correndo um moço pelo campo limpo sem cardas e mattas.

O Falcão já costumado a comer n'ella, em a vendo vôa a afferrar da pelle, a qual vae encarnada, levando em cima pedaços de carne atados; e afferrando o Falcão d'ella lhe dão a comer, bolindo a morta pelle como se estivesse viva, e isto fazem tantas vezes, até que vae de quão longe a vê, e d'este modo procedem até estar para o largar á viva lebre.

N'esta caça são mui aprazíveis os alfaneques, sendo dois em companhia muito estimados pela voaria e golpear que fazem, mas assim estes, como todos os mais, tem necessidade de soccorro.

Lembra-me que fallando dos gerifaltes, disse alguns matarem as garças sem treina.

Miguel Peres, caçador do Marquez de Ferreira, indo com um gerifalte do almirante de Castella á caça das lebres (porque elles n'aquella voaria perdem as cocegas das mãos e cobram alento a exercitam os caçadores praticos) andando no campo, acaso atravessou uma garça a meio ar, e a viram uns companheiros, e bradaram ao Peres, o qual levava o gerifalte na mão.

Parecendo-lhe que o avizavam de alguma lebre, deu pressa ao cavallo para se melhorar de um alto, tirando o caparão ao Falcão, o qual poz o rosto na garça, e o largou o caçador a ella; o Falcão, como se fôra a ellas costumado a levou nas mãos, sem nunca ser treinado na garça que viva fôsse.

Eu matei os milhanos com um sacre sem treina; este andando com uma garça bem alta, acertou de passar por baixo d'elle um milhano voando á tira, o qual se recolhia para a dormida; desceu a elle o sacre deixando a garça, e o levou nas mãos, e foi excellente garceiro e milhaneiro.

Este mesmo sacre fez outra fineza. Vindo o prior do Crato, filho do infante D. Luiz, de cujo o sacre era, de vêr dar rol a uns Falcões, acertou de passar uma cegonha para o ninho; meu pae que o Falcão levava na mão, sem dizer nada aos da companhia, tirou o caparão ao sacre, que poz o rosto na cegonha, e o largou, e em poucos lanços a trouxe a terra.

Foi o feito, não pensado, muito festejado do prior.

Então me disse meu pae, por doutrina:

— Eu tenho fama de grande caçador, e as minhas aves o mesmo, por andar sempre no campo e lhes mostrar tudo, que as aves tem umas horas melhores que outras, como todas as cousas.

Do estojo e das cousas necessarias das quaes o caçador estará apercebido

No estojo ha-de ter o caçador thesouras e furador para fazer piós e avessadas ás suas aves, e para tosquiar as pennas das feridas, e cortar as que se houverem de enxerir; e tenazes para cortar as unhas e bico aos Falcões; canivete para aparar as navalhas e bico, e lima para o aperfeiçoar; pinças para tirar as cousas estranhas das feridas; canudo para as agulhas de enxerir, de duas pontas; botão de fogo para as apostemas, palmetas para estender os unguentos.

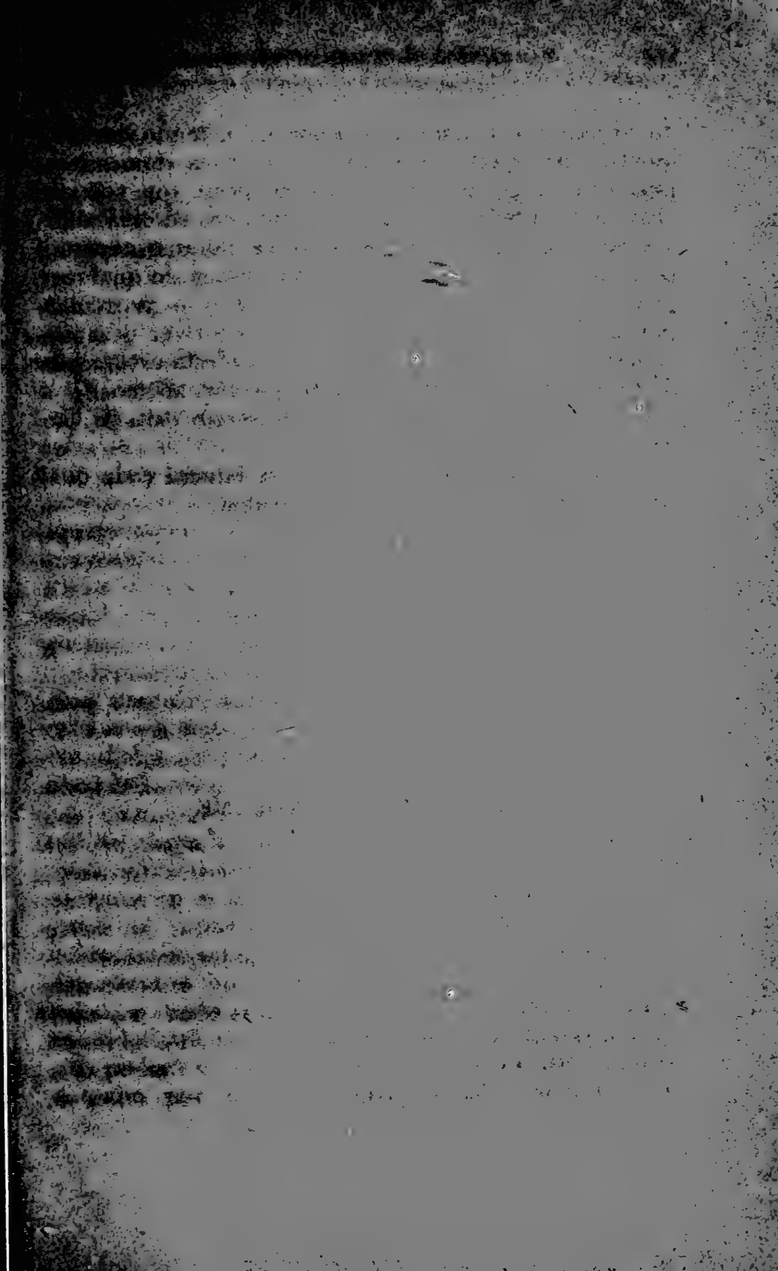
O caçador assim apparelhado, sendo prudente, poderá applicar os remedios e alcançará a saude que deseja ás suas aves, ainda que nem sempre se alcança o fim desejado, por que não é na mão do medico que sempre sare o seu enfermo, que muitas vezes o mal póde mais que a arte.

Sempre terá caparão de sobrecelente de todas as sortes de Falcões, e não porá o caparão de Falcão no Açor, nem o que fôr de prima no treçó, nem o do treçó no prima, por que sendo o caparão grande, se se saccudir ou coçar o lançará fóra da cabeça, e se espantará o Falcão vendo as cousas que não costuma, e sendo pequeno de treçó e o Falcão prima se escandalisará de lhe ser apertado e se assombrará, e não poderá o caçador fazer d'elle cousa que boa seja, e tenho por mais acertado deixal-o sem caparão

até o haver, e tratado com resguardo, tendo em casa quieta, sem gente, e entre outras aves domesticas, porque com as aves se assegurará, posto que seja safaro, e o caçador não será culpado em se escandalisar, pois não errou em mais que lhe faltar o caparão, pelo que terá muitos para as aves todas de qualquer genero que sejam; e piós, e cascaveis e avessadas, porque o caçador que d'estas cousas estiver desapercebido, não se póde chamar pratico n'esta arte, ainda que nem todos podem tudo; o que fôr affeiçoado á caça de Gavião baste ter o necessario para os Gaviões.

E da mesma condição e modo se haverá cada qual com o genero das aves com que caçar.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME



OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume.......... 400

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume 400

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes.......... 1$500

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes 700

V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume...... 400

VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.......... 1$200

VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.......... 2$800

VIII — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.......... 400

IX — Arte da Caça de Altaneria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, (vol I).......... 400

EM PUBLICAÇÃO

Arte da Caça de Altaneria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, (vol. II)

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO—CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

ARTE DA CAÇA
DE
ALTANERIA

POR

Diogo Fernandes Ferreira

VOLUME II

ESCRIPTORIO

147—RUA DOS RETROZEIROS—147

LISBOA

1899

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO—CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

ARTE DA CAÇA
DE
ALTANERIA

POR

Diogo Fernandes Ferreira

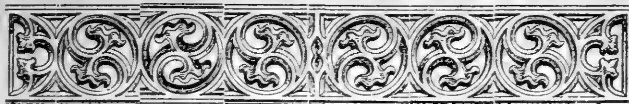
VOLUME II

ESCRIPTORIO

147—RUA DOS RETROZEIROS—147

LISBOA

1899



QUARTA PARTE

Na qual se trata de todas as doenças que aos Gaviões, Açores e Falcões podem acontecer, e os remedios para cada uma

CAPITULO I

Como se alimpa o Falcão do piolho

Em vindo o Falcão á mão do caçador lhe dê banho para o alimpar do piolho, porque todos os trazem, assim os de mar em fóra, como os tomados aqui safaros, porque os de fóra vem muito juntos, e uns os apegam a outros, e os safaros aqui tomados os tem que se apegam das aves que matam e se cevam, conhecendo-se em os Falcões se coçarem, e estarem inquietos na alcandora, e não sendo limpos d'esta immundicie, não andarão obedientes, porque com o sol se esquenta aquella praga, e os inquieta, e ás vezes são tantos que se deixam vêr entre as pennas do Falcão.

O banho se dá de duas maneiras: uma, tomarão onça e meia de ouro pimenta, bem moida e peneirada, tendo o Falcão derribado por pessoa que saiba, estes pós se deitarão por todo o frouxel do Falcão, apartando as pennas para que melhor se faça; este se dá aos pollos por que é bom para elles, e alimpa bem o piolho, e tomando-o na mão logo se vêem andar por cima da penna, e com uma canninha os deitem fóra.

E sendo o Falcão bem mudado, vestido de formosas pennas, por não se tingirem com o ouro pimenta, tomarão uma onça de pimenta bem moida e duas oitavas de paparraz, tudo bem moido e peneirado, o atarão em um panno de linho limpo e delgado, quanto caibam os pós, e o deitarão em quartilho e meio de agua e meio de vinho branco, e se aquentará a agua em um tacho limpo, e farão que os pós se côem do mesmo panno, que fique o banho morno, e com a força dos pós; com esta agua, tendo o Falcão derribado por pessoa que saiba, se banhará o Falcão molhando um pannosinho, e correndo-lhe com elle todo o corpo, advertindo que nas costas e nos cotos das azas tem pouca penna, e o não esfreguem, de sorte que o esfolem, guardando os olhos, assim n'este banho como no outro.

Sendo bem banhado se envolverá em uma toalha de linho limpa, com as mãos atadas com a avessada, e o porão assim embrulhado em cima de um panno de côr, grande, ou na capa do caçador, e o cobrirão com uma ponta, ficando a cabeça descoberta do fato, porém tendo o caparão n'ella, e d'ahi a um pouco se porão com elle ao sol, e tendo-o na mão lhe farão como acima digo.

Disse que se havia de derribar o Falcão: estando elle na mão do caçador, o tomarão pelas costas, os dedos mostradores prenderão as azas por onde se do-

bram, e os polegares ficarão pelas cadeiras, e com a mais mão, tirando para baixo um pouco, tomarão as azas com as pernas, salvando-lhe quanto fôr possivel o peito, e logo em o derribando o que o tem na mão com a que lhe fica livre tomará as do Falcão, e as envolverá com as avessadas, e d'esta maneira se lhe dará o banho.

CAPITULO II

Como se cura a agua commum do Falcão que não é vidrada

As pessoas que tratam em Falcões, e os tem para vender, por escusarem gastos, lhe dão a comer viandas de pouco preço, como carne de vacca, de ovelha e de cão; a de cão se tem por melhor, e não lhe dão plumadas, nem os põem ao sol, nem a depennar; e os tem encerrados ás vezes d'onde lhe dá fumo, e assim adoecem de agua leve de curar, e se conhece dando-lhe de comer saindo-lhe pelas ventas, e sacudindo a cabeça rocia o rosto do caçador, e espirra.

Esta se cura, deitando umas gottas de aguardente nas ventás, algumas vezes dando-lhe a depennar e suas plumadas, e a comer boas viandas, gallinha, e se a agua fôr grossa, dêem-lhe o paparraz bem limpo molhado em agua quente, e em cada venta lhe deitarão seu par de gottas, e se o Falcão estiver gordo, até quatro; e se porá um pouco ao sol, e o porão na alcandora até que faça suas babadas, e bem tarde lhe darão de comer uma perna de gallinha.

Alguns caçadores untam o ceu da bocca do Falcão com mel, com o dedo mettido na bocca, e lhe põem em cima mostarda moida que os faz purgar; e para escusar d'ahi em diante esta enfermidade, dêem sempre a depennar ao Falcão, duas vezes ao dia, pelo menos; guardem-n'o do fumo e más comidas que com isto se perservará de similhante doença.

CAPITULO III

Como se cura no Falcão a agua vidrada

Esta agua se gera na cabeça do Falcão e se chama vidrada, por ser tão grossa que tapa as ventas ao Falcão, e é como mormo, e uma das peiores enfermidades que acontece ás aves, por que estando a cabeça doente todo o corpo padece, e logo o Falcão mostra o semblante triste, e os lagrimaes dos olhos inchados, e o pescoço grosso, e quando se debate, ou quando deixa de voar, vae com a cabeça abaixo, e dá em o outeiro com o bico; e quando come ou depenna não mostra tanta força como sohia, e assim cresce este mal..

Para a cura, á noite, dês que não tiver papo, deitem-lhe umas gottas de agua morna avinagrada pelas ventas, ou de summo de cascas de laranjas, tomando a casca e espremela nas ventas da ave que caiam algumas gottas dentro, e se ponha na alcandora e a deixem saccudir; e depois a tomem em a mão, e deem-lhe a tirar um pouco no roedeiro, e a depennar.

Ao outro dia lhe deem um pouco de mel duro; met-

tido na bocca lh'a tapem, que deite mel pelas ventas; e estará na alcandora até que se sacuda d'aquella agua; e deem-lhe a comer esse dia, á tarde, e no mesmo dia, depois de comer, lhe provem agua e beba d'ella se quizer. Feito isto tomarão espique, cravos de Jarofe e canella, e frol de canella, e atem tudo em um panno de linho, ferva em uma panella limpa até que a agua tome sabor das especies; e n'esta agua tibia lhe deem de comer uma perna de gallinha molhando-a n'aquella agua, e tambem se lhe dê a titella molhada na mesma agua, como fica dito.

A agua da salsa-parrilha faz o mesmo effeito, e a tenho por bom remedio para esta doença; e lhe esfreguem o ceu da bocca com mostarda pizada, que tambem ajuda a adelgaçar os humores.

D'esta agua se faz outra que é mais vidrada que a sobredita, e com esta se procederá com os mesmos remedios; tem os mesmos signaes, salvo que os lagrimaes dos olhos incham e fazem como folles; e quanto mais o Falcão se debate, tanto mais os lagrimaes aquillo fazem, e as ventas se lhe tapam com o mormo coalhado, e não sahe fóra.

E' enfermidade mui perigosa. Chupar-lhe-ha o caçador as ventas com a bocca, e deitar-lhe-ha dentro fumo de herva santa, que é quente e adelgaça o humor, e é remedio experimentado, fazendo-o cada semana uma vez até que sare, estando o Falcão sem papo, e dar-lhe-hão sempre a tirar, e depennar, e trarão ramos de arruda em que elle depenique; e por que similhantes enfermidades da caçeba procedem de humores que vem do bucho, lhe darão carne envolta em pós de salsa tres vezes na semana, e suas plumadas d'algodão, e dentro n'ellas tanto como uma unha de pimentos, e guarecerá.

CAPITULO IV

Da purga commum do Falcão

Necessario é purgar o caçador o seu Falcão pelas razões já ditas, e para d'elle poder ordenar á sua vontade; porque tendo o bucho sujo das más viandas, e não se lhe darem as plumadas necessarias, veem cheios de humores e encharcados com agua, posto que o não mostrem, e é bom concelho purgal-os logo, por que com a purga se deminuem e depois com o regimento que com elles se tem se acabam de gastar, e se perservam de enfermidades futuras, e obedecem, e se lhe faz fome verdadeira pelo que logo deve ser purgado, considerando a pessoa do Falcão, e se tem carnes ou está falto d'ellas, porque conforme a disposição se hajam com elle, notando tambem a vontade que mostra no comer, e se vôa como d'antes costumava, e se engeita as prisões, e se o não faz por orgulho e gordura, e estar sobreposto, de crêr é que o faz por estar cheio de maus humores. Então se deve purgar, notando juntamente as tolheduras se são feias, e mal ordenadas e de má côr.

A purga se lhe dará dando-lhe primeiro de um coração de carneiro desfeito em pequenos em cosimento de xarope morno de malvas, ou de borragens, ou de raizes de lirios, como fica dito na purga dos Açores, no capitulo 17.°

As purgas d'estas aves são pilulas que se fazem de azebre, e de mechoação feito pós; os antigos davam aos Falcões tartaros, que não aconselho se dêem, que purgam com vehemencia, e estragam os Falcões; e

assim o diz Pero Lopes de Yalla, no tratado da caça de Falcão.

As pilulas se fazem, as de azebre feito em pó, e com o dedo molhado em mel se ajuntam e d'elle fazem as pilulas para os Fascões, que basta seja o de gerifalte e sacre do tamanho de uma avelã bem grande, a que se der aos mais basta ser do tamanho do miolo d'ella.

Esta pilula se dará envolta em uma pelle de pescoço de gallinha, ou de outra qualquer ave, ás dez horas da noite, tendo o Falcão o papo gastado, mettendo-l'ha pela bocca como as plumadas; e ao outro dia se lhe dará de comer, de uma titella de frangão quente passada por agua morna ás dez horas do dia, e não o havendo, de um coração de carneiro limpo de nervos; á noite, de comer do mesmo que se lhe deu, passado por agua morna, dando-lhe um pedaço de assucar candi ao segundo dia; e depois lhe dêem de um membro de gallinha, e o porão n'agua, se a quizer tomar ou beber, o deixem; e d'ali por diante procederão com bom regimento.

Esta purga se dará á entrada da muda, e á sahida, e mostrando signaes de enfermidade, que tal póde ser ella, que seja forçado remedio mais poderoso. E conforme a isso se procederá com a eleição do caçador.

CAPITULO V

Do Falcão que emmagrece

Muitas vezes por o Falcão não ser purgado a tempo necessario, nem lhe darem de comer ás suas horas, e muitas por pouco, e viandas frias, e carnes não frescas, vem a adoecer os Falcões e emmagrecem e se desecam, e por se lhe gerarem lombrigas e filomeras; tambem acontece desecarem-se por serem feridos e mal curados, o que algumas vezes acontece por descuido do caçador, por não olhar o seu Falcão quando anda aos golpes com as aves, a vêr se está ferido para curar d'elle, e andando assim doente se conhece por ter o semblante triste, e o sanco frouxo, e não depenna e vae emmagrecendo; a esta doença se lhe não acudirem de principio é má de curar, tendo estes signaes, que disse; se emmagrecer por causa da ferida, veja se é penetrante e em que parte, e se estiver soldada não lhe faça cousa alguma, ainda que penetrante seja, mais que dar-lhe boas viandas.

De todas as carnes, a de porco é a que mais engorda, principalmente toucinho fresco, o qual lhe podem dar duas ou tres picadas entre comendo outras viandas, que elles a comem de boa vontade, e pombinhos e rôlas, e todas estas frescas e quentes, porque com ellas se remedeiam, assim as feridas como as enfermidades causadas das comidas destemperadas, porque se a ferida por dentro tiver alguma parte lésa, ajudado o Falcão com comidas frescas e quentes dão forças á natureza e melhora.

Algumas vezes lhe darão de um ovo duro, limpo da pellesinha que está entre a casca e a clara, pisado com manteiga de vacca crua e desfeito em leite de cabras, de arte que não fique brando, e lhe deitem um pouco de açafrão pisado, e de terceiro a terceiro dia se dê a comer misturado com a carne.

CAPITULO VI

Do Falcão assombrado

Muitos homens querem ser caçadores de aves, e por não saberem a pratica da caça, nem a ordem que se tem com os Falcões, os enojam ao pôr do caparão, principalmente ao principio, e lhe tiram o caparão muitas vezes diante de gente, cuidando que fazem bem, e o Falcão vendo as cousas desacostumadas se debate, e o novo caçador lhe não acode pondo-lhe o caparão docemente, e fica o Falcão tão escandalisado que em vendo o rosto do homem e a mão, grita deitando-se da mão abaixo ; e os Falcões que mais depressa se assombram são os gerifaltes, principalmente os treçós, e o caçador que vê assim o Falcão assombrado se anoja com elle, andando ás voltas com a mão em que o tem, e com isto cada vez mais se assombra e enoja ; e para se remediar mal tamanho convem sejam os remedios ao contrario dos erros feitos.

Tomará um caparão bem feito, e que por elle não veja cousa alguma, e bem cerrado, que ainda que se cosse e sacuda o não deite da cabeça, e não lh'o tirará se não ao comer, e quando lh'o der seja em uma

camara escura sem pessoa alguma, porém com a candeia de pouca vista, e ali lhe dê de comer, depois que entender que tem grande fome, porque com ella se esqueça do escandalo e medo que d'antes tinha tomado, e deixem-no alimpar o bico e sacudir, e lhe ponham o caparão docemente, furtando a mão que a não veja, e não no entreguem a pessoa que faça erros com elle; e de noite á candeia lhe dê a tirar, e seus dôces, e antes que amanheça o tomem na mão, e dês que fôr assegurando lhe mudem o caparão e seja mais aberto que veja por elle, e vá perdendo o medo que d'antes tinha da gente, e assim se procederá até que esteja seguro, e sendo já amigo se procederá com bom tento.

Os Falcões nebris querem caçador soffrido, o qual lhes não tirará o caparão senão quando quizer voar e lhe der de comer e a provar a agua, e na alcandora, e em o prado, como já dissemos; o que não tem todos os mais Falcões que soffrem verem gente, e estarem sem caparão em a mão.

Quando o Falcão fôr tão duro de condição, que não obedeça pela regra acima, se haverá o caçador com elle ao contrario; á noite o leve d'onde haja pêgo com agua, ou em casa em uma bacia grande, ou alguidar bem cheio d'agua, o tome pelos sancos ambos, embrulhando n'elles as avessadas, e com a mão direita assim atado o mergulhe todo na agua, dando com elle alguns golpes que o quebrante, de modo que se não possa elle ter em pé e trema, e está a perigo de morte, e quando esta obra se fizer não terá nada no papo, nem caparão na cabeça, e terá carnes e forças para soffrer o trabalho; e o enxugarão ao fogo, e aquella noite o deixem sem comer, mas com o caparão na cabeça. Sendo manhã lhe darão a degolar um frangão, e coma o coração e vermelhos, e beba d'a-

quelle sangue, de tudo pouco; e como fôr gastando vão tendo cuidado dando-lhe viandas boas de gastar, e trazel-o na mão, procedendo como fica dito.

Eu fiz já esta boa obra a um gavião, e emendou-se.

Pero Ferreira, meu pae, o fez a um sacre, e do dia que o comprou ao allemão a sete dias, entrou ao milhano no ar, e me disse estando mergulhando o sacre em uma lagôa em Almeirim:

—Hei-de fazer pasmar estes caçadores d'el-rei, os quaes sabendo que ao setimo dia treináramos o sacre, que era da companhia dos seus que ainda lhe não saltavam na mão, o tiveram por cousa nova.

CAPITULO VII

Das gosmas

Gosmas são umas bostellas que nascem na bocca e ouvidos dos Falcões; procedem da agua que lhe corre pelos narizes e ventas em a bocca, e com a quentura se geram.

São leves de curar.

Tomem um pannosinho de linho e alimpem-lh'as, e tirem-lh'as, e borrifem-lhe a cabeça com agua-ardente ou vinho até que sare.

Outras gosmas nascem dos Falcões serem gargantões, que com a carne comem os ossos e se ferem na bocca.

Tambem estas não são de perigo.

Tirar-lh'as-hão subtilmente com uma palheta, depois que tiverem materia, que não façam sangue, pondo-lhe em cima um pequeno de mel, e guarecerá.

Outras ha que nascem na cabeça e ouvidos, estas inda os que não são caçadores as conhecem, porque estão na cabeça e ouvidos em bostellas pequenas como grãos de milho, e as tem tambem por toda a bocca, e entram até á garganta, e são más de curar.

Tiram-se com uma palheta, tambem se tiram com uma penna aparada, trabalhando quanto possivel fôr por lhe não fazer sangue; e deitem-lhe em cima uma pequena de pedra hume moida em pós nos logares d'onde se tirarem as gosmas; e estará o Falcão derrubado um pouco até a pedra hume fazer sua obra, e far-lhe-hão isto de tres em tres dias.

Limpas as da cabeça e da bocca, lhe untarão com geropiga e sarará; sendo primeiro limpas com a palheta, que faça sangue não perde.

As gosmas que estiverem nas orelhas se não sára mais que tiral-as com a palheta, e pôr-lhe um pequeno de algodão em cima; e se fará duas vezes ao dia.

Acontece muitas vezes haver gosmas debaixo da lingua, e o Falcão que as tem traz a bocca aberta.

Derrubado o falcão lh'as tirarão com a lanceta ou com a penna feita a modo d'ella, e lh'as untarão bem de mel; e por que os Falcões que as tem na bocca não querem comer, lhe meterão dentro a comida com o dedo por não morrerem ao desamparo.

CAPITULO VIII

Do Falcão que amanhece com papo

Muitos caçadores cuidam que fazem mimos aos seus Falcões, principalmente quando matam alguma prisão, de gosto lhe dão grandes papos descuidando-se da hora em que lhe dão de comer, e que vianda seja; e acontece não poder levar ao buxo, nem gastar o que o caçador lhe deu, porque uns Falcões ha que mais depressa gastam o comer que outros, e dando-lhes de comer sem consideração, como digo, amanhecem com o papo por gastar, e é perigo, que de similhantes erros nascem doenças.

A isto se accode com muita facilidade:

Derrubarão o Falcão e lhe deitarão o papo fóra, como disse na criação dos Gaviões, sendo pequenos, onde o verá o caçador.

Sendo eu moço, sahindo á caça com Fradique de Menezes, caçador do Adaião de Evora, largou o Açor a uma perdiz que elle levou nas mãos, e quando o acharam a tinha toda mettida no papo.

O pobre caçador por trazer perdizes para o amo lhe deitou o papo fóra, estando eu presente, e depois de sacudido tornou a caçar e tomou aquelle dia dez perdizes com elle.

Depois de se lhe lançar a comida fóra do papo se porá d'ahi a um pouco na agua e se lhe dê a comer de alguma coisa boa de gastar, frangão ou rôla, ou de ave pequena e nova, que se póde suspeitar ser alguma indisposição, e se porá ao sol, e procedendo

com elle até o caçador conhecer se foi de comer muito, ou de alguma indisposição; e se foi causa indisposição alguma lhe darão a comer de um coração de carneiro, tirando-lhe a gordura e nervos, em agua morna, um par de dias, e depois como diz acima.

CAPITULO IX

Do Falcão que tem o papo cheio de vento

VENDO o Falcão que tem o papo cheio de vento, e ainda que coma se lhe não sahe, lhe accudirá o caçador dando-lhe a comer pombas, e pombinhos vivos, e coma quanto quizer; e as mais pennas que se lhe poderem dar a comer envoltas com a carne se lhe darão; e isto farão tantas vezes até que sare, que podem ser tres ou quatro dias.

CAPITULO X

Do Falcão que tem plumadas velhas

DE os caçadores não advirtem cada dia se os Falcões tem feitas as plumadas, dando-lhe de comer, tendo-as no bucho, e á noite parecendo-lhe que o seu Falcão a tem feita a noite atraz, lhe dá a outra em cima, e o erro é não terem lembrança de olharem cada dia se fez o Falcão aquella manhã plumada.

A este se conhece pela maneira seguinte:

O Falcão que as tem, sendo já as plumadas podres, não póde comer como costumava d'antes que as tivesse, e se entristece, e cheira-lhe mal a bocca; então lhe apalpem o lugar onde tem o bucho, e d'este modo achando-lhe o bucho duro se conhece esta doença.

O remedio é tomar manteiga fresca de vaccas, e não na achando fresca se lavará em nove aguas, e d'ella lhe dêem pela bocca tanta quantidade, como uma noz, e aquelle dia não coma cousa nenhuma; ao outro dia logo lhe dêem os tartaros, como fica dito no capitulo 4.° — da purga, — ou lhe dêem pós de tabaco, que eu tenho por melhor, quantidade de um grão de ervilhaca envolto na carne; isto lhe darão antes de comer cousa alguma, que não duvide que em menos de meia hora deite o que tiver no bucho, e se se embebedar com isto não cuidem que é de morte.

Depois lhe dêem de comer de um coração de carneiro lavado em agua morna, bem limpo de gordura e nervos, e note-se que tolheduras faz.

Ao outro dia se lhe dê um membro de gallinha, e mostrando melhoria lhe dêem do coração lavado, como digo; entrepolando os dias, ora d'elle, ora gallinha, e algumas vezes um torrãosinho de mel, primeiro que coma; e lhe darão sempre a comer taes viandas, que não levem nervos, nem ossos, nem pennas, e os Falcões doentes d'esta doença inda que guareçam se lhe não dará plumada, e sendo necessaria seja pequena e de algodão ou de pelle de lebre, digo cabello de lebre· não lhe falte sol nem agua.

CAPITULO XI

Do Falcão que tem o bucho inchado e grosso

Esta enfermidade se conhece quando perde a vontade de comer e faz as tolheduras grossas e e n'ellas vem materia negra entre a branca, e apparecem umas caganitas como de rato, e o Falcão tolhe de tarde em tarde.

A esta enfermidade se acode purgando o Falcão. Tome assucar candi pisado e miudo porque melhor vá ao bucho, e lh'o meta na bocca, e dês que fizer a tolhedura do assucar estará ao sol sempre até que faça tolhedura como d'antes costumava, e prove-lhe a agua aquelle dia em jejum, e se lhe dê de comer de um coração de carneiro limpo de nervos e gordura, envolto em zaragatôa, e se purgará como fica dito em o capitulo das plumadas velhas. Tambem se purgue tomando duas partes darmodatillis e uma de turbit e tres de assucar branco; estas cousas todas pisadas e peneiradas se darão ao Falcão conforme á pessoa d'elle; ao Gavião se dará quantidade d'uma plumada de Gavião, os pós embrulhados em uma pelle de passarinho; ao Falcão quantidade da plumada que se lhe costumava dar, envolta em uma pelle de gallinha, e o mesmo se fará a cada ave que se lhe quizer dar.

Ao outro dia pela manhã lhe darão suas picadas de coração lavado, e d'ahi em diante sua vianda ordinaria, e esta purga é sem perigo; e o dia que se lhe der, coma de um coração de carneiro lavado em agua morna, e depois sua vianda ordinaria.

A causa d'esta enfermidade é erro do caçador dan-

do de comer demasiadamente ao Falcão, duas vezes ao dia, parecendo-lhe que acerta; e d'este comer muito, todos os dias, se enche o bucho e tripas de materia, e assim perde a vontade de comer.

CAPITULO XII

Do Falcão que tem lombrigas

Por não serem os Falcões purgados a seu tempo, e terem o bucho sujo se geram as lombrigas; que isto seja verdade se prova, purgando algumas vezes os caçadores aos Falcões com os tartaros ignorando haver lombrigas, por que com os tartaros as lançam não sendo ainda vivas, mas já engendradas; que se ellas vivas foram não as matariam os tartaros; mas mortifical-as-hião por alguns dias.

Ainda que, digo mais, que os tartaros quando lh'os dão deitam a semente das lombrigas sómente vermelhas como grãos; e dês que são geradas são más de lançar.

Sendo vivas conhecer-se-ha tel-as o Falcão, por que vae muitas vezes com o bico ao oveiro, e se coça n'elle, e entre as pernas e no papo; algumas vezes não mostram estes signaes e tem lombrigas.

Pelo que o caçador mui a miudo veja a tolhedura da sua ave, e se o Falcão as tem logo se verão na tolhedura, algumas vermelhas como bichinhos, e se collige quando isto fazem terem-as vivas, as quaes se geram de vianda grossa e dôce, pelo que se devem curar d'este modo:

Tomem açafrão e mettam-no dentro em um cora-

ção de gallinha, e dês que entender o caçador que está já esmoido no bucho, tomem semente de erva lombrigueira e dêem-lh'a em coração de gallinha, quantidade que bem se possa esconder a erva; e não havendo isto tomem leite de cabras em um vaso limpo, e se ponha sobre o fogo brando, e n'este leite se deitem duas gemmas de ovos que serão mechidas até que se coalhem, e d'estes ovos se dêem a comer ao Falcão; e como d'elles não tiver nada no papo lhe deem a erva lombrigueira, ou pós de losna metidos em uma tripa de gallinha, que faça vulto de uma avellã, por que estão as lombrigas movidas com o açafrão, e com o doce mimosas, e indo o amargo as mata, para o que se darão tambem as pilulas de azebre, feitas como ensina o capitulo da agua vidrada e da inchação do bucho.

CAPITULO XIII

Das filandras ou filomeras

Esta enfermidade pela maior parte é mortal nos Falcões por ser ao principio escura e difficultosa de conhecer.

Quando estas filomeras ao principio se geram dá o Falcão muito com o bico nas costas a miudo e se sacode muitas vezes, e aperta a mão do caçador e estremece; e este se entende ser o principio d'ellas, e o caçador se deve rever na sua ave como a mulher no espelho, a isto se accode dando-lhe a comer tres dias da titella de um frangão molhado em xarope de lirio morno, como disse na purga dos Açores, e farão no-

ve pilulas de azebre sacotrim do tamanho cada uma de um gravanço pequeno, estas lhe darão tres cada dia, em nove dias, um dia sim outro não; e quando lh'as metterem na bocca se as quizer deitar lhe taparão o bico; e este é o remedio que tem esta enfermidade; e o tempo mais perigoso é na muda ao derribar as thesouras.

Os francezes por fugirem a este perigo compram por mais preço aos Falcões depois de mudados, que antes.

E para evitarmos esta doença, que pela maior parte em os Falcões é mortal, se lhe dará sangue de gallinha tres vezes em a semana, e beba aquelle sangue como fica dito na regra dos nebris.

CAPITULO XIV

Do Falcão que tem pedra

Esta pedra vi eu muitas vezes em os Gaviões novos, quando os prendia, e lhe punha o caparão; com a mudança do estado, estando mais tempo sem fazer tolhedura do costumado, se lhe gerava esta doença.

Em os Falcões se gera por comerem más viandas e grossas, e se ajunta na tripa que vae do bucho ao oveiro, e se faz uma pedra como giz de alfaiate.

O Falcão que a tem commette a fazer tolhedura uma vez e outra, e não lança pelo oveiro mais que quanto lhe suje as pennas, e vae com o bico áquelle logar, e o cabo bolle e dá com elle na luva.

Accode-se com lhe darem a comer semente de sal-

sa misturada com a carne, ou em um coração de gallinha, porque com isto se aparelha a materia.

Depois d'isto feito lhe deem um pouco de mel duro do tamanho de uma noz feito em pedaços, e vendo que faz tolhedura do mesmo mel, dêem-lhe coração de carneiro com zaragatôa, e não na havendo, se dará manteiga crua, e se a pedra estiver já junto ao oveiro, e de grande a não poder lançar, derrube-se o Falcão e lave-se o oveiro com agua tibia, e apalpe-se aquelle logar, e achando a pedra apertem-na mansamente com os dedos como quem espreme um leicenço, e com isto sahirá; e o mesmo dia lhe darão mel e coração de carneiro com a zaragatôa, e d'ahi a diante se governe com bôas viandas.

Dura cousa me parece nas aves usar de ferro, mas se com os remedios não se poder o caçador valer, fará como se costuma com os capões que os abrem para lhe tirarem os genitaes.

A abertura se faz pelo vão da barriga por uma ilharga, tosquiando a parte, e para o caçador se assegurar, se metterá, de cada banda da abertura, uma linha com uma agulha; e atravessada se ajuntarão as pontas de cada parte, e abrirão o golpe, e com o dedo veja o caçador se a pode encaminhar ao oveiro, e não podendo ser, se rompa com a lanceta o logar d'onde estiver a pedra, e tirada se coza assim o logar d'onde a pedra se tirou, como a abertura, e lhe deitarão sangue por cima, e a solda de que falla o capitulo atraz da perna quebrada; e se governe com boas viandas.

Já se fez, e viveu o Falcão.

CAPITULO XV

Da fistula que se faz em a ferida do Falcão

Muitos Falcões se ferem vindo cahindo ás adens com força, por se encontrarem com ramos de arvores ou mattas, e muitas vezes por serem feridos de garças e grous, e por serem as feridas mal curadas se afistulam; sendo feitas em partes nervosas são duras de curar com medicamentos.

A esta se accode com fogo.

Toma-se um botão de ferro não vermelho de todo no fogo e se ponha na parte afistollada subtilmente; e se no logar da fistula houver carne crescida se queimará com uma palheta, não vermelha no fogo, e em cima d'esta queimadura se untará com azeite ou manteiga crua, e lhe deitarão em cima pós de alvaiade; e criará bostella grossa, e se n'elle criar alguma pequena de materia subtilmente lh'a tirem, e lhe lancem mais pós duas vezes ao dia, e assim guarecerá.

CAPITULO XVI

Da comichão que os Falcões tem nas pennas e as tiram e comem

No tempo que os Falcões mudam as pennas tem o corpo todo movido em sangue novo, e com a muita abundancia d'elle, e com lhe darem viandas quentes para lhe crescerem as pennas, se lhe faz um pruido e comichão no logar d'onde as pennas das azas e o cabo lhe apontam, estando assim em sangue vão com o bico a ellas e as arrancam e comem, e é grande damno.

O remedio para se acudir a esta comichão é tomar pós de azebre sacotrim envoltos em mel e por-lh'o n'aquelle logar d'onde tiver a comichão; e as pennas começarem de nascer, e para lhe applacarem o sangue lhe darão a comer frangão passado por agua cosida de malvas, e o trarão de continuo na mão até que se descuide o Falcão e se applaque a comichão.

O azebre amarga muito, e com o mel posto n'aquelle logar indo o Falcão com a bocca, achando os amargos, não tornará como sohia.

Tambem os pós da coloquintida, que ha na botica, farão o mesmo, que são muito mais amáros.

CAPITULO XVII

Da unha que se tira ou cahe ao Falcão

A principal cousa que convem ter o caçador é ser muito soffrido, por que as aves carecem de rasão, e com o mór soffrimento e prudencia fazem os Falcões tudo o que os homens d'elles querem; e não tendo soffrimento é muito pelo contrario.

Pela qual rasão encommendo aos caçadores o soffrimento, que ha muitos Falcões tão cainhos, famintos e apegadores, que estando aferrados na ave que matam, os não podem desaferrar d'ella; e o mesmo fazem quando lhe dão de comer, ferindo as mãos do caçador; e o mal soffrido os desaferra sem tento.

E por estas e outras occasiões acontece arrancarem-se-lhe as unhas aos Falcões em todo ou em parte, e se estiver ainda pegada e não sahida de todo, derribe-se logo e cortem-lhe a dita unha com a tenaz que não chegue ao vivo, e tomarão sangue de dragão e bollo armenico, azebre e solda, moido tudo muito bem; e d'aquelle pó se deite em cima da unha, pondo-a em seu logar primeiro; e com um panno de linho delgado se coserá, que fique bem composta e apertada, e folgue até nove dias, tendo sempre o panno cosido; e se a unha fôr arrancada de todo, tomem os ditos pós e cubram com elles a unha, mettendo-a d'onde a unha sahiu, e tomem o mais delgado coiro de luva que se achar e cosam-n'o muito bem até por cima da junta.

Tambem pondo-lhe em cima fel de qualquer animal com uma pelle de gallinha por cima faz o mesmo effeito, cosido como fica dito.

CAPITULO XVIII

Do Falcão que tem cravos nos pés

Estes cravos acontecem em todos os Falcões, e se fazem em as plantas e solas dos pés umas bostellinhas do tamanho de cravos pequenos, pelo que tem este nome, e os Falcões mais sujeitos a esta enfermidade são os gerifaltes, os quaes são grandes e pesados, e com o peso do corpo e quentura dos pés carnosos, se lhe gera esta enfermidade, e é grande desgosto para os mesmos Falcões, os quaes com o receio de lhe doerem as mãos deixam de apegar na caça.

Esta doença é difficultosa por ser nos pés d'onde ha muitas juntas e nervos, e com o pezo do corpo da ave empede o effeito da mezinha, e se alonga a doença por mais tempo.

Ao principio vendo que tem as mãos inchadas, o porão em cima de uma pedra redonda, da grossura da alcandora, e em cima d'ella um panno de linho dobrado quatro vezes, molhado em vinagre destemperado, sobre o qual se porá o Falcão, burrifando-lhe as mãos a miudo com agua rosada, e não obedecendo, lhe porão summo de limões misturado com azebre feito a modo de unguento, que é remedio mais poderoso e desseca os humores, e os reperverte e resolve; e lh'o porão duas vezes ao dia, molhando os

pannos no vinagre a miudo, e sendo caso que a enfermidade vá por diante, e os cravos estejam apegados e de má feição, então lhe cortarão todas as unhas das mãos até que deitem sangue, e tomarão trebentina e sabão francez e cinza de vides, da cinza e sabão partes eguaes e da trebentina maior parte, e metterão tudo em uma panella nova pequena, e se porá sobre as brazas, e ferva mexendo-a com um pau até que faça unguento um pouco duro, e frio de todo, d'este unguento se fará emplastro estendido sobre um couro de luva bem delgado, do tamanho da palma da mão do Falcão que tiver os cravos, e por entre os dedos sahirão umas linguas do mesmo couro para que se atem no sanco, e fique seguro, que se não desaperte; e assim atado o deixarão em a alcandora por espaço de tres dias, e passados elles lh'o tirarão. E se aquellas bostellas se abalarem, como que querem sahir, tentem com a pinsa se o querem fazer, e não sahindo brandamente lhe tornem a pôr o mesmo emplastro, e com isto sahirão os cravos, e depois de sahidos no logar d'onde se tiraram se deitem pós de verdete e de rasuras de pipa e de tutia partes iguaes, tudo bem moido e peneirado, e porão o mesmo couro com unguento amarello, e de tutia, e apostolorum misturado partes iguaes, lavando a mão do Falcão primeiro com vinho cosido com rosas seccas e alecrim e maçãs de cyprestes; seja o vinho misturado e meado com agua; hade ferver tudo que mingue a metade.

Este lavatorio se usará depois que os cravos de todo forem fóra, que o lavatorio se uza para alimpar a chaga que ficou dos cravos e de seccar os humores.

E de tres em tres dias lhe ponham umguento apostolorum que tem potencia de alimpar similhantes chagas; e procedendo d'esta arte sarará.

Depois se terá cuidado de o porem sobre os pannos de vinagre, ou em cima de uma almofada de rosas seccas, burrifando-lhe as mãos com agua rosada ou vinagre que lh'as esfrie.

CAPITULO XIX

Do Falcão que tem os pés inchados

Incham os pés algumas vezes aos Falcões por terem as piós apertadas, e de mau couro, e sendo o Falcão debatidisso muito mais, o que se faz por culpa dos caçadores, e se as piós forem causa da inchação se cortarão, e em seu logar lhe porão umas de hollanda, e lhe cortarão as unhas dos dedos da mão inchada até deitar sangue, e depois lhe untarão o pé doente com umguento de althéa, duas vezes ao dia, e sendo caso que não desinchem, e se lhe façam uns nós, e gudilhões do tamanho de grãos pequenos, tomem summo de limões com pós da entrecasca de sovereira, com que curtem as solas, bem moidos e peneirados, e como emplasto o ponham em cima dos nós e durezas, que as desfará; e o mesmo a inchação das mãos que apertam e desecam muito, e ficando as duresas sem se resolverem não se canse o caçador, que estas se tiram com uma lanceta e botões de fogo; mas antes que se deite mão ao ferro, com unguento de althéa procederão abrandando-os.

O botão de fogo que se der será quente, mas não feito brasa, e sendo caso que a ave que taes nós tiver não deixe as ralés, e as tenha até as entregar dissimulem com elle, que pode acontecer sendo o

fogo dado por caçador pouco esperto, lhe faça o botão de fogo mais mal que o que d'antes tinha.

E se todavia lhe derem botão de fogo, lhe porão em cima manteiga crua ou unto de garça, e alvaiade.

CAPITULO XX

Do Falcão que tem perna quebrada

São tantos os acontecimentos que na caça acontecem, e tão alheios de credito, que se não forem vistos com os olhos, ou contados a caçadores, se não podem dizer, como aconselha D. Jorge Manriques — *Las cosas de admiracion non las cuentes, que no saben todas gentes quales son.*

Contar que um Falcão tão pequeno como é um tagarote, de um golpe derriba um cysne e uma garça, e mata um grou, ave tão grande como um homem, que quem o não vir, o não podera crêr.

A um Falcão meu altaneiro se quebrou uma perna golpeando as adens afferrando n'ellas no ar, e vindo abaixo trazia a perna quebrada pela coxa; acode-se a isto por esta maneira:

Tome incenso e almécega, e sangue de drago, e pedra sanguinha, tanto de uma como de outra, e moido tudo bem, cada cousa por si, e a misturem com uma pequena de farinha de trigo, quanto seja a quarta parte dos pós, e a amassarão com clara de ovo bem batida, de maneira que se tire toda a escuma, e com a massa que de tudo isto se fizer derrubem o Falcão, e se a perna fôr quebrada pela coxa, tosquiar-lhe-hão as pennas, e de cannas farão umas canellas á feição

de taboinhas delgadas do comprimento necessario, que bem tome a quebradura, tendo conta que fique a perna bem limpa sem pennas, e untem-lhe a perna com o sobredito umguento, e lh'o ponham á maneira de emplasto, pondo-lhe em cima estopas de sedas brancas, sem nós, e cubram-n'as d'aquelle emplasto; e depois do emplasto posto sobre as estopas, se porá as cannas lisas ao derredor da perna; e tomem um panno de linho do comprimento das cannas, e o envolverão muitas vezes por cima das cannas apertando-o de modo que pareça ser necessario, e por cima o apertarão com uma linha e o coserão de modo que se não affrouxe; e dêem-lhe logo de comer solda, quantidade de um gravanço, e se a não quizer comer lh'a metam pela bocca.

A solda melhor de todas se faz tomando momia, que tem os boticarios, e pez e a zaragatôa, e semente da erva menodilha, que chamam solda menor, e semente de masturços, e solda raça de Allemanha.

E tomar-se-ha da solda menodilha uma parte e a respeito d'esta parte se toma a quarta de pez e zaragatôa e semente de masturços e da momia a oitava, e cada uma d'estas cousas moida por si muito bem, e misturar-se-hão todos estes pós, e depois de serem envoltos se metam em um saquete de couro, e pondo-os ao sol bem calcados com as mãos; e se não fizer sol meta-se no cèu junto á carne.

Do meu conselho todos os caçadores, principalmente os móres, tenham comsigo esta solda, que é excellentissima, e não n'a havendo preparada, lhe podem dar semente de masturços, ou solda momia de tres em tres dias, mettida em um coração de gallinha, do tamanho de um gravanço, seja a solda que se der, como fica dito.

O comer seja frangão, gallinha, rôlla, pombos e a

comida seja picada de maneira que não tenha trabalho, nem se estribe sobre a perna doente ; e passados vinte e um dias, se lhe desatem aquellas ataduras, e lhe deem de comer em a mão até estar bem esforçado, pondo-o de dia na alcandora, e de noite sobre uma táboa, d'onde estará dês do principio da cura, para que se quizer deitar o possa fazer, e assim guarecerá ; e sendo quebrada pelo sanco se curará da mesma maneira tirando-lhe a pió e cascavel.

Disse fossem as estopas de sêda por mais branda e macia, e em seu lugar se podem pôr as de linho, ou o mesmo linho.

CAPITULO XXI

Do Falcão que se lhe quebra a aza

No capitulo atraz disse as occaziões pelas quaes acontecia quebrarem-se as pernas aos Falcões ; as mesmas e ainda mais acontecem no quebrar das azas, por que além de brigando com as ralés se lhe quebrarem muitas vezes, perseguidas as meãs e garçotas dos Falcões, se acolhem ao gado, parecendo-lhe que podem assim escapar á furia dos Falcões, e os mesmos animaes com os pés lh'as quebram, e ainda os matam.

A mim me aconteceu, largando um Açor, ella de medo se acolheu entre uns porcos, o Açor por ella se metter debaixo de um, afferrou n'elle, o qual com a dôr levantou tal voz e gazeo que ajuntou todo o rebanho, e quando tirei o meu Açôr livre o tive a grão ventura, e por similhantes successos e outros muitos se quebram as azas aos Falcões, ao que se accode

d'este modo, tosquiando as pennas da aza quebrada, e depois lhe egualem os ossos pondo-os em sua proporção, e lhe porão o emplasto pelo modo que disse da perna quebrada, com as mesmas cannas, estopas e ataduras feitas com arte, conforme a quebradura, pondo-lhe as cannas em cima das estopas, as quaes atarão com um fio que fiquem firmes, e por cima se porá um panno de linho delgado e limpo, e se cosa que fique bem firme.

Tendo isto feito lhe encolherão a aza como o Falcão a costuma a ter, e a embrulharão assim em um panno, cozendo tudo junto; da aza e do panno sahirá uma tira da largura de um dedo com que atravessando o peito por baixo do papo cingirão o Falcão, e mettendo-lhe a tira por debaixo da aza tornarão a cozel-a na mesma tira de modo que fique sempre a aza encolhida n'aquelle logar que convem para soldar; e a mesma quebradura ensinará o modo que se ha de ter com ella, que o mais deixo ao engenho de cada um, e se lhe dará a solda como fica dito; e no primeiro dia que se curar estará encamisado tanto tempo até que o emplasto se seque, e estando secco se desencamisará o Falcão, e se porá em cima de uma tabua chã, em que se deite se quizer, atado pelas avessadas, e estará assim vinte e um dias.

O comer seja, segundo dissemos da perna quebrada, e esteja sem voar até passar a muda e cobre pennas novas, e não haja duvida em guarecer, que eu vi um Falcão com uma aza quebrada curado por esta ordem, e ser depois tão bom como d'antes era.

CAPITULO XXII

Do Falcão que se lhe quebra o olho

Se por alguma occasião se quebrar o olho do Falcão ou outra qualquer ave, se curará d'esta maneira:

Tomem herva andorinha e bulça pastoris, e pizem cada uma por si e lhe tirem os summos, os quaes juntos se deitarão no olho da ave embrulhado em uma gotta de mel; o que se fará com uma penna, estando o Falcão derribado, e depois de lhe terem deitado estes summos lhe metterão o caparão; e esteja o Falcão derribado até lhe parecer que está o summo consumido, porque o não sacuda, e tenham por certo que se a menina não fôr ferida que cobrará toda a vista, e se ferida fôr ficará com a formozura do olho ainda que não veja.

Esta mezinha se fará duas vezes ao dia até o olho ficar com a formosura que d'antes tinha, e ficando-lhe nuvem lhe deite o pó de coral branco moido e bem peneirado, e assim ficará são.

CAPITULO XXIII

Do Falcão que tem inchação entre o couro e a carne

Acontecendo ter o Falcão entre o couro e a carne aposthema cheia de vento, que é mui feio nas aves, se curará mui facilmente, tomando a lanceta delgada e dando-lhe com ella uma picada d'onde o vento está, e sahido o vento tomarão losna cosida em vinho branco e com este cosimento morno lavem aquelle logar, e logo será são.

CAPITULO XXIV

Do Falcão que regeita o que come, e têm as tripas frias

Por descuido do caçador e não ter cuidado de dar no inverno as plumadas necessarias aos Falcões e Açores, e darem-lhe a comer a carne fria em tempo de inverno, e estarem em casas ventosas e de telhavã em tempos frios, succede adoecerem d'esta enfermidade, e é mui perigosa e má de guarecer, porque lhe esfria o papo e bucho.

Esta doença se conhece quando o Falcão regeita a miudo e não logra o que come, e mostra ter vontade de comer e bom semblante, mas como vae emmagrecendo se vem a entristecer.

Convém antes que tenha este signal accudir-lhe logo, porque depois nenhum remedio tem, porque tem

o bucho franzido e encolhido, e o papo não quer receber em si cousa alguma; a esta enfermidade se accudirá por este modo:

Tomem pombinhos novos e affoguem-nos por este modo, que é quebrando-lhe o osso do pescoço junto á cabeça, sem lhe romper a pelle, e estando cabeça abaixo se lhe ajunta todo o sangue n'aquella parte do pescoço quebrado, e este sangue assim coalhado e quente, lhe darão a comer tres vezes ao dia, e d'ahi em diante o mesmo sangue, e a titella, comendo pouco e a miudo, e boas viandas; e por não vir a mal tamanho farão como encomendo no regimento e regra do Açor.

CAPITULO XXV

Da ferida que o Falcão tem aberta ou cerrada

Tendo o Falcão ferido se tosquiará a parte de onde a ferida estiver, e se fôr grande e comprida, e estiver com pennas ou terra a alimparão e a cozerão, tomando com a agulha alguma pequena de carne para que assim fique mais firme e solde melhor, e atarão cada ponto sobre si, e lhe deitarão em cima a solda que disse no capitulo da perna quebrada; e sendo sã lhe cortarão os pontos, e lhe tirarão a linha.

E sendo a chaga aberta se lavará com cosimento de losna, tantas vezes até que o couro que d'antes estava verde se torne da côr do outro, e se a ferida ou chaga fôr entrando por baixo do couro se lhe romperá, e o lavarão com a mesma losna, como dito é, e

se a chaga fôr funda, depois de lavada lhe deitem pós de alecrim bem peneirados, e o lavarão com cosimento de losna e vinho morno, e assim procederão até que sare.

CAPITULO XXVI

Das debateduras e cahidas do Falcão

Acontece cahir a alcandoria por descuido juntamente com o Falcão, e elle ser debatidiço, e da queda e debateduras deitar sangue pela bocca.

Para isto tomem sangue de drago e momia e açafrão, e tudo pisado junto se dará ao Falcão em uma perna de gallinha quanto seja uma plumada, e a carne que depois se lhe der seja passada por cosimento de herva escabriosa, e sara.

CAPITULO XXVII

Do Falcão que tem as tripas fóra

Tendo o Falcão as tripas fóra, se abrirá um pombinho pelas costas, e assim quente e quasi vivo, se porá sobre as tripas do Falcão, e estando ellas quentes lh'as metterão onde sahiram, e coserão a ferida por cima, alimpando-lhe primeiro a ferida das cousas estranhas, e tosquiando as pennas do logar da ferida, então lhe cozerão o logar por d'onde

as tripas sahiram, como os cortidores cozem as pelles, e sobre a costura untarão a parte com o sangue de pombinhos, e em cima d'elle se deitará solda, que fica dita, ou pós de incenso macho, e o mesmo farão pós de alecrim bem peneirados.

CAPITULO XXVIII

Do tropiguo do Falcão ou impação

Nos Falcões se geram tropesias assim como em homens, á qual doença os caçadores com nome rustico chamam tropiguo ou impação, que fica quasi respondendo ao nome que verdadeiramente é seu de tropesia.

Os Falcões que padecem esta enfermidade se lhe incha o ventre (como os homens a barriga e o estomago) e se lhe seccam as coxas, e as tolheduras são desvariadas, sujas e frouxas, e não perdem o comer; mas no ventre tem uma aposthema, e vulto tamanho como um ovo.

Os Falcões a quem este mal mais acontece são os gerifaltes, por serem pesados e afogadiços, e de sua natureza queixosos; e se a estes acontece descuido, ficando na alcandora se debatem, e dão golpes e se quebrantam, e de se lhe não darem as plumadas necessarias, havendo humores, e de comeres desordenados se lhe gera este mal esquentando-se aquella bexiga e aposthema que traz no ventre, de modo que abrasa e apodrece as entranhas, figados e bucho do Falcão, que chega ao ultimo da vida.

Accode-se a esta enfermidade derribando o Falcão,

e com as avessadas lhe atem as mãos, e com uma thesoura boa lhe tosquiem o ventre bem limpo de pennas e penungem, e tendo o ventre tosquiado lhe ponham as costas para baixo, e o ventre para cima, e com uma lanceta lhe abram o ventre, começando da ponta do peito em direito do oveiro, não chegando a elle, que a abertura e golpe que se ha-de abrir não será maior que quanto se coza com tres pontos, não sendo mais entre ponto e ponto de distancia de meio dêdo; e lhe deitarão a agua da posthema fóra de todo, e cozerão a abertura como fica dito no capitulo do Falcão das tripas fóra, que é como os cortidores cozem as pelles, a qual obra para ser feita com arte, a faça um cirurgião que tem apparelho e costume; e por cima da costura lhe deitem do sangue de uma gallinha.

E se digo que por cima lhe deitem sangue, é por que o ventre é logar de pouco sangue, e tem necessidade d'elle para soldar; e cobrirão a parte ferida e cozida com solda dita no capitulo desasete, da unha fóra, e depois tomem da solda de que fala o capitulo da perna quebrada, e d'esta se dê ao Falcão a quantidade de um grão de comer, se lhe metta pela bocca, e todo este dia se não bulla, e esteja encamisado em um panno de linho, deitado sobre um cabeçal, o ventre abaixo; e á noite se lhe dê de comer meia perna de gallinha picada, e seja tirado o escudete, que é aquella parte de fôra; e se o não quizer comer se lhe metterá por força na bocca, e este encamisado nove dias, e n'elles se lhe dê sempre de tres em tres dias sua solda em um coração de gallinha, quantia de um grão de comer, e ao cabo d'elles se desemborilhe, e se ponha em uma boa alcandora, com sua almofada debaixo das mãos; ha-de ser de panno brando de lã, cheia da mesma, e se não quizer estar segu-

ro, se ponha sobre uma táboa, e pregado n'ella um panno de muitas dobras, porque esteja quente, e a casa sem vento, nem fumo, e quente; e ao decimo dia, ou ao outro onzeno, se coza losna em vinho branco em uma panella pequena e ferva até que seja cozida, e com este cozimento se lave cada dia aquella chaga, e assim esteja quieto e coma picada a carne; por dez ou doze dias sejam as viandes boas e depois coma por seu bico, e se lhe não dêem plumadas; e d'esta arte se ha-de haver o que curar esta doença antes que o figado e buxo seja esquentado, e sarará.

E se o Falcão tiver o figado e buxo damnado, está em duvida se guarecerá ou não, pelo que convem seja o caçador cuidadoso e veja se o seu Falcão muda o semblante, e que doença tem, para lhe accudir a tempo com os remedios necessarios, que a tempo lh'os podem fazer que não approveitem.

CAPITULO XXIX

De como se deve fazer a muda ao Falcão

Os Falcões bafaris e sardos, malhorquins, e os tagarotes da Romania, são os que mais depressa começam a mudar, e assim sahem mais temporãos.

Eu vi um Falcão bafari que em a primeira semana d'agosto sahiu da muda deceinado, e aquella mesma semana o cevaram; mas commummente começam a mudar na primeira semana de junho, e uns são mais temporãos que outros.

A muda e casa d'onde hão de mudar seja sem fu-

mo e quieta, e que não tenha mais de uma janella que se abra, quando quizer o caçador, porque o Falcão está quieto.

A alcandora se fará alta da terra, por causa de humidade, em tábuas e páus rijos; e na casa tenha alguma pedra, e a casa sempre limpa, e tenha sua area, e de noite candêa acceza; e algumas vezes se lhe ponham torrões com hervas verdes, que pareça campo; para que com aquella verdura tome prazer, coma em a mão quando elle quizer, principalmente á tarde, attentando que semblante tem, por que estando triste, se houver mister ser curado, se cure.

CAPITULO XXX

De alguns Falcões que não querem mudar

COMEÇANDO já os Falcões a derribar as pennas como as corvas junto aos cutellos, traga-se na mão, e não se ponha na muda até que derribe as pennas do cabo, e coma quanto quizer de boas viandas, e des que tiver derribado se porá na muda, e deem-lhe rôlas bem cevadas e gordas, e pombinhos enxutos, principalmente quando governar as pennas maiores, e quando lhe derem as aves sejam depennadas e bem limpas com um panno, do piolho; e muitas vezes, ainda que assim sejam bem tratados deixam de mudar por não entrarem na muda purgados, e outros pelo escandalo que tomam da casa em que os põem; e se por caso da doença deixar de mudar, considera o caçador qual seja, e conhecida cure d'elle, segundo disse em cada capitulo, e se deixa de

mudar por não estar purgado não se haja o caçador por sem culpa ; e se o Falcão deixa de mudar por orgulho e não querer socegar, a isto se accode tirando-se da muda, dando-lhe a comer pouco, tres ou quatro dias, de maneira que venha a ter boa fome, e torne-se á casa, e lhe irão dando pouco de comer até que socegue, e não tão pouco que emmagreça, mas moderamente.

D'ahi em diante se lhe dêem boas viandas, e de oito em oito dias se lhe dê um papo de carne de carneiro, de perna fresca e quente, para assim desenfastiar.

Ao principio da muda lhe dê rôlas, que são muito boas para se porem os Falcões em carne.

Depois que começam a derribar as pennas reaes, são bons os pombinhos, que ajudam a crescer as pennas grandes e assignaladamente os cutellos maiores, que estão em logar de pouca carne, que são as azas e hão mister ajuda.

Os pombinhos enxutos é a melhor vianda que se lhe pôde então dar.

Bom é mudar-lhe as viandas porque não enfastiem.

Tambem é bom dar-lhe as landoas dos bodes e cabras, as quaes se acham em o pescoço de traz da garganta e nas orelhas, e se lhe darão duas vezes na semana, e de cada vez lhe darão seu papo d'ellas; e se o Falcão as não quizer comer, dêem-lhe outras viandas, tentando-lhe ás vezes as landoas até que de todo comece a mudar bem.

Os ratos fazem mudar os Falcões estranhamente, dando-lh'os a comer com pelle e tudo, e não esqueçam pombinhos enxutos, porque com elles se criam bem as pennas.

CAPITULO XXXI

Como se haverá o caçador com o Falcão depois de mudado

Depois que o Falcão tem derribado todo o grande e está em o cutello derradeiro e thezoura, tire-se-lhe a carne, dando-lhe menos de comer, de modo que coma com fome, e vá diminuindo de seu vagar a enxunda, e aquelle sahirá da muda mais seguro, que fôr assim tratado, porque sahindo carregado de carnes é grande perigo, porque se se debate quebra-se-lhe a enxunda, e nunca aquelle anno anda como deve, nem o caçador o pode ordenar como convem: e dês que tiver os cutellos ou thezouras derribado, e a ponta comprimento de dois dedos, tire-se da muda á noite, e em a mão ande um pedaço de noite e á madrugada.

O comer sejam frangãos pequenos afogados em agua fria para refrescar, e d'elles se lhes faça bom papo, e a alcandora seja segura e em casa segura, na qual não entre cousa que o espante, e á tarde o tomarão na mão, e irão procedendo de maneira que se lhe gaste a enxunda, e não fique magro; e dês que fôr deceinado o chamarão ao rol, á tira de perto, e seja rosto a riba, porque assim se deceina; e não esqueçam plumadas dos ossos das juntas mastigadas e molhadas em agua tibea, dês que houver fome, que emquanto a não tiver as não quererá tomar.

CAPITULO XXXII

Das pennas quebradas, e como se enxirem

De muitas maneiras quebram as pennas aos Falcões e Açores, a alguns tomando aves grandes, como são grous, abetardas e patas bravas, andando n'aquella lucta agarrados, antes de serem soccorridos, se lhe quebram as pennas do cabo e azas.

Outras vezes por descuido do caçador, deixando esquecida a sua ave na alcandora, se debate, e com as debateduras as pennas se lhe torcem e quebram; se depois de torcidas e amolgadas lhe não accodem e as endireitam, é culpa grande do caçador.

Tambem quebram aos que vem do mar em fóra trazidos por pessoa que os não sabem tratar.

Eu vi alguns tão decotados, que não tinham pennas nas azas e cabo, que sãos estivessem; algumas vezes quebram por dentro da carne até o vivo d'ellas, ao redondo, outras fendem pelo meio ao comprido, e algumas de modo que se pode temer poderem mudar por se não poder valer a ave com o bico, por estarem mui rentes com a carne.

O remedio que n'este caso se terá, é tomarem umas torquezes pequenas feitas a modo de pinças, e não sejam agudas que cortem a penna.

A ave que tal penna tiver quebrada se derrube, e com as tenazes apeguem d'aquella penna, e tirem-l'ha, e no buraco se lhe metta um grão de cevada, esburgado e limpo, porque o buraco d'onde a penna sahiu se não serre, e solde uma carne com a outra, e não

voarão com a ave a que isto acontecer até que a penna lhe não venha nascendo de todo.

Isto se faz ás pennas maiores, que estão assentadas nos logares pobres de governo, e lhe darão a comer boas viandas para que lhe venha a penna bem fornida, porque se não fôr bem governada pode-se temer não nascer a penna como convem, e sendo caso que dentro na carne lhe fique o canno redondo em modo que se lhe possa metter outra penna similhante, se o Falcão fôr nebri, a penna seja de nebri, se de gerifalte a penna seja de gerifalte, se prima fôr o Falcão a penna seja de Falcão prima, e se de treçó fôr, seja de treçó; e sendo da aza direita a penna que faltar, a que se pozer seja da mesma aza, e se possivel fôr, sendo mudado, seja a penna do Falcão mudada, e sendo pello o mesmo; e não havendo tal penna se haverá d'outra similhante que melhor quadre, pelo que o caçador deve de guardar as pennas para casos similhantes, e tendo similhantes pennas se egualarão áquellas que estão quebradas, nas quaes se hão de pôr a enxerir as que se pozerem; e seja a que se pozer da aza similhante, como já disse; se faltar penna da aza direita, seja a que se pozer da aza direita, e do mesmo logar, e se é o cutello primeiro, se segundo, e alli tomem a tal penna e fender-se-ha de modo que possa entrar dentro do outro canno até junto do vivo, e não se fará esta obra entrando tanto a penna que se queixe a ave a que se pozer.

E á penna fendida que se ha de metter dentro no canno, se lhe porá uma pequena de terbentina na fendedura que se lhe fez; e assim se ha de metter na penna da ave para que fique firme, e conglutine; e depois tomarão uma sovella muito subtil, e com ella atravessarão o canno que tem dentro a penna que se lhe metteu, e atravessarão com o canno que tem den-

tro a penna que lhe enxeriram; e pelos buracos da sovella metterão das pennas de perdiz, das que trazem nas azas junto ao cabo, que são curiosas e brandas, e se torcem sem quebrar, e primeiro as alimparão do frouxel que tem, e dês que as metterem cortem-se com um cannivete junto ao canno, d'onde fica a obra feita, advertindo que se ha de ter conta com ficar a penna bem direita como as mais, e assim, d'este mode, se faz obra excellentemente.

E se a penna fôr quebrada entre a penna e o mociço de modo que o canno fique inteiro, então tomarão a penna que se trouxe, e se fará como já disse, fendendo-a ao comprido, mettendo-a pelo outro canno da ave, de modo que encache bem uma com outra, e tal como esta não tem necessidade de sovella, porque entrada no canno da outra ave engrossa, e esta a faz firme.

Advirtindo que quando se entrarem estas pennas pelas outras, encolham o canno das pennas que se houverem de metter, e para isso se mandam fender, porque não arrebente o canno em que se mettem, as quaes depois de estarem mettidas engrossam e endurecem, e não é inconveniente á fenda, e toma melhor a terbentina.

As pennas que estiverem quebradas fóra do canno, pelo mociço, ou por qualquer logar que seja, ou delgado, ou mais grosso, tomarão a penna que houverem de enxerir, e a medirão que fique do mesmo comprimento, nem mais, nem menos, e contar-se-hão as pennas tambem da ave egualadas de tal arte que se não cortem as pennas meudas, que fiquem justas ambas; assim a que se houver de pôr como a do Falcão ou Açor, ou outra qualquer ave, que as que estão na ave se se cortarem redondas ficam muito feias, e não é feita a obra segundo arte; pelo que

advirto o que esta obra fizer, que resguarde as pennas meudas pegadas ao firme, que fiquem á feição de forcado, com que revolvem o trigo; e para se fazer sem cortarem as pennas meudas as podem cortar com canivete bem agudo, e molhem as duas pennas nol ogar em que se ha-de metter, a agulha com agua morna.

Estas pennas se enxirem com agulhas de duas pontas, as quaes o caçador terá umas maiores, outras menores, outras mais pequenas e delgadas, as maiores para as pennas grossas, as mais cada uma para seu logar; e hão-de ser de tres quinas de ponta á ponta, umas pouco levantadas no meio, com algumas picaduras ao revés, como as que tem as limas, porque depois que entrarem nas pennas não possam sahir.

Estas picaduras não sejam muito asperas, nem se façam se não junto ao meio da agulha, onde hão-de ser algum pouco mais grossas; e affirmo que estas muito poucas vezes se acham feitas como convem, pelo que se hão-de mandar fazer e trazel-as o caçador comsigo, e não sejam muito longas, e quando se pozerem saiba o caçador escolher a agulha para o logar, e penna em que se ha-de enxerir.

Quando a metterem na penna se molhará em sal e agua, ou em um alho, porque se mette agulha na penna que se ha-de enxerir, e ajuntar com a da ave, levando-a o caçador na mão, e a enxir com facilidade.

E todas estas coisas se farão com bom tento, e não se enxerirá torcida, nem fóra de medida.

E quem bem o souber fazer não se conhecerá se foi enxerida, sendo a que se pozer da mesma côr.

E para isto sempre andará o caçador apercebido de boas agulhas de toda a sorte, como já disse,

maiores e menores, e agudas para pennas e cutellos e thesouras; e as trará o caçador andando á caça, de inverno, porque sendo necessario accudam logo ao remedio.

E para evitar quebrarem-se as pennas da ave, o caçador terá cuidado das aves que tiver a cargo, vendo se tem pennas torcidas ou amolgadas e vendo que ha n'ellas retorceduras, então tomem agua quente pouco mais de morna, e a deitem em uma procellana limpa, e n'esta agua metterá a penna que quizer concertar, e dês que estiver bem soldada, com a mão se indireitará, com os dedos molhados na agua propria quente e com estopas correndo a penna com ellas molhadas na dita agua, e depois a ave terá cuidado e a correrá com o bico, e se porventura a penna estiver amolgada, e quebrada, mas tal que não esteja de todo partida, tome então um tallo de couve, aquente-se em pequeno borralho, e sendo quente se tire, e se abra ao comprimento, e n'aquella abertura e fenda se metterá a penna amolgada e quasi quebrada; e soldará estando a penna no tallo mettida por um pouco n'aquella fendidura da couve e tallo.

CAPITULO XXXIII

Da tinha que póde acontecer ás aves de caça d'altaneria

A ave que tem esta doença lhe nascem bostellas pelas coxas e cabeça, e ao redor do ouveiro e do bico, e são a modo de uma carepa, que aonde está nas aves se come a penna, e nos sancos as conchas, e quando as aves tiverem tal enfermidade, derrubar-se-ha, e lhe untarão os logares d'onde esta carepa e sarna estiver com azeite d'oliveira, ou manteiga crua.

E ao dia seguinte a derrubem, e com um canivete que tenha boa ponta o alimpem de toda aquella immundicia e carepa, e não estando branda que com facilidade se desarreigue e tire, o tornem a untar como d'antes; e ao outro dia lh'a torne a tirar o melhor que poderem, e tendo feito isto tomem uma lima, e com o summo d'ella lhe esfreguem as partes d'onde lh'a tiraram, muito bem, de arte que se não trate mal a ave, e se da primeira vez não sarar, continuem com o summo da lima, que com elle será são.

E se fôr tempo de muda melhor, que mudará as pennas comidas, e tambem sarará, e lhe sahirão as pennas formosissimas fóra da muda, que eu o fiz a um Açor, e fóra da muda lhe tornaram as pennas a nascer bellissimas.

CAPITULO XXXIV

Que ensina como se fará fome verdadeira ás aves sahindo da muda

Tomem alquetira e alfofas, e assucar candi, partes eguaes, e assucar branco duas partes, e pizarão tudo junto, e se peneirarão; e assim se porão á parte, e depois se tome de azebre sacrotim, e zaragatôa e semente dos mastruços, que se não hão-de pizar.

Da zaragatôa se tomará tanta quantidade quanta caiba em uma moeda de dois vintens, e dos mastruços a metade d'esta quantidade; de zaragatôa e do azebre, de tamanho d'um grão de comer; e dos pós, dos assucares e alfofas, que disse fossem pizados, tomarão quantidade de dois dedaes, e o misturarão em o azebre, e as outras coisas se fará plumadas d'ellas, e os darão envoltos em uma pelle de pescoço de gallinha, ou do corpo d'ella, ou de outra qualquer ave bem limpo das pennas.

Esta plumada se dará á noite, tendo o Falcão comido aquelle dia de um coração de carneiro lavado.

Ao outro dia pela manhã lhe darão, antes que coma, de um torrão de assucar candi do tamanho de uma avelã, e dês que purgar com elle, lhe darão a comer de um coração de carneiro lavado.

E sendo o Falcão nebri se porá na agua primeiro que lhe deem o coração lavado, e se fôr ave que não tome agua, lhe dêem agua morna pela bocca, e assim fica purgado e limpo do bucho.

O que purgar a ave considere a pessoa d'ella, como fica dito no capitulo quarto da purga commum do Falcão.

Titulo das receitas

Receita primeira dos sainetes

Tomam os Falcões tanto gosto, e sentem que os caçadores folgam com o que elles fizeram, se lhe dão as canadas das prisões que matam, que deixam de comer carne, e olham as mãos dos senhores em quanto lh'as apparelham; e os caçadores famosos para terem as aves amigas fazem seus doces, aos quaes os castelhanos chamam sainetes, e se fazem:

Tomem enxundias de gallinha e ponha-se ao sereno em tempo de inverno, pizadas com canella fina, misturado tudo com assucar branco, tudo bem pisado e posto algumas noites ao sereno, que se endureça a enxundia com a mais mistura; e d'esta massa faça o caçador pinhões, e os dêem á sua ave, que tomam grande sabor n'isto, e conhecem que folgam com o que elle fez, e lhe ficam sempre amigos.

RECEITA SEGUNDA

Para mudar o falcão por industria do caçador ainda que o falcão o não faça naturalmente

Se o Falcão ou outra ave estando na muda não quizer mudar com a ordem que manda a regra, fará d'este modo:

Buscarás um kágado vivo, e tira-lhe as conchas am-

bas, e a carne d'elle envolva-se em um panno de linho delgado, e se porá entre duas táboas como imprensa, e lhe porão um pezo em cima, de arte que fique expremida da humidade, e molha n'aquella agua que da carne do kagado sahir, a carne, e mudará.

RECEITA TERCEIRA

PARA O MESMO

Tomem os peixes meudos do rio d'agua dôce, e os seccarão, e depois de seccos os façam em pó, e se dêem á ave com a comida e vianda que se lhe der, e mudará.

RECEITA QUARTA

PARA O MESMO

Tomem um lagarto e o mettam em uma panella nova e a tapem, e se metta em o forno, esteja alli até se fazer carvão, e estes feitos pós se dêem a comer, e mudará.

RECEITA QUINTA

PARA O MESMO

Ha uns bichinhos vermelhos que se deixam vêr em os malvares, e pelas paredes, de verão, a que chamam

os portuguezes bois de Deus, e os castelhanos vaquetas; dadas ás aves fazem mudar.

Os ratos e a carne d'elles dada ás aves, é bom.

RECEITA SEXTA

PARA O MESMO

Tomem uma cobra e cortem-lhe a cabeça tanto como uma mão travez, e do rabo o mesmo, e metta-se no forno em uma panella nova, e secca se farão pós, e moidos elles deitarão d'estes pós, misturando-os com pós de coral branco, tanto de uns como de outros, e d'elles darão ao Falcão quantia de meia noz, e mudará.

RECEITA PARA A SARNA E RABUGEM DOS PODENGOS

Os podengos são mui necessarios na caça do Açor, e os galgos para soccorro dos Falcões, pelo que não é fóra de proposito tratar-se de suas doenças.

As ordinarias n'elles são sarna e rabugem, a qual muitos tem por velhice, outros por serem quentes, e na caça do Açor lhe acontecer faltar-lhe a agua, e com a calma se esquentam, e ás vezes raivam, ou se enchem de sarna e rabugem.

A esta doença, proceda do que fôr, se accode tomando alcrevite e azeite de oliveira e cebo de bode e pez e azinhavre, partes eguaes, as que tiverem necessidade de serem pizadas se pizem, e se derreterão todas, e feito unguento, tosquiando o cão que tal mal

tiver, e quente se untarão as partes que esta sarna tiverem, e sarará sem duvida.

Para o mesmo dizem que fumo de herva santa é boa.

RECEITA PARA QUARTOS DE CAVALLOS

Os cavallos tambem padecem males, e são o todo na caça, e com o trabalho muitas vezes se lhe fende o casco dos pés e mãos; áquellas fendas a que chamam quartos, se accode com este remedio:

Tomem cebo de bode, unto sem sal, azeite de oliveira e mel, cebo de vella, trebentina, unguento de alteia, gorvião, sangue de drago, almecega, incenso, alhos ingrimes, cera bella; d'isto feito unguento, elle derretido e quente se deite em a fenda e quarto do cavallo, e seu casco serrará logo.

Ha-de ser a fenda e quărto limpo das cousas estranhas.



QUINTA PARTE

Na qual se trata das armadilhas e modo que terá o caçador em armal-as

N'esta quinta parte se trata das armadilhas, das quaes não havendo caçadores espertos, que com redes e laços tomem os Falcões, Açores e Gaviões, e as mais aves de rapina, das quaes os Reis e principes uzam em suas caças reaes, fica a caça falta de seu principio e parte mais necessaria, porque as armadilhas são um todo para todos.

E' passatempo de que podem uzar todo genero de pessoas, porque aos pobres é proveitosa, aos nobres e ricos entretenimento sem offensa, e alivio de cuidados tristes, e aos religiosos refugio de suas soledades.

CAPITULO I

Das aves de rapina nocturnas, e como com o Bufo se tomam os Falcões, Gaviões e as mais aves de caçar

Os mochos, corujas, e bufos, são contadas com as aves de rapina, por que se mantem de cousas vivas, que ellas de noite caçam.

Estas sendo vistas de dia das outras aves logo se vão a ellas, e as perseguem, e espancam, dando-lhe golpes e repellões, e se põem junto a ellas espantando-se muito.

A gente vulgar diz que cada ave d'aquellas lhe emprestou algumas pennas, e quando as vêem lh'as querem tomar.

A causa é que estas aves nocturnas, posto que sejam similhantes ás outras, tem o rosto e os olhos differentes, porque os tem muito grandes e encendidos como lume, e o rosto quasi como de uma criatura humana, ainda que coberto de pennas.

As corujas são do mesmo talho e feição, e os mochos o mesmo.

Os mochos criam nas tocas das arvores, e entre pedras, onde ha morouços d'ellas.

As corujas em torres, em muros velhos e nas egrejas; de noite buscam seu pasto, e onde ha pombaes matam para comer os pombinhos pequenos; os mochos se manteem de bichinhos, e algumas vezes se acham nos ninhos pennas de passarinhos, que elles caçam; a estes accodem todos os generos de passarinhos silvestres, d'onde os homens vieram a inventar

a armadilha do brete, e as varas de visco postas junto d'elle para se enviscarem.

Os bufos são aves maiores, e se mantem de caçar lebres e coelhos e perdizes que de noite tomam; vão onde haja esta caça, longe das villas e logares; criam em altas rochas e n'ellas estão de dia escondidos.

A estes bufos accodem todos os Falcões, e Açores, e Gaviões, e Esmerilhões, e todas as mais aves que de rapina se mantem, descendo a elle com furia, dando-lhe repellões e golpes.

Pelo que os homens engenhosos inventaram as armadilhas de laços e redes, e costellas, com que estas aves se tomam.

Aqui porei só aquellas que tenho por melhores, e algumas nunca vistas inventadas de meu engenho, que a estas coisas se inclinou minha natureza.

Mas é tão difficultosa coisa mostrar por escripto as coisas d'esta arte de caçar, e me custa tanto dal-as a entender, que me é forçado buscar de fóra algumas similhanças conhecidas de todas, com as quaes mostre o modo que se tem assim em ordenar as armadilhas, como de armal-as.

A rede que quero mostrar para se tomarem as aves que accodem a esta ave bufo a espancal-o, são similhantes aos tremalhos com que se pescam assim as sardinhas no mar, como os peixes nos rios doces, porque se armam ficando altas; esta que n'este capitulo primeiro mostro, se arma entre duas arvores, ficando levantada em pé, como uma parede de uma casa; ha-de ser mais comprida que alta, o comprimento será de tres varas e meia até quatro, de altura de duas, ficando ella armada.

Para se fazer a rede do bufo ha-de ser o molde d'ella de quatro dedos de largo, que fique a malha depois de estar feita, que possa por ella entrar ao

justo o punho da mão fechada de um homem; começar-se-ha em sessenta malhas, e se acabará em trinta e cinco que ha-de ser a altura da rede.

Tendo a rede feita, logo pelas malhas de cima, d'onde se começou, se metterá um cordel feito de tres linhas, bem torcido e delgado, de comprimento de oito até dez varas; o mesmo se fará pelas malhas de baixo d'onde se acabou a rede de fazer.

Este cordel debaixo basta ser de quatro varas e meia, até cinco; tambem pelas ultimas malhas das lhargas se fará o mesmo, e se metterá cada seu cordel, os quaes serão de comprimento de duas varas, pouco mais, que hão de servir na altura.

Posto assim os cordeis o que ha de servir para baixo, que é de duas varas, se atará com a derradeira malha de baixo com a malha e cordel da ilharga, e o mesmo se fará de cada banda de baixo, atando todos os cordeis das ilhargas da rede, da parte que ha de servir de longo da terra; atados se irá ás pontas dos cordeis que hão-de ficar para cima, por que a rêde armada ha de ficar levantada, como já disse.

E nas pontas dos cordeis das ilhargas se fará em cada um d'elles sua azelha, a qual se metterá pelo cordel de cima onde estão as malhas, e em uma das pontas do cordel comprido, que disse haver de ser de oito até dez varas, se atará um ganchinho de pau, o qual ha-de servir de estar pegado em as arvores onde se ha-de armar a rede.

Seja feita de bôa linha rija, tinta de ruivo.

Eu a tingia de fungão, porque não corta a linha e fica a côr quasi do ar.

Resta armar esta rêde; para se armar é necessario haja bufo e este ensinado com arte, o qual se ensina d'este modo:

Logo que tiverem bufo bem em pennas, são das

azas, que bem vôe, irá o caçador com elle ao campo e o porá em cima de uma pedra vultosa de altura de palmo e meio, e em cima da pedra lhe dará a comer umas picadas de carne, e o deixará estar na pedra por um pouco, e o levantará na mão esquerda sobre a luva com arte, que se não debata elle, nem se annoje, e sendo como dez passos da pedra o lançará a ella, tendo a ave o rosto n'ella, e o deixará estar um pouco, e lhe dê outras picadas de carne a comer, estando elle posto na pedra (que estas aves abrem a bocca e n'ella se mette o comer e sentem que folgam com o que fez), e assim de pouco em pouco indo cada dia se fará mestre.

E para que não vôe senão ao pouso e pedra se metterá uma estaca junto a ella, e na estaca se atará um cordel bem feito, grosso, que não tenha nós nem torceduras, pelo qual se metterá uma argolinha, e seja tal que bem possa o cordel ir por dentro d'ella sem estorvo, nem pejo; e esta argola ha-de ser atada em um cordel do comprimento de um palmo, o qual se ha-de atar ás piós do bufo, e o cordel comprido que ha-de servir por dentro da argola, o qual será de muitas varas de comprimento, se ha-de atar na estaca que ha-de estar junto ao pouzo de pedra, a que hão-de ensinar o bufo; depois de o cordel estar mettido por dentro da argola se ha-de atar na estaca, e o caçador com o passaro na mão esquerda e o cordel comprido na direita, sendo o bufo já costumado a voar á pedra por n'ella lhe darem de comer, quando a ella o largavam, vae a ella voando de bom animo, e quando o caçador o largar ha-de ter o cordel bem tezo, levantando a mão por que se não embarace em as hervas, e o passaro fique não podendo ir, e pouze antes que chegue a seu pouzo.

E sendo caso que o passaro por sua vontade se pouze

antes de ir ao pouzo, se annojará o caçador, dando-lhe com a luva no rosto, e com os pés levantando-o da terra, e assim o fará ir até que se ponha onde o mandam.

E na pedra o deixará estar quieto, e lhe dará alguma cousa de comer.

Isto se lhe fará tantas vezes até que seja mestre, que poucos dias bastam; e vá a ella de cem passos ou o mais que possivel fôr, porque estando perto o caçador da armadilha não cahirão os Falcões, nem as mais aves a elle, com receio do caçador, que as aves todas temem muito os homens, pelo que o cordel seja de cem varas, ou mais.

Resta saber armar a rede; buscará o caçador duas arvores n'aquellas partes onde lhe parecer que houver aves que acudam ao seu bufo, as quaes arvores estejam emparelhadas, ainda que apartadas uma da outra sete ou oito varas (que para isso disse que o cordel da rede que ha-de servir da banda de cima fosse de dez varas) as quaes sejam em valles, que nos altos ficam muito visiveis, e no ganchinho qne disse andarão atadas umas poucas de sedas de cavallo.

Este gancho se apegará em uma das arvores, e na azelha do cordel de cima se atará uma seda por que não corra, e ali junto deixarão a rêde, e com o cordel do gancho se irá o caçador á outra arvore, e o porá por cima de algum ramo que fique correspondencia na altura d'onde o gancho está; este cordel atará, que fique firme e bem estendido, e se irá á rêde que deixou junto á arvore primeira, e a irá estendendo com uma canna até chegar junto da outra arvore, e por que o vento a não mova fará o mesmo, atando azelha do cordel com uma seda de cavallo, que sempre devem de andar nas azelhas atadas para este effeito, e com a seda a ligarão na arvore, e vão chegando a rêde se atará ao cordel de cima, de modo que se sus-

tenha ao vento, estendida, e nos cordeis curtos da parte de baixo atará qualquer cousa que se metta na terra, que a sustenha do vento como um cardinho, e o cordel de dez varas, que disse ficasse firme, tezo e atado o fará ligeiro e lesto, de arte como os mais, firmando na terra, que nem a rêde caia, nem a ave dando se não embarace, ainda que os cordeis das azelhas ficam bastando, por que em dando a ave, por pequena que seja, quebram as sedas com que estão atadas e se enredam n'ella.

Terá o caçador outra rêde feita da mesma arte, e nos ultimos ramos da outra arvore firmará o gancho da rêde, e com uma canna ou pau, que sempre trará na mão para este effeito, armará a rêde como perdida, que fique quasi como em triangulo, porque muitas vezes cahem as aves de rapina ao bufo, e não entram por baixo das arvores, e n'estas que ficam, como perdidas, se enredam.

O pouzo do bufo se porá junto á rêde, distante porém cousa de uma vara de medir, ou alguma cousa mais, como ao caçador lhe parecer que convém, e á pedra e pouzo se porá uma estaca mettida na terra, como já disse no ensino do bufo.

Este bufo sempre se ha-de largar ao pouzo peito a vento, e costa abaixo, por que assim vae de melhor vontade, e a rêde com a sombra das arvores fica menos visivel.

O cordel que ha de servir ao bufo seja bem comprido, sem nós, por que vá com facilidade o passaro por elle, o qual terá o caçador junto de si, e o cordel na mão, e em vendo a ave tomará o passaro na mão esquerda, tendo o cordel levantado da terra, por que se não embarace o bufo no caminho, tendo o cordel bem tezo, e por que não duvidem as aves que ao bufo descem, será o cordel bem comprido.

Com esta armadilha se tomam nebris, que sendo pollos, valem lcgo, em os tomando, trinta e quarenta cruzados, Açores, Gaviões, Esmerilhões, Bulhafres, Francelhos, Tartaranhas, Açorenhas, Rabaluas e todas as mais aves que de rapina se mantem, até Corvos e Milhanos.

Querendo o caçador ir a alguma parte, ou vindo-lhe o somno, ponha o bufo no pouzo, que acontece algumas vezes ser visto das aves, e sem o largarem cahir nas redes.

E tambem não sendo o bufo ainda mestre, o deixem estar sobre a pedra, e em vendo a ave a que o quizerem largar vá o caçador por elle, e elle vae com melhor vontade tendo o sentido onde o tiraram.

CAPITULO II

Da armadilha do bufo em campo sem arvores

Já disse na armadilha atraz, como o misero passaro, de se vêr perseguido das aves de rapina, não ousava mostrar-se de dia, pelo receio que tem de ser mal tratado, porque, não sómente o molestam as aves nobres, mas ainda os corvos, pegas e gralhas, e todas as que se manteem de bichos o querem matar e comer, dando-lhe golpes e pancadas com muita furia, pelo que tenho as armadilhas, que com elle se uzam, por melhores; e por serem taes, inventei esta, que facil cousa me foi fazel-o, que os artistas ás cousas achadas acrescentam outras de novo com facilidade.

Como das rêdes das aranhas o aranhol, que vae

adiante, assim eu de tres varas engenhei esta novamente por mim achada, e a tenho pela melhor de todas as que se uzam, e de mais astucia e arte; por que os Falcões, Gaviões, Açores, Esmerilhões e Ojas, e todas as mais aves de rapina nobres buscam as aves que hão-de comer nos campos limpos de arvores e mattas, onde elles pela ponta das azas alcancem a caça, o que não podem fazer n'aquellas partes onde arvores e mattos estiverem; porque as aves perseguidas d'elles se acolhem a ellas, e ainda ás aguas, mergulhando-se como fazem as adens.

Estes de rapina nobres, são os que com mór colera cahem ao bufo, e no campo com menos receio, que como elles sejam levissimos e grandes voadores, ficam senhores de tudo, e no ar nada temem, nem no campo, pelo que tenho por bem achada esta que se faz com redes alevantadas como casa de paredes altas, e para isto assim ser, sem arvores, foi necessario engenho.

Tomarão tres varas de dardos delgados, ou de outros quaesquer paus, que se não dobrem com facilidade; a grossura d'elles basta que seja como a do dedo pollegar no mais grosso, e no comprimento até nove palmos, e nas pontas mais delgados; n'estas hastes porão uns canudos de ferro encaixados, que fiquem similhantes aos atacadores de espingardas; depois de estarem os canudos encaixados nas hastes, notam que ha-de ficar o ferro cheio de pau da haste; n'este pau que está mettido no canudo de ferro, farão um furo com uma verruma, pelo qual entre um ferro da grossura do cano de uma penna de cisne, que é pouco mais grosso que o da pata, e seja o furo que na haste se der por dentro dos canudos de ferro, feito da parte de cima da altura de meio dedo mostrador.

E estas hastes hão-de servir de ter a rêde levantada no campo em triangulo; nos buracos que disse se metterão umas vergas de ferro de tal comprimento que ambas façam dezeseis palmos em alto ou mais, e nota que as varas de pau não sejam de mais comprimento que aquelle que se possa alcançar com a mão a metter as vergas de ferro nos buracos das de pau, estando ellas metidas na terra.

N'estas vergas de ferro, que serão feitas com arte, menos grossas nas pontas que hão-de servir para o alto, por que as que hão-de servir mettidas nos paus hão-de ser mais grossas, que as de fóra, nas pontas d'estas se fará em cada uma seu furo como tem as agulhas; será redondo e bem limado que possa correr por elle um fio de brabante, que estas vergas mettidas na haste são as que hão-de servir no campo de arvores.

Faço estas hastes de peças, porque sendo de um pau só, não se poderiam armar as rêdes, como se verá.

Agora mostro como se ha-de fazer a rêde, a qual será de duzentas e vinte malhas de comprido, e n'estas se ha-de começar.

E a altura seja tal que fique servindo a dezoito palmos, armada, pois que d'estas disse haverem de ser de dezeseis, pelo que convem que fique a rêde servindo a altura bastantemente; as malhas da rêde serão como fica dito no capitulo atraz.

E da mesma linha, pelo comprimento, nas ultimas malhas da rêde, assim debaixo, como de cima, metterão em cada seu cordel feito de tres linhas; o cordel de cima seja de comprimento de vinte e cinco varas, e o debaixo basta que seja de trinta e cinco palmos; nas ultimas malhas das ilhargas, que é a altura das varas, metterão outros dois cordeis, estes dois atarão com a derradeira malha da rêde com o cordel que disse ser

de trinta e cinco palmos, e nas pontas que hão de servir de cima farão duas azelhas, pelas quaes metterão os cordeis do comprimento que hão de servir do alto, e no meio da rêde ás cento e dez malhas atarão outro cordel de vinte e cinco palmos, este atarão no cordel que ha-de servir na altura no meio da rêde, o qual ha-de servir de a ter levantada.

Na vara que ha-de estar no meio em triangulo mettida no furo que disse fizessem na verga de ferro, se ha-de metter este cordel, e em direito d'elle, da banda debaixo, atarão outro de quatro palmos sómente, tambem ás cento e dez malhas, o qual ha-de servir de ter a rêde queda ao pé da vara do meio, porque a não levante o vento, ou atada em uma sêda de cavallo que em baixo póde estar posta na haste, ou um pausinho mettido de longo da mesma vara do meio.

Adverta que a rêde ha-de ficar armada da banda de dentro das varas, e não de fóra.

Para armar a rêde se buscará terra limpa de cardos, e todas aquellas coisas que sejam impedimento em aquellas partes que saibam que podem tomar aves de preço, como são Falcões nebris pollos, que estes são certos cahirem ao bufo, e os estará o caçador aguardando com a rède bem aparelhada, e sendo a parte tal affirmarão as varas de pau na terra, distantes umas das outras, dez passos ou doze, postas em triangulo, com tal arte, que fique o bufo, vindo a seu pouzo, peito a vento, o qual pouzo ha-de estar junto á vara do meio, coisa de dois passos; e terão lembrança que tanta distancia ou mais ha-de ficar sem rêde de vara a vara, pela qual ha-de vir o bufo entrar ao pouzo, porque quando vier voando ao pouzo, não dê com as azas na rêde.

Postas as varas em feição, tomarão o cordel de

vinte e cinco palmos, que está atado ás cento e dez malhas; este se metterá pelo buraco do ferro, e se metterá o ferro na haste do meio, ficando a rêde toda junto a ella, se levantará puxando pelo cordel até ir arriba, e estando no alto atará o cordel á vara de pau, ficando a ponta do cordel das duas pontas que ficam, metterão pelo outro furo da verga e o porão na outra vara entezado, atando á vara de pau, e se correrá a rêde até á vara; a outra ponta do cordel que fica se metterá pelo furo da outra verga, a qual irão metter na outra haste, e correrão a rêde atando os cordeis tezos nas hastes, e se correrá a rêde toda de vara a vara, e se virá ao meio aonde deixou o cordel atado da banda debaixo, que d'esse bastava ser de quatro palmos, e atará no pé da haste do meio, fica a rêde levantada, e da feição que ha-de estar armada, que ella já parece que o está, mas crasso modo.

Isto feito, como fica dito, farão o pouzo dois passos largos da vara do meio dentro no triangulo, e procederá o caçador da maneira que tenho ordenado, vindo o bufo peito a vento e costa abaixo.

Feito isto se fará a rêde ligeira como fizemos no capitulo atraz, na armada das arvores, desatando os cordeis das hastes, atando-os com cabellos de cavallo, ou pauzinhos levemente, de maneira que quando vier o Falcão leve a rêde ás costas, como dito fica.

CAPITULO III

Da armadilha Aranhol de quatro varas; como se faz e arma

Esta invenção de armadilha furtaram os homens ás mizeras aranhas, vendo como as fracas estendiam as suas rêdes pelos cardos e ramos das arvores, para n'ellas tomarem algumas sevandilhas de que se mantivessem.

A' similhança das mesmas trabalhei eu por mostrar esta rêde, que com os adjuntos com que se arma e faz, para a escrever me é trabalhoso, para o que me são necessarias similhanças.

Tomarão quatro varas, pouco mais altas que um homem com o braço erguido, sejam de pau que se não dobrem, são boas as de esteva, nas pontas onde são mais grossas se farão pontas agudas para entrar na terra, e nas pontas delgadas se farão umas móças, assim como os meninos os fazem nos cálamos da cevada verde, de que fazem as pipias com que tangem, e sendo caso que algumas varas não soffram móças pôr-lh'as-hão postiças, e fique de modo que possa entrar por ellas um cordel torcido de duas linhas.

Estas varas servem de ter a rêde em pé como uma casa sem telhado, os quaes se hão-de metter na terra em quadro, quatro passos uma da outra, com as móças para dentro.

A rêde será de cento e cincoenta malhas de comprido, da altura de duas varas; o molde da rêde seja de quatro dedos escassos; depois da rêde feita tomarão um cordel bem feito de duas linhas, e se porá

em agulha com que se fez a rêde, e com um molde a metade menos do da rêde se fará uma malha, assim na parte que ha-de estar de cima como na debaixo, que fique alvitanado, que quer dizer a malha mais pequena quasi a metade, e feita com os mesmos nós, e se atarão ás pontas dos cordeis, e ajuntarão as pontas das malhas dos cabos que fiquem feitas como os da mesma rêde que se não conheçam; e assim temos o aranhol feito.

Para se armar se porá um dos cordeis, que seja de duas linhas, que ha-de estar para cima, e o que ha-de ficar para baixo será de tres.

O de duas linhas se porá na ponta de uma das varas da banda de cima, com uma volta que não caia e com o mesmo cordel correrão todas as varas, mettendo nas moças que disse, correndo a rêde de longo a longo das varas que fique como uma casa.

Falta a negaça, que é a rôla ou pomba que ha-de estar no meio, á qual hão-de accudir os Falcões e mais aves de rapina; a rôla, que ha-de servir n'esta armadilha, ha-de ser cega de todo, a qual vendo não estará queda, que para bem não ha-de bolir, senão quando o caçador quizer que ella o faça, pelo que se servem d'ella assim cega, e se faz tomando uma penna do seu cabo, e com ella mettida no olho andam á roda, firmando bem a mão até que se derrame a menina, e se lhe faça em ambos os olhos.

Ha-de ser feita esta boa obra com o cano da penna.

D'estas rôlas cegas se tem sempre meia duzia e mais, os que uzam esta armadilha, e é muito bom ter dois aranhoes, um de pomba outro de rôla, o da pomba para Falcões, o da rôla para as mais aves.

Resta que digamos onde hão-de estar as negaças postas para lhe accudirem as aves, as quaes se porão no champil ou mostrador que estará do meio do ara-

nhol com um cordel muito comprido, pelo qual puxará o caçador mostrando a negaça á ave que pretende tomar.

Advirto que o aranhol se armará em vales, porque nos altos fica muito visivel e o recearão, o que não farão se com a vista se encontrar a terra, e se porá nas moças subtilmente, que em dando qualquer ave caia a rêde, e em terra limpa de cardos, e da parte de dentro das varas.

CAPITULO IV

Do aranhol de tres varas

São os homens de differentes humores, uns são fleugmaticos, outros collericos, como deviam de ser os que inventaram os aranhoes de tres varas, os quaes quizeram antes andar buscando as aves que queriam tomar, que aguardar por ellas, com o de quatro, com os olhos longos a vêr se assumava o Esmerilhão pelo outeiro, e se enxergava o Falcão mettido nas nuvens, e as outras aves vindo pelo ar, para que vendo-as lhe amostrasse a sua negaça, o que o de tres varas não tem, porque o traz o caçador comsigo; as varas hão-de ser tres, e de comprimento das de quatro, pouco mais; a malha do mesmo molde das outras, ha-de ser a linha de tres fios que não serve mais que para Falcões, e começará em cento e vinte malhas, que ha-de ser o comprido, e se acabará na altura conveniente ás varas.

Pelas ultimas malhas ao comprido, assim para baixo como para cima se metterão cordeis de comprimento de seis varas até sete, e pelas ultimas malhas das

ilhargas outros cordeis que serão do comprimento das varas, as quaes serão da grossura de um dedo delgado.

Os cordeis que digo, que hão-de estar por cima, se atarão nas pontas das varas com rêde e tudo, e juntamente, e o das ilhargas, e na vara do meio se atará um cordel de alto a baixo mettido pelas malhas.

O cordel debaixo terá duas agulhas mettidas pelos cordeis que estão atados nas varas d'alto abaixo, para que dando o Falcão n'ellas corram para cima, e assim está perfeitamente acabado.

Este se arma em triangulo, como disse atraz da armadilha do bufo em campo razo.

Vendo o caçador o Falcão posto o armará, e dentro n'elle, como fica dito do bufo, se põe uma pomba branca, com toda a vista, atada pelos pés com piós que se possa bolir, em uma estaca; o Falcão em a vendo adejar se vem a ella; as varas hão-de estar tão pouco mettidas na terra, que em dando o Falcão n'ellas caiam, e se entrar pela parte d'onde não houver rêde, o levantará o caçador com arte para que á sahida dê n'ella.

CAPITULO V

Do aranhol de duas varas

O aranhol de duas varas não differe do de tres mais que na altura e na grossura da linha, porque ha-de ser de linha delgada, porque serve para Gaviões e Esmerilhões, e é de duas sós varinhas, da grossura do dedo meminho, de tres palmos em alto, e a rêde mais meuda alguma coisa e da do bufo e aranhol de tres palmos; ficando armada pelas malhas que hão-de servir para cima, metterão um cordel de duas linhas, como disse na rêde de bufo, e pelas ilhargas, que hão-de servir de alto abaixo, outro, os quaes se atarão nas pontas das varas que hão-de servir para cima, e das ilhargas estenderão ao longo das varas, e os atarão em baixo, e nas ultimas malhas que hão de servir para baixo metterão outro cordel de tamanho e comprimento do de cima, e lhe farão umas azelhas que corram pelo cordel que está atado de longo das varinhas, para que quando o passaro der, corram ellas para cima e fique enrofado.

As varas hão-de ser quasi nada mettidas na terra, para que tambem caiam quando o passaro der na rêde.

Esta armadilha se arma estando o passaro pouzado, e da parte contraria se lhe põem um passarinho vivo, atado com uma linha pelos narizes; em o Gavião o vendo, ou o Esmerilhão se vem a elle voando cozido com a terra, e leva a rêde ás costas; com este azanhol se tomam todas as aves de rapina, senão Falcões, por que o Falcão não faz caso senão de aves grandes.

CAPITULO VI

Como se faz e arma a rêde do ar na arvore, e como na dormida com ella se tomam Falcões

A necessidade inventora e mestra de todas as cousas, não tão sómente mostra aos homens, e os ensina o que devem fazer para se ampararem das injurias do tempo, mas ainda ás aves por instincto natural mostra como se devem de haver com seus filhos.

Os Falcões nebris e bafaris, como dissémos, criam de verão nas partes do norte, em alta Allemanha, e em outras partes frias; tendo, lá no tempo quente, seus filhos criados, os trazem a estas nossas terras de Hespanha, França e Italia ter o inverno, e lhe mostram onde se possam manter, e que haja aves das quaes elles possam caçar para se sustentarem, assim como no campo de Santarem, em Portugal, e no de Coimbra, e no de Evora cidade, e no de Beja, e nas rocianas de Sevilha; finalmente por todas as terras campinas e partes d'onde elles possam achar aves de que se cevem, que não faltam de inverno pelos muitos numeros, assim de adens, como de garças, colhareiros e garçotas, e infinidade de serzetas, verdizellos, sizões e tarambollas, em cuja companhia elles passam a estas nossas comarcas.

De dia buscam onde e de que se sustentem, por que duas vezes ao dia se cevam, alguns tomando adens, outros caçando sizões, outros de marrecas e muitos de zorzaes e pombos, de que ha grande numero em nossa Hespanha no inverno.

De noite tem suas arvores d'onde dormem, as quaes os redeiros chamam dormidas; estas buscam os Falcões a seu modo; pela maior parte são petisegas, e de poucas folhas, apartadas das outras, o que elles fazem porque de noite vejam de longe quem se achega á sua morada e se saiam, porque os não prendam, que como elles vivem de rapina temem que tambem haja quem a elles faça o mesmo.

Conhecerá a arvore d'onde o Falcão dorme facilissimamente, que logo ao pé d'ella se vê a plumada, que é um vulto pequeno, do tamanho de cabeça do dedo polegar, feito de pennas, as quaes elles engolem e comem juntamente com a carne, e misturado com as pennas acontece haver alguns ossozinhos, por que alem d'elles comerem a carne, assim comem e engolem aquellas pennas, para nas noites de inverno, que são grandes, e frias, terem o seu bucho acompanhado por se não resfriar com a neve e frio da noite; que tal é a natureza, e tão grande mestra, que até d'isto aviza as aves, e n'isto facilmente é conhecida a arvore em que dorme.

E na tolhedura que é alva e grossa, o que não tem as outras aves, por que as outras, ainda que carne comam, como fazem os milhanos, bulhafres e corvos, não é sempre, nem as aves e as suas plumadas são de cabellos com caroços misturados.

E sendo caso que se embarace o caçador, aguarde a noite, e verá vir o Falcão entre o lusco e fusco, como lá dizem.

Não soffrem os Falcões que nenhuma outra ave se agazalhe na sua arvore, a qual tem para sua morada e repouso, e tanta é a querença e affeição que tomam á arvore d'onde uma vez se agasalham, que n'aquella em que um anno tiveram sua morada e dormida, o anno vindouro tornam a ella mesma.

Meu pae tomou um Falcão treçó de uma muda com a rêde do ar, e o deu a D. Pedro da Silva, tio do conde da Vidigueira, vizo-rei, que foi, na India, e sahio excellente altaneiro e se foi para a sua terra, e vindo outro inverno se tornou a tomar na propria arvore, com a mesma rêde do ar, e trazia ainda uma pió no pé.

Agora fará a rêde do ar ao contrario da do bufo, que disse haver de ser mais comprida que larga, por se uzar d'ella debaixo das arvores, e esta nossa do ar, que ha de ser armada e posta da altura da arvore para baixo, basta o que ficar para cima seja de vara e meia de largo, e tenha comprimento de tres varas.

Começar-se-ha em trinta malhas, e acabar-se-ha em cento, que fique do comprimento das tres varas.

A linha seja de tres fios delgados bem torcidos e rijos, a malha póde ser alguma cousa maior, que o Falcão é ave grande; pelas malhas das ilhargas se metterão dois cordeis de quatro linhas, bem feitos e torcidos, cada um d'estes cordeis seja de vinte varas e mais, porque hão-de servir de se atarem no alto da arvore onde dorme o Falcão e chegarem á terra, e hão-de ser mettidos pelas ultimas malhas das ilhargas e pela parte de cima da rêde das ultimas malhas, e pela de baixo se porão outros cordeis de vara e meia cada um sómente; e nas pontas cada sua azelha, pelas quaes azelhas entrarão as pontas dos cordeis compridos; em um d'estes cordeis se atará um ganchozinho, e ao pé do gancho umas poucas de sedas de cavallo.

Achada a arvore verá o caçador qual é a alcandora e o pouzo do Falcão, que se conhece por estar lisa da continuação de se elle pouzar n'aquella parte, e muitas vezes cheia de barro, porque os Falcões costumam comer as prizões que tomam na terra, e trazem as mãos enlodadas para que devagar as possam

alimpar em sua casa, e assim se conhece o pouzo que elle na arvore tem.

Conhecida a alcandora pelo caçador, com uma canna que levará na mão, pegará o gancho, que disse levasse no cordel comprido com as sedas, com as quaes atará azelha do cordel de cima, e a outra ponta do cordel comprido atará na ponta da canna atando azelha com sedas ao cordel junto á canna; esta canna, será comprida, por dentro da arvore, correspondendo á altura e parte d'onde poz o gancho e os cordeis da banda de baixo da largura da rêde, tambem hão-de ser atados com sedas; azelhas e os cordeis compridos das ilhargas se firmarão em terra como a do bufo; e fica esta rêde armada á feição de um portal da largura de vara e meia e de altura de tres.

Advirto que quando esta rêde se armar, seja á sahida, porque os Falcões voam sempre peito a vento, e é melhor armar-se á sahida, de feição que não apegue a rêde em ramo algum, e depois de elle estar pouzado vá o caçador e levante-o logo; e quando sahe leva a rêde ás costas e quebram as sedas da banda de cima, assim as que estão atadas junto do gancho, como as da canna, e a leva ás costas.

Comvem ter eleição, quando o Falcão sahir dê no meio da rède, e porque as arvores são differentes não poderei mostrar claro o como se ha-de haver o armador.

O demais fique á eleição do seu engenho, lembrando que a rêde se arme antes que se acabe o dia, e pode ser atada com sedas dobradas que senão desarme, e os cordeis na terra bem firmados que os não arranque o vento, que o Falcão é ave grande e pesada e tudo leva.

CAPITULO VII

Da costilha como se faz e arma para se tomarem Falcões

Tambem os homens do campo uzam das suas armadilhas, tomando passarinhos, ora com buizes, ora com costellas, ora com varas d'alçape, e porque d'estas armadilhas que elles assim sabem e costumam se inventou a costilha para tomar os Falcões na dormida, me parece ter obrigação de dizer tambem das suas.

Os sizões são aves do tamanho de uma adem femea, vestido de pennas brancas e pardas, coleirados pelos pescoços ; o macho tendo sua mulher no ninho sobre os ovos de que ha-de ter os filhos, e o ninho escondido entre as hervas ou trigos, por não ser achado dos homens. Como a femea está em chôco sobre os ovos, elle por se lhe mostrar amigo, e que a não desampara afastado do ninho cousa de trinta passos, se passeia em um logar certo dando estalos com a bocca e bico, que soam bem longe para que a femea ouvindo-o saiba que o tem alli perto.

O homem do campo, pelos estalos que o sizão macho faz, facilmente dá n'aquelle logar onde o sizão macho passeia, o qual elle tem muito limpo, pela continuação de andar sempre por elle ; e lhe arma com armadilha de alçape, e d'estas que tomam as aves pelos pés, tomarão os engenhosos d'ella, e das costellas a costilha, de que é este capitulo, e se faz assim :

Tomarão um arco de pau da feição do de costella,

da grossura de dois dedos; nas pontas farão duas moças e lhe porão um cedanho delgado e bem torcido, como se põem nas costellas, e no logar da taboa se porá uma vara de marmeleiro liza, sem nenhum nó, e limpa da casca, do comprimento de dois palmos e meio, e da grossura do dedo meminho, e se possivel fôr no cabo mais grosso algum nó.

Esta verga se porá no meio, como digo, e se andará torcendo com ella, como com a taboa das costellas, até que fique bem torcida, que puxando pela ponta da vara torne a seu logar com força; na ponta da verga e vara de marmeleiro se fará uma mossa com arte que se não escôe o cordel de linhas que n'elle se ha-de atar e servir de laço, o qual cordel ha-de ser de seis linhas finas e rijas, de tal feição torcido que se não apartem umas das outras sem nó algum no comprimento, que será de quatro palmos largos, e na ponta do cordel se fará uma azelha pequena, mas bastante para poder correr por ella o cordel, e se atará dois dedos da ponta da vara um pausinho a que chamam pingalhete, do tamanho do comprimento de uma pollegada, e delgadinho, como é o cano de uma penna de pomba, que fica sendo similhante ao das boizes e varas d'alçapé, e assim como as boizes e varas de alçapé, tem suas vergas metidas com as pontas na terra, a que se chamam verdizellas, para n'ellas se armar o laço; da mesma maneira convem as haja na nossa costilha, as quaes serão de ferro ou aço, com pontas muito agudas, que se hão-de meter na alcandora, porque sem ella se não pode armar a costilha, e se fará como fuzil de cadêa do tamanho que pregado no pau fique o vão d'ella quanto caiba uma pequena noz de comer.

Terá o caçador d'estas verdizellas de ferro dois pares pouco maiores umas que outras, e um canudo de

canna bem grosso cheio de bicos de carapetos; são carapetos uns bicos que nascem em umas arvores pequenas que não dão fructo, e a folha é similhante á de pereiro, armadas; ramos de bicos agudos de comprimento de meio dedo mostrador; hão-se de colher em verdes e fender pelo meio, como se faz ao aparo de penna, ficando a ponta resguardada; d'estes trará o caçador muitos mettidos em canudos, porque servem na alcandora de ter o laço seguro, que o não mova o vento do logar d'onde se deixar, mettendo o cordel nas fendas.

No capitulo atraz disse como se conhece a alcandora na dormida, e porque póde estar em parte d'onde se não possa uzar da rêde do ar que atraz fica, se armará a costilha, considerando primeiro o logar que o Falcão tem mais seguido da continuação de se pôr n'elle, e ali metterá uma das verdizellas, e o arco da costilha se atará em algum ramo com o cedenho em alto, para que fique distancia bastantissima a se escoar o laço de todo, e dobrará o caçador a vara que chegue á ponta e pinguelo á verdizella de ferro, na qual atravessará um pauzinho da grossura do pinguelo, pondo o pinguelo e laço por cima da verdizella, e por detraz se atravessará um cardinho da grossura do pingalhete, o qual porão com arte que tenha uma ponta no meio do alto da verdizella e a outra no pausinho que disse se pozesse atravessado n'ella; e assim está meia armada.

Para se armar de todo é necessario ter dois pauzinhos compridos, quanto seja o pouzo do Falcão; os pauzinhos que hão-de estar serão da grossura do canno de uma penna de pomba; estes se atarão pelas pontas com uma linha distante um do outro, grossura do dedo meminho; e as pontas não atadas porão e metterão por baixo da verdizella, por cima do pauzinho em que

está affirmado o pingalhete, e as pontas atadas com a linha atarão na alcandora com arte, que fiquem ellas de feição que em vindo o Falcão se ponha em cima d'ellas, as quaes com o peso do Falcão derrubam o pauzinho que está atravessado em que se sustenta o pingalhete, e a vara da costilha desarma com furia que faz correr o comprimento do laço por grande que seja.

O laço se porá cercando a alcandora e pouzo do Falcão de todo.

Para se sustentar, que o não derrube o vento, tomarão os carapetos que disse, e metterão as pontas na casca da arvore o mais que poderem, e nas fendas se lhe metterá o laço; n'estas pontas de carapetos se porão duas, uma de uma parte, outra de outra, bem no cabo do pouzo do Falcão, outras duas da mesma maneira junto á verdizella; as que pozerem peito a vento por d'onde elle ha-de entrar se pregarão de arte, que quando o Falcão pouzar as não leve debaixo das mãos; e com isto fica a costilha feita e armada, e a vista da arvore e logar ensinará o que se ha-de fazer, que por escriptura não se póde tudo explicar, principalmente esta.

E' excellente armadilha para Falcões com o bufo, porque muitas vezes rompem as rêdes alguns d'elles, e as dividem e se tomam com a costilha d'esta maneira, armando-a em o tronco ou ramo de alguma arvore, deitando o bufo da mão, o Falcão cansado de o espancar e cahir a elle, vae pouzar no pau que o está convidando para seu descanso, e acha quem o leva pelos pés, armando a costilha como fica dito, porque todas estas armadilhas querem muito engenho, e esta é muito excellente e engenhosa.

CAPITULO VIII

Como se tomam Falcões na Persia

Tomaram tanto á sua conta os imperadores, reis e principes do mundo, este passatempo de caçar com umas aves outras, que em todas as partes se uza e costuma; tanto que na Persia até os officiaes mecanicos tem Falcões, e tem por melhores de todos os tagarotes.

Nós uns e outros temos e com todos caçamos com melhor arte, porque elles não sabem que seja a nossa altaneria, que os nebris sós são senhores d'ella.

São tantos os Falcões entre os persas, que dão um garceiro por dez cruzados, e se acham em tanta quantidade n'aquellas partes, que quando vem o tempo de os mudar os largam, e tomam outros de novo; e para os tomarem tem suas armadilhas.

Tomem duas varas de marmeleiro cada uma de dois palmos e meio, leves, lizas, sem nós, que se não quebrem; estas atem pelas pontas grossas enxeridas, que fiquem bem ao nivel, ao menos quanto possivel fôr, e atadas as envisca-rão nas pontas, quasi um palmo, e no meio da vara atarão uma pomba branca, deixando-lhe piós do comprimento das de Gavião, que possa ella voar sem dar no visco das varas enviscadas; a qual pomba será cega, e assim atada, vendo o Falcão deitarão a pomba a voar, quando virem o Falcão pouzado ou voando, que a pomba como é cega, e com o peso das varas vae rabavento, e o Falcão em a vendo é certo sahir a ella, e como tem as azas mais largas e compridas chega ás varas en-

viscadas, e se embaraça, e quanto mais trabalha por se vêr livre d'ellas mais se envisca; e vendo-o cahido não pegue o caçador nas varas que se lhe irá o Falcão mal voando, mas d'elle.

Tambem se tomam todas as aves menores com visco, pondo um passaro vivo entre tres ou quatro varas enviscadas, vendo-as estar pousadas.

O visco se desapega das pennas com azeite.

CAPITULO IX

Como se tomam as garças reaes, e zambralhos, meãs, e martinetes, e garçotas

Para as garças tomarão duas varas de marmeleiro delgadas, sem nós, e as atarão ambas a modo de aspa, e as enviscarão muito bem, e na cruz lhe atarão um peixe pequeno do tamanho de um dedo, depois de as pontas das varas estarem mettidas na terra, e logo atarão outro peixe em uma linha mais comprida que chegue á terra; as quaes varas assim cheias de visco porão em as lagôas e pêgos d'onde as garças costumam pescar o que hão-de comer pelas bordas, e note o caçador que ponha tantas d'estas armadilhas que com ellas se encontrem as garças, que facil cousa será, vendo ellas os peixes, pegarem d'elles, e pegando cahirem as varas em cima d'ellas e se enviscarem.

As varas sejam do comprimento de dois palmos e meio.

Com a mesma armadilha se tomam meãs e garçotas, zambralhos e martinetes; e na cruz d'estas varas

se atarão em uma linha gafanhotos ou cigarras, minhocas e peixinhos, louva a Deus, ou qualquer outro cibalho que parecer que póde comer a ave que quizerem tomar.

As pontas das varas grossas metterão na terra, de arte, que quando o passaro pegar na comida, caiam as varas sobre elle, e assim se tomam na Persia e na India; e se porão tantas varas que se encontrem as aves com ellas.

CAPITULO X

Como se tomam as pêgas e gralhas na Persia

Atam os persianos uma pequena de carne, minhocas ou bichos, ou cousas que ellas costumam comêr, (pães de gallinha, são excellentes para isto) em um cordel delgado, e o estendem n'aquellas partes d'onde ellas costumam andar; o cordel será do comprimento de um palmo, e o enviscam, deixando obra de tres dedos por enviscar, e na ponta enviscada atam uma pedrinha do tamanho de uma avelã; como ellas comem o cibalho move-se a corda enviscada, e apega das pennas, e assim as tomam.

Nós as tomâmos para treinar os Gaviões, com a rêde de boleo, atando um gato dentro, d'onde as haja; ellas vem a dar repellões no gato, e se põem junto, e assim com a rêde as tomam, e com o bufo e suas armadilhas.

CAPITULO XI

Regra como os redeiros conhecerão os Falcões, Gaviões, e Esmerilhões voando no ar, e o modo que tem em buscar as aves de que se hão-de manter, assim elles como as mais aves de rapina.

Parece-me que vejo, assim os que seguem a côrte, como os que vivem nas villas e logares e os habitadores no campo, dizerem, que já sabem fazer as rêdes e armar as armadilhas; mas que lhe falta o conhecimento dos Falcões, Gaviões e Esmerilhões, por que ainda que digo serem sete generos de Falcões, que lh'os mostre e dê noticia para que os conheçam voando, pelo que me é forçado com alguma similhança dar a conhecer os Falcões nebris e bafaris, que só elles passam a invernar a nossa Hespanha, e os Esmerilhões, que os Gaviões são cá moradores, e de verão criam em bosques, e de inverno se vem aos campos e são bem conhecidos.

O Falcão nebri e bafari na grandeza do corpo e vulto são como uma adem femea; mas tem as azas e cabo mais compridos; cabeças, bicos e pés similhantes aos dos francelhos; mas accomodando tudo ao corpo, que o Falcão é passaro muito bem feito e aproporcionado; e por não achar similhante o compuz de pedaços como pude.

No voar é redondo ao longo da terra, vôa bem apressado, pondo-se no ar de rodéo, faz as voltas com graça; os mudados são de côr cinzenta, os pollos são pardos, e para saberem que mudas tem: os de uma muda sempre tem algumas pennas pollas, por melhor

mudado que seja, e ainda as duas acontece terem algumas do primeiro anno; mas gastadas com os invernos depois das duas, mal se conhecem de que annos seja, os velhos tem a aspereza das mãos gastada, e os olhos encendidos; e os mesmos signaes de edade tem os Gaviões e Esmerilhões.

Os Gaviões são como francelhos, maiores algum pouco, os Esmerilhões são mais pequenos de todas as aves de rapina; elles e os Falcões são no voar similhantes a pombas.

Resta agora mostrar como cada um d'estes procura buscar a ave de que se ha-de manter, para que sabido o seu modo, e conhecida a arte que a natureza lhes tem dado, o caçador os conheça e os saiba prender, e tomar com as armadilhas.

Nota: O Falcão pela manhã sahindo da dormida vae áquella parte d'onde sabe que póde achar as aves de que se ha-de cevar.

São mui affeiçoados a pombas, que estas sahem a comer aos campos, e elles as vem buscar a elle, e as seguem com tanto impeto e furia que as coitadas das pombas, perseguidas d'elles, muitas vezes se acolhem aos lavradores em os arados, e antes se deixam tomar dos homens, que serem atravessadas das unhas dos Falcões; e quando assim os virem facil é conhecel-os.

O Gavião pela manhã busca que coma voando baixo, de longo da terra, pouzando-se a miudo, e se andando assim de pouzo em pouzo se levanta a perdiz, cortiçó, ou ganga, ou pomba, a leva nas mãos, ou outro qualquer passaro que seja, que o Gavião aquelle primeiro estribão e vôo, comprimento de um tiro de pedra, é velocissimo, e mais ligeiro que todas as aves.

O Esmerilhão busca de comer voando baixo, persegue muito o passaro a que põe o rosto, poucos lhe escapam pela ponta da aza; é tão porfiado no

seguimento dos passaros que pretende tomar, que muitas vezes o misero passaro se mette pelas casas e nos poços dos campos.

Já aconteceu a algumas cotovias metterem-se em fornos ardendo.

O Esmerilhão dês que se ceva se deixa repouzar, e não se mette nas nuvens, rodeando, como as outras aves.

O bulhafre tambem busca seu almoço, mas por differente modo, pondo-se no mais alto das arvores, olhando para a terra, vendo se descobre alguma cousa viva, como rato ou topeira.

As tartaranhas e cabiçalvas e altaformas, buscam de comer voando de longo da terra mui apressadamente; acontece levantar-se algum passarinho, e ellas levarem-no nas mãos com muita facilidade.

Estas são aves grandes nas azas e estreitas no peito, não são de estima entre os caçadores, posto que aves vivas cacem, o que fazem poucas vezes, que o mais que caçam são ratos e bichos da terra.

Todas em geral se chamam tartaranhas, mas debaixo d'este nome ha quatro especies bem differentes. As altaformas são de côr azul claro, as açorenhas pardas, as rabalvas o mesmo, salvo nas costas, junto ao cabo; tem uma grande quantidade de pennas brancas, e as cabeçalvas tem a cabeça branca, são quasi de um tamanho; os bulhafres são grandes e pardos, tem os sancos curtos; todas estas aves accodem ao bufo estranhamente e á rôla.

Dos francelhos ha dois generos: uns criam em torres, outros em arvores; os das torres não accodem á rôla, os das arvores vem a ella com muito animo.

Já deixo dito como as aves de rapina de nossa Hespanha buscam seu almoço pela manhã, para que com os aranhoes armados os saibam buscar os caçadores com a vista.

Ao meio dia os Gaviões e bulhafres e Falcões até á uma hora se põem de rodeo bem alto nas nuvens, para que divizem aonde vejam as aves para cahirem a ellas.

Os Gaviões e bulhafres andando de rodeo são mui certos cahirem á rôla, com as azas fechadas; á tarde, uma hora ou duas antes de pôr o sol, e até á noite buscam todas as aves de comer ao longo da terra, pelo que aconselharei ao armador tenha dois aranhoes, um de pomba para o Falcão, o qual despreza a rôla por ser pequena, o da rôla para as mais aves.

Todas as de rapina cahem ao bufo em qualquer tempo e hora em que o virem, e quem o tiver póde escusar aranhol de quatro varas, e sendo caso que com uma armadilha se erre o Falcão, póde-se uzar outra.

Não tratei mais que de mostrar o nebri e bafari, por que estes passam a estas partes sómente, e todos tem um talhe, e se differem é na grandeza.

São tão nobres os Falcões nebris, que voando o infante D. Luiz uma garça remontada nas alagôas de Beja cidade, estando ella em muita altura, trabalhando o nobre Falcão com ella, cahindo algumas vezes a dar-lhe golpes, foi ajudado d'outro Falcão nebri bravo, o qual á vista do principe cahia á garça tão denodadamente como o fazia o manso Falcão, tido do infante em muita estima.

O que foi mui notado de todos os caçadores d'aquelle senhor.

Na mesma alagôa voando, este principe, outra garça com um gerifalte, mui excellente garceiro, descendo de alto a ella, a cautelosa garça o aguardou com o bico, e ficou o Falcão atravessado n'elle; e assim se fez a altaneria, mas ás vesas.

Do que fica dito podem os armadores, e todos, ter

conhecimento das aves de rapina para se tomarem com as nossas armadilhas.

E se uzei d'esta invensão foi por estar a noticia d'estas aves e o conhecimento d'ellas tão esquecido que me foi forçado buscar este meio, havendo antigamente n'este reino muitos principes e senhores que tinham Falcões, afóra os reis e os principes seus filhos.

Tinham caça real el-rei D. Manuel, e o infante D. Luiz, seu filho, e o infante D. Duarte, o Duque de Bragança e o de Aveiro, e todos os da casa de Tentugal e da Vidigueira, e durou, como já disse, este excellente passatempo dos principes, até a jornada de Africa, e ainda agora se uza por toda nossa Hespanha.

E vale um nebri tomado bravo hoje mais do que nunca valeu, pelo desejo que tem os nobres de tornarem a este jogo.

CAPITULO XII

De como se cozem os olhos aos Falcões e ás aves bravas que se caçam e tomam nas armadilhas

O melhor que pude tenho mostrado como se conhecerão voando os Falcões, Gaviões e Esmerilhões, que estes tres generos de aves são os que vem ter o inverno a estas partes, que os Açores raramente se viram por cá sáfaros.

Resta agora dizer como se hão-de haver os que estes tomarem com suas armadilhas.

Primeiramente em sendo tomada qualquer d'estas aves nobres, a metterão em sua camiza, para depois

de estar vestida n'ella, se lhe cozerem os olhos (que aos mais não ha para que os ter vivos).

A camiza que ha-de ter o caçador para n'ella vestir o Falcão seja de panno de linho novo, porque os Falcões são aves de força, e com os encontros a podem romper, sendo o panno velho; e se fará do tamanho de um quarto de papel, e no fundo do taleigo, ou saquete, que assim fica depois de cozida a camiza, se lhe fará um buraco por onde possa bem entrar a cabeça do Falcão; e na bocca larga, por onde ha-de entrar, estarão atadas umas tranças de linho, para se atar depois de encamizado; notando que o buraco por onde se ha-de metter a cabeça do Falcão, se faça bem no meio do fundo do taleigo; estando dentro o corpo do Falcão o atarão com arte, que lhe fiquem as mãos e as pontas das azas fóra do taleigo, porque se não ha-de atar pelo corpo, se não pelo vão das pernas, cabo e azas; e este encamizar se faz aos bravos sómente, que se tomam com as armadilhas, e assim vem até casa; todavia com arte que se não maltrate.

Outro modo de camiza se faz, no qual sómente mettem os côtos das azas, ficando-lhe as costas cobertas, e o peito sem nada, e se armará nas pontas, tendo n'ellas uns pequenos de fitas cozidas para se atar, ficando com o cabo e azas e sancos fóra.

O tamanho d'esta camiza seja como a que disse acima.

Os Gaviões e Esmerilhões basta qualquer lenço, que não são aves de tanto preço, que os Falcões estão hoje postos em tanta carestia, que eu vi prometter por um, tomado de dez dias, vinte mil réis; e custou um a D. João Luiz de Menezes doze, e outro este anno de 625, dezeseis mil e quinhentos réis.

Já deixo o Falcão encamizado, necessario é agora saber-lhe cozer os olhos (que os ha-de ter cozidos

alguns dias) o que se faz para o amansarem, pondo-lhe o caparão e correndo-lhe o rosto com uma penna e com a mão, para depois o soffrer; o que se não póde fazer sem se assombrar e tomar escandalo, por que não sendo assim cozidos dará muito que entender ao caçador, assim em o amansar, como em lhe tirar o medo e assombramento, que das coisas desacostumadas tomou.

O saber cozer os olhos a estas aves é facil coisa de fazer.

Tomarão uma agulha bem delgada das com que as mulheres cozem coisas finas, enfiada com uma linha; tendo o Falcão encamizado, lhe tomarão a cabeça com a mão esquerda, e com agulha, que terão na mão direita, atravessará o caçador a capellada do olho do Falcão, da parte debaixo.

Isto se fará com tanta arte que fique o olho resguardado, e lhe não toque no bugalho, e não farão o furo tanto na ponta e borda da capellada que com a linha se quebre e rasgue, nem tanto no meio que dê pena ao Falcão, quando a estenderem para cima; deixarão de fóra uma ponta da linha comprida por cima da cabeça, e advirta que se ha-de metter a agulha pela parte de dentro do olho, e a ponta da agulha ha-de sahir para fóra, porque sendo de fóra agulha mettida e a ponta indo para dentro, arrisca-se o olho, e póde ser quebrarem-lh'o; e feito, como fica dito, não ha perigo.

E logo irão ao outro olho e farão o mesmo que se fez ao primeiro; e advirto, que quando vierem a fazer a obra no outro olho, que ha-de ser com a mão e linha por cima da cabeça da ave, aonde se achará a outra ponta da linha, que disse se deixasse por cima na cabeça, e ambas estas pontas se tomarão cada uma em sua mão, levantando com ellas as ca-

pelladas de ambos os olhos egualmente, até que ellas cubram os bugalhos de ambos os olhos, e atarão as linhas no alto da cabeça da ave a que se os olhos cozeram, dando dois nós cegos que se não desatem, e se cortarão as pontas.

Lembro que quando se furar a capellada do olho, que seja bem no meio d'ella, que não haja maior distancia de um canto aonde o furo se der que ao outro; porque com mais facilidade ficam os olhos cobertos e menos o sentem as aves; e basta aos que tem engenho, qualquer demonstração para saberem fazer as cousas.

Chegando a casa com o Falcão encamizado, e com os olhos cozidos, como já disse, convem que primeiro que se lhe descozam se busque caparão que lhe ponham, o qual lhe porão depois de terceiro dia, por que ainda que sem elle esteja não é damno, que se lhe ha de correr a cabeça e rosto com uma penna e com a mão algumas vezes para se lhe tirarem as cocegas, antes que se lhe ponha; ainda que isto convem faça o caçador, mas o redeiro que saiba proceder d'este modo não perde, nem na ave que tiver os olhos cozidos alguns dias ha perigo, que quando se lhe descozem os olhos com a bocca e lingua lhe concertam as capelladas em seu logar, e querendo proceder com elle até ser manso e ensinal-o de todo, o farão como digo no capitulo das advertencias e preceitos, e regra dos nebris, onde verá o caçador como se ha de haver com elle, lendo todas desde o principio terá o o fim desejado, que é deter o Falcão manso e garceiro.

CAPITULO XIII

Da armadilha do brete e da sorte de passaros que com elle se tomam

Esta é mui aprazivel e quieta, a qual se faz differente das que até aqui tratamos.

Com ella se tomam papafigos, melros, picanços, negraes e alvares, raberuivas, tutinegras, rouxinoes, tralhões, chascos, e todo o genero de passaros silvestres, os quaes vem a criar todos os annos de verão a Hespanha.

E por que com rêdes se não podiam tomar, por não se ajuntarem nunca, e cada um por si buscar o bicho de que se ha-de manter apartado dos outros, inventaram os homens uma invensão de engano para caçarem estes, os quaes cuidavam que por estarem nos mattos, e apartados das gentes, não seriam nunca caçados nem enganados.

Do receio e espanto que elles fazem se formou a morte d'elles, os quaes, com serem de differentes especies accodem todos a uma voz que elles entre si tem, quando se queixam ou espantam, o que fazem em vendo alguma cousa de que se receiam, á qual accodem todos, em cujo o ouvido sôa este brado e voz, que é facil de fingir e se contrafaz com muita facilidade.

Tomando uma faca na mão direita, tendo os beiços da bocca ambos juntos e fechados, posto o gume da faca no meio d'elles e do nariz, e o cabo na mão direita sobre a barba, tendo o gume como digo, sopram

com os beiços jnntos com força, e o vento que pela bocca sahir se divida com a faca, e faz isto um soido, similhante ao dos foguetes, mas mais tenue e delgado, e indo a meio espirito do ar, que nem sempre se assopra de um modo, hão-de fazer com os beiços e ar, que pela bocca se larga, como os que tremem com frio de maleitas, e lhe batem os dentes, e com esta voz hão-de porseguir, nào cessando. A ella accodem como nós ao aqui d'el-rei.

E para se tomarem busca o caçador bosques de silvas, matos, e arvoredos ou pomares onde sabe que elles andam, e junto a estes logares apartado um pouco dos bosques, em algum escampado fará uma choça em que se esconda, um tiro de malhão da matta, e não deixará pausinho levantado d'onde se possam pôr os passarinhos que á voz accodem, e junto á mesma choça se põe o mocho em cima de uma rodelinha de cortiça do tamanho da palma da mão, a qual está mettida em uma haste do comprimento de uma vara de medir, e na mão terá o brete deitado fóra da choça, convidando aos passaros que pouzem n'elle, porque para isso não ha-de haver nenhuma mouta, nem páu em que se possam pôr senão o brete, no qual elles se põem sem temôr, que mais se espantam da vóz que ouvem, e do mocho que á vista tem, que de tudo; e assim se tomam muitos d'estes passaros encerrados em seus bosques; tambem em lugar de brete, se põem varas de visco.

O brete se faz de dois páus delgados e direitos, do comprimento de um covado de medir; em um d'estes páus se ha-de fazer um vão a modo de meia canna fendida, e n'este vão se ha de metter o outro pauzinho roliço; ambos hão-de ser direitos, e justarem o macho e femea de modo que se não escôe um cabello, e juntos em um não serão mais grossos que

quanto baste pousar n'elle um passarinho, que hão-de servir ambos de os tomarem pelos dêdos; basta que juntos ambos sejam de grossura de um dêdo, e para isto se fará um buraco bem na ponta do páuzinho, que tem o vão como meia canna, nas costas do redondo d'elle, bem no meio, e para não errarem, terão ambos os páus juntos macho e femea bem atados, trabalhando quanto possivel fôr que o buraco que se começou bem na ponta venha sahir ao vão da meia canna, e passe o pau redondo juntamente a outra parte d'ambos os páus, inviosado quanto fôr possivel; e notem, que mandei dar o buraco na ponta do páu da meia canna, e folgarei que saia no outro redondo abaixo da sua ponta, grossura de um dêdo perfeito; e assim farão outros no meio dos dois páus, começando pelo páu redondo, sahindo pelo meio do vão da meia canna, as costas d'elle enviosado como o de cima, pelos quaes buracos ha-de servir um cordelzinho de duas ou tres linhas; estes dois buracos se darão no meio do comprimento, abaixo outra tanta distancia como do da ponta ao meio se farão outros dois da mesma maneira, tambem enviozados; e assim ficam os páus que hão-de servir de tomar os passarinhos, perfeitos.

Lembro, que disse acima: que bem nas pontas se faria o buraco, os quaes hão-de servir de fóra, as pontas debaixo tres dedos ficarão sem furos, as quaes se metterão em um páu de figueira grosso, que ha de servir de o ter o caçador na mão, e pela parte d'onde elles ambos fecham bem na ponta, cortarão alguma cousinha d'elles que os faça apartar, que os não abarque o passaro ambos com a mão.

O fio de duas ou tres linhas que disse haver de ter, seja de comprimento de dois covados, que ha de servir de os ajuntar quando se puzer o passaro, feito com

tão boa arte que o passarinho que pousar se não escoe, e fiquem tão unidos que nem um cabello se possa sahir d'elles.

E d'esta armadilha nasceu o rifão, que diz, elle me cahirá no brete.

CAPITULO XIV

De como se tomam com armadilhas perdizes e codornizes

Contra as perdizes e codernizes se armaram os homens de maneira que uns as caçam com Açores e Falcões voando pelo ar, outros com cães de mostra, outros a coço com cavallos e cães, e os moradores do campo com armadilhas que inventaram do modo que elles tem em seu viver; estas andam juntas; se acaso as levantam e se espalham, chamam a recolher como soldados, e á noite para se ajuntarem, por que alguma se aparta algum pouco das outras, para de noite estarem amalhadas, chamam a se ajuntar; d'este seu chamamento inventaram a caça de perdigão, com que se tomam muitas, e em ichós e com boizes de inverno nos pés das trovisqueiras, com espigas de trigo, e com candeio, porque como ellas á noite se ajuntam, os homens do campo as espiam por verem d'onde ficam, e tendo-as amalhadas vão com candeio, e com uma rêde estendida em duas hastes as tomam, por que ellas se agazalham unidas.

Aconteceu a um lavrador avizado por um pastor seu que vira ficar uma banda d'ellas, il-as tomar com candeio, e um lençol á falta de rêde.

Estas e as codernizes tem muita similhança no

modo de criarem seus filhos, e no sabor e gosto que tem sendo comidas, porque cada uma especie d'estes passaros criam dez, quinze e vinte filhos de uma ninhada, e as perdizes, ás vezes, trinta; porque estas muitas vezes põem duas em um ninho; o que se sabe, porque muitas vezes acham os homens do campo os ninhos d'ellas começando de pôr, e tornando a elles vêem os ovos dobrados, a dois cada dia, e assim chegam a pôrem trinta ovos; não tem trabalho a buscar de comer aos filhos, ellas nem as codernizes, porque uns passarinhos, e outros com a casca do ovo pegado, assim se sahem a buscar de comer, andando em companhia das mães.

Logo nascem com as pennas, voam sendo muito pequenos, e as codernizes fazem o mesmo; as quaes se tomam com armadilhas, e para se tomarem, fingirão os homens a voz de femea com um réclamo, que ordenado com arte, contrafaz a voz, á qual accodem os machos no tempo que andam em seus requebros e n'aquelle em que as femeas estão em choco.

Nas vinhas aonde elles soam chamando pela fêmea, se tomam com um tremalho de altura de um palmo, levantado com umas vergazinhas, porque ellas vendo a voz do réclamo, furando as hervas, e furando pelo tremalho que é alvitanado, se enredam.

Tambem se tomam com uma rêde estendida sobre as sementeiras; vindo ellas andando por entre ellas até entrar no meio da rêde as levanta o caçador, e ficam enredadas.

São tão cegas estas no tempo de seus amores, que ao réclamo vem até os pés do caçador.

Tambem se tomam as perdizes com uma armadilha a que chamam boi, que devia de ser inventada por verem que as perdizes andam entre os bois, não se espantando d'elles; d'onde vieram aos homens a fingir

um boi phantastico, que se faz de panno tinto da côr dos mesmos bois, que deixo, porque merece ser desterrada do mundo, e os reis d'este reino castigam com pena aquelles que uzam d'ella.

CAPITULO XV

Da albardilha como se faz e arma para se tomarem Falcões

Muitas armadilhas deixo de significar n'esta quinta parte, por serem mui ordinarias, e não de tanto effeito como as de que tenho tratado, ainda que a albardilha posto que seja ordinaria entre os caçadores, assim para se tomarem Falcões bravos, como para cobrarem os mal recolhidos, me pareceu mui necessaria ser sabida de todos, a qual se faz de fios do arame delgado e sedas de cavallo, tomando tres fios do arame e a cada um ajuntando sedas que possam vir a fazer um laço, e assim irão fazendo uma trança, entrepolando as sedas que fique de laço a laço uma polegada, e os laços serão de comprimento de uma mão travessa sómente, e taes que os não quebre o Falcão; d'esta trançadeira se fará um ovado como meio cidrão pequeno cortado pelo meio ao comprido, e pelo meio que é redondo se porá um arco pequeno da mesma trança, que fique significando o meio cidrão partido debruçado para baixo.

E advirto, que n'este arco, que disse, se puzesse pelo meio do vão do ovado, que tambem ha-de levar seus laços entrepolados como os das ilhargas, e as-

sim fica a armadilha que se ha-de pôr sobre as costas da pomba.

Nos dois arcos do ovado, no meio, se atarão uns cordeis pequenos, pelos quaes hão-de ser mettidas as perninhas da pomba, e outro cordel na ponta do ovado, que ha-de atar na reigada do pescoço, a outro cordel pequeno na ponta do ovado para se atar na reigada do cabo, para assim a albardilha ir firme sobre as costas da pomba; a qual se armará depois de os laços estarem armados como os das tellas com que se tomam perdizes e se deitará a voar com toda a vista, indo atar na albardilha um cordel de linhas delgada e rijo, e bem comprido, bastante a ter o Falcão que se enlaçar.

CAPITULO XVI

Dos milhanos e como se tomam com armadilhas para treinarem os Falcões

Dos milhanos ha dois generos, uns ruivos, outros negros; os negros são estrangeiros e andão em peregrinação, são mais pequenos que os ruivos, os quaes são vistos em toda nossa Hespanha, onde criam, ali moram sempre; tem o cabo forcado porque as pennas ultimas d'elle são mais compridas que as do meio; o peito tem coberto de pennas ruivas, buscam de comer como as aguias, pondo-se altos no ar, e com elle se deixam ir ás voltas olhando a terra; se se lhe offerecem patinhos pequenos descem a elles, e aos frangãos, e se fazem presa no ar a comem; e assim se se lhe representa um bichinho, o mesmo

fazem, mas seu proprio comer são carniças morrinhosas, pelo que os caçadores os tomam para treinar os Falcões, com rêdes de tombos, pondo dentro n'ellas um cão morto esfolado, e assim os tomava eu, sendo moço, para treinar os sacres e gerifaltes.

Esta rêde se fará de malhas maiores que as que costumam para tomar aves em os bebedouros, e ellas maiores, e os tombos o mesmo, e o cordel por onde o caçador ha-de puxar muito comprido, e se armará dentro em curraes de pedra, em campinas razas, limpas de arvores e mattas, e se porá o cordel estendido por onde se ha-de puxar para aquella parte d'onde possa o caçador chegar ao tomar, sem ser visto, nem sentido do milhano, que se levantará; e não havendo curral se buscará tal terra que haja poder ser isto, e dentro da rêde se porá o cão morto esfolado, e se deixe a rêde se o milhano veiu a ella uma vez, elle tornará, que logo se conhece na falta que fez na carne do cão, que estas aves se detem em comer.

E advirto ao caçador, que sendo caso que o milhano esteja posto á vista da armadilha se ausente de modo que o milhano o não veja, que em quanto elle vir gente não ha-de descer.

A mim me aconteceu ir pela manhã visitar a minha rêde, e o milhano estar posto sobre o curral das pedras, e me puz bem longe assentado e estive todo o dia aguardando até á noite que se foi sem comer.

Ao outro dia veiu e o tomei com esta armadilha, que assim a costumavam os caçadores do infante D. Luiz, a quem meu pae servia n'esta arte.

Agora se tomam tambem com a rêde de bufo, que ensino, por debaixo das arvores, que com a sombra d'ella, fica cega, e menos visivel, e ás vezes se en-

ganam indo ás voltas se mettem por entre as arvores e cahem na rêde, que estas aves são tão cautelosas que com descerem aos pintos e patinhos, se lh'os põem dentro no aranhol que está levantado da terra os não olham, pela qual rasão convem haja caçador engenhoso.

CAPITULO XVII

Da pena que tem a pessoa que mata o Falcão ou Açor perdido levando cascaveis

Acontece muitas vezes perderem os caçadores os Falcões e Açores com que caçam, e para que saiba a pena que tem as pessoas que achando-os no campo os matam, me pareceu ser necessario contar o que aconteceu em França em um caso similhante, o qual Guilhelmo Benedicto conta em seu livro de leis — *in verbo venatione.*

Um lavrador andando no campo tomou um Falcão que n'elle achou com cascaveis e o levou para sua casa, e atou ao pé d'um banco, dando-lhe de comer pão e queijo, e carne salgada, parecendo-lhe que sendo curado com os comeres de que elle se sustentava satisfazia a necessidade do Falcão, e assim tratado acabou o pobre passaro a vida em poucos dias.

Pediram este Falcão por justiça ao lavrador, o qual se defendeu, dizendo que o curara com muito amor, e que lhe pesava muito de morrer, e que não sabia outro modo melhor que cural-o como sua pessoa, valendo-se da ignorancia.

Provando-se-lhe que levava cascaveis e que soavam, que eram mostras de ter senhor, que o houvera de deixar que o seu dono o buscara, foi condemnado o lavrador na valia do Falcão.

Esta causa traz Bartholo no capitulo de *Falcane*.



SEXTA PARTE

Que trata da peregrinação das aves em geral

ATÉ aqui tratei das aves de rapina, e brevemente disse como os italianos e francezes chamavam aos Falcões nebris *peregrinos*.

A causa da peregrinação d'elles, e de todas as aves, se dirá n'esta sexta parte, na qual declararei a causa porque as aves do norte se sahem de suas patrias peregrinando por terras e regiões estranhas, e em que tempo o fazem, e no em que se recolhem ás suas terras d'onde vieram, para n'ellas criarem seus filhos.

Mostrarei tambem como as nossas de Hespanha

fazem o mesmo, e quaes sejam as agrestes e silvestres, e a differença que tem umas de outras, assim na criação dos filhos, como na conservação da sua geração, e a ordem que tem cada sorte no governo da sua vida, dado da natureza; e tambem se dirá das aves naturaes que não peregrinam, as quaes na terra d'onde nascem ali moram, soffrendo as calamidades e injurias do tempo.

De alguns farei menção em capitulos separados.

CAPITULO I

Da peregrinação das aves do norte

Deus nosso Senhor deu a todas as creaturas seu instincto natural para se governarem por ordem da natureza, e modo de viver, buscando remedio á vida, para conservação do genero de cada uma d'ellas.

O que se vê bem claro nas aves de rapina, cuja moradia é essa Noruega e a Suecia e outras partes do norte, onde os Falcões nebris, gerifaltes, sacres e bafaris, criam seus filhos, e outras muitas aves que a estas partes passam, entre as quaes vem algumas de notavel grandeza á nossa Hespanha, França e Italia e ainda ás partes de Africa.

São tantos os milhares de contos de aves que a estas partes passam, que escurecem as muitas da nossa Europa, em cuja companhia vem os nebris e bafaris, os quaes se vem cevando na companhia d'estas aves, e por andarem n'esta passagem e peregrinação todos os annos, lhe chamam os francezes e italianos Fal-

cões *peregrinos;* e se apartam por muitas partes de França e Italia.

Dos que n'este reino ficam, são mui estimados, aquelles que se tomam no campo de Santarem e no de Coimbra, e nos que em Castella nas rosianas de Sevilha, por n'estas partes se cevarem em aves grandes e de differentes côres; tambem são vistos no campo de Evora cidade, e Beja, n'este reino, e em Olmedo, em Castella.

Estes não são tão louvados, porque muitas vezes se cevam em pombas e zorzaes, e se tomam em muitas partes com armadilhas.

Os que se tem por melhores são os do campo de Santarem, os de Coimbra e os das rocianas de Sevilha, por se cevarem em aves de muita grandeza.

Os gerifaltes e sacres não são vistos n'esta peregrinação, e não me posso persuadir se deixem ficar nas terras d'onde antes se mantinham das aves, ficando ellas sem nenhumas, ainda que alguns grandes caçadores tem opinião de os sacres se manterem de animaes morrinhozos, como os milhanos em Hespanha e corvos; soffro isto n'estes Falcões, mas os gerifaltes parece ser o contrario da experiencia, os quaes se devem tambem de sahir, por algumas vezes se tomarem em naus, como este anno de 614 se tomou um em uma nau flamenga, o qual o mestre apresentou ao duque d'Aveiro, e elle o mandou a sua magestade; e na costa do Brazil se tomou outro, o qual se deu ao infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel, e era tão alvo como uma pomba.

Na ilha de Layron se tomou outro gerifalte branco sáfaro, tido por grão maravilha.

Assim o testemunha Pero Lopes d'Ayala, o qual offereceram a el-rei Zacharia, de França, e o teve por estado sem fazer nada com elle; e como os sa-

cres e gerifaltes sejam Falcões grandes e pezados, não podem seguir voando a companhia das aves em que os nebris se cevam, por não serem de tanto alento, e devem de ficar por essas ilhas onde passem o inverno, pelo que não são vistos por estas nossas partes.

Todas estas aves do norte que a estas partes passam se tornam a recolher dês de fevereiro até o fim de março; e se algumas garças ou verdizellos ficam, é a causa alguma enfermidade.

Das que n'esta passagem andam de notavel grandeza, direi em capitulos apartados.

CAPITULO II

Dos tordos e estorninhos

Assim como das partes do norte vem invernar as aves d'elle ás nossas comarcas, o fazem os tordos e zorzaes, os quaes vem das partes do sul ás nossas azeitonas.

Os zorzaes criam na ilha do Fayal e Terceira, os tordos em Africa, como parece de um adagio, e é que tornando-se elles para Africa encontrando as andorinhas que vinham, ellas lhe disseram :

D'onde vindes loucos, que fostes muitos e tornaes poucos? D'onde vós ides juntas, que ides poucas e tornaes muitas?

Os tordos se tomam n'estas partes com armadilhas, e são gostosos ao comer e gordos, o que não tem os zorzaes, que são magros e duros, e vem grandes bandos ás nossas azeitonas, acompanham as pom-

bas e se agazalham de noite com ellas em os pombaes.

Em um que eu na Cuba tenho, se tomaram em uma noite quatro centos e oitenta, tapando as trapeiras do pombal com mantas, e com um candeio accezo, só posto a um canto, junto a algumas pessoas, com uma canna bolindo o pombal, elles se iam á claridade, e os tomavam ás mãos, não fazendo as pombas nenhum movimento de si; são aves que fazem damno nas azeitonas, por serem muitos

Os Gaviões e Falcões se cevam d'elles.

Em apontando o verão se tornam, ficando alguns que cá criam, com nome de estorninhos, nos quaes não ha differença.

Os curiosos os criam de pequenos e os tem em gaiolas, por alguns d'elles fallarem estranhamente.

Uma freira, em Badajoz, teve um, grande chocarreiro e fallador, o qual lhe fugio no tempo do cio, e se ajuntou com outros bravos, e cazo o tomaram com alguns mais em uma rêde. Estando elle assim enredado, vendo que o caçador matava os que tirava d'ella, lhe disse — *não me mates que sou da abbadessa de tal mosteiro.*

O caçador alegre com a presa, mandou recado á dona do seu passaro, que tinha um negocio de importancia que tratar com ella. Veio, e dizendo-lhe o caçador se daria alviçaras a quem lhe desse novas do seu estorninho, ella lh'as prometteu.

Na voz conheceu, o démo do passaro, a senhora que o creára e lhe fallou dizendo-lhe — *senhora, aqui estou.*

Tomando-o ella nas mãos, queixando-se, dizendo — *por que me queimaste o sangue e te foste?*

Ao que elle respondeu: — *Senhora, estes amores deitam a perder a gente.*

D. Henrique, senhor das Alcaçovas, criou um francelho de rama em sua casa, o qual viveu vinte e oito annos, e todos no tempo de criarem os filhos, se ajuntava com os bravos, e no campo os criava, e se o comer lhe faltava para elles o vinha buscar a casa dos senhores, e tendo os filhos criados se tornava a casa dos amos, onde estava tão quieto e domestico como que não tivera companhia com os bravos.

El-rei D. João III fallando com D. Henrique, de cujo o francelho era, lhe contou que elle mandára ao imperador Carlos V um papagaio que fallava e respondia a proposito; o passaro vendo-se entre gente que não conhecia, por mais que o imperador lhe perguntava, a nada respondia; mandou chamar o homem que lh'o levara e lhe disse:

—El-rei nosso senhor me escreveu maravilhas d'este papagaio, pergunta-lhe qual é a razão por que não falla?

João Fernandes (que assim se chamava o homem que o levou) lhe perguntou qual era a causa por que diante de Sua Magestade não fallava, ao que o papagaio respondeu:

—João Fernandes, não me entendo com esta gente.

Assim como estas que mostram fallando que se entende, da mesma maneira podemos colligir entenderem-se umas com outras.

CAPITULO III

Dos grous

SÃO os grous aves grandes de corpo, excedem na grandura d'elle a todas as aves que passam a estas partes; tem as pernas e pescoço e bico muito compridos; postos em pé com a cabeça levantada em alto serão da altura de um homem de boa estatura; as pennas de que tem o corpo coberto são de côr azul claro, e nas azas e cabeça algumas pennas pretas.

Criam na India oriental, em as praias e lezirias do rio Indo, do qual toda a India tomou o nome.

Os reis e senhores d'aquellas partes os não matam, antes castigam com grandes penas a todos os que mal lhe fazem, por terem contratadas as pennas que elles cada anno mudam por muito dinheiro; a causa d'este contrato são os martinetes, que os reis e grandes senhores e as princezas do mundo trazem nas gorras e grinaldas em cima de suas cabeças, por galhardia, os quaes os contratadores ajuntam das pennas que os grous todos os annos mudam.

Estes e outros que criam em outras partes passam de inverno a toda a Europa, e o mar em Africa; recolhem-se a criar aonde vieram, no fim de fevereiro; a cauza d'esta peregrinação e passagem de cada anno, é falta das hervas e sementes, das quaes elles se sustentam, por razão das grandes neves que lhe cobrem as terras e o pasto de que se mantem; e assim constrangidos da fome andam n'esta peregrinação buscando de que sustentem a vida n'aquellas partes onde haja hervas e sementes que comam.

Ovidio que na invenção das fabulas faz vantagem a todos os poetas, d'estes grous conta uma famosa; por ser das aves ralés dos nossos Falcões a escrevo, e bem saiba o caçador algumas d'ellas para entretenimento da caça, emquanto se não faz voaria.

Diz elle que Primea era rainha, e teve competencia com Juno, mulher de Jupiter, o qual estomagado d'ella, a converteu em ave grou, e que em pena do seu atrevimento lhe não obedecessem nunca os pigmeus, seus vassallos.

Plinio diz que estes pigmeus é gente pequena de corpo, e que na altura são de dois pés e um quarto, os quaes se armam com arco e frechas cavalleiros, em cima de cabras e carneiros, e assim armados cada tres mezes entram em batalha campal com os grous, e que das cascas e pennas d'estas aves fabricam suas casas; d'aqui será o que fôr.

Pero Lopes d'Ayala no tratado que fez da caça de Falcão, diz, que quando os grous se tornam, tomam terra no reino de Babylonia em algumas partes, nas quaes os senhores d'aquellas partes os vão aguardar no passo com Falcões, os quaes lhe levam os allemães por contrato, e tanto dão pelo que lhe levam morto, como pelo vivo, para que assim estejam providos para este passatempo, o qual dura por um mez, como o passo dos nossos passarinhos, quando se recolhem a invernar á Africa, que se ajuntam no cabo do Espichel e Cascaes com fréto vento soão, e ventando norte se passam.

D'estes tratarei adiante na sua caça, que se faz com os Gaviões.

Alguns escriptores dizem que estas aves dormem com uma pedra na mão e a tem levantada, e estão sobre um só pé para que assim estejam mais vigilantes; digam-me como o sabem e quem os vio, que o que

eu sei é que todas as aves de rapina, e as garças, e as patas bravas e as coreixas quando querem dormir seu somno solto e descuidado encolhem uma das mãos, e a põem de longo do peito mettida por entre as pennas, e viram a cabeça por detraz das costas e a mettem por entre as pennas das azas para terem o rosto quente, e se inclinam sobre um só pé, e d'este modo dormem descançadas.

Vulgarmente, dizem alguns, que aquelles que comem carne de grou, não morrem aquelle anno; ha d'esta carne tão pouca que o devem de dizer de burla, que os grous não são tão bons de caçar que são aves cautelosas, as quaes com terem suas dormidas certas, por não serem vistos dos homens, vem a ellas muito de serão, as quaes elles tem e escolhem junto d'algumas ribeiras nadiveis e grandes pégos, e lagôas famosas em campinas razas, limpas de arvoredo e mattas, e hoje não ha caçadores de Falcões tão astutos e sabios que com elles os cacem como no tempo d'el-rei D. Fernando; que Pero Lopes, diz d'elle no mesmo tratado, que tinha cem Falcões garceiros e cem altaneiros e outros tantos garceiros. E de tantos, hoje, onde acharemos um?

Tambem querem que se um d'estes grous cança o levam os outros ás costas; são muito pesados; nasceu isto que como elles voam em fileiras, uns após os outros, quando se achegam muito que se encobre o claro d'entre elles lhe parece que póde ser o que dizem os que das aves querem escrever, estando debaixo da telha sem as verem, nem tratarem.

CAPITULO IV

Das garças

Garças são aves peregrinas, passam a estas partes muitos milhares d'ellas a ter o inverno fóra das regiões d'onde de verão moram e criam seus filhos, que são esses lagos, ilhas, rios e desertos, debaixo do norte.

Da sua passagem tratei no capitulo primeiro d'este tratado, que são as neves que lhes coalham os rios e lagôas d'onde ellas pescavam suas comidas.

São aves grandes de corpo, muito pernaltas, e bico e pescoço comprido, e tem muito estendidas azas; postas em pé direitas darão pelos peitos a qualquer pessoa; tem pouca carne, pelo que são leves em seu voar, mas gordas, cuja gordura e as banhas mettidas em o seu bucho, elle curado ao ar e fumo, é mui excellente remedio para frialdades, principalmente as sciaticas, de tumor frio; as pennas de que se vestem são de côr azul claro, tem os olhos graciosos, tirantes á mesma côr das pennas; é passaro grave, bem estreado, seu vôo é estimado dos principes por ser ave bella, o seu proprio nome é garça real, por que ha outras a que chamam garças ruivas, por que são bem similhantes ás reaes na feição e talhe, mas são de côr ruiva nas pennas de que estão vestidas.

Da caça d'estas se não faz tanto caso que são aves mesquinhas.

As reaes são ralés proprias do Falcão de fama, por que estes as vão prender mettidas nas nuvens, quasi perdidas de vista, as quaes quando vem a estas par-

tes passam juntas, e depois de chegadas se apartam, buscando rios caudalosos, e ribeiras nadiveis e grandes lagos e lagôas famosas, e logares humidos, apaúlados e marinhas e lezirias dos rios, nas quaes possam achar cibalho de que se sustentem e comam; e nas grandes enchentes de rios caudalosos se passam aos menores; d'onde se põem um dia se deixam estar aguardando que se lhe offereça a enguia, rã, cobra ou rato, e o peixinho, e outras cevandilhas d'agua que comam. E assim cada um por si busca seu mantimento, o que não fazem as aves que se mantêem de sementes e hervas, que andam juntas, e assim andam até fins de fevereiro, que se recolhem, ainda que d'ellas ficam algumas por fracas, e alguns verdizelhos.

O que se sabe, por que os caçadores matam algumas d'estas aves não tem mais que a penna, de magras, e por se não atreverem a voar áquella distancia de tempo bastante até chegar onde vieram, ficam e criam d'ellas nos logares apaúlados, como nos de Almeirim, onde criam os nossos martinetes e zambralhos e colhareiros, garçotas, e as meãs e perotas, aves que parece serem creadas para a caça real dos reis e grandes senhores do mundo, porque nos talhes e formosura fazem vantagem a todas as outras aves; as quaes parece crial-as Deus, Nosso Senhor, para este passatempo, e os grandes se entreterem sem estarem ociozos.

E posto que ellas á vista se avantajam na formosura e feição e côr das pennas das mais aves, não são gostosas de comer, porque a carne d'ellas cheira a montes, e tanto que até os Falcões se veem a enfastiar se lhes dão sempre de comer da sua carne, e a engeitam, pelo que as não querem vêr.

Os grandes caçadores praticos d'esta arte de caça, ainda que os seus Falcões façam maravilhas em as ma-

tar, lhe dão gallinha escondida por baixo das azas, e d'ella o coração e canadas, e a depennar emquanto elles estão com estas coleras, que a gallinha não altera nem enfastia, ainda que nem todos as engeitam por isso; mas o melhor e mais seguro é dar gallinha.

Todos os reis e principes do mundo se entretem com este passatempo.

Ulisses, que foi o primeiro inventor d'esta caça, a exercitou por evitar e alliviar a pena que lhe dava a lembrança da morte dos parentes e principes seus amigos, que no cêrco da cidade de Troya acabaram; como astuto e prudente, que era, buscou este modo de passatempo, o qual embaraça cuidados pesados e tristes, e faz os homens ardilosos para a guerra, porque a natureza a todas as creaturas deu seu instincto natural para offenderem e se defenderem dos seus inimigos, pela qual razão os reis tem esta caça e são amigos d'ella, como sempre foram os nossos antepassados, deixando áparte os que não conheci.

O infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel, irmão d'el-rei D. João III, principe de altos pensamentos, foi um grande caçador de Falcão, e teve em seu serviço oitenta caçadores assalariados, muitos d'elles extrangeiros, mui praticos n'esta arte; e elle no paço e casa d'onde estava tinha Falcões e os dava em cuidado aos seus moços da camara, dos quaes eu conheci alguns muito nobres, e cada caçador tinha á sua conta dois e tres Falcões.

Meu pae, Pero Ferreira (que tambem o servia de seu moço da camara) foi excellente n'esta arte, e depois da morte d'este principe serviu ao senhor D. Antonio, prior do Crato, filho natural d'este principe, o qual seguindo as pisadas e pensamentos do pae teve mui redonda caça de Falcões, garceiros e milhaneiros, e altaneiros, e Gaviões e Açores, e foi homem de

altos pensamentos, que assaz custaram á nação portugueza.

Este senhor a quem eu servia de pagem, e n'esta caça me assignalava por me haver criado n'ella dês de menino, me era affeiçoado, o que deixo, por voar uma garça, pois d'ellas é este capitulo.

Sahindo meu amo á caça da villa de Montouto, annexa ao seu priorado, a qual elle foi visitar, acompanhado sómente dos caçadores, tendo voado o milhano, e morto dois pares de adães com os Falcões altaneiros, e com os Gaviões, pegas e ferdizelhos, já quasi sol posto, achamos uma garça; o seu caçador mór lhe metteu um sacre na mão, e lhe disse:

— Mate Vossa Excellencia esta garça. Elle que era bem engenhoso largou o sacre o qual a rendeu no mesmo pêgo d'onde se levantou.

Alguns dos caçadores se lançaram ao pêgo por se a garça erguer antes que o Falcão se pozesse em terra, a qual sahio da agua por aquella parte d'onde o senhor D. Antonio estava, e por falta de vento, e não tomar terra com os pés, se não poude levantar, e assim baixa foi voando por aquella parte d'onde este senhor estava, que a seguia com o cavallo, que era bello corredor, e a alcançou e levou nas mãos, menos alta que o senhor a cavallo; e foi festejado o caso do principe, e não quiz a entregasse ao Falcão, e m'a deu em cuidado; ao Falcão fizeram papo de uma gallinha, sendo já o sol coberto com a terra.

Disse o caçador mor: Faça Vossa Excellencia como eu fizer. Tomou aposta a quem todos seguiram, chegaram em breve á villa ainda que eram duas leguas, onde estavam os seus, aguardando com a meza posta, tratando na ceia do passatempo d'aquelle dia com os nobres que o serviam, virando o rosto ao seu caçador-mór, disse:

— Bem poderei eu já agora ganhar de comer por caçador?

— Pero Ferreira, a quem se fez a pergunta, respondeu:

— Muito bem, que tem Vossa Excellencia muito bom engenho.

E sempre de similhantes respostas, nascem outras, perguntou de novo:

— Que cousa é engenho?

O caçador embaraçado, respondeu:

Engenho díria eu que era fazer aquillo que visse fazer a outro, e ajuntar-lhe alguma cousa mais.

Meu pae, a quem a pergunta se fez, acabada a ceia veio a mim, que estava dando ordem aos Falcões, e me disse:

— Filho venho morto, que me perguntou teu amo que cousa era engenho.

Contando o caso, lhe disse:

— A resposta que V. M. deu não foi de caçador de aves do campo, se não de cortezão sapientissimo, por que engenho, segundo dizem os histoicos, é um habito em o prudente apressado inventor do que deve de fazer; outros dizem que é uma força d'animo com que inventamos o que nos não ensinaram; os peripateticos dizem ser uma potencia naturalmente enxerida em os animos que estriba em suas forças, eu que é invenção nascida da memoria e entendimento, achado para perfeição de alguma cousa que se haja de fazer.

CAPITULO V

Dos cisnes

Cisnes são aves estrangeiras; na feição das mãos, sancos, azas, e pescoço e bico bem similhante ás nossas patas mansas.

São tambem amigas das aguas, differem na côr, por que os cisnes são alvos como a neve; d'elles diz Poneope em uma epistola de Ovidio a Enéas:

— Quando sentem achegar-se-lhe o ultimo dia da vida se deitam sobre as hervas humidas, e em cima d'ellas, sentindo a morte, cantam dulcissimamente.

São ralés dos Falcões nebris e gerifaltes, os quaes os Falcões prendem e caçam por industria de caçadores, e muitos d'elles appetecem por sua natureza o branco.

Ovidio d'estas aves, conta uma fabula:

— Jupiter levado do desejo de Leda, mulher de Daro, rei de Lacedemonia, filho de Tito, ordenou uma trama, fingindo-se cisne, e que o perseguia uma aguia, e por escapar ás unhas d'ella se acolheu aos paços de Leda, buscando seu favor e amparo, a que a aguia o não matasse, e assim voando e atemorisado buscou a pessoa da rainha; ella vendo a perseguição da aguia e o medo que o cisne fingido mostrava, o amparou e defendeu, e ainda recolheu em sua casa, vendo a formosura d'elle e a alvura das pennas, que como neve, eram claras, lhe mostrou ficar affeiçoada, e d'ali em diante teve conta com elle, que era o que Jupiter desejava, e assim conseguiu seu desejo; e de ambos nasceram dois principes, Castor e Polux, dos quaes diz

Diodoro Ciculo em sua bibliotheca, serem reis mui poderosos nas partes de Tracia.

São os cisnes aves com os quaes os senhores folgam e as tem em seus jardins, como hoje se vêem no de D. Francisco de Faro.

CAPITULO VI

Da ave Ema e da sua caça

Ema é passaro grande de corpo, chamada por outro nome abestruz, visto poucas vezes n'este reino.

Criam em Africa, no reino de Marrocos e no de Sus; são as maiores de todas as que eu sei; são pardas na côr, nos pannos de armar se mostram tão naturaes que parecem vivas.

Estas sem estarem sobre os ovos, nem os chocarem, sem buscarem de comer aos filhos para se criarem e sustentarem, lhes deu a natureza esta ordem: os ovos que parem, não os põem juntos, mas apartados algum tanto uns dos outros em fileira, e depois que tem posto os ovos, dos quaes hão-de nascer os filhos, parem outros defronte d'aquelles; de uns nascem os filhos, os quaes em nascendo se vão aos outros ovos e com o bico os abrem e comem, até que tem forças para buscar de comer; e por estas aves porem os ovos apartados uns dos outros imaginam os homens que com os olhos os chocam, e que basta a vista para dentro gerarem os filhos.

Proveu a natureza estas aves de arte que buscassem terra e região tão temperada e quente, que com

a quentura do sol, e d'ella fosse bastante para se gerarem os filhos; o mesmo acontece ás tartarugas criadas no mar, as quaes não parem filhos, se não ovos, e por ellas se criarem no mar se sahem fóra d'elle, e põem os ovos em terra não tão longe da agua, que os filhos que dos ovos sahirem não atinem aonde suas mães vivem, que é o mar, as quaes buscam a terra temperada e quente, e tal, que nem a muita quentura o asse e queime, nem a frialdade das aguas os gore, que a divina providencia assim proveu ás suas creaturas, porque as tartarugas se sobre os ovos se pozessem os quebrariam, e se nas aguas, com as agitações d'ellas, se perderiam todos.

Tornando ás nossas aves, os mouros africanos, nossos visinhos, as caçam nas grandes calmas, e na sua caça tomam grande passatempo, o dia que querem sahir a ellas, não dão de comer aos cavallos mais que pela manhã de beber, e assim os tem até ao meio dia, e cavalgando vão em busca d'estas aves; em as vendo vão traz ellas, levando um pedaço de pau na mão, e a corso as perseguem com os cavallos, dando-lhe de paus se as alcançam, as quaes, ora correndo pela terra, ora voando pelo ar, trabalham por escapar, e sendo mui perseguidas ás vezes se viram com os pés e bicos contra os cavalleiros até darem a obediencia, ou as matam a puras pancadas.

São os mouros africanos grandes caçadores de Falcão, principalmente os alarves, os quaes se tem por mais nobres, e muitas vezes fazem guerra aos Xerifes, não lhes querendo pagar o tributo, por que dizem serem os homens livres, e não hão-de obedecer a outros; estes trazem a lança na mão direita e a adarga na esquerda, e o Falcão no hombro, andando na guerra, e o tem por grande honra, e insignia de nobresa e cavallaria.

Os Falcões nebris, sacres e gerifaltes, e bafaris entre estes africanos guardam o mesmo nome.

A mim me aconteceu vindo da caça, e dois irmãos meus, com cada seu Falcão, trazendo uma garça morta d'aquelle dia, alcançarmos um mouro que entregou Arzilla a el-rei D. Sebastião, vindo bem acompanhado (cujo nome era Cidimuça, entre estes barbaros, nobre e rico) o qual se passou a este reino com sua mulher e filhos.

Cide Albequerim, seu genro, me perguntou cujos eramos Falcões, porque n'aquelle tempo eramos todos de pouca edade, a quem disse eu serem elles da Magestade real, perguntando-me o Albequerim quanto davamos a el-rei por nos deixar caçar com elles, ao que respondi que elle a nós dava os cavallos em que andavamos e de comer a nós e Falcões, e nos casava nossos filhos, e se em seu serviço algum caçador morria, de comer a sua mulher.

Disse o mouro:—Eu vos tenho por mais nobres, que todos os cavalleiros do mundo, porque a honra d'este passatempo real, se deve estimar mais que todo o dinheiro da terra, por que nós outros a temos por honroso e nobre.

CAPITULO VII

Das Cegonhas

As cegonhas são aves do tamanho das garças; tem as pernas, pescoço e bico comprido, as pennas de que vestem o corpo são brancas e as azas pretas.

Andam em peregrinação de umas partes a outras.

Joannes Textor e todos os auctores que d'estas aves fallam, dizem que sendo os paes consumidos com a velhice, e não podendo voar, os sustentam e trazem ás costas.

Nasceu este erro da errada informação que se deu, porque as cegonhas depois de terem seus filhos criados no ninho os tiram d'elle ao campo, sendo já grandes, e lhe levam á bocca o que elles comem, como fazem quando os tem no ninho; e assim os sustentam até elles saberem buscar o rato, lagarto, e cobra, com que os paes os criaram, e os mantem todo o verão, até que saibam; e vindo o inverno se passam a outras partes, e quando já tornam sabem buscar seu mantimento.

E os homens que d'antes viram no verão dar de comer a outras, sendo tão grandes como ellas, e tornadas o não fazem; imaginaram que os filhos deixavam os paes velhos em alguma ilha.

Não me maravilho escreverem os escriptores similhantes cousas d'estas aves.

D'ellas diz Guilherme Benedicto, no capitulo *Raimuncius verbo quidam Petro*, aborrecerem as cegonhas sumamente o adulterio, e diz que se alguma d'ellas se ajunta a outra que não seja o marido, as outras a matam ás picadas, e traz esta historia:

Uma d'estas aves fazendo adulterio ao marido, se lavava; um soldado, vendo isto, a impedio que se não lavasse, as outras a mataram ás picadas.

Estando o infante D. Luiz em Almeirim (por razão da caça) ceiando, lhe contou um caçador seu, tomara uma cegonha no ninho tendo já ovos, para treinar um Falcão, e logo ao outro dia o marido se casara, e quando se juntou á femea viera acompanhado

de grande numero d'ellas, fazendo festa pelo ar, dando estalos com o bico, com mostras de prazer.

Ao que o principe respondeu :

— As aves entendem-se e tem seu instincto natural.

CAPITULO VIII

Das aves de Hespanha que peregrinam

Deixando as aves do norte a Hespanha desamparada, as quaes se foram passado o inverno áquellas partes de Allemanha d'onde vieram, logo as nossas meãs e garçotas, zambralhos e martinetes, colhareiros e cegonhas, perotas e coreixas e garças ruivas, ralés dos nossos Falcões, começam a vir, as quaes se foram tambem invernar fóra da sua patria; ainda que juntas venham se apartam buscando terra aonde criem seus filhos; as mães d'estas buscam lagos e grandes lezirias de rios caudalosos e terras empaulanadas cheias de arvores e silvas, outras marinhas e lagôas famosas, onde possam esconder os ninhos, como em Almeirim, no paul da Azeitada, e outros lagos de Hespanha.

A estas acompanham grande caterva de passaros meudos, melroas, picanços, papafigos, abelharucos, rouxinoes, e raberruivas, felosas e outros muitos; tambem rôlas e as trocazes.

As causas de virem crear a estas partes é por que elles de verão acham bichos e sevandilhas voadoras, com as quaes possam manter seus filhos até os criarem de todo.

Todas estas aves fazem seus ninhos alevantados da terra, ainda que differentes na grandeza; seguem to-

das um modo e ordem de conservar a vida, e cada uma por si busca seu cibalho, e como seja de bichos e cousas vivas, cada qual trabalha por si na busca de sua comida, e não se ajuntam senão quando vem ou se tornam, o que se vê claro nas andorinhas nossas caseiras; os rouxinoes, melros e mais passaros miudos, em tomando terra de Hespanha se emboscam apartados por montes, vales e ribeiras, d'onde haja silvados, serras e mattas; e voando de pouco em pouco e de arvore em arvore, atravessam toda a Hespanha.

Tambem fazem os ninhos levantados da terra; são prisões e ralés dos nossos Gaviões (emquanto andam de verão) estas ainda que nos bosques estejam escondidas, não se escondeu aos homens invenção para as caçarem com armadilhas do brete e visco, a qual arte de as tomar nasceu de uma voz que elles entre si formam de queixa e espanto, á qual todos aquelles que a ouvem accodem, como os homens *ao aqui d'el-rei*. E se tomam uma melrôa e lhe apertam uma aza, ou a qualquer d'estes passaros, a que vozeia queixando-se, accodem. São aves todas estas silvestres, differem na criação das aves agrestes.

CAPITULO IX

Das aves agrestes que não peregrinam

As abetardas, sizões, alcaravões, gangas e cortiçós, calhandras, trigueirões, cotovias, perdizes, pintasilgos, milheiras e pintarroxos, verdilhões e carreirós, são nossas naturaes.

D'onde criam de verão, soffrem o inverno, e as faltas d'elle; todas andam em bandos, cada qual segue seu genero.

Os pintasilgos, milheiras, verdilhões e pintarroxos criam e fazem seus ninhos nas arvores, tiram os filhos á luz nos mezes de estio, os quaes como são aves pequenas, sustentam os filhos com sementes de cardos e hervinhas, e ainda d'ellas lhes não dão mais que o miolo, porque não tem força nem corpo para os gafanhotos, de que todas geralmente mantem seus filhos, as quaes criam no mez de maio por haver muita diversidade de bichinhos e gafanhotos, com que os sustentam no ninho.

As perdizes e codornizes, não tem cuidado em buscar de comer aos filhos, por que elles em nascendo acompanhando as mães, que com as azas os agazalham, buscam o que hão-de comer.

Das perdizes dizem que algumas vezes põem duas seus ovos em um ninho, alguns pastores achando os ninhos d'estas, visitando-os, acham os ovos dobrados postos dois em um dia; d'estas e codornizes, aves estimadas nas mezas dos senhores, quiz Deus Nosso Senhor, que ellas criassem de uma ninhada de quinze até vinte; andam em bandas as perdizes, e se acaso alguem as levanta e se espalham, á noite chamam a recolher, e juntas de noite as tomam algumas vezes com candeio, e com laços com outras perdizes; e por serem tão estimadas inventaram os homens uma rêde feita a modo de um tezão, e com um boi phantastico as cercam levando-as á rêde; não ponho aqui a feição d'ella, nem a arte com que se arma, por merecer desterrada, por ser destruição d'ellas, sendo notavel passatempo dos senhores, caçando-as com Açores aletos, e a cavallo a corrição, e assim tem pena aquelles que similhante rede armam.

CAPITULO X

Das abetardas, aves nossas naturaes

As abetardas são as maiores aves, e as que fazem vantagem a todas as que passam á nossa Hespanha; são pardas na côr, no talhe e na feição dos nossos perus, porém de maior corpo e cabeça; nos olhos, o que nós temos branco, tem ellas amarello.

Onde criam seus filhos ali moram sempre, não andam em peregrinação, como as de que até agora fallámos.

Chamam-se abetardas porque como sejam pesadas para se levantarem e tomarem seu vôo, correm primeiro adejando para tomarem vento, e com elle se poderem levar da terra, pelo que os latinos lhe chamam *avistarda*.

Criam no mez de abril e maio, entre os trigos, onde haja grandes campos semeados, muitas vezes molhados com os orvalhos, e aguas por andarem nas sementeiras.

Se tomam a corço, porque são aves muito carregadas e grandes, e molhadas se não podem levantar; no tempo de seus amores, encontrando-se dois machos, com ciumes que cada um tem da sua femea, brigam com tanta colera, que muitas vezes os homens do campo, vendo-os brigar, por terem já experiencia que se matam uns aos outros, se vão a elles com qualquer pau que na mão levem, e lhe quebram as azas e as tomam.

Eu vi um lavrador, o qual vendo estes andar bri-

gando deixou o arado, e com aguilhada, que na mão levava, chegou aos passaros da peleja, os quaes com a colera não fizeram caso d'elle, e ás pancadas lhe quebrou as azas, e depois de os ter presos pelos pescoços, tanta era a colera que tinham, que se não lembravam do estado triste em que estavam, que assim remetia um ao outro, como que estivessem livres.

Depois de criarem os filhos se ajuntam e andam em bandas.

A carne d'ellas é doce; mantem-se de sementes e hervas, e encontrando gafanhotos os não engeitam.

Estas abetardas tomam os homens do campo com uma armadilha a que chamam bugalho, que deixo por ser d'elles mui ordinaria.

CAPITULO XI

Dos sizões e alcaravões, gangas e cortiçós

Os sizões são do tamanho das adãs, entre brancos e pardos, com colar preto no pescoço,

Os alcaravões são pardos de todo, as pernas um pouco compridas e o pescoço. Criam em terra, são ralés dos nossos Falcões; estes andam juntos depois de criarem seus filhos.

As gangas e cortiçós são aves algum tanto maiores que perdizes; entre estas ha pouca differença na grandeza do corpo, talhe e vôo; andam em bandas, mantem-se de sementes e hervas; só em uma coisa differem umas das outras: em terem as cortiçós uma lista negra como colar pelo pescoço.

São grandes voadores; os caçadores não largam os seus Falcões a ellas por se não perderem.

CAPITULO XII

Dos quebranta ossos

Os quebranta ossos vivem de rapina, moram n'estas partes de verão e de inverno, são pouco menores que as aguias, tem o corpo vestido de pennas brancas, e azas pardas.

Sua caça é nos mattos, buscam os coelhos de que se mantem, com uma invenção estranha para descobrirem os coelhos que de dia estão escondidos; andam macho e femea juntos, um d'elles anda dando com as azas pelas mattas, como que rasteja, e ás vezes finge voz de cão, porque a caça se levante, o companheiro anda a meio ar, para que em se levantando o coelho ou lebre, de alto desça e o fille; e assim se mantem e criam os filhos, que tanto cuidado teve a natureza doctissima de mostrar a cada ave o modo de buscar de comer para si, e seus filhos, que a estas que não tem tanta velocidade que possam alcançar voando outras aves, lhes mostra o modo e arte com que hão-de caçar os coelhos escondidos nos bosques, fingindo a voz dos cães que não é sua.

CAPITULO XIII

Dos Guinchos

São os guinchos aves maritimas, do corpo de nossos milhanos, de côr sinzentos.

Criam em rochas e em arvores; seu mantimento são peixes do mar, elles os tomam de mergulho e os levam nas unhas, as quaes tem tão grandes como os Gaviões. São aves prudentes; o dia que veem bom e o mar quieto, metem-no em casa (*o mantimento*) trazendo peixes em um dia que bastaria para toda a semana; o que tem o ninho d'estas aves, emquanto elles tem filhos, tem de comer peixe para alguns dias em abastança; d'onde nasceu este rifão das mulheres:

Foão não hajais dó d'ella, que tem em tal pessoa um ninho de guincho.

CAPITULO XIV

Das gralhas, corvos e frouvas e pegas

Todas estas aves são pretas; a pega differe algum tanto, que tem a barriga branca, mas na voz, talhe e feição são quasi de uma similhança, porque no grasnar e voar não differem muito.

Não são de comer, porque se mantem de bichos nojosos; são ralés dos Gaviões; de fama, mostradoras de annuncios tristes.

D'ellas diz Pero de Boavistão, que no tempo d'elrei Luiz de França, junto a Santo Albino, houve uma batalha cruel entre pegas e gralhas, e foi tão pelejada que de cada parte cahiram em terra muitas mortas; e foram tantas as que se ajuntaram n'esta peleja que tomavam campo de duas leguas.

Foi isto annuncio de uma batalha que n'aquelle logar houve d'ali a alguns dias, em que morreu infinita gente.

CAPITULO XV

Dos pelicanos

HA opiniões que os pelicanos tiram com o bico carne do peito para darem aos filhos; estes tem no peito um callo carnoso descoberto de pennas, e quando mettem na bocca o comer aos filhos, os que estão sem comer afferram e picam o peito da mãe, e lhe fazem chaga, a mãe soffre (pelo muito que aos filhos ama) as dôres do peito; d'onde vieram a cuidar que a mesma mãe o fazia para os manter, o que é contrario do que a natureza ensina ás criaturas, o que sei pela experiencia de criar os Gaviões em pequenos, estando muitos juntos, e entre elles algum que tinha descoberta de penna alguma parte carnosa, os outros o picavam e mordiam, que por o não matarem o tirava d'entre os outros até estar coberto de penna; e se isto lhe não fazia o matavam e comiam.

CAPITULO XVI

Que diz a causa porque umas aves tem bucho e outras muellas

É a natureza tão prudente que a todas as cousas deu seu logar acomodado e proprio, e ordenado de arte que não houvesse faltas.

A umas aves deu bucho, o qual tem todas aquellas que se mantem de cousas molles, como são as aves de rapina, e as que comem peixes e bichos de terra, como são garças, cegonhas, coreixas, e outras muitas; pelo contrario são aquellas que se mantem de sementes e fazem seu pasto de hervas e de algumas pedrasinhas molles, como se vê muitas vezes nas perdizes, estas ordenou tivessem muella, a qual é grossa, e pela parte de dentro, d'onde se hão de cozer as sementes criou uma pelle durissima franzida, quente e secca, de tal modo que a quentura com a agua, que as aves que sementes comem bebem, se cozesse para que com facilidade, pelos logares acomodados, se expedissem as fezes.

Dir-me-ha o leitor que os animaes comem sementes e se mantem de pastar hervas e mattas, que tem bucho, e não muellas.

Respondendo, digo, que os animaes tem seus dentes, e muito primeiro que mandem ao ventre o que comem o mastigam entre os dentes, e lá tem armado o bucho com certa grossura de pelles com uma sorte de bicos, que ajuda acabar de gastar o que se deixou com os dentes de moer.

Outros animaes engolem o pasto mal mastigado, e

então remoendo, depois trazendo-o outra vez á bocca, o que se vê bem claro nos bois e ovelhas.

As aves de rapina por se valerem contra o frio, como já disse, e não terem no inverno o bucho desamparado engolem com a carne algumas pennazinhas, tendo-o lá no bucho gastam a carne molle, e a deitam pelo logar acommodado da natureza, e as pennas e ossoszinhos pela bocca em plumada.

CAPITULO XVII

Da ave Cartaxo

Estou vendo todos os caçadores de Gavião com armas contra mim parecendo-lhes que tenho mandado ao esquecimento aquella ralé tão ordinaria de seus Gaviões amados, como é o nosso Cartaxo, por que d'elle havia de fazer particular menção por ser mui conhecido, assim dos caçadores como de todos os moradores nos campos, que elles em todos os logares e partes se acham, assim de verão como de inverno, e bem é que digamos de seu genero, dos passarinhos que os Gaviões appetecem, elles são os mais pequenos, tem as cabeças pretas e as azas o mesmo, e o peito vestido de pennas amarellas, e o cabo curto, no voar redondo, e o mesmo não voando.

Sustentam-se de bichinhos da terra. Onde nascem ahi habitam, trazem seus filhas á luz primeiro que todas as aves; já pelo entrudo os tem, d'onde nasceu aquelle dito rustico: Cartaxo de bom cuido, tem seus filhos pelo entrudo.

Os caçadores de Gavião por elles começam de os

ensinar, porque como os cartaxos são pouco voadores, em o Gavião pondo o rosto n'elles se mettem na matta que mais perto acham, e n'elles cevam os caçadores seus Gaviões, pela qual razão são amados e conhecidos de todos.

Na cidade de Tanger, em Africa, vivia um cavalleiro mourisco, o qual por sua vontade se veiu converter á fê de Nosso Senhor Jesus Christo.

Este se casou na mesma cidade com uma mulher virtuosa, da qual teve uma filha, que desejava casar ; tinha este homem um cavalleiro por amigo, morador na mesma cidade, e foram tão unidos em amizade, que ambos comiam, ambos faziam suas entradas aos mouros, que o amor é tão poderoso que ajunta os corações das pessoas ainda que sejam de differentes nações.

O mourisco desejava casar a filha, mas como ella tinha aquella raça, não achava quem se quizesse apparentar com elles, que fossem cavalleiros, que o era o mourisco muito grande e estimado por esse e querido de todos os fronteiros e nobres da cidade, sendo este, ou fosse por rogos da mulher, ou por a filha lhe não ficar por casada, em sua vida lhe deu por marido a um soldado, ainda que honrado (tem por desegualdade os cavalleiros casarem suas filhas com similhantes homens).

O amigo christão soffreu tão mal casar assim o mourisco a filha, fóra do que a moça estava merecendo, por que era muito formoza, que o não quiz mais vêr nem fallar ; e aonde via o pae da moça se apartava, furtando-lhe o corpo, por se não encontrar com elle.

O mourisco soffrendo mal o desprezo, entendendo a causa por que o amigo lhe não fallava, foi-se a elle e lhe disse:

— Bem sei que me deixais de vêr por casar minha filha com um soldado; não me culpeis que eu fiz como faz o Gavião, o qual em se levantando pela manhã, põem em sua vontade comer uma perdiz, passa-se a manhã sem a poder vêr, nem achar; já que não acho perdiz, comerei uma pomba; é meio dia e a pomba não apparece; determina de tomar uma rôla; nem essa póde descobrir; vem a tarde, já com fome, deseja de se encontrar com um picanço, nem este se lhe representa nem topa; é noite e por se não deitar sem ceia, toma um cartaxo; assim fiz eu, tomei o que achei.

O nosso cartaxo é ralé de todo o tempo.

CAPITULO XVIII

Da caça de Gavião aos passarinhos onde elles se ajuntam para passar o mar em Africa

Passados os mezes de verão e estio, tendo as nossas aves já criado seus filhos, assim cegonhas, como garças ruivas, e martinetes, colhareiros, zambralhos, andorinhas, rouxinoes, papafigos, felozas, gaios, abelharucos, trocazes, rôllas, e outras muitas, chegado o mez de setembro, mostrador de inverno, ellas se ajuntam, cada aves com suas pares, como dizem, e se tornam a invernar áquellas partes d'onde vieram.

As cegonhas e coreixas levam seus filhos a d'onde lhes não falte que comam, ás umas, aquelles ratos, rãs, sapos, lagartos e cobras com que n'estas partes foram creados.

Os rouxinoes, as andorinhas e felozas se vão aonde achem moscas, e outros bichinhos de que se mantenham.

As trocazes e rôllas, como se mantem de sementes, se passam a essa Ethiopia aos milhos e arrozes d'ella, e áquellas partes que seja verão, que achem sementes de que se mantenham.

Pero Lopes diz que se viram já em nossa Hespanha rôllas com inçenço pegado no bico e pennas, que deviam de vir d'essa Arabia d'onde tiveram o inverno.

As aves grandes, forçosas e prestes no voar, como são os martinetes, zambralhos, garças ruivas, e outras se passam com facilidade, e assim guiadas da providencia divina vão onde conservem sua geração, e isto tanto assim, que se não esqueceu das fracas felosinhas, nem das rabervivas; lembra-se dos chascos, tralhões e tutinegras, e de outra grande caterva de passaros pequenos, os quaes voando com o peito no vento, em um dia não voam uma legua, pela pouca força de suas azas, e pouco alento; estas, cujo comer são formigas, moscas, bichinhos, mosquitos, e outras sevandilhas, das quaes de inverno, n'estas nossas partes ha muita falta, por acabarem com os rigores do frio e muitas aguas, aguardam que a providencia divina tenha cuidado de os levar áquellas partes d'onde, como creaturas suas, se não consumam e acabem, accudindo-lhe com o vento suão, com o qual se sahem dos mattos d'onde criaram e se levantam abertas as vellas de suas azinhas, como nau que vem vento em pôpa, governados pelo piloto da Divina Providencia, vem tomar a altura do Cabo Espichel e Cascaes, e em algumas partes do Algarve.

Estes se deixam estar aguardando pelo vento norte; em elle ventando se levantam voando, e se passam á Africa, e muitos navegantes os sentem de noute pas-

sando, fazendo sua harmonia, e os que não tinham força para contravento voarem uma legua em muito poucas horas, passam o mar de cento e tantas. Este passo dura por muito dias, em o mez de setembro, e n'este todas as vezes que venta suão se ajuntam, e com o norte se passam, e assim vão procedendo até que se passam todos os que se cá criaram.

A este ajuntamento de passarinhos vão muitos senhores com Gaviões á sua caça, e por serem entre elles vistos outros, a que chamam torcicollos, do tamanho das calhandras, assim pardas, com algumas pintas varias por todo o corpo; tem os pés curtos, dois dedos por diante e dois por detraz, como papagaio, a lingua comprida e forcada, mantem-se de formigas mettendo a lingua no formigueiro, engulindo-as que se lhe apegam n'ella.

São muito gordos, pouco voadores; tomados na mão torcem o pescoço, d'onde tomaram o nome, e por serem tantos, e de tão differentes especies os passaros que ali se ajuntam, e em dias intrepollados, tem para si todos os d'aquella terra haver alguma ilha perto d'onde estes passaros ali arribam, pelo que lhe chamam arribação.

Agora pelo discurso da peregrinação de todos se verá claro criarem por toda a Hespanha, e os que vem primeiro para se passarem, são os que mais perto do cabo criaram.

Dos torcicollos por serem pouco vistos e não se achar ninhos d'elles fazem muito caso para confirmarem a opinião tão errada, que dizem virem de alguma ilha escondida.

Estes torcicollos andam pela terra escondidos nos bosques e nas espessuras dos mattos, e porque lá criam, sendo tão pequenos e desmanelados se não faz caso d'elles, e é tanto isto assim que se o caçador

de Gavião os não encontra com os pés, pelo ar nem nas mattas pousados parecem estes.

CAPITULO XIX

Das andorinhas e da herva do seu nome que restitue a vista perdida

As andorinhas são tão familiares nossas que dentro comnosco moram em nossas casas, e criam os filhos.

Cada verão tiram á luz tres ninhadas d'elles, de cada vez quatro a cinco, e como são muitos e o ninho pequeno e as mães lhe dão muito a comer, que o seu mantimento são moscas, e muitas vezes com a immundicia dos filhos dando-lhe nos olhos se privam de vista.

Para esta enfermidade conhecem estes passarinhos uma herva do seu nome, que se chama andorinha, mui conhecida de todos, a qual nasce pelos campos em muitas partes, em terras seccas de pedrinhas meudas, e pelas ruas, defronte de S. Vicente de Fóra, d'esta cidade de Lisboa, na calçada da porta da egreja vi eu muita, e os hervolarios a conhecem todos.

No capitulo 21, do olho quebrado do Falcão, faço menção d'ella.

E' remedio certo nos olhos das aves, do que tenho experiencia.

Para os homens:

No Crato havia um cego mal acondicionado e rabugento, e por ser este entendiam com elles os moços; acaso lhe deu um com uma varinha em um lhoo

que lhe fez sangue, e como nos olhos se sente a dôr muito, gritou, accudindo com as mãos ao rosto.

Estando presente Pero Fernandes Ferreira, caçador de aves de altaneria, lhe deitou no olho o summo d'esta herva andorinha, e em cima d'elle lh'a poz pizada; ao terceiro dia não tinha vermilhidão alguma, e disse que via d'elle.

Mostrando-lhe coisas differentes, affirmou quaes eram, e pela melhoria fizeram ao outro o mesmo, e assim recuperou a vista de ambos.

Os medicos tem para si, que a que faz estes milagres é a herva a que chamam celidonia, porque em latim *celidon*, quer dizer andorinha, e tanto dizem d'ella, que Leonardo Feravante lhe chama dom do ceu, sendo ella esta que digo; e de suas virtudes sei pelo effeito que faz, de até os olhos feridos, como não seja a menina, soldarem.

No capitulo acima allegado accuda o curioso, e verá suas propriedades; é remedio para camaras dando-se a beber em pó, sendo a causa fria, em vinho, e quente em agua de pés de rozas.

CAPITULO XX

Dos rouxinoes

SÃO os rouxinoes conhecidos de todos os moradores da nossa Hespanha, e estimados por toda a Europa, pela melodia e suavidade de seu canto, e por esta causa os tomam em pequenos nos ninhos, e os criam os homens com corações de carneiro picados, assim como se criam os Gaviões em

pequenos, e com gafanhotos, porque elles todo o comer que lhe mettem, seja qual fôr engolem, e assim com facilidade vivem, por pequenos que sejam, que em lhe tocando no bico com um pausinho em que levam a comida que lhe dão abrem a bocca, como verá quem os quizer criar; e assim procederão com elles até serem grandes, e então lhe darão a comer bichos que se criam nas atafonas, no interior d'ellas, e não havendo atafonas acharão bichos similhantes dentro nos gamões e cardos brancos, de uns compridos que nascem nos campos, os quaes lhe deitarão nos comedouros, para que elles em os vendo bulir comecem a comer por elles, e em sabendo ir ao comedouro a buscar os bichinhos, que são amarellos, de grossura de uma minhoca, de comprimento de meio dedo meminho, lhe deitarão com elles uma massa que se faz de assucar e açafrão e miolos de amendoas piladas, e com esta massa os mantem, e se lhe dá todo o anno, a qual massa se faz tomando uma gemma de ovo assada e bem dura, e outro tanto de assucar branco, e da massa de amendoas doces quatro duzias de miolos, pizados e pillados d'aquella casquinha de cima, e umas feveras de açafrão, e todo junto pizado se faz massa que se deita no comedouro feita em pó, elles a comem de bom animo.

Convem que seja a massa fresca, porque se azeda sendo de muitos dias, pelo que cada quatro cinco dias a fizera eu.

Tambem os sáfaros se estimam muito, e sahem excellentes, tomados logo quando vem de ter inverno fóra a criar os seus filhos.

Os bons são os que se tomam no fim de março até dez de abril, porque tomados depois de andarem em seus requebros, morrem com saudade da sua femêa, e não escapa nenhum, o que passa pelo contra-

rio logo em elles entrando na terra, que em buscar de comer põem todo o seu cuidado, pelo tempo ser frio; então os tomam com costellas, que para isso tem os curiosos, e as fazem em modo que elles fiquem em pé e não prezos pelo pescoço, como as que costumam na caça dos outros passarinhos.

Não me canço na demonstração d'ellas, porque aquelles que os quizerem caçar basta significar-lhe que hão ellas de ser feitas de modo que fiquem elles em pé dentro nas costellas cobertos da rêde; e para isso convem seja grande; são faceis de tomar logo quando vem com os bichos que disse.

Depois de tomados estes sáfaros se mettem em uma gaiolla, que tenha fundo de tábuas ou cortiça e se cobre com um panno; e ali por tempo de tres dias se lhe dê de comer coração de carneiro picado, mettendo-lh'o com um pausinho pela bocca, ou deitando-lh'o no comedouro.

Melhor são os bichos, havendo-os, que os vêem elles bulir e cobiçam-nos, e é seu cibalho natural.

Como elles começam a comer os vão descobrindo, tendo-os á candeia de noite, e aquelle mesmo anno cantam.

Este anno de 614, um amigo meu foi á caça d'elles nas oitavas da paschoa e tomou seis, e todos viveram.

Nos tomados nos ninhos se não conhece qual seja o macho, nem a femêa, por que como são mui pequenos não julga homem d'elles senão depois de creados.

Nos sáfaros com facilidade se conhecem, que os machos fazem alguma vantagem no tamanho ás femêas, e tem o bico mais grosso.

De inverno convem que os tenham em casa quente e cobertos, por que sua morte total é o frio, e por

esta causa se vão elles a sua patria em tempo de inverno a buscar terra quente.

CAPITULO XXI

D'el-rei Tereo e da rainha Proné, filha de el-rei de Athenas, e de sua irmã Philomena e do principe Itens, e a causa porque foram convertidos em aves

CONTAM as fabulas que Tereo, filho de Marte e de Bistonida, sendo rei de Thracia, casou com Proné, filha d'el-rei de Athenas, e a trouxe para o seu reino; n'ella houve um filho lindissimo, a que chamavam Itens, tão desejado no reino, que o dia que nasceu se festejava como festa solemne.

Teve a rainha Proné saudade de vêr sua irmã Philomena; pediu ao marido licença para a ir vêr, ou fosse elle em pessoa para a trazer, que seu pae e mãe lhe concederiam licença para a irmã vir.

Tereo aprestou naus, partiu, chegou a salvamento, foi bem recebido dos sogros, rei e rainha, e da cunhada Philomena, a qual em Tereo a vendo, se encendeu de amores por sua formosura; então com mais efficazes palavras pediu aos paes lhe dessem a licença que pretendia.

Fez-se-lhe a vontade, embarcados vieram a salvamento, e chegados a um porto do reino de Tereo sahiram em terra, elle e a cunhada, dizendo elle que o fazia para n'aquella floresta descançar do trabalho do mar; e sendo longe das naus e gente, não tanto como elle estava da virtude, trabalhou por persuadir a cunhada áquelle intento que desejava.

E vendo que nenhumas promessas, nem palavras bastavam para ella consentir em seu desejo, acolheu-se á força e com ella, muito contra vontade da afflicta princeza, de donzella a tornou dona.

Queixando-se ella a Deus e ao mundo de tão grande maldade, e que havia de ser pregoeira de tamanha vileza e traição, e se havia de tomar vingança de tal aleivosia, ordenou elle outra maior maldade, arrancando-lhe a lingua, e assim a levou a casa de um criado seu e vassallo, não lhe declarando o caso.

Aos das naus disse que as féras a mataram, e chegando a sua casa se fizeram muitas mostras de tristesa pela morte fingida da cunhada, a qual estando em poder do vassalo de Tereo pediu por accenos lhe dessem olända, e sêdas de côres, que queria entreter-se; trazida, em letras gregas conta á irmã o caso, e por acenos rogou a uma mulher levasse aquella toalha assim lavrada á rainha Proné, que lhe havia de ser bem pago o trabalho que n'isso tomasse.

Dada a toalha á rainha, sabida a historia, dissimulou.

N'aquelle tempo se faziam umas festas que de tres annos se celebravam n'aquelle reino; disse Proné ao marido que desejava ir a ellas; ida, foi aonde a irmã estava, a qual achou privada da lingua e falla, e assim a trouxe para sua casa, em trajo demudado.

Ambas determinaram a vingança do marido, bem extraordinaria, e foi que tomaram Itens, o principe, filho de entre ambos, e lhe cortaram a cabeça, pés e mãos, e do corpo mandaram fazer manjares differentes; e tendo isto ordenado pediu Proné ao marido lhe concedesse jantarem ambos, ao modo dos reis da sua terra, que era comerem sós; foi-lhe feita a vontade; partiu Tereo os manjares e guisados feitos do corpo do filho; depois de comer d'elles pediu á mulher lhe mandasse vir o principe Itens, seu filho, que elle

muito amava; então sahiu Philomena de uma camara com a cabeça nas mãos e os pés do filho, desejando ter lingua para mostrar a ira que contra elle tinha.

Tereo vendo o caso, deu com a meza em terra, e lançou mão á espada; ellas fugiram, Proné convertida em andorinha e Philomena em rouxinol, Itens em ayvão, Tereo em poupa.

Ordenou o poeta esta fabula de vêr que o rouxinol quasi não tem lingua, e a andorinha de ser vestida de preto, e ao peito ter umas nodoas vermelhas, e ter o canto triste, como que conta a historia da maldade do marido, e as pennas roxas como sangue da crueldade que teve em matar o filho em vingança da irmã.

E do canto do rouxinol a saudade com que viveu a vida a forçada Philomena, e do ayvão porque no seu canto parece que grita como menino, e na poupa pela significação da corôa da cabeça e na formosura das pennas pintadas de que se vestem finge ser el-rei; porque a poupa tomada na mão tem mau cheiro, e o ninho d'ella o mesmo; em que se dá a entender, que os maus feitos, ainda que sejam commettidos por reis e pessoas graves, se ha-de fugir d'elles e virarlhe o rosto, como cousa abominavel e fedorenta.

Por ser esta fabula das nossas andorinhas e rouxinoes, e para o nosso caçador saber tambem alguma, e vêr como grandes engenhos se occupam em cousas vãs, o que não tem a nossa arte, que mostra valor e animo aos homens, e os faz industriosos, não sómente na caça, mas tirando d'ella exemplos manhosos para a guerra, da qual a caça tem verdadeira similhança e além d'isso muita grandeza e magnificencia; d'onde Cicero no setimo das Familiares veiu a dizer, fallando d'ella:

Bisuae sunt venationes magnificae nemo negat.

E assim os senhores a esta arte affeiçoados são liberaes, cheios de grandes e altos pensamentos.

O capitão Gonçalo Fernandes, nosso hespanhol, grande caçador de Falcão, andando no campo á caça, foi chamado do Imperador Carlos V.

Logo que lhe deram o recado no campo se disse que era para alguma cousa grande.

Vindo á côrte, informado de sua magestade do que havia de fazer em seu serviço em França, d'onde o mandava, sendo-lhe dado dinheiro para a custa do caminho, tornou a mudar o Imperador o parecer, e pedindo-se o dinheiro áquelle grande caçador e capitão, já cheio de altos pensamentos, se foi a sua magestade, e lhe disse:

«Senhor *sinó le contenta la burrica que pierda la señal, y sirva-se vuestra magestad de mim, que me siento para mucho.*»

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

INDEX

PARTE TERCEIRA

QUINTA PARTE

SEXTA PARTE



OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume.................... 400

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume 400

III -- Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes...................... 1$500

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes 00

V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume...... 400

VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.................... 1$200

VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes...................... 2$800

VIII — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.............................. 400

IX — Arte da Caça de Altaneria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, (2 volumes) 800

EM PUBLICAÇÃO

Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Ennes d'Azurara*.



